



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE BIODIVERSIDADE E FLORESTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE, NATUREZA E
DESENVOLVIMENTO**

KLAUDIA YARED SADALA

**ESTUDO PESSOA-AMBIENTE-GÊNERO A PARTIR DA VIVÊNCIA DAS TERRAS
CAÍDAS NUMA VÁRZEA AMAZÔNICA: análise do afeto ao lugar em Fátima de
Urucurituba no eixo Forte/Santarém-PA.**

**SANTARÉM-PA
2020**

KLAUDIA YARED SADALA

**ESTUDO PESSOA-AMBIENTE-GÊNERO A PARTIR DA VIVÊNCIA DAS TERRAS
CAÍDAS NUMA VÁRZEA AMAZÔNICA: análise do afeto ao lugar em Fátima de
Urucurituba no Eixo Forte/Santarém-PA.**

Tese doutoral apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento, do Instituto de Biodiversidade e Florestas da Universidade Federal do Oeste do Pará, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciências. Linha de Pesquisa: Impactos ambientais e sociais da mudança do uso da terra na Amazônia.

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Suely Azevedo Brasileiro

**SANTARÉM-PA
2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

S124e Sadala, Klaudia Yared

Estudo pessoa-ambiente-gênero a partir da vivência das terras caídas numa várzea amazônica: análise do afeto ao lugar em Fátima de Urucurituba no eixo Forte/Santarém-PA / Klaudia Yared Sadala. – Santarém, 2020. 214 p.

Orientadora: Tânia Suely Azevedo Brasileiro.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Biodiversidade e Florestas, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento.

1. Psicologia ambiental – Amazônia. 2. Ciências Ambientais. 3. Terras caídas. 4. Relações de gênero. I. Brasileiro, Tânia Suely Azevedo, orient. II. Título.

CDD: 23 ed. 305.23509811

KLAUDIA YARED SADALA

**ESTUDO PESSOA-AMBIENTE-GÊNERO A PARTIR DA VIVÊNCIA DAS TERRAS
CAÍDAS NUMA VÁRZEA AMAZÔNICA: análise do afeto ao lugar em Fátima de
Urucurituba no Eixo Forte/Santarém-PA**

Tese doutoral apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento, do Instituto de Biodiversidade e Florestas da Universidade Federal do Oeste do Pará, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciências. Linha de Pesquisa: Impactos ambientais e sociais da mudança do uso da terra na Amazônia.

Data da defesa: 28/08/2020

Prof.^a Dra. Tânia Suely Azevedo Brasileiro - UFOPA (Orientadora/Presidente)

Prof.^a Dr. Jorge Manuel do Rosário Trindade - UAB (Titular externo)

Prof. Dra. Marilene Proença Rebelo de Sousa - PROLAN/ PPPEDH/USP

Prof.^a Dra. Karla Patrícia Martins – PPGP/UNIFOR (Titular externo)

Prof. Dra. Luciana Carvalho - PPGSND/PPGSC/UFOPA (Titular interno)

Prof. Dr. Thiago Almeida Vieira - PPGSND/PPGSAC/UFOPA (Titular interno)

Dedico este trabalho aos povos da floresta, aos ribeirinhos da várzea, e em especial aos comunitários de Fátima do Urucurituba no Eixo Forte, pela sua resistência, força, fé, coragem, resiliência e afeto transformador que me mobilizou e que inspira tantas outras comunidades.

AGRADECIMENTOS

A minha família, meus pais Adma Yared Sadala e Claudio Chaker Sadala, minha irmã Adria Sadala e minha filha Luíza Sadala França, pela torcida permanece, força, cuidado e afeto que me transborda, que acalenta, renova e que faz ver e ir além, me permitindo superar cada momento e chegar até aqui. Por acreditarem em mim todos os dias e horas de minha existência. Obrigada por serem meu território afetivo permanente!

Aos amigos e amigas de todas as horas e de todos os dias Ana Carolina Wanghon, Analu Sarrazin, André das Neves, Marcos Gentil, Rogério Favacho e Wildete Conde, pela acolhida nos momentos de angústias, incertezas, alegrias, celebrações e tantas mudanças/transformações que passei ao longo destes últimos anos. Com certeza tudo foi mais leve e possível com vocês, gratidão pela partilha diária e encorajadora de novos caminhos e rumos, pela amizade não perecer a tantos descaminhos da vida, a tantas agruras e amarguras. Meu muito, mas muito obrigada por tudo por tanto.

Aos amigos da caminhada acadêmica Ádria Lima, Aline Prezotto, André das Neves, Cleide Bascal, Marcos Gentil, Rogério Favacho e Priscila Castro que compartilharam comigo diferentes momentos do trajeto desta pesquisa, me apoiando, me inspirando, me auxiliando no campo e abrindo caminhos nas diferentes fases deste estudo.

Aos meus colegas do Doutorado por todas as trocas e provocações necessárias, acenando a diversidade de áreas que contemplam as Ciências Ambientais e tantos fazeres imprescindíveis a uma visão interdisciplinar do processo. Em especial aos meus colegas orientandos da Profa Dra. Tânia Brasileiro, Marcelo Ribeiro, Luiz Alípio, Aline Prezotto. e Aldine Coelho, pela acolhida dos últimos anos.

Aos meus professores do doutorado, por toda amplitude de conhecimentos que nos atravessaram e que nos inquietaram a buscar nossa identidade neste programa de pós-graduação. Agradeço em especial à Profa. Dra. Tânia Brasileiro pela abertura e chamado ao conhecimento interdisciplinar e a Profa. Dra. Luciana Carvalho, pela experiência transformadora na disciplina de Etnografia.

Ao grupo PRAXIS de pesquisa, liderado pela Profa. Dra. Tânia Brasileiro que nos oportuniza partilha diária e empoderamento científico ainda que muitas vezes de forma virtual, gratidão pela interlocução/transformação diária.

A UFOPA pela possibilidade de cursar um doutorado no Oeste do Pará na área de Ciências Ambientais e pelos custeios de parte de minha coleta de dados.

Ao IPAM/Santarém, na pessoa de sua gerente regional Alcilene Magalhães, pela presteza e acolhimento nos primeiros passos da pesquisa de campo, pelos diálogos frutíferos com queijo

e café nas tardes em que passamos juntas, pela seriedade e compromisso com a produção científica na Amazônia, e em especial na várzea santarena.

À colônia de pescadores Z-20, na pessoa do seu presidente senhor Manoel dos Santos, Diretor de Meio Ambiente e Organização Social, pelas trilhas de emoção plantadas na contação das histórias sobre Fátima do Urucurituba.

Ao Instituto Peabiru, na pessoa de um de seus coordenadores Hermógenes Oliveira, pela troca de experiências com comunidades e suas diversas formas de produção agroextrativista.

Aos comunitários participantes diretos e indiretos desta pesquisa, pelo respeito, acolhimento e interlocução permanentes, me emprestando lentes de aumento para o fenômeno das “terras caídas” e todo seu impacto psicossocial. Em especial à Dona Lica, ao senhor Cristóvão e ao senhor Erivan, que abriram as portas da comunidade de Fátima do Urucurituba no Eixo forte e me oportunizaram uma visão afetiva e emocionada dos planos, sonhos e desafios da nova morada, o processo de construção da igreja e de tantas histórias que me permitiram um encontro com as existências e resistências dos comunitários de Fátima do Urucurituba.

As professoras Doutoras Karla Patrícia Martins e Zulmira Lopes Bomfim, por todo conhecimento partilhado na construção desta pesquisa, pelas interlocuções e ampliação do universo da afetividade.

A minha orientadora, Profa Dra. Tânia Brasileiro, educadora, mulher aguerrida, forte, inspiradora, permeada de afetos potencializadores de ação, que permitiu uma dialética de absurda transformação neste longo e instigante processo, especialmente no momento de produção na Pandemia da COVID -19. Não teria palavras para expressar minha gratidão e minha felicidade por dividir com ela tantos momentos de construção e desconstrução, pois acreditou em mim quando eu nem mais acreditava. Todo meu respeito pelo seu percurso, sua história, sua narrativa potente de vida e sua mulheridade agregadora.

“Agora que vai começar minha vida, sou Fênix. Vou plantar minhas mudinhas...quero viver daqui, quero provar para as pessoas que dá pra viver daqui...Deus não ia criar uma coisa que não servisse (a terra). Eu tenho que reaprender a trabalhar aqui. Não tem um dia que eu não plante uma muda, eu não me conformo...eu vou continuar tentando...eu vou ficar para a história...”

(MARIA LÚCIA, Mulher, lavradora, 48 anos).

RESUMO

A problemática do meio ambiente é extremamente complexa, o que nos impulsiona a planejar estudos que primem por uma visão integradora dos processos dialéticos da relação entre sociedade, natureza e desenvolvimento, especialmente no que tange à Amazônia. A Psicologia Ambiental tem se consolidado como área fértil para discussões interdisciplinares, ampliando os conhecimentos relativos aos problemas humano-ambientais. Neste sentido, a presente tese centrou sua atenção nas implicações psicossociais e socioambientais advindas do fenômeno das “terras caídas” na várzea santarena vivenciadas pelos comunitários de Fátima do Urucurituba, reassentados na terra firme no município de Santarém/PA. Propõe como objetivo geral “Analisar as relações pessoa-ambiente-gênero a partir da compreensão do afeto ao lugar em uma comunidade ribeirinha de várzea, que vivenciou o fenômeno das terras caídas na Amazônia Santarena”; e assume os seguintes objetivos específicos: i) identificar o perfil socioambiental dos comunitários de Fátima de Urucurituba no eixo-forte; ii) compreender as ações de apropriação do espaço realizadas pelos comunitários; iii) investigar a relação afetiva dos comunitários reassentados à comunidade atualmente constituída e iv) verificar as implicações do fenômeno das “terras caídas” na mudança territorial e nas questões socioeconômicas. A pesquisa foi de abordagem quanti-qualitativa, com realização de entrevistas estruturadas com 17 famílias, aplicação do instrumento gerador dos mapas afetivos com 12 comunitários e observação participante. A análise dos dados revelou um novo contexto socioambiental dos comunitários de Fátima de Urucurituba reassentados na terra firme, quais sejam: impactos nas sociabilidades individuais e coletivas pela reconfiguração do território; alterações nas atividades socioeconômicas; homens e mulheres vivenciaram de forma diferenciada a mudança territorial e desenvolveram diferentes afetos pelo local de moradia. Os reassentados mostram forte relação comunitária e trazem da antiga comunidade elementos símbolos de sua identidade coletiva; demonstram diversas ações de apropriação com o espaço; estimas potencializadoras de afeto, bem como um processo de construção de uma nova identidade de lugar no atual contexto socioambiental. O fenômeno das “terras caídas” na Amazônia é um acontecimento socioambiental e político, que afeta as populações mais vulneráveis e que se apresenta complexo, visibilizando a urgência de políticas públicas de gestão do território e a falta de garantia de direitos fundamentais. A presente tese pretende produzir referências nas Ciências Ambientais em uma perspectiva psicossocial e afetiva, no tange às populações da Amazônia.

Palavras-Chave: Amazônia. Psicologia Ambiental. Relações de Gênero. Terras caídas. Afeto ao lugar. Teoria histórico-cultural. Ciências Ambientais.

ABSTRACT

The environmental issue is extremely complex, which impels us to plan studies that focus on an integrating vision of the dialectic processes of the relationship between society, nature and development, especially with regard to the Amazon. Environmental Psychology has consolidated itself as a fertile area for interdisciplinary discussions, expanding knowledge related to human-environmental problems. The present thesis focused its attention on the psychosocial and socioenvironmental implications arising from the phenomenon of "fallen lands" in the lowland santarena experienced by the community members of Fátima do Urucurituba, resettled on the mainland in the municipality of Santarém/PA. As a general objective, he proposes "To analyze the person-environment-gender relations based on the understanding of the affection for the place in a lowland riverside community, which experienced the phenomenon of fallen lands in the Santarena Amazon"; and assumes the following specific objectives: i) to identify the socioenvironmental profile of the Fátima de Urucurituba community members in the stronghold; ii) understand the space appropriation actions carried out by the community members; iii) to investigate the affective relationship of community members resettled to the community currently constituted and iv) to verify the implications of the phenomenon of "fallen lands" on territorial change and on socioeconomic issues. The research used a quanti-qualitative approach, with structured interviews with 17 families, application of the instrument for generating affective maps with 12 community members and participant observation. The analysis of the data revealed a new socio-environmental context of the Fátima de Urucurituba community members resettled on the mainland, namely: impacts on individual and collective sociability through the reconfiguration of the territory; changes in socioeconomic activities; men and women experienced territorial change differently and developed different affections for the place of residence. Resettlers show a strong community relationship and bring elements of their collective identity from the old community; demonstrate several appropriation actions with space; potentializing estimates of affection, as well as a process of building a new place identity in the current socio-environmental context. The "fallen lands" in the Amazon is a socio-environmental and political event that affects the most vulnerable populations and is complex, showing the urgency of public policies for managing the territory and the lack of guarantee of fundamental rights. This thesis intends to produce references in Environmental Sciences in a psychosocial and affective perspective, with respect to the populations of the Amazon.

Keywords: Amazonia. Environmental Psychology. Gender relations. Fallen lands. Affection to the place. Historical-cultural theory. Environmental Sciences.

LISTAS DE IMAGENS

Imagem 1 - Realização das entrevistas nas residências.....	70
Imagem 2 - Reunião de solicitação de aceite para a pesquisa.....	70
Imagem 3 - Aplicação do IGMA, em grupo nas residências e no barracão comunitário.....	73
Imagem 4 - Comunidade de São Ciríaco de Urucurituba.....	81
Imagem 5 - Fátima de Urucurituba.....	95
Imagem 6 - Igreja de Fátima na enchente de 2001.....	95
Imagem 7 - Igreja de Fátima reconstruída após a enchente.	95
Imagem 8 - Nossa senhora de Fátima, Santa pertencente à comunidade.....	103
Imagem 9 - Sino da Igreja.	103
Imagem 10 - Festival do Peixe ocorrido em Fátima no eixo Forte.	105
Imagem 11 - Fátima de Urucurituba, várzea.....	110
Imagem 12 - Imagens da reconstrução da igreja de Fátima no Eixo Forte.	113
Imagem 13 - Imagens de plantio realizadas em Fátima no Eixo Forte.	130
Imagem 14 - Criação de galinhas em Fátima de Urucurituba no Eixo Forte.	132

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 - Grupos dos residentes de Fátima do Urucurituba do eixo forte, originários da várzea e participantes do estudo.....	65
Quadro 2 - Experiências e estratégias de enfrentamento com as terras caídas.....	111
Quadro 3 - Grupos dos residentes e originários de Fátima do Urucurituba.	116
Quadro 4 - Sentimentos que possuem pela comunidade.	127
Quadro 5 - Mapa Afetivo – Rosimar.	147
Quadro 6 - Mapa Afetivo – Ane.	148
Quadro 7 - Mapa Afetivo – Pedro.	148
Quadro 8 - Mapa Afetivo – Naelson.	150
Quadro 9 - Mapa Afetivo – Lia.	151
Quadro 10 - Mapa Afetivo – Mundico	152
Quadro 11 - Mapa Afetivo – Santos.	153

LISTAS DE MAPAS

Mapa 1 - Fátima do Urucurituba – região de várzea.	94
Mapa 2 - Fátima do Urucurituba no Eixo Forte – região de terra firme.....	98

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 - demonstrativa das escalas de Estima ao Lugar, por categoria de Gênero.	141
Tabela 2 - Estatística dos itens (Escore por item, média, desvio padrão) referente ao Fator I.	143
Tabela 3 - Estatística dos itens (Escore por item, média, desvio padrão) referente ao Fator II.	145

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Idade dos respondentes.....	117
Gráfico 2 - Ocupação principal/raça-cor por gênero dos respondentes.....	117
Gráfico 3 - Renda familiar mensal.....	119
Gráfico 4 - Origem da renda familiar.	119
Gráfico 5 - Grau de instrução e instituição onde realizou os estudos.....	120
Gráfico 6 - Tipo de domicílio e documentação do terreno.	121
Gráfico 7 - Meios de locomoção dos residentes.	122
Gráfico 8 - Casos de doenças nos últimos 12 meses.	125
Gráfico 9 - A quem recorreria para melhorar os problemas da sua comunidade.	126
Gráfico 10 - Atividades comunitárias mais importantes.....	127
Gráfico 11 - Atividades que já foram importantes para a sobrevivência e renda dos respondentes.	129
Gráfico 12 - Atividades que são desenvolvidas hoje na comunidade e que são fonte de renda e os responsáveis.	130
Gráfico 13 - Atividades econômicas com perspectiva futura e identificação de responsáveis pela renda.	131

LISTA DE SIGLAS

CESEX	Centro de Sexologia de Brasília
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e reforma Agrária
SPU	Superintendência de Patrimônio da União
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará
UFPA	Universidade Federal do Pará
UEPA	Universidade do Estado do Pará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNIFOR	Universidade de Fortaleza
UNAMA	Universidade da Amazônia
IPAM	Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia
OAB	Organização dos advogados do Brasil
PA	Psicologia Ambiental
PAE	Projeto Agroextrativista
PPGSND	Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento
SEMSA	Secretaria Municipal de Saúde de Santarém
MPF	Ministério Público Federal
NDE	Núcleo Docente Estruturante
Z-20	Colônia de Pescadores
IGMA	Instrumento gerador dos mapas afetivos
Z-20	Colônia dos pescadores de Santarém

SUMÁRIO

	CAMINHOS TRILHADOS PELA PESQUISADORA E O ENCONTRO COM O OBJETO DE ESTUDO	20
1	INTRODUÇÃO.....	30
2	DIÁLOGOS DA PSICOLOGIA COM AS CIÊNCIAS AMBIENTAIS: O AFETO AO LUGAR E A TRANSVERSALIDADE DOS ESTUDOS DE GÊNERO NA TEMÁTICA AMBIENTAL.....	39
2.1	A Psicologia Ambiental e os estudos pessoa-ambiente: perspectiva histórica e conexões interdisciplinares.....	40
2.2	O afeto ao lugar no contexto dos estudos pessoa- ambiente a partir da perspectiva teórica histórico-cultural.....	44
2.2.1	Apropriação do espaço e identidade de lugar: a dialética do espaço e do lugar nos estudos pessoa-ambiente.....	47
2.2.2	Estudos sobre a afetividade envolvendo os lugares.....	50
2.3	Estudos de gênero e a transversalidade na temática ambiental.....	54
3	PERCURSO METODOLÓGICO.....	61
3.1	Abordagem e tipo de Estudo.....	61
3.2	Local e contexto da pesquisa.....	63
3.3	Sujeitos da pesquisa.....	63
3.3.1	Crítérios de inclusão e exclusão e definição da amostra do estudo.....	63
3.3.2	Aspectos Éticos.....	65
3.3.3	Riscos e Benefícios.....	66
3.4	Estratégias e Técnicas de Investigação e análise dos dados.....	66
3.4.1	Observação participante.....	66
3.4.2	Entrevista Estruturada.....	68
3.4.3	Instrumento gerador dos mapas afetivos	70
3.5	Fases do estudo.....	74
3.5.1	Fase 1	74
3.5.2	Fase 2	75
3.5.3	Fase 3	75
3.5.4	Fase 4	77
3.5.5	Fase 5	77
4	COMUNIDADE DE FÁTIMA DO URUCURITUBA: DO TERRITÓRIO REGULAMENTADO NA VÁRZEA AO TERRITÓRIO VIVIDO NA TERRA FIRME.....	78

4.1	Comunidades ribeirinhas de várzea na Amazônia brasileira: aspectos históricos, seus sujeitos e caracterização socioambiental	78
4.2	Estudos sobre o fenômeno das “terras caídas” e seus impactos socioambientais...	86
4.3	Projeto de Assentamento Agroextrativista e uso da terra na várzea santarena.....	89
4.4	No banheiro: entre a várzea e a terra firme	93
5	FÁTIMA DO URUCURITUBA NO EIXO FORTE: UMA COMUNIDADE REINVENTADA/ RESIGNIFICADA A PARTIR DO AFETO AO LUGAR.....	99
5.1	Memórias de Fátima do Urucurituba na várzea santarena	99
5.1.1	Origem, Tradições e reconhecimento social.....	100
5.1.2	As vivências com o fenômeno das Terras caídas	106
5.2	Contexto socioambiental de Fátima de Urucurituba no Eixo forte	114
5.3	Triade pessoa-ambiente-gênero: análise da afetividade em Fátima de Urucurituba no Eixo Forte	132
5.3.1	Categorias Teóricas de Análise na Psicologia Ambiental	132
5.3.2	Mapeamento Afetivo em Fátima de Urucurituba no Eixo-Forte.....	140
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES.....	155
	REFERÊNCIAS.....	159
	APÊNDICES	169
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	170
	APÊNDICE B- AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA PELA COMUNIDADE	173
	APÊNDICE C – MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE DADOS.....	174
	APÊNDICE D – MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE IMAGENS DE ADULTOS.....	175
	APÊNDICE E – ENSAIO ETNOGRÁFICO – COMUNIDADE DE SÃO CIRÍACO DO URUCURITUBA NA VÁRZEA SANTARENA/PA.....	176
	APÊNDICE F – MAPAS AFETIVOS	196
	ANEXOS.....	199
	ANEXO I – INSTRUMENTO GERADOR DOS MAPAS AFETIVOS.....	200
	ANEXO II – PARECER CEP.....	205
	ANEXO III - QUESTIONÁRIO AGENDA CIDADÃ.....	208

CAMINHOS TRILHADOS PELA PESQUISADORA E O ENCONTRO COM O OBJETO DE ESTUDO

Trilhas da caminhada da pesquisadora

O contexto sócio-histórico brasileiro dos últimos quatro anos encontra-se imerso em uma grave crise política, econômica e socioambiental, que afeta diretamente os modos de vida das pessoas nos espaços urbanos e não urbanos. Este contexto nos revela demandas desafiadoras que urge por diálogos integradores do ponto de vista interdisciplinar e intersetorial, que traduzem a dialética da existência humana imersa em relação a esta crise. Neste sentido, a relação pessoa-ambiente deve ser pensada e analisada de forma dinâmica e multifacetada, permitindo a incursão em pesquisas que privilegiem as questões humano ambientais como pontos de partida e de chegada para os vários cenários a que fazem parte.

No que tange às populações residentes na Amazônia brasileira, especialmente na região Norte do país, temos ainda as relações pessoa-ambiente imersas em simbolismos, expressões midiáticas e estereótipos que não traduzem toda a sua sociodiversidade, aliada a biodiversidade, conflitos de território, planos de ocupação, contrastes socioambientais que historicamente atravessam sua história e a narrativa dos povos tradicionais ocupantes desta região. Cabe ressaltar que as populações residentes na Amazônia têm seus processos identitários atravessados e demarcados por este universo.

A notificação de desmatamento, ocupação ilegal de terras protegidas e incêndios¹, que nos últimos dois anos (2019/2020) recebeu especial publicidade nacional e internacional, constituem um cenário de preocupação e urgência de produções que integrem saberes e potencializem as vozes vindas da Amazônia e suas especificidades socioculturais. Neste sentido, a precarização das instituições que atuam nas políticas públicas de proteção ambiental e a distorção dos modelos de ocupação assumidos para a Amazônia, atreladas às distâncias geográficas, também colaboram para um baixo alcance de políticas intersetoriais que garantam os direitos humanos básicos destas populações.

As demandas e preocupações apresentadas, aliadas à minha identidade amazônica, formação acadêmica e atuação profissional em Psicologia com populações ribeirinhas na área

¹ Na região Norte, Pará e em Santarém, particularmente na Vila de Alter do Chão.

da saúde no estado do Pará, em uma perspectiva histórico-cultural, me permitiram consubstanciar o objeto de pesquisa e tese doutoral a partir dos preceitos teóricos da Psicologia Ambiental, vinculados aos pressupostos teóricos e metodológicos da Psicologia Social, com a transversalidade da discussão de gênero.

Minha aproximação com temática socioambiental encontra-se entrelaçada às vivências familiares, acadêmicas e extensionistas e por isso destaco em uma perspectiva histórica as travessias realizadas em meu encontro com o objeto de estudo e do escopo desta tese, a partir da emergência de referenciais que me permitiram as tessituras teóricas deste estudo e que me levaram inevitavelmente ao (re)encontro com minhas raízes, em uma reconexão com minha história pessoal, profissional e como pesquisadora na Amazônia.

Nesta perspectiva, desejante de conduzir o leitor a estas (inter e multi) conexões, passo a narrar minha história familiar de identidade com a Amazônia e passos profissionais e acadêmicos que me aproximaram gradativamente do objeto de tese, influenciados pela minha trajetória acadêmica e profissional e que permitiram a chegada até a Comunidade de Fátima de Urucurituba no Eixo Forte, no intento de construir redes dialógicas no gestar do objeto e da caminhada compartilhada com minha narrativa de vida à medida em que imergia nesta realidade para estudá-la.

Territórios e vivências familiares

Minha história familiar de relação com a Amazônia me remete inicialmente à chegada de meus bisavós ao Brasil. Meus bisavós por parte de pai e mãe vieram refugiados da Síria e do Líbano, respectivamente, ao longo da Segunda Guerra Mundial, em busca de abrigo e proteção na Amazônia, deixando para trás seu lar, cidades, costumes e família, porém trazendo na bagagem suas histórias, medos, enfrentamentos, culinária e aptidão para o comércio.

Eles se refugiaram na região Oeste do Pará, nos municípios de Monte Alegre (família de meu pai) e Alenquer (família de minha mãe), ambos viveram intensamente o ciclo econômico da borracha, sendo exportadores de balata para outros estados do país, além de serem extrativistas vegetais e comerciantes de produtos específicos da Amazônia, como: castanha do Pará, cumaru, juta, arroz e farinha. Além destas atividades, trabalhavam na agropecuária das várzeas de Alenquer e Monte Alegre, onde os animais necessitavam ser transferidos de local devido a sazonalidade do rio Amazonas e seus braços: Surubiú (em Alenquer) e Gurupatuba (em Monte Alegre).

Meus pais, embora advindos de municípios diferentes, conheceram-se em Alenquer, namoraram e, posteriormente, migraram para a capital do estado, Belém, em busca de estudos que a região até então não oferecia. Após idas e vindas para outros estados, casaram-se, e eu nasci em Belém do Pará em julho de 1978; a cidade foi escolhida por ser, naquele momento, a cidade mais próxima, com estrutura e recursos para um parto seguro. Na época, meus pais residiam em Capanema (há 200 km da capital) e lá permaneci até os meus 14 anos de idade, com a conclusão do ensino fundamental.

Era comum naquela época, e permanece até hoje na região Norte, jovens de algumas classes sociais deslocarem-se de municípios com menor estrutura educacional para a capital ou municípios com maior suporte educacional (para cursar o ensino médio e Universidade); foi então que em 1992 eu e minha irmã (ela com 11 e eu com 14 anos) migramos para a cidade de Belém, sem nossos pais, porém com uma cuidadora, assumindo novas e desafiadoras responsabilidades.

Paralelamente ao meu percurso acadêmico, minha construção enquanto pessoa, mulher e profissional continuavam. No último ano do curso de Graduação, engravidei de minha única filha – Luíza, me tornando mãe solo, responsável pelos recursos financeiros e gestão das atividades domésticas e estudante de mestrado. Este evento, talvez o mais desafiador de minha vida, permitiu abertura de novos caminhos, novos encontros, recomeços e a postergação de planos e sonhos gestados na graduação, porém, também, transformador.

A vivência e busca de recursos me fez transitar por Belém, Santarém e Manaus, e estas vivências nos diversos territórios amazônicos me aproximavam e, ao mesmo tempo, me distanciavam do fazer científico no âmbito do doutorado. Entretanto, me permitiram permanecer na docência do ensino superior, atuar como gestora, e como psicóloga no cotidiano dos atendimentos às populações ribeirinhas, experiências as quais alteraram decisivamente minha biografia e meu olhar para o fenômeno psicológico e para a incursão no ensino, na pesquisa e na extensão.

Neste sentido, faço parte de um contingente populacional dos residentes da Amazônia, originários de imigrantes que encontram nela um lugar para viver, trabalhar e sonhar.

Experiências de afeto e transformação profissional

Meu histórico profissional é inaugurado formalmente em 2003, na ocasião da

aprovação em um concurso público no município de Belém, na área da saúde, iniciando minha atuação profissional na área da saúde com populações ribeirinhas na Amazônia por três anos. Meu primeiro emprego formal, ocorrido em uma Unidade Básica de Saúde, no bairro do Jurunas em Belém/PA, com atividade permeada de descobertas, desafios e abertura de possibilidades do trabalho em psicologia com populações vulneráveis, da zona urbana e de comunidades ribeirinhas, especialmente a localizada na então conhecida Ilha das Onças².

Em 2006, fui aprovada em um concurso público no Estado do Pará, passando a atuar em um hospital de alta complexidade - Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, hospital referência em gravidez de risco, lidando com mulheres de inúmeras regiões do Pará, da zona urbana, rural e populações ribeirinhas, atuando no parto, pós-parto, puerpério, programa mãe Canguru, na UTI neonatal e Banco de Leite. Uma experiência de conexão com os vários contextos paraenses e a sociodiversidade de seus sujeitos.

Paralelamente, ainda em 2006, ingressei no ensino superior como docente da graduação e da pós-graduação em uma instituição de médio porte, privada, vinculada (na época) à Fundação Getúlio Vargas. Minha primeira experiência na docência do ensino superior me suscitou novas e felizes possibilidades, desenvolvendo atividades na docência, pesquisa, extensão e participando das discussões dos Núcleos Docentes Estruturantes (NDE) de vários cursos³ permanecendo até dezembro de 2008 por decisão pessoal e de cuidados com saúde.

Em dezembro de 2008 eu e minha filha fomos residir junto aos meus pais, que naquele momento fixaram residência em Santarém, Oeste do Pará. A busca por recursos financeiros e as oportunidades de trabalho em Santarém foram muito frutíferas e em fevereiro de 2009, passei a atuar como psicóloga em um CAPS (Centro de Atenção Psicossocial II), por meio de meu vínculo como funcionária pública do estado, desenvolvendo minhas atividades profissionais com pessoas em sofrimento psíquico severo e persistente, em sua maioria mulheres (entre 40 e 70 anos), vindas de vários pontos da região Oeste do Pará: zonas urbana, rural e populações tradicionais⁴.

A atuação no CAPS me permitiu a vivência e aproximação com a rede intersetorial (justiça, segurança pública, educação, assistência social, entre outras), permitindo assim novas perspectivas e experiências com populações vulneráveis socioeconomicamente.

² Belém/Pará.

³ Administração, Gestão Ambiental e Arquitetura e Urbanismo. Os dois últimos atrelados às discussões socioambientais.

⁴ Indígenas, quilombolas e população ribeirinha.

Neste mesmo ano e mês fui contratada como docente em uma instituição privada de médio porte⁵ neste mesmo município, atuando especificamente no curso de Psicologia. No segundo semestre de 2009 fui chamada para compor o quadro de coordenadores de Curso, atuando na gestão do primeiro Curso de Psicologia do Oeste do Pará, recém-autorizado (2007), e à época o terceiro em todo o Estado. Uma experiência absolutamente transformadora, um divisor de águas em vários aspectos de minha vida.

Na centralidade das atividades de gestão, destaco a experiência desafiadora de um intercâmbio cultural e profissional com a Universidade de West Virgínia/EUA⁶, articulada pela Ong Amizade, em parceria com a Fundação Esperança e IESPES, culminando em um evento internacional no ano de 2012, na área das Ciências Ambientais, reunindo instituições públicas e privadas⁷ e seus respectivos pesquisadores para debater a temática e construir parcerias e atividades colaborativas de pesquisa na região Oeste do Pará.

A oportunidade na gestão do curso de Psicologia, me possibilitou uma variabilidade de experiências no âmbito do ensino superior, colaborando em diversas frentes. Uma das primeiras e mais marcantes colaborações (para mim) foram as adequações ao Projeto Pedagógico do Curso, protagonizando o debate sobre a diversidade sexual e relações de gênero, permitindo a efetivação deste tema como *status* de disciplina obrigatória “Psicologia da Sexualidade”, por mim ministrada até então, possibilitando uma inserção de discussões de vanguarda na formação de novos profissionais e colaborando na desconstrução de tabus e preconceitos, atrelados ao compromisso ético e político na formação em Psicologia. Esta inserção oportunizou a produção de artigos e propostas de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), além da colaboração na promoção de eventos científicos⁸ nesta grande área temática

Em 2014, a partir das discussões da disciplina de Psicologia da Sexualidade, um grupo de alunos propõe levar a temática da diversidade sexual e de gênero para fora dos muros da instituição, se consolidando então em dois eventos (2014 e 2015) em espaços públicos variados “Dia de combate à LGBTfobia”, evento de cunho científico, aberto e gratuito à comunidade em geral, em parceria com os movimentos sociais presentes no município de Santarém, permitindo maior visibilidade à temática dentro e fora das instituições de ensino

⁵ Instituto Esperança de Ensino Superior (IESPES).

⁶ Com duas viagens à West Virgínia e Pittsburgh.

⁷ Universidade federal do Oeste do Pará/UFOPA), Universidade Estadual do Pará/UEPA, Universidade da Amazônia/UNAMA e IESPES.

⁸ Tais como: “I e II Semana de Violência Doméstica” e as 7 (sete) Semanas de Psicologia (2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015) as quais sempre traziam debates de destaque nacional.

superior, permitindo acesso à informações científicas e comprometidas com a cidadania e os direitos humanos. Apesar do Curso de Psicologia desta instituição ter sido protagonista no debate da temática, outros cursos da área de saúde desta e de outras instituições públicas e privadas, em Santarém, também começaram a construir uma aproximação positiva com a temática, integrando e gerando debates multi e interdisciplinares.

Estas muitas conexões me levam a ser convidada a integrar a Comissão de Diversidade Sexual e população LGBTi da Ordem dos Advogados do Brasil - OAB subseção Santarém em 2016, e como parte do planejamento da comissão, a realização do I e II Seminário de Gênero, Sexualidade e Cidadania, respectivamente em 2016 e 2017.

Outra experiência desafiadora e construtora de pontes de conexão com as discussões socioambientais, foi a oportunidade de ministrar em 2016, 2017 e 2018 a disciplina de Psicologia Ambiental no curso de Psicologia, permitindo o aprofundamento destas discussões e o conhecimento de uma das referências teóricas no encontro com o objeto.

A colaboração na gestão do ensino superior oportunizou também a organização de eventos regionais em alusão do Dia do Psicólogo e da Psicóloga (total de eventos), além da articulação de parcerias regionais e nacionais em atividades de ensino e pesquisa, através da colaboração de jornadas de iniciação Científica e Tecnológica⁹ ao longo de 10 anos. O contato com o universo acadêmico e com autores de destaque deste cenário, forneceu trilhas para a aproximação com o programa de pós-graduação em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento.

Travessias na academia e construção do objeto

Em 1995, finalizei o ensino médio e em 1996 iniciei o curso de Psicologia em uma universidade privada (UNAMA), na época referência de ensino na região. Ao longo dos 6 (seis) anos de graduação, o encontro com a temática de Gênero foi estimulada, e inspirada, por uma das docentes¹⁰, a qual veio depois a ser orientadora no Trabalho de Conclusão de Curso (2001) com o tema “Valores que permeiam a escolha do cônjuge e a manutenção das relações amorosas”.

Estas aproximações me levaram a realizar o curso de Terapia Sexual em Brasília, pelo Centro de Sexologia de Brasília (CESEX), recebendo título de Sexóloga (2002). Na

⁹ Promovidas pelo IESPES anualmente e de forma integrada à outras instituições públicas e privadas, agregada aos diversos cursos de graduação.

¹⁰ Sandra Rickman Lobato.

sequência, iniciei o mestrado (2003) na Universidade Federal do Pará (UFPA), no extinto Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, na linha de pesquisa de Ecoetologia, com concentração em “sentimentos e emoções humanas”¹¹, investigando sobre as bases biológicas do comportamento sexual humano, com o tema de dissertação “Estudo dos critérios de eleição de parceria amorosa em mulheres de 40 a 60 anos de idade” (2005), obtendo título de mestre em Psicologia .

Já residindo em Santarém, no ano de 2010 iniciei uma Pós-graduação lato sensu em Neuropsicologia na perspectiva sócio histórica, porém necessitando me deslocar todos os meses para São Paulo, local de realização mesma, pelo Instituto de Psicologia Aplicada.

Um hiato de 10 anos me separou do início do doutorado e em 2016, ingressei no Programa de Pós-graduação em Sociedade Natureza e Desenvolvimento (PPGSND), como única discente Psicóloga do Programa (e permaneço até hoje, em 2020) e orientada pela única Psicóloga¹² (também até hoje), na linha de pesquisa sobre “impactos socioambientais no uso da terra na Amazônia”.

A proposta do curso doutoral com concentração na área das Ciências Ambientais, era desafiadora e me levou a pensar em toda minha identidade nesta região, e experiência profissional em saúde com a populações ribeirinhas, atrelada às minhas travessias pelo Norte do Brasil, migrando, buscando, e sendo transformada nos encontros com pessoas, culturas, contextos socioambientais.

A proposta de tese a partir dos preceitos da PA, na tessitura do projeto, se apresenta agregadora e muito articulada com a percepção da complexidade das questões socioambientais e dos sujeitos da Amazônia. No percurso transformador do projeto de tese para a qualificação¹³, leituras e contatos com minha orientadora, bem como outros profissionais especialistas na área, e uma maior aproximação com os estudos interdisciplinares na relação pessoa-ambiente, passo a perceber que a PA torna-se um porto (in)seguro de respostas e inquietações, especialmente, pelo reduzido número de estudos que traduzissem a problemática socioambiental de populações ribeirinhas, suas vivências e implicações atreladas ao fenômeno das terras caídas¹⁴.

¹¹ Primeiro grupo de mestrado da Profa. Dra. Regina Célia de Souza Brito (*in memorian*).

¹² Profa Dra. Tânia Brasileiro.

¹³ Projeto de tese para a qualificação “O estudo das relações pessoa ambiente a partir da compreensão do afeto. ao lugar construído por homens e mulheres em uma comunidade ribeirinha de várzea na Amazônia santarena”,

¹⁴ Os esclarecimentos sobre este fenômeno estão discutidos na seção 4 desta tese.

As tramas e conexões teóricas as quais consubstanciaram minhas indagações também me permitiram a incursão na temática das “relações de gênero”, a qual atravessa toda a minha existência como pessoa, mulher, docente, pesquisadora e profissional de psicologia. Estas conexões me levaram em março de 2017, à um feliz encontro, realizando um curso de quinze dias ofertado pela Escuela Complutense Latinoamericana de Madrid, na Universidad Nacional de Trés de Febrero (UNTREF), na cidade de Buenos Aires (Argentina), com a temática “Género, sexualidade y diversidad: bases teóricas y propuestas para la intervención frente a las discriminaciones sexistas y sexogénicas”, permitindo maior amplitude de conhecimentos na área e emadurecendo a caminhada acadêmica.

A temática de gênero visibilizada nos estudos pessoa-ambiente, como eixo transversal de discussão, me permite identificar aspectos culturais, sociais e históricos nas relações entre homens e mulheres no contexto socioambiental da Amazônia, sendo articuladas com o afeto ao lugar, em uma perspectiva histórico-cultural.

Na busca de aproximações dialógicas com as proposições teóricas e metodológicas da PA e das Ciências Ambientais, destaco algumas travessias valiosas e decisivas nas tramas do encontro com o objeto.

Em maio de 2017, a realização da disciplina optativa Etnografia¹⁵ no Programa de Pós-graduação em Ciências da Sociedade da UFOPA, me permitiu a primeira entrada no campo, a partir de uma atividade prática e avaliativa. Esta vivência, oportunizada por um “ensaio etnográfico”¹⁶ na comunidade de São Ciríaco do Urucurituba¹⁷, localizada na várzea santarena de Urucurituba, e que faz parte do Projeto Agro Extrativista - PAE/Urucurituba¹⁸. Esta imersão permitiu/produziu novos olhares e reflexões sobre minha suposta familiaridade com os sujeitos da Amazônia. Sobretudo, com o contexto socioambiental da várzea e a particular relação pessoa-ambiente construída por homens e mulheres que vivem e (re)existem às margens do rio Amazonas, através do “tempo das águas”¹⁹.

A comunidade de São Ciríaco do Urucurituba teve uma parte de sua área territorial devastada pela ocorrência do fenômeno das “terras caídas” nos últimos sete anos, e necessitou se reorganizar para o enfretamento deste processo. A comunidade vizinha, Fátima de

¹⁵ Disciplina ministrada pela Profa. Dra. Luciana Carvalho.

¹⁶ Pode ser encontrada no Apêndice H.

¹⁷ Comunidade alvo da pesquisa da discente do PPGSND, Aline Prezotto e possível, naquele momento, campo do meu estudo.

¹⁸ As discussões sobre o PAE/ Urucurituba serão mais bem explicitadas na seção 4 desta tese.

¹⁹ Expressão que será explicitada na seção 4 desta tese.

Urucurituba, na ocasião da entrada em campo, é citada pelos entrevistados no ensaio etnográfico como uma “comunidade que sumiu”, devido a estes mesmos eventos e que alguns habitantes teriam migrado para outros locais e regiões.

O seguir da caminhada me leva, oportunamente, em janeiro de 2018, à uma visita aos dois Laboratórios de Psicologia Ambiental, localizados na cidade de Fortaleza/CE; a) Universidade de Fortaleza – UNIFOR, visita ao Laboratório de Estudos das relações Humano-Ambientais (LERHA) e na Universidade Federal do Ceará - UFC, o laboratório de pesquisa em Psicologia Ambiental (LOCUS). Em ambos fui recebida pelas respectivas coordenadoras²⁰, estes dois encontros me permitiram maior proximidade com a metodologia dos mapas afetivos²¹ e com mais referências da PA. Ressalto que embora os dois laboratórios fossem vinculados à programas de pós-graduação de mestrado de doutorado dos Institutos de Psicologia, eles recebiam uma diversidade de pesquisadores/discentes de áreas ligadas à Arquitetura e Urbanismo, Ciências Ambientais, Biologia, Sociologia e Psicologia.

As experiências no campo, as visitas aos laboratórios de Psicologia Ambiental, atreladas ao aprofundamento dos estudos pessoa-ambiente a partir de afeto ao lugar em uma perspectiva histórico-cultural, foram travessias decisivas e me permitiram consubstanciar meu projeto de qualificação de tese em abril de 2018. Este projeto já apresentava a discussão sobre as relações de gênero como eixo transversal de análise. Na ocasião da qualificação do projeto, as recomendações da banca indicaram, entre outras questões, um estudo comparado, entre os comunitários de Fátima de Urucurituba e os de São Ciríaco, no intento de identificar as possíveis diferenças nas questões do afeto ao lugar devido às distintas vivências das terras caídas e suas implicações específicas para cada comunidade.

Após a aprovação do projeto, passo a realizar minha caminhada de pesquisa nas instituições e órgãos públicos, na esfera municipal, estadual e federal, para melhor conhecimento sobre o contexto geral da Comunidade de São Ciríaco do Urucurituba, sua problemática com as terras caídas, porém, este trajeto me levou à surpreendentes descobertas.

Na primeira instituição pesquisada já sou questionada do motivo pelo qual estava estudando São Ciríaco e não a comunidade de Fátima do Urucurituba, e as várias pessoas pertencentes aos órgãos consultados passam a narrar toda a dramática história de transferência dos ribeirinhos da várzea para a terra firme.

²⁰ Profa. Dra. Karla Martins Ferreira e Profa. Dra. Zulmira Lopes Bomfim, respectivamente.

²¹ Metodologia de desenvolvida pela Profa. Dra. Zulmira Áurea Bomfim, descrita na seção do percurso metodológico, seção 4.

Aquelas narrativas me impactaram, não só pelas informações e processos relatados, mas, principalmente, pelo componente emocional das falas, da percepção da identidade coletiva dos moradores e a representação que a comunidade de Fátima do Urucurituba tinha para as demais comunidades do PAE- Urucurituba. Neste (de)encontros me chamou atenção o relato de coordenadora do Instituto de Pesquisas Ambiental da Amazônia-IPAM de Santarém, que acompanhou parte do processo de reassentamento em Fátima. Ela relata sobre a mobilização dos comunitários sobre a construção nova da igreja em Fátima no eixo Forte.

Diante todos os fatos relatados e do diálogo frutífero com minha orientadora, mudo o trajeto da caminhada e passo a buscar mais pistas para a construção do novo objeto, agora com foco em Fátima de Urucurituba no Eixo Forte.

À convite, inicialmente, do gestor da Colônia de Pescadores de Santarém- Z-20 e da gestora do IPAM/Santarém, fui apresentada à uma das lideranças de Fátima do Urucurituba no Eixo forte, o qual pôde falar sobre o processo de reassentamento²² de Fátima do Urucurituba para o Eixo forte, revelando a motivação da fala “comunidade que “sumiu”.

Todos estes elementos me conduziram a alterar meu projeto de tese, passando a estudar os residentes de Fátima de Urucurituba assentados no Eixo Forte, seus processos de transição para a terra firme e as implicações do fenômeno das terras caídas para a comunidade, sua atual organização e os processos afetivos desenvolvidos com o local atual de residência, tendo como eixo transversal as relações de gênero percebidas neste processo.

Ressalto que a abertura às mudanças no delineamento do projeto tese, me trouxe inquietações e angústias, porém a emergência desafiadora da problemática, questionando as construções apriorísticas do projeto, permitindo-me respeitar a dinâmica sócio histórica do percurso da pesquisa. A relação de ação transformação no contato com as instituições e na escuta das falas emocionadas sobre Fátima de Urucurituba, confirmaram meu compromisso ético-político como psicóloga para além das veredas normativas da academia. A produção científica comprometida com a relevância social, guiou meus passos na potencialização das vivências de homens e mulheres de Fátima de Urucurituba no Eixo Forte, seus afetos e as implicações do fenômeno das “terras caídas” para suas vidas, no âmbito pessoal e coletivo²³.

²² Processo motivado pelas terras caídas, com primeira ocorrência em 2009.

²³ Destaco um encontro com pesquisadores de áreas interdisciplinares, em outubro de 2019, na ocasião do I Congresso de Psicologia Ambiental e relação pessoa-ambiente, em João Pessoa /PB.

1 INTRODUÇÃO

A problemática do meio ambiente é extremamente complexa, o que nos impulsiona a planejar estudos que primem por um olhar abrangente e que supere a visão reducionista dos processos na interação entre sociedade, natureza e desenvolvimento na Amazônia, atuando na produção de conhecimento permeado pela relevância social e que colabore para o gestar de políticas públicas endereçadas aos aspectos intrínsecos à Amazônia.

No que tange a Amazônia, as relações das pessoas com o ambiente traduzem-se nos modelos históricos de ocupação dos territórios, nos processos ecológicos e na sociobiodiversidade, refletindo-se em preocupações de caráter social, econômico, étnico e impactos socioambientais (CALLEGARI, 2010). O modo como as pessoas pensam e se relacionam com a natureza é resultado de uma construção histórica e social, conjuntura esta que demonstra as várias dificuldades de se inserir e pensar alternativas que assegurem a preservação de culturas, modos de vida, valores e saberes de homens e mulheres no contexto amazônico, especialmente das populações tradicionais (LIMA; POZZOBON, 2005).

A conjuntura sócio-histórica brasileira dos últimos cinco anos está envolto em crises políticas, econômicas e socioambientais, fomentando a emergência de estudos que tenham impactos nestas discussões em que a problemática ambiental seja pensada em uma demanda socioambiental, ou seja, das pessoas com o ambiental natural ou construído, em um contexto macro, de interesse coletivo e responsabilidade de múltiplas ciências no diálogo de pensar e gestar estudos que problematizem e reverberem nos vários contextos brasileiros.

Diante dos desafios apresentados, o Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento - PPGSND/UFOPA busca, através de suas três linhas de pesquisa²⁴, o aprofundamento e fortalecimento de estudos que versem sobre a problemática ambiental, direcionando temáticas que permitam compreender a complexidade destas questões através de diferentes áreas do conhecimento. O referido programa, parte da perspectiva das Ciências Ambientais, cujo documento de área (COORDENAÇÃO..., 2019) apresenta as características e as necessidades encontradas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), tendo a interdisciplinaridade em sua base construtiva, e neste sentido as Ciências Ambientais “se configuram em um método de construção de

²⁴ O PPGSND atualmente possui três linhas de pesquisa à saber: 1- Impactos ambientais e sociais do uso da terra na Amazônia; 2- Recursos naturais, biodiversidade e bioprospecção e 3 – Gestão do Conhecimento e inovação para o desenvolvimento sustentável.

conhecimento partindo de uma problemática/complexidade socioambiental que se deseja compreender e, preferencialmente, resolver” (COORDENAÇÃO..., 2019, p. 3). Nas Ciências Ambientais, os problemas de pesquisa são intrínsecos às atividades sociais, econômicas e tecnológicas, e a interdisciplinaridade uma emergência oriunda destas atividades e demandas contemporâneas. O documento de área, ressalta ainda que os estudos devem produzir impacto “sobretudo em áreas de fronteira, de interiorização e de vulnerabilidade social, econômica e ambiental” (COORDENAÇÃO..., 2019, p. 7), reforçando o compromisso social da produção científica.

A linha de pesquisa “Impactos ambientais e sociais da mudança do uso da terra na Amazônia”²⁵, da qual faz parte a presente tese, permite a provocação de estudos voltados para o conhecimento dos processos ecológicos e sociais nos ambientes amazônicos, considerando as diferenciadas condições de apropriação dos recursos naturais e privilegiando abordagens interdisciplinares na compreensão da ação humana sobre o bioma amazônico e seus impactos sociais, objetivando a criação de referências para elaboração de processos e produtos com foco no desenvolvimento sustentável na região. Nesta perspectiva, os conhecimentos e metodologias relativas às Ciências Ambientais e a Psicologia Ambiental (PA) encontram dialogicidade e oportunidades de estudo, nos permitindo ainda realçar o percurso histórico e particular que a relação de homens e mulheres com a terra nos revela, apontando as especificidades nos modos de vida e sua conexão com a construção de subjetividades nestes contextos vivenciais.

A Psicologia enquanto área disciplinar que se ocupa em investigar os fenômenos psicológicos advindos da multiplicidade de vivências dos sujeitos e seus coletivos, esteve historicamente à margem das discussões socioambientais em nosso país por muitas décadas. O marco na compreensão histórica entre a Psicologia e a problemática dos povos do campo está entrelaçado com a Psicologia Social Comunitária e a Educação Popular, através da interlocução com os movimentos sociais de luta pela Terra e a necessidade de um diálogo interdisciplinar, movimento este, iniciado na década de 1960, com a emergência dos debates sobre a Reforma Agrária, e descontinuado devido ao contexto sócio-político do Golpe Militar (CRP, 2013). Santos (2019) destaca que mesmo com os esforços em momentos anteriores, somente a partir de 2010 a integração das ciências psicológicas a questão do contexto rural tem se intensificado.

Paralelamente, a PA inicia sua trajetória de pesquisa no Brasil a partir da década de

²⁵ Regimento PPGSND-UFOPA/2019.

90, através dos estudos pessoa-ambiente em uma perspectiva originariamente interdisciplinar, agregando uma diversidade de pesquisadores com formações e trajetórias múltiplas, criando redes colaborativas que integrem saberes sobre as relações das pessoas com o ambiente e seus atravessamentos. A partir das proposições de estudos na área da PA, as investigações das implicações do entorno socioambiental e seus componentes emocionais, simbólicos e afetivos agregados aos sujeitos, tem ganhado espaço. O estudo da afetividade envolvendo os lugares, especialmente, por todas as mudanças climáticas e catástrofes socioambientais que impactam a vida dos mais variados coletivos humanos no Brasil e no mundo, vem ganhando espaço e se consolidando como área fértil para discussões interdisciplinares, buscando interlocução com diversos campos de conhecimento, como o campo das Ciências Ambientais.

No que tange à problematização da construção do conhecimento interdisciplinar, Latucca (2001) afirma que as disciplinas são formas poderosas de se dominar uma temática, porém, podem restringir o saber científico, como quadros conceituais que delimitam os problemas de pesquisa, os tipos de métodos empregados para investigação dos fenômenos e as respostas que são consideradas legítimas. A ideia de disciplina se constituiu ao longo de vários séculos, como uma categoria organizadora dentro do conhecimento científico, estabelecendo a divisão e a especialização do trabalho, direcionando a autonomia de certa área de conhecimento, com suas técnicas, sua linguagem e definindo fronteiras de conhecimento (KLEIN, 2008). Neste sentido, o conhecimento científico disciplinar moderno tem apresentado limitações para alguns tipos de problemas e a proposta interdisciplinar busca responder à fragmentação causada pelo conhecimento epistemológico positivista, generalizador e desintegrador (LAKATOS, 1978; MORIN, 2007; PHILIPPI Jr.; SILVA NETO, 2011; TEIXEIRA, 2004).

Para Santos (1989), um dos primeiros frutos da revolução científica da época foi a visão de uma ciência social, a qual traz uma ruptura epistemológica em suas explicações na qual os fatos sociais se explicam por outros acontecimentos também sociais. Segundo Lakatos (1978), a ciência vivenciou um momento histórico em que teorias não comprovadas a partir de fatos eram consideradas como pseudociências, e um dos marcos importantes nesta ruptura é a corrente representada pelo racionalismo crítico, produzindo questionamentos às metodologias normativas implicadas nos estudos científicos com base positivista, indicando caminhos para uma abordagem crítica e interconectada aos fenômenos sociais.

A proposta de estudo interdisciplinar apresenta uma visão conciliatória entre os aspectos contextuais dos fenômenos e busca sair do isolamento do objeto em relação ao seu meio. A percepção dinâmica da relação existente entre as partes que compõem determinado

fenômeno é assim compreendida e mediada pelas disciplinas em diálogo, questionando o alcance dos conhecimentos disciplinares tradicionais (MORIM, 2007; TEIXEIRA, 2004; PHILIPPI Jr.; SILVA NETO, 2011). Neste sentido, permite também uma abordagem crítica e dialógica dos fenômenos, tal qual Japiassu (1976, p. 127) defende, ao contribuir conceitualmente que “a interdisciplinaridade se define por uma crítica das fronteiras das disciplinas, e de sua compartimentação”, destacando a eficiência das respostas quando diferentes áreas científicas dialogam.

A PA possui um caráter agregador em suas proposições de pesquisa, compreendendo pessoa e ambiente integrados aos contextos físicos (natural ou construído), social, cultural, histórico e subjetivo. É reconhecida como uma área de atuação e de pesquisa e incorpora diferentes perspectivas teóricas e epistemológicas, as quais se baseiam somente na Psicologia, mas na Sociologia, Antropologia, Planejamento Urbano, Arquitetura, Ecologia dentre outras áreas que investigam a temática socioambiental, possibilitando uma multiplicidade de olhares investigativos (ITTELSO *et al.*, 2005; MOSER, 2005). A PA guarda em seus pressupostos uma visão pessoa-ambiente dentro de uma totalidade, num processo de troca dialógica em que pessoa e ambiente se constituem em uma relação mútua, com base nas inter-relações, considerando as condições do ambiente sobre os comportamentos individuais e coletivos (GÜNTER; PINHEIRO; GUZZO, 2004).

O contexto multifacetado da relação pessoa-ambiente é confirmado nos cenários ambientais da Amazônia e, em especial, das experiências sociais e subjetivas das populações ribeirinhas, das florestas e do campo²⁶ sua inter-relação com o ambiente social, cultural e geográfico. Neste sentido, a perspectiva integradora dos conhecimentos interdisciplinares se apresenta mais completa na compreensão das vicissitudes dos cenários ambientais da Amazônia.

Neste bojo, pensar a PA, e a Psicologia Social no seio dessas inquietações, dentro da perspectiva teórica histórico-cultural, remonta à historicidade e a dialética como categorias analíticas. Diante da perspectiva teórica apresentada e das inquietações pertinentes às relações pessoa-ambiente, o presente estudo centra-se no contexto vivencial dos atuais residentes da comunidade de Fátima do Urucurituba no Eixo Forte, localizada no município de Santarém/PA. Esta comunidade, originalmente situada na região da várzea amazônica santarena, vivenciou

²⁶ As definições sobre populações ribeirinhas, das florestas e do campo, apesar de se apresentarem como polissêmicas por alguns autores, serão explicitadas na seção 4 desta tese.

por quase dez anos o fenômeno popularmente conhecido como “terras caídas²⁷”, o qual desde 2001 vem alcançando a comunidade, alterando seus contornos naturais e destruindo grande parte de sua área territorial, fazendo com que a maioria de seus residentes não conseguisse mais lá permanecer. Todos estes eventos culminaram em um reassentamento na terra firme em 2015, pelo INCRA.

A comunidade de Fátima do Urucurituba (agora no Eixo-Forte) já foi acometida por três importantes eventos relativos às “terras caídas”, o primeiro em março de 2001, quando teve sua área territorial destruída em 500 metros; a segunda em 2009 e a terceira em 2014, quando a Defesa Civil definiu como área de grande risco e após longo processo, 38 famílias foram transferidas para o Eixo forte. Atualmente a comunidade encontra-se dividida entre a várzea e a terra firme em relação às atividades socioeconômicas, devido a necessidade de reassentamento e perigo de novos desabamentos. Estes residentes conviveram com um processo de mudança territorial e vivencial e necessitaram passar por um processo longo e complexo de reassentamento (ainda em processo até meados de 2020). Esta população vivenciou uma mudança socioambiental importante e decisiva no que tange às suas relações sociais, culturais e de trabalho, além de seu espaço relacional e de subsistência implicados.

Importante ressaltar que o fenômeno das “terras caídas” acomete populações amazônicas historicamente vulneráveis e pouco alcançadas pelas políticas públicas, no que tange à saúde, à educação e a proteção social, em um contexto socioambiental marcado pelas questões das disputas de território, as quais muitas vezes são invisibilizadas e só passam a serem reconhecidas quando acometidas por situações críticas e divulgadas na mídia. É relevante pensar que quando falamos que as questões ambientais são questões humano-ambientais (POL, 1993), estamos ressaltando que as relações das pessoas com seu ambiente, o modo como os espaços influenciam o comportamento dos indivíduos, os significados atribuídos a eles e os processos psicológicos subjacentes a cada situação, devem ser considerados para permitir a leitura mais aprofundada desta relação (CAVALCANTE; ELALI, 2018; MOSER, 2009; SOMMER, 2000).

O contexto vivencial da comunidade de Fátima do Urucurituba, no Eixo forte,

²⁷ O fenômeno das “terras caídas” caracteriza-se quando a correnteza do rio atua sobre suas margens, causando erosão e conseqüente queda do terreno que é tragado pelas águas, provocando em muitos casos a mudança de domicílio pelos riscos apresentados à comunidade residente, e é reconhecidamente um evento que converge processos ecológicos amazônicos específicos com ações antrópicas (CARVALHO, 2006).

permite uma incursão no universo de pesquisa a partir do cenário geográfico Amazônico do Oeste do Pará, voltando sua atenção para estes atores, os quais são percebidos neste estudo como sujeitos de ação/transformação sendo afetados pelas incertezas deste novo momento. Os desdobramentos e impactos socioambientais dos eventos citados nas relações pessoa-ambiente foram investigados a partir do estudo do afeto ao lugar, traduzidos em possibilidades de afetos potencializadores e afetos despotencializadores de ação/transformação nos espaços.

Para os contornos deste estudo, a população estudada é pensada a partir das relações socioespaciais e dos aspectos sócio-históricos que produzem significados de pertencimento a esses sujeitos e a esta coletividade (CRUZ, 2008). As particularidades intrínsecas aos modos de vida dos povos na Amazônia, nos desafiam a analisar os processos afetivos relativos ao lugar, a partir das características e particularidades simbólicas da comunidade e da várzea, nas ações de apropriação do espaço, os quais podem possibilitar a compreensão sobre os impactos nas relações pessoa-ambiente.

Um estudo de Felipe e Kuhnen (2012) indicou a limitada produção nacional sobre as temáticas dos laços afetivos relacionadas com lugares, retratando um contraste dos interesses de produção científica entre o Brasil e outras nações, como os Estados Unidos e países da Europa. Esta lacuna permite uma invisibilidade dos impactos socioambientais que acometem os diversos coletivos humanos no país, a exemplo dos mais recentes como o rompimento de barragens em Brumadinho e Mariana em Minas Gerais, o derramamento de óleo nos litorais da costa nordestina, entre outros eventos que tiveram repercussão na mídia nacional e internacionalmente, mereceram atenção das políticas públicas e órgãos ambientais pelos inúmeros impactos que causaram às populações envolvidas, ao meio ambiente e à qualidade de vida das gerações atuais e futuras.

A natureza interdisciplinar da temática deste estudo, constituída pela compreensão das relações pessoa-ambiente a partir do afeto ao lugar, é explicitada na produção de Felipe e Kuhnen (2012), retrata as áreas que investigam esta relação e os aspectos afetivos dirigidos aos lugares - temática de apego ao lugar. Os autores discorrem sobre a produção de pesquisas, identificando maior ocorrência de publicações entre os anos de 2004 a 2009, totalizando 40 artigos, entretanto, um dado interessante é que a maior parte dos estudos publicados foi produzida por departamentos externos à Psicologia como: Administração, Agricultura e ecossistemas sustentáveis, Antropologia, Ciências ambientais, Ciências da saúde, Geografia, Geologia entre outros. No entanto, apenas um terço dos artigos pesquisados foi realizado em parceria entre dois ou mais departamentos disciplinares.

A questão motivadora deste estudo é norteada pelo olhar integrador e interdisciplinar, que pretende ser alcançado na compreensão da relação pessoa-ambiente-gênero a partir do entendimento do afeto ao lugar construído por homens e mulheres em uma comunidade originalmente ribeirinha de várzea na Amazônia Santarena, reassentada na terra firme e que tem sua história atravessada pelas inúmeras mudanças em seus modos de vida e implicações socioeconômicas e territoriais.

A proposição do estudo possui um eixo transversal de análise, relativo à articulação da temática das relações de gênero, sócio historicamente inscritas e que se constituem como fortes referenciais na produção de subjetividades de homens e mulheres da Amazônia. De acordo com Scott (1991), gênero é o conjunto de ideias que uma cultura constrói do que é ser mulher e ser homem; tal conjunto é resultado de lutas sociais na vivência cotidiana e a partir dessa construção, alguns atributos são impostos e constituídos entre esses pares. O conceito de gênero permite compreender que não são as diferenças dos corpos de homens e mulheres que os posicionam em diferentes âmbitos e hierarquias, mas sim a simbolização que a sociedade faz delas. Pensar a relação pessoa-ambiente-gênero é questionar a perspectiva de que o termo pessoa integra domínios igualitários entre o feminino e o masculino, os quais implicam distintas construção de emocionalidades e caminhos de subjetivação.

Segundo Hernandez (2010, p. 60), “as questões relacionadas ao meio ambiente, desenvolvimento sustentável e gênero, constituem temas de debates centrais na sociedade no contexto mundial, nacional e regional”. Segundo o mesmo autor, a perspectiva de gênero se traduz como importante categoria de análise para o desenho de políticas públicas atreladas às questões ambientais e fundamental para entender o processo de transformação que homens e mulheres estabelecem com a natureza, vinculadas às questões sociais e culturais.

Diante disso, temos a seguinte problemática de investigação: Como se constituíram as dinâmicas relacionais, territoriais e socioeconômicas entre moradores de uma comunidade originalmente de várzea amazônica, que vivenciou o “fenômeno das terras caídas”? Diante disso propõe como objetivo geral “Analisar as relações pessoa-ambiente-gênero a partir da compreensão do afeto ao lugar em uma comunidade ribeirinha de várzea, que vivenciou o fenômeno das terras caídas na Amazônia Santarena”; E, assume os seguintes objetivos específicos: i) Identificar o perfil socioambiental da comunidade de Fátima de Urucurituba no Eixo-Forte; ii) compreender as ações de apropriação do espaço realizadas pelos comunitários; iii) investigar a relação afetiva dos comunitários reassentados à comunidade atualmente constituída; e iv) verificar as implicações do fenômeno das “terras caídas” na mudança

territorial e nas questões socioeconômicas.

Com base na problemática desta pesquisa, acredita-se ser de fundamental importância revelar estas questões, as quais reproduzem o universo simbólico e particular das relações pessoa-ambiente-gênero mediante as características de afeto ao lugar, traduzindo a diversidade subjetiva de homens e mulheres na comunidade de Fátima do Urucurituba no Eixo Forte, pensados (as) sob suas especiais características identitárias. A percepção da díade pessoa-ambiente deve ser observada de forma dinâmica e na concepção de que o entorno é produto da ação-reação destes sujeitos homens e mulheres no ambiente, em uma perspectiva transacional de mútuas influências. A perspectiva da tríade pessoa-ambiente-gênero, permite a visibilidade na condução de estudos voltados para os processos subjetivos e as peculiaridades que se revelam nesta complexa relação entre homens e mulheres, e deles com seu entorno socioambiental.

Neste sentido, o estudo ora apresentado também pretende incitar novas pesquisas nas áreas das Ciências Ambientais e da Psicologia Ambiental, trazendo a emergência dos aspectos psicossociais inerentes aos sistemas sociais amazônicos de várzea, atrelados às discussões de gênero, contribuindo para a problematização das questões ambientais atividades de pesquisa e/ou extensionistas que necessitem de uma abordagem ampliada sobre os vínculos afetivos das pessoas com seus ambientes e a produção ou não de afetos potencializadores de ação/transformação para o resgate de sua identidade. Anseia também produzir conhecimentos que sejam relevantes para psicólogos, pedagogos, sociólogos, antropólogos, biólogos, economistas entre outros, os quais podem formar redes colaborativas de produção de conhecimento diante os aspectos psicossociais na tríade pessoa-ambiente-gênero na Amazônia, pautados na relação histórica e existencial destes sujeitos com o uso da terra, em uma dialogicidade transformadora.

Esta pesquisa almeja colaborar para a ampliação do arcabouço teórico e metodológico deste programa de pós-graduação, por meio de publicações que agreguem a problemática do meio ambiente aliada às questões do uso da terra na Amazônia, as relações pessoa-ambiente e as discussões de gênero, gerando inquietações e colaborando para políticas públicas e a visibilidade social e afetiva do fenômeno das “terras caídas” na Amazônia.

Esta tese está separada em seis seções, sendo esta, a primeira, a qual anuncia e contextualiza a tese. A segunda seção trata sobre a proposta teórica do estudo, entrelaçando a temática do afeto ao lugar na tríade pessoa-ambiente-gênero, a partir de diálogos interdisciplinares entre a PA e as Ciências Ambientais. A terceira seção versa sobre o percurso

metodológico assumido e as fases e procedimentos de pesquisa. A quarta seção trata do contexto socioambiental da pesquisa, realçando e resgatando o processo de transição da várzea para a terra firme. A penúltima seção revela as memórias dos comunitários de Fátima de Urucurituba no Eixo Forte, a partir de suas vivências com o fenômeno das “terras caídas”, questões relacionadas aos afetos construídos em Fátima de Urucurituba no Eixo Forte e a relação com a tríade pessoa-ambiente-gênero; e a última e sexta seção trata da parte final e revela as conclusões e as considerações trazidas por esta tese, assumindo o compromisso das propostas de pesquisa e indicando novos caminhos para os estudos pessoa-ambiente-gênero.

2 DIÁLOGOS DA PSICOLOGIA COM AS CIÊNCIAS AMBIENTAIS: O AFETO AO LUGAR E A TRANSVERSALIDADE DOS ESTUDOS DE GÊNERO NA TEMÁTICA AMBIENTAL

A problemática socioambiental na Amazônia brasileira anseia por estudos que contemplem toda a sua multiplicidade de fatores e características intrínsecas a cada macro e microrregião. Este cenário nos inquieta e ao mesmo tempo nos estimula a pensar alternativas que primem por abordagens sustentáveis na relação pessoa-ambiente, situando o sujeito em sua ação/interação/transformação com o ambiente que não é apenas físico, mas simbólico e produto das diversas relações históricas e sociais que demarcam estilos de vida e produzem, inevitavelmente, mudanças nos ambientes naturais e construídos, urbanos e não urbanos, permitindo-nos questionar sobre as questões psicossociais e humano-ambientais inerentes a estas modificações.

O enredamento da temática socioambiental na perspectiva interdisciplinar se propõe a fornecer uma compreensão mais ampla da interconexão entre os aspectos sociais, culturais, históricos, políticos, econômicas e subjetivos. Para Gunther, Pinheiro e Guzzo (2004), as temáticas que tratam da relação recíproca entre os ambientes e as pessoas também ganharam espaço de discussão em outras áreas do conhecimento como a Arquitetura, Planejamento Urbano, Geografia Humana/Social, Educação Ambiental entre outras, situação que expressa a transversalidade e a importância destas discussões.

Nesta perspectiva, Pinheiro (2006) reforça a importância do entendimento dos problemas ambientais na área da psicologia, os quais tem ganhado visibilidade a partir, surgimento de uma disciplina a Psicologia Ambiental. A PA tem sua origem de organização teórica dentro e fora da Psicologia, e este é um dos motivos que a fazem ser percebida como uma disciplina transdisciplinar. Para Pinheiro (1997), as questões ambientais devem ser tratadas como humano-ambientais, pois o autor compreende que todas as crises e dilemas ambientais devem ser interpretadas como crises das pessoas no ambiente. Para Kuhnen (2002), as questões ambientais não interpelam apenas a natureza, mas questionam toda a constituição de uma sociedade.

Esta seção, objetiva situar o leitor com relação ao arcabouço teórico desta tese, a partir dos estudos interdisciplinares em que a PA se organiza e da afetividade relativa aos lugares, bem como as influências teórico metodológicas da Psicologia Social e a perspectiva histórico-cultural entrelaçada com a transversalidade das discussões de gênero.

2.1 A Psicologia Ambiental e os estudos pessoa-ambiente: perspectiva histórica e conexões interdisciplinares

As mudanças e transformações do mundo contemporâneo têm interpelado a ciência a fornecer respostas às problemas complexos, permitindo a abertura de abordagens interdisciplinares de estudo, à exemplo da temática socioambiental, passando a requerer um olhar que prima pela colaboração entre áreas, conhecimentos, disciplinas, instituições e países na construção de novas soluções na interação entre sociedade e natureza.

Em uma perspectiva histórica, a década 80 perfaz um marco importante para o desenvolvimento de estudos interdisciplinares, impulsionado pelas guerras mundiais, as quais produziram novas necessidades nas áreas de bem-estar social, criminalidade, trabalho, habitação e as mudanças populacionais. Além disso, a revolução tecnológica e seus substratos produzem temas de interesse e impactos sociais, como as relativas à qualidade de vida.

Valera (1996) defende ser necessário contextualizar a PA dentro de seus componentes disciplinares, incorporada às Ciências Humanas e à Psicologia Social Aplicada, pois contempla uma parte importante de suas referências teóricas, epistemológicas e metodológicas. Em segundo plano, situar a PA dentro do conjunto de disciplinas relacionadas com o estudo do ambiente, natural ou construído, em uma considerável rede de ciências extensa e complexa. Pinheiro (1997) afirma que a PA padece de alguns problemas em sua base, pois se formou a partir de “duas raízes teóricas: uma externa à Psicologia, e outra interna. Considerar essa dupla natureza é fundamental para uma compreensão adequada da área e de suas dificuldades na produção de uma identidade teórica” (PINHEIRO, 1997, p. 382), na visão do autor, estas influências se inter cruzam e produzem diferentes nuances teóricas e práticas.

Corroborando Gunther, Elali e Pinheiro (2008, p. 1), “o conjunto pouco homogêneo de áreas de estudo e a variedade de formação dos pesquisadores na PA são reflexos de uma complexidade característica dos componentes comportamentais e ambientais dos estudos pessoa-ambiente e da interação entre eles”, pois a PA tem sua história articulada a outras disciplinas, anteriormente anunciadas. Kuhnen (2009) realça que a PA também tem se consolidado como campo teórico e metodológico na Psicologia, investigando demandas relacionadas às questões humano-ambientais, colaborando com temas que são oriundos dela e temas amplos e não exclusivos da PA, porém, a elucidação a partir dela é essencial para a produção de estudos transversais nas Ciências Humanas, Sociais e Ambientais.

Diante da história da PA, articulada a várias áreas de conhecimento, ela carece de

problematizações. Valera (1996) destaca que como a história recente da PA (surgindo como disciplina a partir dos anos 1960), com imprecisão em sua delimitação, tendo em vista a sua proximidade com outras disciplinas, a sua natureza e, por fim a multiplicidade de âmbitos de sua aplicação, dificultando a configuração de seu objeto de estudo. Para Gunther, Elali e Pinheiro (2008), pensar a complexidade derivada da interface pessoa e ambiente é pensar em estudos de PA que primem por uma abordagem social, crítica, interdisciplinar e com métodos de pesquisa que contemplem a dialogicidade dos fenômenos investigados nas questões humano ambientais, tendo em sua centralidade trabalhos e pesquisas que relacionem comportamentos e/ou estados subjetivos das pessoas e as características ambientais.

A PA se interliga a fatores de preocupação ambiental, sendo eles inicialmente o planejamento urbano de ambientes degradados, o qual remonta ao final da Segunda Guerra Mundial, e atualmente em grande destaque, a preocupação com os problemas ambientais. Melo (1991) afirma que o surgimento do campo da Psicologia Ambiental, se deu a partir do fim da Segunda Guerra, com a reconstrução por inteiro das cidades através de programas habitacionais em larga escala, em que arquitetos e profissionais da construção civil se uniram aos cientistas do comportamento humano e juntos defenderam a ideia de que as construções deveriam corresponder, além das necessidades já conhecidas, as necessidades psicológicas das pessoas que iriam ocupar esses locais (CANTER; CRAIK, 1981).

Segundo Cavalcante e Elali (2011), a PA inicia sua trajetória no contexto brasileiro na década de 1970, a partir da tradução e publicação de livros e artigos editados no exterior; já na década 1990 os grupos de pesquisa começam a se interligar às universidades e a desenvolver estudos vinculados à laboratórios, permitindo um maior desenvolvimento deste campo de estudo e ampliação das discussões para outros centros de pesquisa, envolvendo uma multiplicidade de pesquisadores e uma variabilidade de abordagens metodológicas, características que evidenciam a amplitude temática da PA e seus desafios.

Para Valera (1996, p. 1), a PA “se ocupa de analisar as relações que, à nível psicológico, se estabelecem entre as pessoas e seus entornos”, neste sentido, Kuhnen (2009, p. 17) anuncia que a PA “pressupõe o homem não apenas como uma existência psíquica e social, mas também como física, que ocupa um lugar, um espaço com propriedades específicas onde vai desenvolver as suas atividades”. Guzzo (2006) destaca que a PA busca compreender o as pessoas em todo o seu contexto físico e social, as relações estabelecidas com o meio, dando enfoque às percepções, atitudes, avaliações ou representações ambientais e ao mesmo tempo considera os comportamentos associados a essa relação. Além disso, para Moser (1998), a PA

contempla a dimensão temporal e preserva a noção de historicidade das relações, as quais ocorrem em um espaço de tempo e guarda uma relação bastante especial entre o passado e a possibilidade de prospectar o futuro das relações.

A partir dessas descrições, a PA se distancia qualitativamente de outras formas de se perceber e se trabalhar os aspectos ambientais, permitindo a inclusão de elementos psicossociais e afetivos, em uma perspectiva de pessoa e ambiente vistos de forma integrada. De acordo com Pinheiro (1997), de forma específica, a PA se interessa pelos efeitos das condições do ambiente sobre os comportamentos subjetivos dos sujeitos, o modo como o indivíduo percebe e atua em seu entorno, analisando suas percepções, cognições, afetos, atitudes, comportamentos e sua relação com os contextos físico e social. Kuhnen (2009) destaca que a partir desta compreensão se impõem duas premissas: a de que o ambiente é partícipe na construção social da realidade e a de que todos os nossos comportamentos têm sua ocorrência em determinado meio físico.

Para Campos-de-Carvalho, Cavalcante e Nóbrega (2011), a compreensão do termo ambiente é essencial para a compreensão do objeto de estudo da PA, uma vez que ela integra as discussões da relação dinâmica e multifacetada que se estabelece entre as pessoas e o ambiente. Pessoa e ambiente são vistos em constante diálogo e em permanente estado de interação e transformação. A noção de ambiente para a Psicologia Ambiental assume um caráter multidimensional, “uma vez que incorpora o meio físico e concreto no qual se constroem as relações sociais, este meio pode ser natural ou construído, e passa a assumir uma condição indissociável das demais condições expressadas e constituídas naquele meio específico” (CAMPOS-DE-CARVALHO; CAVALCANTE; NÖBREGA, 2011, p. 43).

A perspectiva de análise da PA, para Moser (2005), perpassa a análise da díade pessoa-ambiente em quatro níveis de referência espacial: o microambiente, os ambientes de proximidade, ambientes coletivos e ambiente global; desta forma, considera-se o espaço privado do sujeito, como por exemplo, a moradia, o bairro, parques e os espaços verdes, ambientes públicos, as cidades e ambientes voltados à sociedade de modo geral.

Quanto às orientações teóricas da PA, Valera (1996) aponta as perspectivas individualistas, interacionistas e sistêmicas/transacionalistas como as que têm direcionado os estudos. A orientação em uma perspectiva individualista tem a unidade de análise centrada na pessoa; o aspecto interacionista trabalha como unidade de análise a pessoa e ao ambiente como categorias distintas. E, por último, a perspectiva transacionalista, que considera como unidade de análise a pessoa inserida no ambiente, em uma concepção bidirecional, formando um sistema

integrado com ênfase no todo (VALERA, 1996). Nesta concepção teórica, pessoa e ambiente definem-se e modificam-se mutuamente. Para Pinheiro (1997, p. 391), no que tange às dificuldades metodológicas desta abordagem bidirecional, revela que “a concepção transacionalista constitui característica marcante do campo de análise, pois proporciona uma contextualização bastante abrangente, em termos espaciais, temporais e socioculturais”. Para Bomfim (2010), os estudos atuais em PA convergem para análises transacionalistas, que privilegiam os aspectos psicossociais e relacionais, incluindo os vínculos cognitivos e afetivos que produzem dimensão importante da identidade do sujeito.

Todas estas complexas questões, anteriormente citadas e levantadas por vários autores da PA, segundo Gunther, Elali e Pinheiro (2008, p. 2), tem provocado “dificuldade em identificar o campo de estudo para acomodar as diferentes tendências presentes, o que tem levado à utilização da expressão estudos pessoa-ambiente”. Estes questionamentos têm levado a um esforço exaustivo para uma “aproximação multilateral ao tema comum pessoa-ambiente a partir das especificidades e idiossincrasias das diferentes áreas de conhecimento que se preocupam com essa relação” (GUNTHER; ELALI; PINHEIRO, 2008, p. 3). A colaboração com diferentes áreas temáticas, reflete a riqueza da PA enquanto campo de estudo, retratando sua significativa contribuição e aplicação em pesquisas e a necessidade de sua visibilidade para a comunidade científica nacional e internacional, especialmente no que tange aos diferenciados conhecimentos sobre o contexto socioambiental dos sujeitos da Amazônia.

Nesta óptica, os estudos pessoa-ambiente no escopo desta pesquisa irão basear-se na perspectiva proposta pela PA, a partir da ciência Psicologia e da área de atuação da Psicologia Social dentro da perspectiva teórica histórico-cultural, tendo em vista a multiplicidade de campos de estudo ora demonstrados e da complexidade da dimensão socioambiental. Pensar os afetos como produções psicossociais de sujeitos políticos, implica em pensar na construção histórica e política deles.

Importante ressaltar, que as discussões a seguir irão contextualizar os estudos de PA e afeto ao lugar, alinhados aos objetivos propostos nesta tese e às proposições teórico-metodológicas da afetividade envolvendo os lugares, juntamente à compreensão dos processos de apropriação do espaço e identidade de lugar, na perspectiva histórico-cultural.

2.2 O afeto ao lugar no contexto dos estudos pessoa- ambiente a partir da perspectiva teórica histórico-cultural

A construção da perspectiva teórica histórico-cultural nos remete às disputas vividas pela ciência Psicologia na década de 1920, momento em que tentava assumir seu caráter científico. O conflito centrava-se no questionamento do objeto de estudo da Psicologia e sua metodologia de análise, dentro de um contexto histórico dominado pela concepção de ciência positivista. As questões entre a objetividade e a subjetividade nos estudos em Psicologia, urgiam por formas de compreensão não antagônicas e que redimensionassem os elementos do mundo concreto, percebidos como “externo” ao sujeito e do que se acreditava estar ligado aos fatores “internos”, como as emoções, sentimentos e pensamentos (BOMFIM, 2010; SAWAIA, 2006; VYGOTSKY; LURIA; LEONTIEV, 1996).

Neste cenário, a efervescência da pós-revolução russa fez emergir a tentativa de uma ciência psicológica de base marxista, com intento de equacionar estas demandas entre subjetividade e objetividade, a partir dos estudos do psicólogo de Lev Vygotsky, tendo na teoria histórico-cultural a compreensão de base materialista histórico-dialética do sujeito que se constitui através das interações sociais, em um processo histórico-dialético de subjetivação-objetivação da realidade (PONTES; BOMFIM; PASCUAL, 2009; VYGOTSKY, 1996, 1998).

Lev Vygotsky é reconhecidamente um dos principais autores da Teoria histórico-cultural, que propunha o método dialético no intento de resolver as dicotomias entre objetividade e subjetividade através da análise do contexto sócio-histórico de construção do psiquismo. Esta teoria assume que o psiquismo é fruto de atividades complexas e dinâmicas que interagem com fatores históricos, atravessados por elementos culturais e ideológicos específicos de cada sociedade em um espaço temporal. A vivência objetiva no meio social se processa na relação dialética de construção do psiquismo, através da interação sujeito-objeto em uma base materialista pelo caráter concreto da realidade (VYGOTSKY, 1998).

Nesta perspectiva, o materialismo histórico-dialético, deseja romper o dualismo cartesiano mente/corpo, assumindo a compreensão dos processos psíquicos a partir de uma totalidade, da dialogicidade percebida neste entrelaçamento. Vygotsky (1998) compreende o psiquismo constituído a partir de uma materialidade histórica, dentro de como cada cultura lhe oferta tais elementos e Bock (2001) enfatiza que o fenômeno psicológico e a consciência de si são construídos a partir da interação dinâmica de marcadores como as questões sociais, econômicas e culturais em que as relações sociais são mantidas.

A concepção da transformação de indivíduo a sujeito é a imersão cultural, constituído de “significações, que o orienta sobre a funcionalidade dos objetos, sobre o modo de ser, de agir e de interagir com outros que compartilham as mesmas referências culturais” (GOMES *et al.*, 2016, p. 2). Este processo se concretiza por meio da linguagem, que assume no sujeito (nesta perspectiva teórica) um papel organizador e planejador do pensamento, reverberando em sua capacidade de comunicação, construção e regulação de si e do mundo.

Lev Vygotsky teve na produção de seu marco teórico, a influência das ideias de Carl Marx e Baruch Espinosa, os quais o ajudaram no desvelamento da dicotomia razão e emoção. A inspiração buscada em Espinosa (2003), acolhe a compreensão de totalidade do sujeito, onde corpo e alma são tidos como construções de igual importância, traduzindo-se assim nas relações de igualdade também concebidas entre racionalidade e subjetividade, como submetidos às mesmas regras e princípios norteadores. Espinosa segundo Bertini (2014), contrapõe-se à concepção dominante de sua época, defendendo que as emoções não devem ser combatidas e sim compreendidas e nesta concepção.

A principal contribuição de Espinosa à Psicologia, segundo Sawaia (2009) é a percepção da relação positiva entre o poder que tem um corpo de ser afetado, na forma de emoções e sentimentos, e o seu poder de agir, de pensar e desejar. Um indivíduo ativo é capaz de agir e de transformar a realidade. É por Vygotsky que Espinosa passa a ser referenciado na Psicologia Social, principalmente nos estudos da Prof^a Bader Sawaia da PUC/SP, a mesma que cunhou o conceito de sofrimento ético-político, o qual se constrói na interface entre subjetividade e sociedade. A Psicologia sócio-histórica analisa a relação entre subjetividade e desigualdade procurando romper a dualidade social/singular.

Sawaia (2009) inspirada em Vygotsky e Espinosa, defende a emoção e a criatividade como partes da dimensão ético-política da ação transformadora. Nesta perspectiva, o sofrimento do corpo e da mente são ético-políticos, indicado como uma “vivência particular das questões sociais dominantes em cada época histórica (...) como a de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade” (SAWAIA, 1999, p. 56).

A Psicologia Sócio-Histórica preocupa-se em “conhecer como o homem se insere no processo histórico” (LANE, 1989, p. 10) e nesta acepção, de reconhecê-lo como ativo em sua realidade concreta, o considerando como agente de transformação social. A história material destes sujeitos ativos está demarcada pelo enredamento de suas experiências, emoções, memórias e afetos. Para Bomfim (2010), a compreensão dos afetos como processos psicossociais não pode se dar de forma apartada de sua constituição histórica.

Nesta perspectiva, a incorporação paulatina desta abordagem teórica na Psicologia Social no final da década de 1970, acompanhada por todo um movimento de insatisfação na América Latina, diante da forma com que os psicólogos sociais trabalhavam as demandas coletivas e as grandes desigualdades sociais que emergiam em vários países, permitiram um maior diálogo e necessidade de problematizar as abordagens da época (BOCK, 2001).

A partir da insatisfação, com uso de teorias importadas de outras realidades dos países da América Latina, Sawaia (2000) problematiza o conceito de afetividade ético-política em Psicologia, como uma dimensão essencial para a transformação da sociedade, pensando a construção do psiquismo diante destas bases históricas e culturais e que incorpora o contexto político dos sujeitos, marcados por desigualdades sociais expressadas a partir da dicotomia inclusão/exclusão. Sawaia (2009, p. 365) ressalta ainda que nessa concepção, “a subjetividade deixa de ser perturbadora para ser constituinte da objetividade social”.

Por meio do suporte da Psicologia Social e da PA, a afetividade se expressa como síntese do encontro entre sujeito e comunidade (BOMFIM, 2010). A Psicologia Social e a PA (com visão transacionalista) e de base psicossocial, têm produzido estudos importantes para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária, com pesquisas norteadas pelo olhar dos processos psicossociais nos ambientes das cidades/comunidades; a compreensão das facetas dos ambientes urbanos, para além dos aspectos econômicos; e redimensionando os aspectos psicossociais na transversalidade das discussões.

A base histórico-cultural da PA assumida nesta tese, rompe com a dicotomia objetividade/ subjetividade, que dominou a ciência Psicologia por séculos, conforme afirma a mesma autora “ “[...] a interação do indivíduo com o ambiente como um cenário em que um interfere no outro, mas põe em evidência o entorno como uma dimensão da identidade dos indivíduos, em que interagem fatores psicossociais, sociofísicos e histórico-culturais” (BOMFIM, 2008, p. 254). Assume também a afetividade com base nos autores e autoras anteriormente citados, mantendo a percepção de afetos potencializados, e afetos despotencializadores de ação, superando a visão reducionista de afetos bons e afetos ruins.

A seguir serão tratados os aspectos teóricos da apropriação do espaço e da identidade de lugar para a compreensão do afeto ao lugar, partindo das definições de espaço e lugar na dialética dos estudos pessoa-ambiente.

2.2.1 Apropriação do espaço e identidade de lugar: a dialética do espaço e do lugar nos estudos pessoa-ambiente

A compreensão dos estudos pessoa-ambiente propostos pela PA, bem como o entendimento da dimensão do apego ao lugar e afeto ao lugar, perpassa pelas especificidades de definições dos termos espaço e lugar, pois são elementos teóricos que atravessam todas as discussões e assumem uma perspectiva teórica e política, necessitando serem mais bem detalhados. Partimos das contribuições de Yi-Fu-Tuan, geógrafo humanista de orientação fenomenológica, e uma das referências neste debate, desenvolve o conceito de topofilia para traduzir a importância emocional que os espaços geográficos assumem na experiência humana (TUAN, 1983).

O autor citado trata da afetividade produzida pela humanidade e sua relação com o conceito de lugar, o qual se torna lugar pelas trocas afetivas que lá são possíveis de ocorrer. Os espaços seria(m) o(s) ambiente(s) possível(is) de percorrer, porém sob os quais ainda não se tem uma relação simbólica e de afeto tão presentes. Ele afirma que “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida em que o conhecemos e o dotamos de valor...as ideias de ‘espaço’ e ‘lugar’ não podem ser definidas uma sem a outra” (TUAN, 1983, p. 6). Para Bomfim (2010, p. 4), “transformar os espaços em lugares é então dotá-los de um valor, atribuir-lhes um significado, e principalmente formar laços de identificação”, o que também expressa a relação entre o tempo e a construção de lugares significativos, expressando a conexão com a temporalidade para a construção de lugares simbólicos.

Para Moser (2001), a subjetividade e os espaços cotidianos convergem em processos de significação e identificação mútuos. Kuhnen (2002) pensa o lugar dentro de uma dialogicidade, na qual estão implicadas natureza, cultura e construção social da realidade. Tuan (1983, p. 4) complementa que “os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação”. Bomfim (2010, p. 4), destaca que “o simbolismo do espaço se traduz nesta relação do indivíduo com o lugar, que transcende uma visão de espaço como cenário, onde as pessoas vivem seu cotidiano despojado de uma construção social”.

A partir de uma abordagem marxista de espaço, Lefévre (1976) o percebe como tendo um papel estruturante de uma totalidade ou lógica de um sistema, "o espaço é o *locus* da reprodução das relações sociais de produção." (LEFÉVRE, 1976, p. 25). Para Castells (2000) é necessário situar o espaço como parte de um conjunto na estrutura social geral e que dialoga

com outras formas e processos produzidos historicamente. Para Gottdiener (1997), sociólogo americano que também parte da corrente marxista e comunga dos pensamentos de Castells e Lefévre, afirma que o espaço é construído a partir de uma relação dialética com as transformações sociais e culturais. O espaço é uma localização física, uma peça de bem imóvel e ao mesmo tempo uma liberdade existencial e uma expressão mental.

Confirma o autor, destacando “o espaço é ao mesmo tempo o local geográfico da ação e a possibilidade de engajar-se na ação” (GOTTDIENER, 1997, p. 127), traduzindo assim a centralidade do sujeito e sua ação transformadora no espaço. Tuan (1983) reforça que o conceito de lugar está ligado ao caráter simbólico que o ambiente físico tem para o sujeito e/ou para determinado grupo, se configurando em um ambiente em que emerge afetividade, constituído por objetos naturais e/ou componentes sociais que se consolidam como pontos de referência para o sujeito.

Os conceitos de espaço e lugar se conectam com outro conceito que dialoga com as proposições desta tese e que incorpora importante significado dentro dos estudos em PA: a apropriação do espaço. Pensar a apropriação dos espaços nos permite continuar a linha marxista e dialética de pensamento na construção e percepção teórica desses debates. Para Cavalcante e Elias (2011, p. 43), a apropriação “é um processo psicossocial central na interação do sujeito com seu entorno por meio do qual o ser humano se projeta no espaço e o transforma em um prolongamento de sua pessoa”. Pol (1996) destaca que a apropriação ocorre a partir da ação/transformação entre o sujeito e seu espaço, o qual passa a explicitar comportamentos de territorialidade, que podem ser percebidos na demarcação de um espaço, ou através de atitudes de reivindicação e/ou defesas diante de ameaças percebidas.

Outro aspecto levantado por Pol (1996) é a apropriação do espaço como a necessidade do indivíduo se diferenciar do outro, delimitando de uma maneira mais elaborada seu território, construindo referenciais estáveis que o ajudam a orientar-se e a preservar sua identidade diante de si e dos demais. Na apropriação do espaço para Pol (1996, p. 47), busca-se uma identidade que traga sensação de familiaridade, proximidade e segurança. A apropriação, por sua vez, consiste em um processo de duplo ajustamento entre o espaço do objeto e o espaço representado, “o que dá uma impressão de familiaridade cognitiva, e por outro lado, ser capaz de associar o desejo à representação e o uso de objetos no espaço, o que dá impressão de familiaridade afetiva”.

Jerônimo e Gonçalves (2013) realçam que a apropriação do espaço tem como componente principal a manifestação da identidade de lugar das pessoas e das comunidades,

pois na medida em que o sujeito se apropria dos lugares e do espaço, mais ele se apropria de si mesmo. Desta forma, para os referidos autores, um espaço apropriado pelo sujeito, é um espaço que permite a manifestação da identidade de lugar, as quais evidenciem valores, práticas culturais, referenciais de afetos, simbolismos e significados para o sujeito. Pol (1996, p. 50) reforça que o significado emerge de todo o processo de interação, pois “não há defesa de espaço se não houver interação ameaçadora, não há significância se não houver interação que exija a criação de uma identidade”.

Estudos nas áreas de identidade ambiental são desenvolvidos para explicar em que medida o ambiente natural está incorporado na imagem de si, nesta perspectiva Giuliani (2004) reforça que o significado de ‘lugares’ é fundamental para a identidade da pessoa, havendo então lugares que assumem um valor particular, a partir da vivência significativa de um período importante na vida pessoal, porém isto não exige um tempo duradouro de residência. De acordo com Proschansky (1976, p. 118), a identidade de lugar é caracterizada “pelas lembranças de imagens, sentimentos, valores e atitudes que fazem parte de suas vivências com os lugares e com o seu próprio eu. É o reconhecer-se no espaço”.

Para Alencar e Freire (2007) a noção de apropriação para o grupo de psicólogos ambientais que estudam com base em investigações transacionalistas, está sustentando no modelo de apropriação com base na teoria marxista, a qual se opõe ao conceito de alienação, percebendo-se nestas noções a centralidade da ação do eu e da própria subjetividade. Desta forma, um sujeito apenas se apropria de um espaço quando não está alienado ao mesmo, quando reconhece suas características e este lugar, quando apropriado, lhe serve de referência, orientação e preservação de sua própria identidade, permitindo exercer domínio diante dele, e este domínio pode ocorrer de diversas formas, sem que o mesmo tenha a posse formal do mesmo (CAVALCANTE; ELIAS, 2011).

Alencar e Freire (2007), nas discussões sobre identidade e alteridade em Psicologia Ambiental, problematizam a noção de territorialização, a qual também é necessária quando se discute a identidade de lugar. A territorialização para os autores, “demarca um espaço que só pode ser ocupado pelos eleitos, os quais por sua vez, compartilham de uma identidade de lugar” (ALENCAR; FREIRE, 2007, p. 319).

Os conceitos de espaço, lugar, apropriação do espaço, identidade de lugar e territorialização, nos permitem alcançar a temática de centralidade desta tese, a da afetividade que construímos com os lugares e de que forma estes laços produzem relação de ação/transformação na relação pessoa-ambiente, sendo aprofundadas na subseção a seguir.

2.2.2 Estudos sobre a afetividade envolvendo os lugares

As pesquisas sobre a afetividade e o simbolismo de espaço têm produzido referências teóricas significativas, especialmente nos contextos urbanos, como mostram os estudos de Sawaia (2006), Ferreira (2006), Salomoni (2009), Bomfim (2010), Bertini (2014), Bressan e Lajús (2017) e Pacheco (2018). Para Ponte, Bomfim e Pascual (2009, p. 349), “a relação de apropriação/significação dos espaços e lugares não são simplesmente uma questão de ocupação física, mas estão organizados com o foco da produção de signos históricos e culturais”. Sawaia (1995) afirma que “espaço e homem compartilham a mesma materialidade e da mesma subjetividade”.

Felippe e Kuhnen (2012) indicam a pertinência e necessidade dos estudos dos laços afetivos estabelecidos com os lugares, pois decorrem da percepção do papel que estes laços possuem em contribuir para a qualificação da identidade pessoal, para os significados de pertencimento a um lugar e para a promoção do cuidado ambiental. Percebe-se que este lugar, não é apenas utilizado de maneira funcional ou para garantia de subsistência, mas guardam características simbólicas, emocionais e sociais, que permitem trocas afetivas e que atuam de forma bastante poderosa na construção da identidade dos sujeitos.

Em uma perspectiva histórica, as primeiras contribuições sistematizadas sobre os laços afetivos com os lugares nos remetem à década de 60, com as investigações sobre os efeitos psicológicos do deslocamento forçado de populações em áreas urbanas de suas residências (PINHEIRO, 2019). Na década de 80, as contribuições da sociologia urbana e da geografia humana permitiram a emergência de estudos mais sistemáticos na PA sobre a temática dos vínculos com os lugares, com maior ênfase na década de 90 (PINHEIRO, 2019).

O estudo sobre o vínculo das pessoas com o lugar tem recebido especial atenção nos últimos 50 anos por parte da Psicologia e outras ciências como a Antropologia, a Sociologia, a Arquitetura, o Turismo, a Geografia humana entre outras (FELIPPE; KUHNEN, 2012, GIULIANI, 2003), possibilitando a produção de pesquisas em uma esfera nacional e internacional. A produção descrita reflete a dinamicidade e interdisciplinaridade deste fenômeno, pelos vários elementos envolvidos em sua análise e pelas ciências que buscam este diálogo (HIDALGO; HERNANDEZ, 2001).

Além das várias ciências envolvidas nestas produções, o estudo sobre o vínculo das pessoas com o lugar tem recebido diferentes definições como: apego ao lugar, enraizamento, pertencimento, topofilia, identidade de lugar, vínculo afetivo com o lugar entre outros. A

imprecisão na identificação do fenômeno, atrelado às várias ciências que tem realizado investigações sobre o vínculo das pessoas com os lugares, impactam na avaliação e integração dos estudos que tratam do tema e nos permitem inquietações sobre o uso dos termos e os conceitos à eles ligados (PINHEIRO, 2019). Diante disso, Giuliani (2003) reforça a necessidade de consolidação teórica e de referências de pesquisas que permitam maior desenvolvimento para a temática.

As pesquisas sobre o vínculo das pessoas com o lugar se inserem no contexto da complexidade entre os fatos humanos e a PA, na qual o simbolismo de lugar se traduz em sentimento de pertença e apropriação por ação/transformação (POL, 1998). Estes estudos nos remetem à complexidade de se estudar todos os elementos que o definem e o compõem, assim como os aspectos relativos à territorialidade, apropriação do espaço, identidade de lugar e comportamentos pró-ambientais.

Não obstante, os estudos de apego ao lugar, por exemplo, também guardam variadas características (FELIPPE; KUHNEN, 2012), as quais manifestam a imprecisão de conceitos, a diversidade de áreas disciplinares e profissionais que compartilham este mesmo objeto, permitindo concluir que há uma indefinição de critérios para os escopos de pesquisa, perfazendo mais um dos desafios desta tese.

Nas palavras de Giuliani (2004, p. 42), “o apego ao lugar pode ser definido como o vínculo emocional firmado com cenários físicos, envolvendo sentimentos derivados da experiência espacial real ou esperada”. A afetividade atribuída ao lugar denota-se “apego ao lugar”, conhecido na literatura também como vínculo ao lugar ou *placeattachment* (GIULIANNI, 2004). Cabe também compreender que Alencar e Freire (2007) demonstram que o termo ‘apegar-se’ pode ser entendido como afeiçoar-se. Milligan (1998 *apud* ELALI; MEDEIROS, 2011) formulou a teoria do *place attachmen*, caracterizada por um sentimento de afeto ao lugar que é dinâmico e complexo, a qual se organiza através do passado interacional e do potencial interacional.

O apego ao lugar ou *placeattachment* elucidada a compreensão da relação afetiva da pessoa com o ambiente, complementado por Jerônimo e Gonçalves (2008), que descrevem que a afetividade ao lugar é construída a partir de alguns elementos fundamentais como as relações sociais e culturais estabelecidas, bem como as relações ambientais. O apego ao lugar constitui-se de um conceito integrado a fatores como: vinculações, lugares, diferentes atores, relações sociais e aspectos temporais (PINHEIRO, 2019).

Para Giuliani (2004), o apego ao lugar se constitui pela presença de afetos

manifestados de diversas formas em relação aos lugares que nascemos/convivemos, aos acontecimentos marcantes que vivenciamos e as relações entre os sujeitos que integram e dialogam neste lugar, se constitui em três dimensões essenciais: a funcional, a simbólica e a relacional. Na dimensão funcional, o espaço físico atua como um elemento encorajador, inibidor ou mesmo um estímulo que atrai movimentos e desta forma interfere nos comportamentos. A dimensão simbólica se constitui a partir dos conteúdos simbólicos que emergem das relações socioculturais, atuando como mediador na relação pessoa-ambiente e influenciando a forma de cada sujeito ou coletividade compreender e reagir a diferentes situações, como, por exemplo, as memórias de lugares vividos na infância (ELALI; MEDEIROS, 2011). E por último, a dimensão relacional, que pressupõe uma interação dinâmica entre o envolvimento social cotidiano, a partir das relações familiares e de amizade e as particularidades do ambiente onde as mesmas ocorrem, traduzindo-se em conexões afetivas e auxiliando na construção da identidade pessoal e comunitária.

Para Speller (2005, *apud* FELIPPE; KUHNEN, 2012), a noção de apego ao lugar traduz e explicita a diversidade dos laços entre indivíduos de diferentes grupos e organizações sociais e culturais, e ainda sujeitos, homens e mulheres em diferentes estágios do ciclo da vida. Lima e Bomfim (2009) reforçam que lugares representativos, traduzem uma conexão entre passado e futuro significativos para um indivíduo ou grupo e permitem a continuidade de si.

Alves (2014), em sua tese que versa sobre o apego ao lugar em áreas de risco, relata que os laços afetivos têm uma relação direta com as alternativas ambientais disponíveis e permitem que os sujeitos garantam a manutenção das qualidades ambientais, satisfaçam suas necessidades biológicas, psicológicas, sociais e culturais, as quais estão enraizadas em sua identidade pessoal e que são ressignificadas dinamicamente nesta relação.

O apego ao lugar ocorre nos sujeitos cuja identidade de lugar evoca cognições positivamente valorizadas sobre este contexto vivencial (ALVES, 2014). Para Giuliani (2004), o apego ao lugar constitui-se pelo desejo de proximidade ao lugar, pelo sentimento de segurança, conforto e pela relação de singularidade estabelecida entre este e o sujeito. Giuliani (2003) reforça outras características relevantes para que pessoas e grupos se sintam ligados aos lugares, como o abrigo, proteção, alimentação, água, moradia e fonte de recursos para a subsistência.

O estudo de Bertini (2014) é revelador na historicidade dos processos afetivos e políticos com os lugares, retratando o contexto vivencial dos habitantes de uma cidade no sertão nordestino, a qual foi destruída para a construção de uma hidrelétrica, demonstrando os

processos de luto vivenciados por seus habitantes por décadas após a remoção de maneira forçada; demonstra também a resistência dos habitantes na manutenção de seu local de origem, seus símbolos e sua identidade coletiva.

Rosa (2014) estudou as funções de apego à floresta amazônica em estudantes de graduação e identificou que ela “é um lugar de vivências múltiplas de afeto, além de servir como meio de subsistência, de lazer, de contemplação, entre outras relações que são a base fundamental para o entendimento dos afetos em relação a este bioma” (ROSA, 2014, p. 85). Corral-Verdugo (2005) questiona de que maneira o apego emocional à natureza ou à comunidade de origem pode ser um elemento expressivo, ou mesmo decisivo para a conservação ambiental. Sobre o comportamento voltado ao ambiente, as pesquisas demonstram que quanto maior for o apego ao lugar, maior será o comportamento pró-ambiental, entendido como uma conduta voltada ao cuidado ambiental (OLIVOS *et al.*, 2014).

Felipe e Kuhnen (2012) discorrem sobre as posições teórico-metodológicas relativas ao apego ao lugar e reiteram que a afetividade envolvendo os lugares aparece em diferentes estudos dentro da PA, bem como à sua relação com a questão dos comportamentos pró-ambientais, ao cuidado com o local de moradia, com a fiscalização e organização da comunidade, atividades de planejamento ambiental, controle social e engajamento em atividades que promovam a manutenção e preservação daquele espaço de moradia.

A apreensão dos afetos envolvidos na relação pessoa-ambiente-gênero e as implicações psicossociais decorridas de processos de reassentamento e/ou remoção aqui estudados como o contexto vivencial das terras caídas, permitem a análise das conjunturas anteriormente elencadas e deve trazer à tona a forma do sujeito agir no mundo enquanto ética e força transformadora de realização. O estudo da afetividade, na perspectiva assumida nesta tese, está interconectada com as questões de gênero, em uma perspectiva histórico cultural mediante a PA de base psicossocial em diálogo com a Psicologia Social, a exemplo dos estudos desenvolvidos por Ferreira (2006), Bomfim (2010), Bertini (2014) e Pacheco (2018).

Ressalta-se que os estudos da afetividade envolvendo os lugares, podem ser ampliados se conectados ao conhecimento sobre os processos sociais e culturais que atravessam a temática das relações de gênero, pois são percebidas como norteadoras e ganham neste estudo *status* de transversalidade, sendo explicitadas a seguir.

2.3 Estudos de gênero e a transversalidade na temática ambiental

As discussões propostas nesta subseção organizam as relações de gêneros centradas nas questões sociais, culturais, organizativas e políticas que norteiam a produção de subjetividades do masculino e do feminino, demarcando papéis, normas, relações de poder e privilégios nos espaços de ocupação do território, incluindo o mundo do trabalho e a ocupação do espaço público e privado. O termo gênero, apesar de cunhado apenas em 1986 por Robert Stoller, já era estudado pela sociologia, psicologia, antropologia, filosofia, sociologia e até mesmo por economistas, pois a definição de gênero perpassa por concepções políticas engendradas em uma questão econômica e social, uma construção cultural e histórica a partir das diferenças percebidas e interpretadas/forjadas entre os sexos e que promovem caminhos distintos de subjetivação no tornar-se homem e tornar-se mulher, com mecanismos de controle muito refinados (ZANELLO, 2019; SCCOT, 1990; RUBIN, 1975; DE BEAUVOIR, 1949)

Aa pesquisas científicas relativas ao termo “gênero”, remontam no mínimo, dos últimos 50 anos em diferentes disciplinas (anteriormente já citadas) e as reflexões sobre as relações de gênero e as questões ambientais, sobretudo as relacionadas com o desenvolvimento sustentável, constituem temas de debates centrais no contexto mundial, nacional e regional, indicando o gênero como uma categoria de análise incorporada na formulação de políticas públicas (MIES; SHIVA, 1995).

Em uma perspectiva histórica, é importante perceber que as formas e interpretações relativas aos corpos sexuados, suas funções sociais e as estruturas de poder impostas nestas relações remontam a sociedades ocidentais, as quais se originaram do sistema patriarcal, fundado e consolidado por crenças e valores baseados na tradição judaico-cristã, a qual estabeleceu um sistema rígido de papéis e funções construídos arbitrariamente, com base na nas diferenças biológicas percebidas entre os sexos (NUNES, 1987). Para Nascimento e Silva (2015), os diversos espaços da sociedade são permeados por traços de um sistema ideológico patriarcal, demarcando características próprias às dimensões econômicas, políticas, culturais e sociais, esculpindo papéis de atuação de homens e mulheres.

No mundo patriarcal, as mulheres eram vistas como inferiores aos homens, sendo discriminadas e semiescravidadas, e tinham como tarefa central a educação dos filhos e a vida doméstico-privada. Já os homens, desfrutavam da vida pública, de atividades com reconhecido status social e remuneradas e sempre eram vistos como o expoente dos recursos financeiros familiares. Para Galinkin e Santos (2010, p. 23), “o espaço físico, as ações cotidianas, as

relações sociais, eram organizadas a partir de uma concepção marcada por um forte dualismo sobre os gêneros masculino e feminino”.

A visão dicotômica sobre feminilidade e masculinidade e com as relações de poder que os separam, foi também influenciada pelo discurso biomédico, higienista, no intuito de manter as relações hierárquicas entre homens e mulheres na sociedade brasileira (GALINKIN; SANTOS, 2010). A consolidação do capitalismo foi fundamental para esta forma de construir os papéis do masculino e do feminino, pois as mulheres/esposas como portadoras de um útero, em uma perspectiva biologicista, passam a ter uma maior centralidade nos cuidados com os bebês (antes reservados às amas de leite), sendo imprescindíveis para o controle da mortalidade infantil, ganhando um *status* de “salvadoras da pátria”, pois o capitalismo necessita de excedente populacional para manter sua magnitude de expressão, construindo um lugar social de destaque na maternidade (ZANELLO, 2019). Estas mudanças significativas passam a ocorrer, sobretudo nos modelos de família, saindo de cena a família colonial e entrando no palco deste novo sistema a família nuclear burguesa.

Na segunda metade do século XIX, outros espaços que historicamente abrigavam exclusivamente homens, passam a ser ocupados por mulheres das camadas burguesas europeias e americanas, como escolas e hospitais. Enquanto aos homens era permitido trânsito em quase todas as atividades sociais e de trabalho, as atividades femininas eram ligadas a educação, assistência social e ao cuidado e sempre subordinadas aos homens. Para Louro, Felipe e Goellner (2010), a forma como essas atividades foram se consolidando como femininas, no imaginário coletivo, constituiu objeto de estudos das relações de poder reproduzidas e confirmadas nas relações de gênero.

Em uma perspectiva histórica dos estudos da temática de gênero, a filósofa francesa Simone de Beauvoir em 1949, questionava as normas de gênero com a famosa frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, ou seja, o nosso modo de ser e estar no mundo não resulta de um ato único, apenas sexuado e inaugural, mas constitui-se numa construção cotidiana, ao longo de toda a vida (BEAUVOIR, 1949). Neste sentido, a autora já anuncia a invisibilidade das construções coletivas de feminino em uma relação de poder com o gênero masculino. Em meados da década de 1960, a problemática do gênero surgiu no interior dos movimentos feministas a partir da necessidade de se questionar os papéis e lugares destinados às mulheres e aos homens, sendo decisivo para explicações e pesquisas científicas e no avanço do reconhecimento do papel das mulheres na sociedade, não apenas como cuidadoras e presentes nos espaços privados de interação, mas como portadoras de todos dos direitos até então

exclusivos dos homens (FERRARI; CAPELARI, 2014; ZANELLO, 2019).

Na década de 70, os estudos de Boserup (1970) argumentavam sobre o papel da mulher no processo de desenvolvimento econômico. Em 1975, Gale Rubin, antropóloga americana e teórica feminista, produz escritos sobre o que chamou de “sistema sexo/gênero”, o qual estava interligado ao capitalismo como mola propulsora de produção das desigualdades entre o masculino e feminino, a partir de discussões acerca dos arranjos sociais que produzem e transformam a sexualidade e para as construções subjetivas diferenciadas entre os gêneros (SIQUEIRA, 2008). O estudo das relações de gênero não pode prescindir de uma discussão articulada com os estudos das relações de poder.

Foucault (1988) analisa a sociedade em termos de poder, concebe a sexualidade como um dispositivo histórico e um dos elementos mais eficazes de controle sobre o sujeito, atuando há mais de três séculos. Este dispositivo tem como objetivo “proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (FOUCAULT, 1988, p. 101). Os significados atribuídos à masculinidade e feminilidade constituem e regulam as práticas sociais, e são produzidas por uma variedade de meios e distintas tecnologias de poder, que se articulam com o corpo social, intensificado pelos discursos institucionais que normatizam formas de ser e de existir de homens e mulheres.

A historiadora estadunidense Scott (1995), compreende que as relações de gênero não se justificam pela questão biológica, sendo, portanto, uma forma de indicar as construções sociais sobre os papéis femininos e masculinos, uma vez que gênero é uma categoria social que se impõe ao corpo, segundo ela:

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significados às relações de poder (SCOTT, 1995, p. 86).

Como elemento das relações sociais, o gênero implica observar os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas e os conceitos normativos que expressam tais representações de masculino e feminino. Quanto aos significados dados às relações de poder, o gênero foi “uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas” (SCOTT, 1995, p. 88), Segundo

Louro, Felipe e Goellner (2010) o estudo das relações de gênero permite compreender que desde o útero materno os indivíduos aprendem, em diferentes instâncias, a ocupar e reconhecer o seu lugar e papel na sociedade, a distinguir práticas sexuais e compreender as relações hierárquicas existentes. A socióloga brasileira Berenice Bento (2011), discorre que antes de nascermos já existe toda uma estrutura que nos apresenta a uma única possibilidade de construção identitária para as nossas sexualidades e gêneros. Corroborando, Scott (1991, p. 3) afirma que “o gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

Outro desdobramento do conceito de gênero foi dado a partir dos anos 90, pela filósofa feminista Judith Butler (2003), ao questionar a normatividade heterossexual e ressaltar o aspecto socialmente contingente e transformável dos corpos e da sexualidade. Butler (2003) faz uma contribuição crítica sobre a matriz heterossexual, que dá ao gênero uma heterossexualidade normativa, apontando alguns problemas nessa concepção de gênero como construção, pois afirma que:

Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (BUTLER, 2003, p. 26).

Assim, a inteligibilidade do gênero só é alcançada por aqueles que instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Essa matriz que dá inteligibilidade as identidades de gênero, exige que certos tipos de identidade não possam existir, “aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não decorrem nem do sexo e nem do gênero” (BUTLER, 2003, p. 39). A matriz de inteligibilidade deve ser pensada em uma perspectiva de poder, um lugar que é social, político, filosófico e religioso, pois, por meio das instituições a norma é propagada. Butler (2003) entende que falar de gênero perpassa por revelar esse conjunto de normas instituídas, mantidas e repetidas sobre o corpo que geram essa aparência de substância, performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero, sendo assim, a autora conceituação de gênero como:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (BUTLER, 2003, p. 59).

Proferir que gênero é performativo significa que é uma identidade mantida pela reiteração e repetição das normas de gênero. Segundo Silva e Oliveira (2016), a linguagem performativa tem o poder de nomear coisa, repetir conceitos e discursos para uma pessoa ou grupo, de construir identidades, sejam elas legitimadas ou não. A transmissão do conhecimento produzido ao longo do tempo construiu conceitos como naturalizados e isso foi sendo repassado. Louro (2008) ressalta que, ao longo da história, foi a voz do homem branco, heterossexual que falara, de um modo quase que incontestável, sobre as formas de ser e existir no mundo, imprimindo representações sociais que funcionam como verdades absolutas, as quais imprimem poder ao gênero que tinha “voz” na sociedade.

Os movimentos identificados com “a diferença”, sobretudo, as diferenças relativas às relações de poder identificadas nas relações de gênero, consideram que o mundo público reflete uma visão masculina de ser, e que as mulheres, como tal, depositárias de outro modo de ser, outros valores, outros simbolismos culturais, decorrentes da maternidade e da sua condição de reprodutoras da vida, teriam outras contribuições a dar para uma nova forma de estruturação da sociedade que incorporasse a riqueza do universo feminino, ao invés de desvalorizá-lo (SILIPANDE, 2000).

É possível observar com base em Chaves, Abreu e Bindá (2004) que as relações de gênero permeiam todo desenvolvimento organizativo, sociopolítico e cultural das comunidades tradicionais ribeirinhas na Amazônia, uma vez que estas populações diferenciam e tornam evidente o papel de cada um e de cada uma (homens e mulheres) no convívio comunitário. Constata-se que as relações de gênero no contexto comunitário estão entrelaçadas diretamente à questão cultural, pois o agir cotidiano, que varia desde as tarefas realizadas dentro de casa até as atividades produtivas que envolvem a comunidade, precisam considerar a cultura local e seus processos identitários (PONTES; RIBEIRO; NASCIMENTO, 2013).

Lobato (2003) acrescenta que a capacidade de semear, gestar, colher a vida em grãos e produzir novos seres têm sido pensados como um saber acumulado pelas mulheres, alternativa de conhecimento secularmente produzido e revivido ritualisticamente. Capra (1996) menciona que não podemos ignorar a tradição feminina para o cuidado, e que isto naturalmente se amplia para o cuidado com o meio ambiente, o que para elas sempre significou uma forma de manutenção da vida.

Mies e Shiva (1995) corroboram com estudos que indicam ocorrer em algumas culturas, a responsabilidade das mulheres pela biodiversidade. Os estudos de Pontes, Ribeiro e Nascimento (2013), Medaets (2013), Silva *et al.* (2010), Angelin (2006), Silva e Simonian

(2006), Vieira *et al.* (2008), Silipande (2000), Mies e Shiva (1995) e Garcia (1992) descrevem a relação entre homens e mulheres nas atividades de produção e subsistência no campo, na floresta ou em comunidades ribeirinhas. Estes autores relataram a explícita demarcação dos espaços e dos papéis desempenhados por homens e mulheres, meninos e meninas, a partir de como percebem e experienciam as concepções simbólicas, socialmente construídas de masculino e feminino. Para Scott, Cordeiro e Menezes (2010), em muitas comunidades ribeirinhas de várzea amazônica, as atividades pesqueira e agrícola regem a economia local, e apesar de haver uma nítida divisão sexual do trabalho, não é percebida uma passividade nos moldes tradicionais patriarcais.

A divisão sexual do trabalho ocupa um espaço central para a discussão das relações socioculturais das populações na Amazônia, onde para a mulher cabe a manutenção da família, por ser responsável por tarefas predominantemente domésticas, como cuidar da casa, dos alimentos, dos filhos, do cultivo de plantas ou criação de animais de pequeno porte; e ao homem cabe a função de provedor, que vai a busca de recursos para a subsistência em atividades mais predatórias, como pesca, caça e pecuária.

As relações de gênero influenciam o modo como as pessoas experimentam o mundo, oportunizam privilégios ou limitações e hierarquias de poder, limitando ou oprimindo uma das partes. Importante ressaltar o estudo de Silva e Simonian (2006), descreveu de forma bastante específica as relações de gênero no estuário amazônico, realizado em uma comunidade ribeirinha na ilha da Trambioca, no município Barcarena/PA, o qual menciona que assim como nas sociedades antigas, a organização da sociedade estudada está baseada no patriarcado, ou seja, cultura que marcadamente ressalta o gênero masculino como centro das atividades e da visibilidade. Neste sentido, Simonian (2001) destaca que as relações de gênero, além de atravessadas pelos simbolismos culturais e papéis sociais, também se traduzem em relações de poder, onde um dos envolvidos está subjugado, ou de alguma forma invisibilizado pela importância social das atividades as quais realiza em seu contexto cultural e econômico.

Silipande (2000), Mies e Shiva (1995) e Garcia (1992) enfatizam que as mulheres têm desenvolvido uma relação diferenciada com a natureza, bem como salientam os estudos sobre o ecofeminismo, vertente do movimento feminista e ambientalista, que teve seus estudos iniciados na década de 70 em vários países do mundo. Realizando uma interconexão entre a subordinação da mulher na sociedade patriarcal e capitalista, com a subordinação da natureza em relação ao homem/macho, provedor e predador, fornecem subsídios para a inclusão de estudos que relacionam gênero e meio ambiente. Uma das contribuições do ecofeminismo é de

articular propostas de mudança no paradigma produtivo e alternativas de uma relação mais sustentável entre homens, mulheres e natureza (SILIPRANDE, 2000; MIES; SHIVA, 1995).

A experiência de Medaets (2015) investigou as práticas de transmissão e aprendizagem no baixo Tapajós, através de uma imersão de 12 meses na comunidade, identificando e aprimorando os conhecimentos sobre os quadros multiculturais e multiétnicos das comunidades, além de observar de forma mais especial as estratégias de transmissão e aprendizagem em sociedades de tradição oral. Os estudos de Medaets (2015), identificam que a aprendizagem e repasse de conhecimentos sobre a natureza, meio ambiente, manejo e aprendizagem das diferentes fases do processo produtivo e outras formas de subsistência, se dão, prioritariamente, por meio da observação dos adultos pelas crianças. A partir do momento em que os filhos começam a dar seus primeiros passos de forma mais independente, já ajudam pais e mães em diferentes atividades dentro e fora de casa, de acordo com o que são capazes de realizar e com os papéis sociais os quais pertencem.

O estudo de Medaets (2015) demonstra, especialmente que mediante cada faixa etária, vivencia-se a separação de atividades no espaço doméstico para as meninas e no espaço público para os meninos. As meninas, de acordo com sua capacidade, ajudam nas atividades do lar como lavar roupa, cozinhar, cuidar dos irmãos mais novos, varrer, limpar etc, e os meninos, geralmente, seguem com os pais para as atividades produtivas e de subsistência, como caça, pesca e manejo do meio ambiente. Neste sentido, Medaets (2015) conclui que a aprendizagem do trabalho ocorre através da participação crescente da criança nas atividades do dia-a-dia, produzindo e se desenvolvendo nos hábitos e costumes de cada organização social, a qual se caracteriza como uma ação inteligente e contextualizada.

Os estudos ora descritos, demonstram uma ampla relação entre meio ambiente e as relações de gênero, evidenciando que desde a década de 70, a temática do meio ambiente aliada a produção de subjetividades masculinas e femininas, já indicavam caminhos distintos, permitindo perceber que os problemas ambientais, bem como a relação com a natureza, estão longe de serem compreendidos isoladamente por serem interdependentes.

Na seção a seguir serão descritas as estratégias metodológicas que interconectaram as questões de investigação dos elementos pessoa-ambiente-gênero, apresentando os instrumentos e técnicas de pesquisa.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico apresentado nesta tese está ancorado nos preceitos teóricos e metodológicos da Psicologia Ambiental e da Psicologia Social a partir da teoria histórico-cultural. Para Japiassu (1975), assumir a ciência como não neutra implica ao pesquisador repensar e ressituar suas práticas e seus sujeitos. Complementando, Michel (2015, p. 50) argumenta que “o método aparece na forma de subsidiar a lógica da investigação teórica apropriada para resolver e responder a problemática proposta” e, neste sentido, a técnica permite a forma adequada para coletar e tratar os achados empíricos da pesquisa, se tornando o instrumento de aplicação do método. Defende-se que o objeto de estudo das ciências sociais é histórico, assume seu caráter provisório e processual, além do que as sociedades humanas existem em determinado espaço de tempo e apresenta uma transitoriedade, com seus atravessamentos sociais e culturais (MICHEL, 2015).

Assim, este estudo tem como ponto de chegada e de partida, a perspectiva histórica e dialética dos processos - um fazer científico comprometido ético e politicamente com os sujeitos da pesquisa e vinculado à realidade histórica deles. Nas ciências sociais a relação entre sujeito e objeto de pesquisa é ideológico; ambos têm uma existência contextualizada sócio historicamente, assumindo que o pesquisador não tem total domínio sobre sua isenção da realidade, permanecendo a crítica a neutralidade nas condições de compreensão do objeto (MICHEL, 2015).

No que tange ao trabalho de campo, Minayo (2007, p. 62) destaca que ele “permite a aproximação do pesquisador com os atores que conformam a realidade”, no encontro com o outro não apenas como informante, mas sim como interlocutor, em uma relação de alteridade, especialmente quando se pensa o trabalho de inserção do pesquisador no contexto vivencial da população estudada.

3.1 Abordagem e tipo de Estudo

As pesquisas nos contornos teóricos da Psicologia Ambiental privilegiam abordagens metodológicas heterogêneas, pois entendem que a complexidade dos objetos de estudo ligados à compreensão das pessoas com seu entorno sócio físico e cultural são multifacetadas. Neste sentido, foi utilizada a abordagem multi-métodos, uma vez que a mesma articula técnicas de pesquisa com mais de uma dimensão de análise, possibilitando uma

averiguação mais completa, visando a mesclagem nos formatos de investigação, tanto no aspecto quanti-qualitativo, quanto na utilização de imagens, produção de desenhos, visitas domiciliares, caminhadas dialogadas, participação em reuniões comunitárias dentre outros (ITTELSON *et al.*, 2005).

Para Günther, Elali e Pinheiro (2008), o método utilizado isoladamente permite apenas uma reprodução incompleta da realidade, demasiadamente complexa para ser abordada por uma única perspectiva metodológica. Os mesmos autores tratam também sobre a multiplicidade de campos de conhecimento que integram os estudos pessoa-ambiente, permitindo que o modo de se coletar e trabalhar os dados costume mesclar métodos e técnicas provenientes de áreas distintas, além de abordagens quanti-qualitativas de análise. Eles apontam que os estudos relacionados à afetividade com os lugares têm apresentado experiências exitosas, a partir do uso de desenhos, fotografias, autobiografias e mapas cognitivos. Porém, Felipe e Kuhnen (2012) indicam que a frequência dos estudos tem privilegiado a realização de entrevistas e aplicação de questionários.

Com isto, esta pesquisa doutoral é de natureza quanti-qualitativa, adotando instrumentos de coleta e análise de dados nestes contornos, tal como a realização de observação participante durante 10 meses (março de 2019 a janeiro de 2020), no contexto de vida dos residentes de Fátima do Urucurituba no Eixo Forte, na cidade de Santarém/ Oeste do Pará.

As pesquisas qualitativas possuem características multimetodológicas, utilizando um número variado de métodos e instrumentos de coleta de dados, e entre os mais aplicados estão a observação participante (MINAYO, 2004). Estudos nestes contornos admitem uma disponibilidade e abertura a dados e informações que não necessariamente estejam no seu planejamento inicial, permitindo flexibilidade e construção de um desenho progressivo do campo de estudo, além de adequação ao contexto social e às observações da pesquisadora (TEIXEIRA, 2012).

Caracterizou-se como um estudo exploratório e descritivo, pois buscou conhecer e analisar as relações afetivas das pessoas com seu novo lugar de moradia, destacando a discussão de gênero na transversalidade dos processos sociais e de trabalho, além de revelar as memórias dos moradores sobre Fátima do Urucurituba na várzea e sobre a vivência do fenômeno das “terras caídas”. O estudo teve um recorte transversal, pois os dados informaram a situação quando foi realizada a coleta dos dados, neste caso, entre os meses de março de 2019 a janeiro de 2020 (SAMPIERE; COLLADO; LUCIO, 2006).

3.2 Local e contexto da pesquisa

O contexto deste estudo se dá a partir do cenário da Amazônia santarena/PA, com todos os seus contornos sociais, históricos, culturais e simbólicos, não obstante toda a sua particular geografia, biodiversidade e sociodiversidade e seus contrastes, que para Tuan (1983, p. 198), “o lugar é o mundo de significados organizado”.

A presente tese fornece o recorte de uma comunidade originalmente de várzea, conhecida como Fátima do Urucurituba, reassentada na região conhecida como Santa Maria do Eixo Forte, a qual vivenciou ao aproximadamente longo de 10 anos o fenômeno popularmente conhecido na Amazônia como “terras caídas” (CARVALHO, 2006). Este fenômeno levou a comunidade a buscar outro local de moradia, pois teve sua área quase totalmente devastada nos últimos cinco anos. Em 2015, foi realizada pelo INCRA a transferência permanente e formal de 38 famílias da comunidade da várzea para a terra firme, ficando assim denominada pelos comunitários de Fátima de Urucurituba no Eixo Forte²⁸. Este assentamento localiza-se a 8 km de carro do centro da cidade de Santarém.

3.3 Sujeitos da pesquisa

Assume-se a perspectiva de um sujeito político e circunscrito em seu entorno geográfico, socioambiental, cultural e subjetivo, e suas narrativas e percepções buscam apreender os afetos dos comunitários reassentados em Fátima do Urucurituba no Eixo Forte. Ressalta-se que os sujeitos participantes deste estudo se tornaram muito mais que informantes/participantes - são considerados interlocutores, agentes sociais legítimos e protagonistas da história de Fátima do Urucurituba no Eixo Forte.

3.3.1 Critérios de inclusão e exclusão e definição da amostra do estudo

Os critérios de inclusão e exclusão foram pensados a partir dos objetivos deste estudo, dos contornos culturais e históricos da comunidade e das observações realizadas nas etapas preliminares de pesquisa. São eles:

²⁸ Para efeito de definição das nomenclaturas da comunidade, a partir dos distintos locais de onde ela fez parte, irá definir-se Fátima de Urucurituba ao nos referirmos ao contexto da comunidade na região da várzea, e Fátima de Urucurituba no Eixo forte, quando nos referirmos ao contexto na terra firme.

Os critérios de inclusão: a) homens e mulheres nascidos e criados em Fátima de Urucurituba (várzea), que tenham vivenciado o fenômeno das terras caídas, b) homens e mulheres alfabetizados; c) homens e mulheres a partir de 18 anos de idade; d) homens e mulheres que possuam residência fixa há pelo menos 3 (três) anos em Fátima de Urucurituba no Eixo Forte; e) homens e mulheres que estejam em Fátima de Urucurituba no Eixo forte em função da migração devido ao fenômeno das terras caídas.

Critérios de exclusão: a) homens e mulheres que tenham se ausentado de Fátima do Urucurituba na várzea, não permitindo as vivências ocasionadas pelo fenômeno das terras caídas; b) homens ou mulheres que anteriormente selecionados não se fizerem presentes no dia e horário da realização das entrevistas estruturadas e da aplicação do Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos (IGMA); e c) homens ou mulheres que tenham se negado a participar da pesquisa, por qualquer motivo alheio à vontade da pesquisadora. Importante ressaltar que foi selecionado um número paritário de homens e mulheres, garantindo a presença da variável Gênero, a qual se configura como uma das categorias de análise transversal desta tese.

A comunidade de Fátima do Urucurituba no Eixo Forte possui uma variável importante no que tange as atividades de trabalho e que impactou no processo de realização da entrevista estruturada e aplicação do IGMA. Esta variável diz respeito a ausência dos mesmos durante a semana, ou às vezes por mais de 10 dias (tendo uma variação para cada família), devido a atividade de pesca e plantio ainda realizados na várzea.

Neste sentido, elabora-se no quadro a seguir a distribuição dos grupos remanescentes de Fátima na várzea, residentes no momento do estudo empírico em Fátima no Eixo Forte, indicando tempo de moradia, quantidade total de famílias e número de famílias participantes em cada grupo, com base nos critérios de inclusão e exclusão do estudo. Ressalta-se que este quadro corresponde ao tempo histórico de março de 2019 a dezembro de 2020, período em que a pesquisadora esteve imersa nesta comunidade no eixo forte.

Quadro 1 - Grupos dos residentes de Fátima do Urucurituba do eixo forte, originários da várzea e participantes do estudo.

Grupos	Total de famílias	Tempo aproximado de moradia	Famílias Participantes da Observação participante	Famílias Participantes das entrevistas estruturadas	Pessoas participantes da aplicação do IGMA
Grupo 1	3 famílias	10 anos	2 famílias	2 famílias	x
Grupo 2	3 famílias	6 anos	2 famílias	2 famílias	1 pessoa (mulher)
Grupo 3	22 famílias	3 anos	22 famílias	13 famílias	11 pessoas (6 homens e 5 mulheres)
Percurso temporal			Março de 2019 a janeiro de 2020	Julho de 2020	Dezembro de 2020

Fonte: Elaborado pela própria Autora (2020), com base na observação participante.

3.3.2 Aspectos Éticos

Em reunião formal com a comunidade, no barracão comunitário na comunidade de Fátima do Urucurituba no Eixo Forte, estando presentes lideranças e vários comunitários, foram explicitados pela pesquisadora²⁹ os objetivos do estudo, as técnicas e procedimentos de coleta de dados, bem como a presença frequente da pesquisadora nas atividades da comunidade. Também foram informados sobre a participação voluntária e não remunerada daqueles que fossem sujeitos da pesquisa, garantindo o anonimato na apresentação dos relatos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (apêndice A) foi lido em voz alta para os comunitários no momento das entrevistas estruturadas, ou na aplicação do IGMA, realizados no domicílio ou no barracão comunitário, individualmente ou em grupo. Após a leitura em voz alta, eram tiradas as possíveis dúvidas e feita a assinatura no referido documento, ficando com eles uma cópia. Todos os aceites foram realizados de forma escrita e arquivados com a pesquisadora. Os nomes dos participantes da pesquisa foram mantidos em anonimato, utilizando-se de nomes fictícios para a publicação dos dados.

Este estudo³⁰ está de acordo com os parâmetros recomendados pela Resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e pela resolução nº 010/12, do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que tratam das diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

²⁹ A proposta de pesquisa foi socializada na reunião do dia 31/03/2019.

³⁰ Foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos no Brasil, através da plataforma Brasil, com parecer de aprovação n. 07907819.7.0000.80.70.

3.3.3 Riscos e Benefícios

Devido ao seu caráter quanti-qualitativo e com perguntas que afetam a subjetividade, historicidade e experiências afetivas dos sujeitos na comunidade e as memórias relativas às vivências do fenômeno das terras caídas, os riscos apresentados foram de caráter emocional/psicológico. Por vezes os comunitários visivelmente se emocionaram nos relatos e a pesquisadora forneceu o suporte necessário.

Os benefícios da participação dos comunitários se deu pela possibilidade de produzir conhecimentos sobre as implicações psicossociais do fenômeno das "terras caídas" para os moradores da comunidade de Fátima do Urucurituba no eixo Forte, ampliando a compreensão sobre os aspectos afetivos que permearam este processo e as estratégias utilizadas por eles em seus âmbitos social, políticos econômico e afetivo.

O estudo permite a ampliação das discussões sobre políticas de públicas de gestão do território de várzea, prevenção de ações antrópicas que contribuem para este fenômeno, além de produzir dados relevantes para a Psicologia Ambiental com foco na problemática da Amazônia, a partir da discussão do afeto ao lugar, com a variável gênero como eixo transversal.

3.4 Estratégias e Técnicas de Investigação e análise dos dados

As técnicas de coleta e análise de dados e o critério de seleção dos participantes foram aplicadas de forma diferenciada, utilizando instrumentos de coleta de dados específicos para cada contexto. Importante ressaltar que estes instrumentos e técnicas empregados contemplam a perspectiva histórico-cultural e a abordagem multi-métodos em Psicologia Ambiental, além de técnicas advindas da Psicologia Social, pois combinam métodos de coleta e análise diferenciados e apresentam abordagem quanti-qualitativa, permitindo a integração e combinação de dados para uma compreensão mais ampliada do objeto de estudo.

3.4.1 Observação participante

Para Minayo (2004), a Observação Participante é realizada em contato direto, frequente e prolongado do investigador com os atores sociais do estudo, ou seja, um trabalho de campo com um tempo de execução determinado pelos objetivos do estudo, tendo como foco de análise o processo social vivenciado por estes atores. É vista como dinâmica e envolvente,

pois o pesquisador é visto como o próprio instrumento de pesquisa e por isso deve seguir um rigoroso processo de observação, com fases organizadas em função dos objetivos da pesquisa (BATISTA, 2009). A observação participante se torna pesquisa participante por influência marxista, na medida em que o pesquisador compreende o outro não apenas pela “convivência”, mas pelo compromisso político em participar de sua história.

Em estudos de natureza qualitativa a observação participante permite a inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo com os sujeitos, compartilhando o cotidiano de trabalho e de interações sociais (MINAYO, 2004). Ressalta-se que não há um limite temporal e espacial para a observação participante, pois constitui uma técnica de investigação, que geralmente se complementa com a entrevistas semiestruturadas ou livre, embora também com outras técnicas como análise documental.

A realização da observação participante necessita de registros diários das observações e impressões nas interações no campo, e prescinde da utilização do diário de campo, que para Weber (2009) se configura em um instrumento que o pesquisador se dedica a produzir diariamente a partir de sua experiência. As observações dos vários eventos e conversas informais foram anotadas e posteriormente inseridos no diário de campo, pois eram traduzidos em transcrições sistematizadas de acordo com os objetivos da pesquisa.

A observação participante é uma técnica que tem por base o exercício da observação direta das relações sociais do grupo estudado, a partir de uma investigação que articula os eventos sociais e a presença de um pesquisador-observador convivendo com os sujeitos da pesquisa. Esta técnica tem rigor científico ancorado em etapas, segundo Batista (2009), a saber: a) Aproximação do pesquisador ao grupo social; b) Construção de uma visão de conjunto do objeto de estudo; c) Sistematização e organização dos dados.

A aproximação da pesquisadora com o grupo social estudado, ocorreu entre os meses de março a junho, e a partir destas interações foi possível construir/organizar categorias de análise permitindo uma visão mais sistematizada do campo, identificando os diferentes grupos que se encontram hoje no reassentamento, amplitude das implicações do fenômeno das terras caídas, transição várzea-terra firme e mudanças nas atividades de trabalho e subsistência, em seu novo local de moradia.

Após esta visão mais global criou-se categorias temáticas com base nos preceitos da Psicologia Ambiental como: apropriação do espaço, identidade de lugar e afetividade com o atual local de moradia, levando em consideração temas disparadores das narrativas: a) experiências com o fenômeno das “terras caídas, b) implicações do fenômeno para a

comunidade, c) Como se deu o processo de transição várzea-terra firme, e d) Constituição de Fátima de Urucurituba no eixo-forte. Esta técnica se desenvolveu no contato com as várias famílias remanescentes de Fátima do Urucurituba, residentes no momento do estudo empírico, atualmente residentes no Eixo-Forte, nos encontros diários na comunidade, na participação em reuniões, festividades e celebrações religiosas, permitindo a observação das interações sociais, do cotidiano de trabalho e as transformações percebidas nos espaços, como a construção das casas e da Igreja.

O diário de campo foi utilizado durante os 10 meses de incursão na comunidade, permitindo registros da realidade e observações pessoais sobre o comportamento social e os elementos culturais e simbólicos presentes nas relações dos comunitários de Fátima de Urucurituba no Eixo Forte. A análise destes dados também seguiu o modelo de Bardim (2009).

3.4.2 Entrevista Estruturada

A entrevista estruturada, a partir do questionário socioambiental, utilizado na pesquisa da Agenda Cidadã, realizada pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), com aprovação do Ministério da Educação (anexo I), se apoia em Brasileiro (2002, p. 171) quando diz que:

La entrevista, junto con la observación, representa una de las principales técnicas de recogida de datos que suele utilizarse en las investigaciones cualitativas; ella constituye una forma apta para descubrir la sensación que produce la situación desde otros puntos de vista (Elliott, 1993:100). Tradicionalmente se clasifican las entrevistas en tres tipos: estructuradas, semiestructuradas y no estructuradas.

Continua a autora:

En las entrevistas estructuradas, las preguntas que se van a plantear son preestablecidas por el investigador. [...]”. La diferencia de otros instrumentos de investigación que, en general, establecen una relación jerárquica entre el investigador y el entrevistado, en la entrevista la relación que se puede crear es de interacción, habiendo una atmósfera de influencia recíproca entre quien pregunta y quien responde. En especial, en las entrevistas no totalmente estructuradas, donde no hay la imposición de un orden rígido en las cuestiones, el entrevistado habla sobre el tema planteado con base en las informaciones que él posee y que en la realidad son la verdadera razón de esta técnica. A la vez que se establece un clima de estímulo y de aceptación mútua entre los participantes en la entrevista, las informaciones fluyen de manera notable y auténtica (BRASILEIRO, 2002, p. 171-172).

Importante ressaltar que este questionário foi cunhado levando em consideração o

contexto sócio físico e político do Oeste do Pará, sendo selecionado não só por sua pertinência no estudo, mas por sua articulação com o contexto comunitário. O questionário socioambiental assume no contexto deste estudo, devido ao perfil dos sujeitos, a característica de roteiro de entrevista estruturado. Este instrumento apresenta 54 perguntas fechadas, de múltipla escolha, separadas em 5 categorias, a saber: a) dados pessoais; b) dados da família; c) domicílio; d) infraestrutura e serviços; e) qualidade de vida; e, f) capital social.

Apesar de ser um questionário autoaplicável, foi verificado através de estudo piloto, realizado em junho de 2019, que não seria possível esta forma de acesso aos dados do grupo estudado, pelo perfil dos comunitários no que diz respeito ao grau de instrução e quantidade de perguntas. Com isto, o questionário passou a ter um perfil de formulário de entrevista do tipo estruturada, permitindo a caracterização da comunidade e dos comunitários, tendo em vista a ausência destes dados pelos órgãos municipais e estaduais de saúde e educação. A entrevista permitiu o acesso a percepção dos comunitários sobre elementos organizadores da comunidade, sobre questões socioambientais e sobre a relação entre os próprios comunitários, auxiliando na compreensão geral de múltiplos aspectos que atravessam suas vidas e, também, subsidiar a pesquisa em questão.

Importante ressaltar que os resultados relativos ao item “dados pessoais”, são apenas informações de quem respondeu ao instrumento no momento da visita da pesquisadora no respectivo domicílio; porém, todos os itens sequenciais são perguntas relativas à família/núcleo familiar e foram respondidos pelas pessoas presentes na hora da aplicação do mesmo, à exemplo de esposas, maridos e filhos. O questionário foi aplicado na íntegra como roteiro de perguntas durante as entrevistas com os comunitários, e seus resultados foram analisados à luz dos objetivos do estudo, sendo excluídas algumas questões que não se mostravam pertinentes para análise neste momento da pesquisa.

Durante a realização das entrevistas, além das respostas fechadas contidas no roteiro, os participantes fizeram manifestações espontâneas em relatos sobre esses questionamentos, e estes por sua riqueza de informações, foram registrados no diário de campo da pesquisadora, em categorias determinadas *a priori* e *a posteriore* na observação participante, entrelaçadas de forma a complementar as entrevistas estruturadas e os registros de suas memórias.

Segundo Bosi (2003), as memórias que as pessoas possuem sobre acontecimentos, lugares e histórias são uma reconstrução do mundo vivido, o qual é resgatado pelas ideias, imagens, valores e afetos vinculados à grupos sociais, pelos quais as pessoas experimentam

algum tipo de sentimento de pertença. O registro e estudo das memórias, também oportunizaram desvelar uma perspectiva preconizada nos estudos em Psicologia Ambiental, sobre os acontecimentos marcantes do passado na vida destes sujeitos em relação ao seu local de residência e ao seu entorno (MOSER, 2001), suas percepções e sentimentos relativos às transformações espaciais e sociais advindas do fenômeno das “terras caídas”, em relação ao local que se apropriaram durante gerações e suas memórias sobre a criação de Fátima de Urucurituba.

Após a aplicação deste roteiro a cada sujeito da amostra do estudo, em seu domicílio, foram feitas perguntas abertas, que pretendiam complementar dados que estavam sendo solicitados no referido roteiro, contendo 3 (três) questões que buscavam identificar atividades de subsistência desenvolvidas pelos comunitários em Fátima Urucurituba em tempos históricos distintos: no passado, no presente (últimos 3 três anos) e as expectativas para o futuro na moradia em Fátima no Eixo Forte. Além disso, pretendia saber quais eram os membros da família envolvidos nestas atividades, permitindo a transversalidade da variável de gênero.

A análise descritiva dos dados das entrevistas e das perguntas abertas, ao final, foi ilustrada através de gráficos e quadros, para fins de caracterização do contexto socioambiental da comunidade de Fátima do Urucurituba no Eixo Forte e de seus aspectos socioeconômicos.

Imagem 1 - Realização das entrevistas nas residências.



Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2019).

Imagem 2 - Reunião de solicitação de aceite para a pesquisa.



Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2019).

3.4.3 Instrumento gerador dos mapas afetivos

O Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos (IGMA) é apresentado por Bonfim (2010), a partir de seus primeiros estudos sobre afetividade na cidade. O IGMA utilizado nesta tese doutoral, já foi adaptado com base em Bomfim *et al* (2014) para outros ambientes de

aplicação, além dos ambientes das cidades, podendo assim atender ao *locus* do estudo em tela: o contexto de uma comunidade. O IGMA, gera os mapas afetivos, os quais são pensados como representações do espaço como um território emocional, e neste sentido relacionam-se com diversos ambientes, sendo um recurso de acesso à dialética da subjetividade/objetividade na interação sujeito/cidade/comunidade/afetividade.

Segundo Corraliza (1998), a relação dos sujeitos com os ambientes se articula com as instâncias cognitivas, afetivas e simbólicas, e estas estão distribuídas no IGMA, pois ele investiga os ambientes através de desenhos, metáforas e sentimentos em relação à comunidade, significados da comunidade, bem como expressões do pensamento social.

Nesta perspectiva, Bomfim (2003a, 2010) produz a expressão “estima de lugar” para se referir às representações cognitivas, afetivas e simbólicas construídas na rotina dos sujeitos em seus ambientes sociais e físicos que aumentam ou não as possibilidades de ação e implicação desses sujeitos em seus ambientes. A estima, tida como a principal dimensão da afetividade e categoria ambiental socialmente construída, é um indicador de potência de ação do indivíduo na cidade, bairro ou comunidade, e de sua participação cidadã nestes espaços relacionais. Nesta acepção, as categorias pertencimento e agradabilidade possuem condição potencializadora da ação dos sujeitos nos ambientes; já as categorias insegurança e destruição possuem condição despontencializadora. A categoria contraste aparece nesta última versão de validação do IGMA (BOMFIM *et al.*, 2014) como uma categoria transversal e reveladora de sentimentos contraditórios e contrastantes sobre o lugar/ambiente/comunidade, podendo ser a partir das análises quanti-qualitativas influenciador de estima potencializadora ou despontencializadora.

A estima como categoria psicossocial e histórico cultural é analisada através das categorias da afetividade através da base teórica da PA, segundo Bomfim (2014): agradabilidade, pertencimento, insegurança, destruição e contraste, categorias estas refletidas no IGMA, para a produção dos mapas afetivos.

A análise quanti-qualitativa dos Mapas afetivos articula, desta forma, afeto, cognição e simbolismo através das categorias da PA e possibilitam a formação da Estima ao lugar. A aplicação do instrumento implica em uma relação do pesquisador/aplicador com os sujeitos da pesquisa, e esta interação é mediada pelo instrumento de pesquisa, permitindo uma relação dialética, pelas solicitações diretas e indiretas de construção das imagens e na forma de ver e sentir a comunidade.

O IGMA foi submetido à um estudo piloto identificando o perfil da comunidade e

dos sujeitos selecionados para a pesquisa, sendo avaliado o tempo bem maior de aplicação do que em outros estudos. O IGMA é composto por questões qualitativas e quantitativas que se entrelaçam para produzir as imagens finais. No âmbito qualitativo, se tem as seguintes etapas: Desenho; Significado do desenho; Sentimentos; Palavras-síntese; O que pensa do ambiente; Comparação; Caminhos percorridos e, Participação em associação, explicadas a seguir.

Desenho - o desenho elaborado pelo sujeito é o primeiro passo, e é verificado como símbolo de uma imagem disparadora para a representação do ambiente/comunidade e permite que ele entre em contato com suas emoções

Significado do desenho - o significado do desenho é dado pelo próprio sujeito, a partir do desenho produzido por ele, e é o que será levado em consideração no momento da análise

Sentimentos - o sujeito irá descrever os sentimentos que emergiram durante a construção do desenho, possibilitando a expressão dos afetos e a representação do ambiente.

Palavras-síntese - permite explorar com mais precisão os sentimentos identificados a partir nas respostas fornecidas pelos sujeitos

O que pensa do ambiente - neste item o sujeito tem a possibilidade de falar algo a mais sobre a comunidade, do que pensa sobre ela

Comparação - nesta etapa o sujeito é convidado comparar o ambiente/comunidade alvo do estudo a algo (objeto, situação, imagem que remeta a comunidade), necessidade que ele faça uma analogia, sendo decisiva para a análise qualitativa do instrumento, pois busca indicar as metáforas fornecidas pelos sujeitos, a partir de uma linguagem figurada que sintetizam a forma como o indivíduo compreende e comunica a sua relação com ele

Caminhos percorridos - neste item, o sujeito irá descrever dois caminhos que percorre na comunidade, possibilitando identificar as atividades do cotidiano e demais ambientes que se inter cruzam.

Participação em associação – identifica a participação formal ou informal em alguma associação ou movimento social, visualizando seu nível de compromisso com a comunidade

No âmbito quantitativo temos:

Escala de estima de Lugar – aqui o sujeito é solicitado a responder uma escala do tipo Likert com cinco graus de concordância (discordo totalmente, discordo, nem concordo nem discordo, concordo e concordo totalmente). Esta escala é composta por 41 afirmativas, que indicam se a estima de lugar é potencializadora ou despontencializadora.

Características sociodemográficas - neste item são levantadas questões sobre a idade, sexo, escolaridade, renda familiar e tempo de residência.

A interpretação da Escala está de acordo com a proposta de Bomfim *et al.* (2014), propõe uma interpretação da escala para dois fatores: Fator I (Estima Potencializadora) e Fator II (Estima Despotencializadora). “O Fator I agrupa os itens relacionados às imagens de Pertencimento e Agradabilidade; e o fator II engloba os itens referentes às imagens de Destruição e Insegurança”. O cálculo do Índice de Estima de Lugar (IEL) se dá seguindo a seguinte fórmula:

IEL = Fator I (soma dos valores de todos os itens) - Fator II (soma dos valores de todos os itens).

Se o valor resultante for positivo, a estima é potencializadora; se o valor obtido for negativo, a estima é despotencializadora.

A análise dos dados qualitativos ocorreu a partir da proposta de Bomfim (2010), com análise, a partir da: a) pré-análise, b) codificação do material; c) categorização e; análise quantitativa complementar através do programa estatístico SPSS (versão 2019).

A imagem final engloba os aspectos qualitativos e quantitativos, produzindo a visualização de todos os dados em um quadro com as seguintes dimensões: identificação do respondente; estrutura do desenho; significado; qualidade; sentimento; metáfora e o sentido.

Imagem 3 - Aplicação do IGMA, em grupo nas residências e no barracão comunitário.



Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2019) - Observação Participante.

3.5 Fases do estudo

No que tange aos procedimentos de pesquisa, foram separados em fases para detalhamento dos passos da pesquisa. Importante ressaltar que algumas fases da pesquisa ocorriam paralelamente a outras fases, especialmente no início do estudo.

3.5.1 Fase 1

Submissão da pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa: a pesquisa já havia sido submetida ao comitê de ética em pesquisa com seres humanos no mês de janeiro de 2019, porém, devido a adequação do projeto, houve a necessidade de indicar a alteração do local e contexto da pesquisa de São Ciríaco do Urucurituba para Fátima de Urucurituba no Eixo Forte, com recebimento do retorno do comitê para início do estudo apenas no mês de março de 2019.

Levantamento das instituições envolvidas no processo de transição da comunidade de Fátima do Urucurituba da várzea para o Eixo Forte: foram identificadas instituições públicas pertencentes à diversas políticas no âmbito municipal, estadual e federal, as quais possuíam informações sobre a transição da comunidade em tela da várzea para o eixo-forte; suporte à comunidade nos eventos relativos às “terras caídas”; indicadores sócio demográficos; e, o processo de reassentamento e indicadores sobre questões socioambientais presentes em Fátima de Urucurituba. Foram identificadas as seguintes instituições/órgãos: INCRA, Z-20, IPAM, SESMA. Estes contatos permitiram também acesso e aquisição de informações que consubstanciam os processos formalmente ocorridos e documentados em Fátima de Urucurituba, tanto na várzea quanto no eixo forte. Estas visitas ocorreram entre fevereiro a maio de 2019, ocorrendo em paralelo a outros passos da pesquisa.

Contato e visita às instituições: enfatiza-se que em a cada contato com as instituições foi-se obtendo pistas para novas visitas, pois as informações levantadas traziam mais questionamentos relevantes sobre os vários processos que atravessaram a vida da comunidade. Foram realizadas três visitas ao INCRA, três no IPAM, duas na SESMA e duas na Z-20, no período anteriormente indicado

3.5.2 Fase 2

Primeira visita à comunidade: a primeira visita à comunidade, agora residente no eixo-forte, ocorreu dia 31/03/2019 com objetivo de solicitar autorização para os comunitários. Este contato foi de grande importância pois permitiu uma relação de aproximação com as lideranças comunitárias e culminando na apresentação da proposta de tese (na época projeto). Neste primeiro contato, a presente pesquisa foi levada à plenária da associação comunitária dos moradores e foi então aprovada em Ata. Essa primeira visita à comunidade permitiu identificar a concordância dos comunitários, bem como o contexto socioambiental de estudo, rotina e possibilidades de inserção no campo de pesquisa, tendo ainda caráter de planejamento dos passos futuros e observação do espaço físico.

Aceite da comunidade: Após a primeira visita à comunidade, o aceite foi informado no dia 07/04/2019, com outra visita a convite das lideranças comunitárias. Neste mesmo dia informei sobre minha presença frequente, minhas visitas nas residências e a solicitação que as lideranças me apresentassem pessoas-chaves que conhecessem a história de Fátima de Urucurituba e que tivessem vivenciado o fenômeno das “terras caídas”.

3.5.3 Fase 3

Observação Participante: A Observação participante como postura metodológica, a partir deste momento assume caráter transversal para todos os outros passos da pesquisa, iniciando em março de 2019 e finalizando em janeiro de 2020. Após o aceite e posterior apresentação à alguns comunitários, a pesquisadora passou a ir duas vezes na semana em Fátima no eixo-forte, iniciando uma aproximação sucessiva que aos poucos já era anunciada nas casas como “a moça da pesquisa³¹”. Nas visitas sequenciais, foi possível iniciar o redimensionamento da problemática e do objeto de estudo, validando as propostas de investigação, com base na leitura e observação do cotidiano da comunidade, suas percepções sobre o fenômeno das “terras caídas” e suas relações socioambientais, bem como a confirmação/revalidação do escopo desta pesquisa (muito comum em pesquisas de natureza qualitativa, a flexibilidade em relação aos passos da mesma), a partir das relações com o “lugar”, das características próprias da comunidade e, principalmente, das relações sociais e intersubjetivas que emergiram destas

³¹ Após veio a “moça da UFOPA” e após aproximadamente em mês já me chamavam pelo meu nome.

visitas/observações.

No desenrolar das visitas ocorridas em todo este período (que foram se tornando mais frequentes, até ocorrerem de forma diária), a vida cotidiana organizada pelo trabalho e pelas relações sociais, permitiu observar a organização do espaço sócio-político de ação de homens e mulheres na comunidade. Verificou-se justamente que muitas famílias, pela necessidade da pesca, estão presentes apenas nos fins de semana em casa. Outra questão observada, foi a existência de casas com muros e cercas, que se diferenciavam consideravelmente das demais, e apontavam para inquietações concernentes aos objetivos da pesquisa; questionados sobre tal diferença relataram a situação ocorrida em 2014, antes do reassentamento, quando já havia pessoas ocupando de forma ilegal este território.

Começa-se a trilhar uma outra perspectiva de análise: afinal quem faz parte de Fátima do Urucurituba no eixo forte? A partir de então o mapeamento dos comunitários foi iniciado, identificando quatro grupos distintos residentes na comunidade³². Buscou-se então dados sociodemográficos na Secretaria de Saúde de Santarém sobre os comunitários, no intento de ajudar a mapear o perfil comunitário. Os comunitários afirmavam que não tinham cobertura de agentes comunitários de saúde; a Secretaria de Saúde já havia sido consultada para identificar alguns registros, entretanto só existiam os dados das famílias que ainda estão na várzea. A partir desta constatação o próximo passo da pesquisa foi planejado, a busca por este perfil socioambiental.

Paralelamente a pesquisadora foi sendo convidada a participar dos eventos da comunidade; o primeiro foi uma celebração religiosa católica, para o lançamento do que eles chamaram de “pedra fundamental” marcando oficialmente (e simbolicamente) a construção da igreja de Fátima na comunidade, ocorrida dia 07/04/2019. Em maio a pesquisadora também foi convidada a participar da festa da padroeira, Nossa Senhora de Fátima, porém por motivos de saúde não foi possível a participação. Em setembro de 2019, ocorreu o II Festival do Peixe de Fátima de Urucurituba no Eixo Forte, o qual atraiu dezenas de pessoas do entorno da comunidade e da zona urbana. Para abertura do festival foi realizada uma celebração religiosa na Igreja da comunidade, já em fase avançada de construção. Era possível notar a liderança feminina em todos os processos de venda de peixes, comidas e bebidas ofertadas/vendidas no festival. Em novembro de 2019, também foi realizada uma visita à Fátima de Urucurituba na várzea, para a observação do local, registro fotográfico, no intento de acessar as experiências

³² O que será posteriormente discutido e aprofundado.

afetivas destes comunitários, dos eventos relatados e de suas memórias.

Em janeiro de 2020, realizou-se um encontro de fechamento com os comunitários e lideranças, e pela ocasião da mudança da pesquisadora para outra cidade, fez-se necessário informar a saída e agradecer por todo tempo de convivência e recepção na comunidade. Na ocasião, foi informado que ao finalizar o estudo, a pesquisadora faria a socialização com todos da comunidade.

3.5.4 Fase 4

Entrevista estruturada: Para a realizar a construção do perfil dos comunitários, foi identificado o questionário socioambiental (Anexo I) e realizada aplicação de um piloto no dia 10 de junho, com resultado satisfatório. Neste sentido, iniciou-se a realização das entrevistas nas residências, com as famílias selecionadas para estudo, mediante os critérios da pesquisa, aceite e disponibilidade. As entrevistas ocorreram do dia 05 de junho até o dia 16 de junho¹⁹. Tendo total de participação de 17 famílias. Participaram das entrevistas os sujeitos (homens e mulheres) com maior idade de cada núcleo familiar e respeitando a paridade de gênero. Durante as entrevistas foram colhidos relatos significativos da vida dos comunitários antes e depois do reassentamento, as quais não estavam previstas no instrumento, mas que foram de extrema importância para a compreensão dos eventos e de como se sentem morando no eixo-forte. As entrevistas foram registradas junto ao formulário indicado, não sendo gravadas.

3.5.5 Fase 5

Aplicação do IGMA: Inicialmente foi realizado estudo piloto com um dos membros da comunidade em novembro de 2019, tendo resultado satisfatório, porém com um tempo de aplicação mais longo do que os demonstrados nas pesquisas. A aplicação iniciou em dezembro, ocorrendo entre os dias 2 a 9 de dezembro. A aplicação do IGMA, foi realizada em pequenos grupos, de aproximadamente 5 pessoas, e percebeu-se a dificuldade de alguns participantes em preencher a escala de estima ao lugar e de responder com base em Fátima de Urucurituba no Eixo forte, sendo ofertada permanentemente ajuda e reforçado que as perguntas diziam respeito ao local atual de moradia.

4 COMUNIDADE DE FÁTIMA DO URUCURITUBA: DO TERRITÓRIO REGULAMENTADO NA VÁRZEA AO TERRITÓRIO VIVIDO NA TERRA FIRME

Esta seção irá discorrer sobre a caracterização socioambiental da várzea, seus sujeitos e o contexto sócio-histórico que os atravessam, a partir das características de sazonalidade em função do “tempo das águas”. Em seguida, discutirá sobre estudos relacionados ao fenômeno das “terras caídas” e seus impactos sociais e ambientais na comunidade. Apresenta também, a atual organização e regulamentação dos territórios da várzea e de assentamentos agroextrativistas na várzea santarena, esta seção também permitirá um entrelaçamento das memórias que os comunitários possuem de Fátima do Urucurituba na várzea³³, e de que forma estes temas reverberam em suas vidas hoje em Fátima de Urucurituba no Eixo-Forte/Santarém-PA, aproximando o leitor dos processos de transição entre a várzea e a terra firme.

4.1 Comunidades ribeirinhas de várzea na Amazônia brasileira: aspectos históricos, seus sujeitos e caracterização socioambiental

Os aspectos inerentes à constituição espacial e sociocultural da Amazônia³⁴ brasileira, refletem processos históricos e econômicos complexos e multifacetados da ocupação humana. Estes processos incluem, historicamente, europeus, judeus, japoneses e brasileiros vindos, especialmente, da região Nordeste, e mais recentemente do Sul, a partir de políticas públicas que objetivavam ocupar e preservar o espaço territorial da Amazônia brasileira, bem como processos de ocupação de grandes grupos empresariais, os quais buscavam terras para o plantio de monoculturas e grandes pastos.

Historicamente, os conflitos de terra na Amazônia iniciam com a destituição, e não reconhecimento sobre a posse da terra pelos colonizadores em relação aos indígenas, prática esta, que ao longo dos séculos coexiste com o crescimento desordenado das cidades, a

³³ Através da observação participante e da entrevista estruturada.

³⁴ Este estudo trata especificamente da região Oeste do Pará/Santarém (região norte do país), situada na Amazônia brasileira e pertencente à Amazônia Legal. O conceito de Amazônia Legal foi instituído em 1953 e seus limites territoriais decorrem da necessidade de planejar o desenvolvimento econômico da região. Amazônia Legal é uma área que corresponde a 59% do território brasileiro e engloba a totalidade de oito estados, a saber: Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins, todos banhados pela Bacia amazônica (INSTITUTO..., 2012).

introdução de práticas agroindustriais inadequadas, desmatamentos e queimadas, ocorrendo também pelo fato da Amazônia brasileira ser a principal fronteira de ocupação do Brasil, gerando mais que problemas ambientais, problemas socioambientais (FERREIRA, 2013).

A partir da promulgação da Constituição Federal em 1988, a sociedade brasileira, segundo CRP (2013, p. 11), “conheceu a emergência das populações do campo como sujeitos políticos, portadores de direitos e participantes ativos na construção das políticas públicas que lhes dizem respeito”. Neste contexto, a dialogicidade dos distintos processos migratórios, da interação com os povos reconhecidamente de direitos, como os povos indígenas, populações quilombolas, comunidades tradicionais, camponeses, conseguiram visibilidade para suas lutas e a garantia do direito básico, que é fonte dos demais direitos: o direito ao território (CRP, 2013). Importante ressaltar que as construções políticas e identitárias destes povos, guardam complexas interações sociais, ambientais e de apropriação de território permitindo segundo Benchimol (2009), uma formação social e cultural complexa.

As transformações políticas, econômicas e sociais, anteriormente relatadas, têm alterado profundamente o cenário espacial da Amazônia brasileira e, segundo Ferreira (2013), ajudado a negligenciar a existência de populações que ocupam tradicionalmente a Amazônia, que tem uma forte dependência de seus recursos naturais. Neste contexto, Ferreira (2013) e Cruz (2008) destacam e reforçam a pluralidade dos atores e das relações que produzem e ressignificam o entorno amazônico, produzindo uma multiplicidade de fenômenos e uma heterogeneidade cultural de seus habitantes. Além disso, a Amazônia brasileira, rica em recursos naturais e hídricos, diversidade de fauna e flora e uma biodiversidade reconhecida internacionalmente, atrai pesquisadores de várias partes do mundo, com diversos interesses e propósitos científicos (CRUZ, 2008; FERREIRA, 2013; FRAXE, 2004; HOMMA, 1989).

O contexto histórico da ocupação humana na Amazônia tem como protagonista a ocupação da várzea, que guarda uma multiplicidade de processos ecológicos, sociais e de trabalho, pois, a sazonalidade do rio promove adaptações nas atividades produtivas e nos processos de apropriação de recursos através das cheias e vazantes do rio. Segundo IPAM e INCRA (2010), a região do Baixo Amazonas, é uma das áreas mais antigas de ocupação da Amazônia, sendo demarcada pelos ciclos econômicos específicos desta região. O município de Santarém é um dos doze municípios que compõem o território do Baixo Amazonas, que tanto no passado quanto no presente, tem a várzea como relevante fonte de recursos financeiros, como reforça Cardoso (2016), uma área estratégica em vários aspectos.

Cabe apresentar algumas considerações sobre a constituição socioespacial da

várzea amazônica brasileira e a organização social dos seus sujeitos, tendo em vista a proposição do presente estudo. Fraxe, Witkoski e Miguez (2009, p. 36) descrevem que as áreas de várzea se caracterizam “por uma sazonalidade marcante devido às enchentes periódicas dos seus rios, que regulam os ciclos de vida da biota local e conseqüentemente regulam as oportunidades de subsistência disponíveis para as populações humanas”.

Esta sazonalidade se organiza com base em um período de um ano, quando a maior porção dessa planície está submersa (em torno de quatro a cinco meses) e faz parte do ambiente aquático; no período posterior, o que prevalece é o ambiente terrestre. Devido ao fluxo sazonal, a decomposição de nutrientes é renovada, permitindo à várzea uma característica de área eutrófica, ou seja, uma área rica em nutrientes. Segundo Cruz (2007), estas características da várzea imprimem formas distintas de organização espacial, dinâmica social e formas de deslocamentos das populações, do cuidado com os animais na criação de gado, por exemplo, no cultivo de plantas e na pesca.

De acordo com Higuchi e Higuchi (2012), a área de várzea se constituiu historicamente, como a mais utilizada pela agricultura, devido à fertilidade dos solos e da facilidade de acesso pelos rios. Do ponto de vista histórico e cultural, Zitzke (2005) enfatiza em seus estudos, a exemplo dos ribeirinhos residentes em áreas de várzea, que as vivências neste contexto de sazonalidade, produzem relações bastante especiais entre sociedade e natureza e esta relação contribui para a construção de um conjunto de valores, onde o rio assume papel fundamental na elaboração de saberes e práticas desta população, reproduzidas historicamente pela própria história de ocupação da Amazônia.

Para Fraxe, Witkoski, Lima e Castro (2006), este padrão enchente-cheia-vazante-seca promove uma concepção de tempo não cronológico, mas ecológico, um percurso temporal cíclico, impactando no mundo vivido dos habitantes da várzea pela dimensão do tempo das águas (PREZOTO, 2020). Nesta perspectiva, as populações humanas residentes nestas configurações espaciais necessitam assumir ações estratégicas para prover a sua organização social, e para a adaptação espacial pela alternância entre as fases aquáticas e terrestres, implicando na coordenação de atividades produtivas específicas para cada ciclo. Importante lembrar que para Fraxe, Witkoski e Miguez (2009), as formas de ocupação do espaço social e do sistema de produção agroflorestal da várzea traduzem os mecanismos socioculturais de adaptação das comunidades formando um sistema complexo e heterogêneo.

Calegare, Higuchi e Forsberg (2013), afirmam que a Amazônia guarda uma especial relação entre seus habitantes e o rio, se constituindo no principal elemento geográfico de

ocupação e povoamento desde os primórdios da colonização até o presente momento. Para Higuchi e Higuchi (2012), o ambiente natural figura como uma importante referência em relação ao espaço social, os quais em constante dialogicidade, retratam os aspectos socioculturais próprios das pessoas naquele ambiente.

Ferreira (2013) reforça a importância do entendimento das formas mais antigas de produção do espaço amazônico, advindos de seus primeiros habitantes, que aliados a outros agentes sociais produziram um padrão sócio espacial que Gonçalves (2005) chamou de rio-várzea-floresta. Estas populações guardam uma relação muito particular com o rio e toda sua biodiversidade, traduzida na flora, na fauna, nos solos férteis da várzea, onde estes elementos são convertidos, prioritariamente, para as atividades produtivas e permitem seu sustento e desenvolvimento sociocultural.

Esse padrão rio-várzea-floresta está centrado em um elemento natural fundamental: o rio e todas as suas representações, mudanças e recursos. Para Calegare, Higuchi e Forsberg (2013) e Fraxe, Witkoski e Miguez (2009), anunciam que a relação do ribeirão com o rio é permeada por uma proximidade física, a qual inclui a satisfação de suas necessidades básicas de sobrevivência, aliadas às questões simbólicas do espaço, incorporando elementos culturais e históricos, produzindo identidades particulares. A seguir imagem ilustrativa de uma comunidade de várzea na Amazônia, na região de Urucurituba.

Imagem 4 - Comunidade de São Ciríaco de Urucurituba.



Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2018).

Nesse sentido, Calegare, Higucgi e Forsberg (2013) afirmam que as características

essenciais dos ribeirinhos residentes na várzea amazônica são a sua flexibilidade e resiliência, explicadas e justificadas pela sua história e relação com os elementos espaciais que os circunscrevem. Para Cruz (2007), os processos de territorialização presentes na ocupação da várzea amazônica são bastante similares e guardam características comuns, como a situação fundiária, pois, dadas as características físicas de sazonalidade, com enchentes (em boa parte do ano) e vazantes, as terras são interpretadas pela legislação brasileira como constituinte de bens da união e suas características de ocupação remontam a contextos geracionais de produção, reprodução social, cultural e espacial, traduzindo-se em espaços que não configuram propriedades privadas em uma lógica capitalista.

As comunidades ribeirinhas de várzea na Amazônia enfrentam dilemas socioambientais e de divisão de espaços territoriais para o acesso a recursos naturais. Estes recursos, especialmente os demandados pelo rio (pescado), exigem organização social dos ribeirinhos no intento de garantir sua aquisição e manutenção. O pescado constitui-se importante fonte de subsistência e de renda, e neste sentido, impõe processos participativos de manejo e divisão territorial para a garantia de acesso a cada grupo/comunidade, pois usufruem de espaços comuns de pesca (FERREIRA; DA SILVA, 2017).

Estas ações buscam o bem coletivo e traduzem aspectos intrínsecos da dimensão espacial destas relações, pois a convivência e divisão de bens aquáticos, os quais estão imersos nos rios (e sem um limite territorial tão explícito), exigem uma organização comunitária e engajamento dos ribeirinhos para, “assumirem seu modo de vida como base e fundamento para a reprodução da vida material e cultural” (DA SILVA, 2017, p. 82). Higuchi e Higuchi (2012) reforçam a estreita relação das populações ribeirinhas com os recursos físicos e naturais, em especial os providos pela floresta e pelo rio, perfazendo um complexo de relações sociais, culturais, históricas e assumindo significados existenciais na produção destas subjetividades.

Fraxe *et al.* (2008) destacaram que uma das principais distinções amazônicas está no contexto rural, pois o ambiente escolhido para as atividades agrícolas é caracterizado pela alternância entre a várzea e a terra firme. Diante disso, a abordagem das questões a respeito das ruralidades na Amazônia, Calegare (2017) julga ser mais pertinente falar em florestalidade ao invés do uso do termo ruralidades, pois o cenário socioambiental destas regiões é apresentado por uma paisagem com limites nítidos entre floresta/rios/terras e cidade

Ao analisar a identidade ribeirinha na Amazônia, temos que refletir que não é a simples localização que decide a construção desta identidade, mas sim “os processos, as relações socioespaciais e histórico-culturais que engendram um sentido e um sentimento de

pertencimento” (CRUZ, 2008, p. 55), atravessadas de elementos constitutivos de experiências localizadas em um tempo e um espaço. Ou seja, um ritmo social atrelado ao movimento dos rios, uma temporalidade atrelada à dinâmica enchente-vazante e as distâncias percorridas no rio/estrada, medidas em horas (e não em quilômetros) e os meios de transporte em bajaranas³⁵ e canoas no ir e vir entre as comunidades, e das comunidades para os espaços urbanos.

Os estudos de Fraxe (2004) buscaram analisar a reprodução cultural e espacial dos ribeirinhos a partir de sua relação com a natureza, relações sociais e familiares, temporalidades e cultura de saberes, construída através de gerações, se configurando em uma riqueza social de grande amplitude. Neste sentido, se torna necessário circunscrever teoricamente a noção de ribeirinho aqui adotada e para isso recorreremos à algumas discussões.

A definição de ribeirinho está ligada a um personagem protagonista da paisagem amazônica, devendo ser visto como pessoa/sujeito com todo seu aporte cultural e histórico, o qual está inserido em uma dinâmica social e espacial com características e contornos de tempo e geografia específicos Fraxe (2004). Fraxe, Pereira e Witkoski (2007) conceituam ribeirinho ou *Ribereño* na Amazônia, como a forma de nomear os povos que habitam a margem dos rios, que vivem da extração, manejo de recursos da floresta, dos recursos aquáticos (rios, lagos e igarapés) e da agricultura familiar.

De acordo com Cruz (2008), quando se fala de identidade das populações amazônicas logo vem a imagem do caboclo-ribeirinho, lembrada como uma espécie de personificação daquilo que se considera como mais típico da cultura regional. Segundo Fraxe *et al.* (2009), os caboclos-ribeirinhos são sujeitos nascidos na região amazônica, que em suas relações com o rio, a terra e as florestas criaram sua própria visão de mundo, práticas de trabalho, crenças e costumes, permitindo contornos e relações socioambientais peculiares.

Os estudos de Fraxe (2004) demonstram que a relação diferenciada com a natureza faz dos caboclos-ribeirinhos grandes detentores de conhecimentos sobre aspectos da fauna e da flora, uso de plantas medicinais, o ritmo e o caminho das águas, os sons da mata, os quais são transmitidos de geração a geração através das práticas, técnicas de produção e manejo dos recursos naturais (MORIM, 2014). Cruz (2008) reforça que as populações ribeirinhas mostram forte dependência diante da natureza, pois os seus modos de vida e ritmos de tempo³⁶ estão

³⁵ Veículo aquático de pequeno porte e motorizado, muito utilizado pelos ribeirinhos para trânsito entre as comunidades e das comunidades para a área urbana. Demonstrada no “ensaio etnográfico” que consta no apêndice H.

³⁶ Tempo das águas (PREZOTTO, 2020).

interconexos com o rio, ao ponto de se tornar quase impossível discorrer sobre um sem ponderar o outro, permitindo pensar que os processos, as relações socioespaciais e os aspectos sócio históricos produzem sentidos e significados de pertencimento nessa identidade.

Sanchez (2005) confere a existência de um equilíbrio ecológico dos recursos naturais com os habitantes da várzea, demonstrando a importância destes no uso secular e sustentável das paisagens, *habitats* e espécies vegetais e animais das florestas, para a manutenção e preservação da biodiversidade. Assim, o ribeirinho experimenta processos de organização do cotidiano a partir do aprendizado construído nas experiências vividas com o rio, com a floresta, com os ciclos de vida e reprodução, da fauna, da flora e da terra.

Woortmann (2009) enfatiza o conhecimento dos ribeirinhos relativo ao modo de vida e às suas múltiplas práticas produtivas, por meio do cultivo e manejo de extrativismo vegetal, criação de animais domésticos, agricultura, dentre outras atividades, percebendo estas práticas como uma expressão sofisticada da relação entre as pessoas e a natureza, traduzindo não apenas suas dimensões técnicas, mas também princípios morais e simbólicos.

Castro e Oliveira (2016), ao analisar as atividades econômicas dos ribeirinhos do baixo amazonas, afirmam que o contexto amazônico permite uma variabilidade de atividades produtivas diretamente proporcionais ao acesso aos recursos naturais e à capacidade de exploração deles. Afirmam ainda que as atividades produtivas e de subsistência se mesclam com as suas principais atividades cotidianas e se materializam dialeticamente no espaço geográfico e nas relações sociais e familiares. Nesta perspectiva, Cruz (2008) aponta uma relação de simbiose dos ribeirinhos com a natureza, seus ciclos de vida, cheias e vazantes dos rios, e toda dinâmica social, espacial e identitária que emerge destes contextos.

A relação que se institui dinamicamente entre rio, várzea, floresta e as populações ribeirinhas são elementos significativos e de grande relevância. Para Cruz (2008), o acervo de conhecimento acumulado pelos ribeirinhos é transferido pelas práticas orais passadas através das gerações, por meio da interação familiar e atividades comunitárias, atreladas a um conjunto de conexões simbólicas, como cantos, mitos e rituais.

Calegari, Higuchi e Forsberg (2013) reforçam que o reconhecimento do papel dos povos e comunidades tradicionais, bem como a manutenção da biodiversidade têm permitido o diálogo e a valorização da sociodiversidade amazônica. Este reconhecimento, segundo Higuchi e Higuchi (2012), inclui esta complexa inter-relação entre natureza e cultura, pelo conhecimento tradicional no manejo dos recursos, o qual vem contribuindo para legitimar as definições das chamadas “populações tradicionais”, cujos indivíduos encontram-se em longo processo de

interação com o meio ambiente, em espaços de grande biodiversidade.

Os povos ou populações tradicionais guardam uma vertente de definições conservacionistas políticas, e diante da legislação vigente, uma série de contradições nos elementos que os circunscrevem. Ademais, são também populações que se instituem a partir de uma concepção harmônica entre as relações sociais e o meio ambiente (CASTRO; OLIVEIRA, 2016). Os ribeirinhos, por sua vez, pelo conceito ora apresentado, fazem parte destes grupos³⁷.

As populações ribeirinhas de várzea, tendem a se organizar em torno de comunidades, até mesmo para proteção de direitos vinculados ao território e garantir o acesso aos bens naturais destes grupos, uma forma de organização que deve ser vista fundamentalmente em seus contornos políticos, históricos e econômicos, e nesta perspectiva discute-se os conceitos relativos à definição de comunidade, especialmente as organizadas na Amazônia. Para Calegare (2010) e Castro e Oliveira (2016), as chamadas comunidades têm sua denominação construída historicamente³⁸, a partir de um programa de organização política dos assentamentos rurais, introduzido pela Igreja Católica, na nova onda missionária a partir do final do século XIX.

A definição de comunidade, assim como de populações tradicionais, é palco de vários embates políticos pelos movimentos sociais nos encontros nacionais que discutem políticas públicas específicas, os quais desejam salvaguardar os direitos e garantias destes grupos. Castro e Oliveira (2016) destacam a ambivalência de termos, a partir de uma discussão étnica e identitária, entretanto não excluem que tais reconhecimentos possam se traduzir em ações reparativas por parte do Estado. Os mesmos autores anunciam o decreto do Governo Federal nº 6040/2007, que em seu artigo número 3, da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, considera como povos e comunidades tradicionais:

[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007 *apud* CASTRO; OLIVEIRA, 2016, p. 04).

³⁷ Para efeito de direcionamento e apropriação adequada dos termos, salvaguardando o direito de auto definição destas populações, utilizar-se-á o termo ribeirinho, em função do contexto social, cultural e territorial que demarcam esta denominação.

³⁸ Antes eram empregados termos como “povoado”, “localidade” ou “sítio”.

Para Giuliani (2004), autora das propostas teóricas da Psicologia Ambiental, comunidade pode ser entendida como “um sistema de redes sociais destinados à funcionar dentro de fronteiras geográficas bem definidas e inclui como comportamento essencial, um senso de pertencimento, ou apego ao lugar” (GIULIANI, 2004, p. 92). Nesta acepção, o sentimento de comunidade é orientado por afetos e emoções direcionados à comunidade e aos seus moradores, visando a satisfação das necessidades individuais e coletivas, características de pertencimento, autonomia, presença da diversidade, se opondo aos sentimentos de alienação, isolamento e solidão (LIMA; BOMFIM, 2009).

Importante enfatizar que o sentimento que desenvolvemos em relação a alguns lugares contribui fortemente para definir nossa identidade, enriquecê-la com valores e significado (GIULIANI, 2004). Para autores da Psicologia Social e da Psicologia Comunitária, a exemplo de Wagley (1988, *apud* LIMA; BOMFIM, 2009), comunidades são grupos que se organizam para viver uma vida relativamente comum em seus aspectos sociais, econômicos e políticos. Calegari, Higuchi e Forsberg (2013) defendem que todas estas condições também produzem relações de afeto, pois pessoas e grupos podem sentir-se ligados a lugares que reconhecidamente provém suas necessidades de sobrevivência como alimento, abrigo, água, moradia, como o que foi demonstrado nos estudos sobre o apego à floresta amazônica, realizado por Rosa (2014) e confirmado por outros estudos produzidos pela Psicologia Ambiental (GIULIANI, 2004; MOSER, 2001).

4.2 Estudos sobre o fenômeno das “terras caídas” e seus impactos socioambientais

A bacia hidrográfica Amazônica é considerada “o maior complexo flúvio-lacustre do mundo” (CARVALHO, 2012, p. 3), pois incorpora a compreensão do comportamento desta bacia em relação aos rios, seus afluentes, braços, lagos e furos, os quais produzem um contexto socioambiental que permite à esta bacia características singulares.

Segundo Carvalho (2009, p. 3), o rio Amazonas é o tronco principal da bacia hidrográfica amazônica, e possui como característica marcante “uma extensa planície fluvial, conhecida regionalmente como várzea...sua origem e dinâmica atual foram explicadas como resultado de fatores estruturais, tectônicos e de oscilações climáticas”. Neste sentido, qualquer alteração no comportamento do rio exerce grande influência na configuração da várzea e impacta, conseqüentemente, sócioambientalmente nas populações que vivem e sobrevivem

nestas margens, garantindo a fertilidade anual dos solos, renovados pela sazonalidade entre os períodos de cheia e vazante dos rios, determinando também a alternância das atividades de subsistência e organização socioespacial dos residentes nestas áreas.

Na Amazônia, os rios são considerados uma via determinante de acesso aos territórios³⁹, e são utilizados como meio de transporte de pessoas, animais, alimentos e cargas das mais diversas, transportadas em embarcações de pequeno, médio e grande porte. Pensar a várzea do rio Amazonas, é explicitar os processos dinâmicos que interferem nas questões fluviais (e que impactam em todas estas atividades anteriormente descritas) como a erosão, transporte e deposição de sedimentos, os quais produzem novos contornos e geografias, sendo vista como muito “susceptível à ação erosiva do rio que associado à pressão hidrostática provoca um fenômeno regionalmente conhecido como fenômeno das terras caídas” (CARVALHO, 2006; CARNEIRO, 2012).

O processo histórico de ocupação das margens pelas comunidades, segundo Labadessa (2011), permite um processo de fragilização pelo desmatamento e pelo comprometimento da capacidade de carga destas margens, além do constante deslocamento das embarcações de vários tamanhos e capacidades, produzindo ondas (também conhecidas regionalmente como banzeiros), que promovem o aumento da capacidade de solapamento das margens, além das ações naturais dos ventos, entre outros elementos de ação antrópica. Os rios de águas brancas, transportam alto teor de sedimentos em suspensão e são instáveis e suscetíveis aos agentes de erosivos.

Carvalho (2006, p. 36) define as terras caídas como “um fenômeno multicausal, complexo, interrelacionado e promovido por fatores hidrodinâmicos, hidrostáticos, litológicos, climáticos, neotectônicos e antropogênicos, envolvendo desde processos simples a altamente complexos”. Fraxe, Pereira e Witkoski (2007) relatam que no rio Solimões foi detectado um aumento significativo desse fenômeno, o qual é atribuído pelos agricultores ao crescimento no tráfego das embarcações de grande porte. O fenômeno das terras caídas, é reconhecidamente antigo, segundo estes mesmos autores e faz parte de um emaranhado complexo de fatores naturais e ações antrópicas, com as primeiras manifestações datadas na metade do século XIX.

Algumas das consequências socioambientais do fenômeno das terras caídas, estão relacionados à alteração de boa parte da paisagem, destruição de terras marginais, extinção de

³⁹ O conceito de território será tratado na subseção a seguir.

pastagens e plantações, sendo visto como ameaça aos residentes, suas moradias, e em alguns casos apresenta potencial de extinguir comunidades. Labadessa (2011), em um artigo sobre o fenômeno das “terras caídas” no rio Madeira, relata que a situação chegou a níveis críticos, desabrigando famílias e obrigando outras a permanecerem em áreas de risco. No estudo citado, o referido geógrafo reforça o entendimento das ações antrópicas no fenômeno das terras caídas, que também têm ganhado forte expressão em estudos mais recentes.

O estudo de Carvalho (2012) apresenta registros de fenômeno das terras caídas na Amazônia brasileira, destacando os riscos de desabamento em várias localidades do estado do Pará e Amazonas, e as implicações socioambientais para as populações residentes nestes ambientes. Em uma perspectiva histórica dos acontecimentos. Tem-se um registro catastrófico identificado no Oeste do Pará, na década de 80, no município de Juruti, onde uma área territorial, conhecida como “cidade baixa” foi tragada pelas águas do rio Amazonas, em um momento que se soma à cheia do rio e ação antrópica de inserção de piçarra nas margens e pavimentação das ruas do município, com acometimento de 200 metros da área territorial em um registro temporal de poucas horas. Mais recentemente, no Estado do Amazonas, em 2008 e 2009, 11 municípios da calha do Solimões (AM), foram identificados pelos órgãos ambientais, como pertencentes a áreas de risco de deslizamento devido às terras caídas.

Em 2010, o município de São Paulo de Olivença (AM), localizado à margem direita do rio Solimões, também sofreu fortes desabamentos, em uma sequência de três mais graves, comprometendo drasticamente a frente da cidade, destruindo ruas, o porto da cidade e desabrigando centenas de famílias, sendo decretado estado de emergência, necessitando de liberação por parte do governo federal, de R\$ 17 milhões de reais para a construção de casas e reconstrução das várias áreas atingidas; também em 2010 a cidade de Parintins, foi identificada com risco médio de desabamento e em 2011, 18 municípios no Amazonas também foram notificados com risco de desabamento.

No Oeste do Pará, um estudo liderado por Carneiro (2012), investigou, por imagens de satélite, em uma série histórica de 30 anos (1999 a 2010), o comportamento dos rios Tapajós e Amazonas em relação aos seus níveis de água. Este estudo indicou que além das mudanças nos níveis destes rios, processos fluviais de erosão e deposição, associados ao clima, à ação antrópica e aos banzeiros são fatores convergentes e determinantes para o aparecimento das terras caídas. Segundo este relatório de pesquisa, as alterações mais expressivas foram identificadas na margem esquerda do rio Amazonas (margem oposta à margem do Lago Pacoval), com a ação erosiva observada cerca de 3,96 km² entre 1989 e 1999, e de 7,38 km²

entre, 1999 e 2010, onde a comunidade Fátima de Urucurituba, objeto desta tese, está localizada, promovendo a erosão acelerada na parte lateral das margens.

O estudo de Carvalho (2012), identificou inúmeras perdas das populações residentes na várzea e acometidos pelo fenômeno das terras caídas no estado do Amazonas destaca também “perda de plantações (40 % das respostas); dificuldade de acesso ao rio devido ao barranco; mudança de casas; perda de canoas; perda do terreno; risco de vida; medo (psicológico); perda do pasto; perda de motor de rabeta⁴⁰” (CARVALHO, 2012, p. 14). Carneiro (2009) destaca que as diversas implicações sofridas em Fátima também podem ser observadas em populações locais de outro trecho do rio Amazonas, fronteira com a Colômbia e Peru, reforçando perdas materiais, sociais e culturais. Segundo Carvalho (2012), a Amazônia brasileira é carente de um levantamento sobre os impactos socioambientais das terras caídas, sendo esta temática ainda negligenciada na literatura por pesquisadores das mais diversas áreas.

Importante ainda considerar as características singulares dos processos ecológicos e sociais amazônicos e as diferentes formas de apropriação dos recursos naturais, e neste sentido, os ambientes de várzeas devem ser pensados como territórios de características singulares e de uso da terra, com potencial vivencial e transformador da paisagem quando atrelado à dinâmica hídrica dos rios (CARNEIRO, 2012).

Carvalho (2006) destaca que o fenômeno das terras caídas, por ser tão presente na vida dos ribeirinhos, se manifesta na cultura popular, através das narrativas muito associadas aos grandes animais moradores do fundo dos rios, principalmente a cobra grande e outros seres simbólicos que fazem parte do imaginário coletivo dessas populações. Corral-Verdugfo (2005) afirma que diferentes visões de mundo estão sustentadas em diferentes culturas, o que nos estimula a pensar na necessidade de incorporar a cultura nas explicações da relação humano-ambiental; segundo o autor “[...] diferentes culturas produzem visões ambientais diferentes” (CORRAL-VERDUGFO, 2005, p. 82).

4.3 Projeto de Assentamento Agroextrativista e uso da terra na várzea santarena

Segundo Carvalheiro *et al.* (2010) a regularização fundiária dos diversos grupos sociais que fazem uso da terra e de seus recursos naturais para sobreviver, respeita as diferentes

⁴⁰ Veículo aquático de pequeno porte e motorizado, muito utilizado pelos ribeirinhos para trânsito entre as comunidades e das comunidades para a área urbana. Demonstrada no “ensaio etnográfico” que consta no apêndice H.

formas de apropriação e uso destes recursos. Com o aprofundamento destas questões e a amplitude da temática, os mecanismos jurídicos foram sendo moldados/adaptados para atender esta pluralidade de concepções de propriedade, se consolidando enquanto política e garantindo a democracia, os direitos humanos e a proteção ambiental.

Nesta perspectiva, para Benatti *et al.* (2005) o ordenamento territorial busca, a organização do território e parâmetros de proteção ambiental, permitindo a preservação dos recursos, a conservação da biodiversidade e assegura o desenvolvimento sustentável e as condições satisfatórias de vida para as populações residentes. O ordenamento territorial tem como ação central a vinculação das decisões dos agentes públicos e privados nos planos e projetos que utilizem os recursos naturais e que venham a impactar os ecossistemas, conciliando interesses individuais e socioambientais.

O presente estudo tem a temática de território como um de seus elementos de análise, e sua compreensão perpassa por:

não se restringe à delimitação espacial. Constitui um espaço humano, habitado. Ou seja, o território não é somente uma porção específica de terra, mas uma localidade marcada pelas pessoas que ali vivem. É nos espaços coletivos que se expressam a solidariedade, a extensão das relações familiares para além da consanguinidade, o fortalecimento da cumplicidade de vizinhança e o desenvolvimento do sentimento de pertença e identidade. O conceito de território, então, abrange as relações de reconhecimento, afetividade e identidade entre os indivíduos que compartilham a vida em determinada localidade (BRASIL, 2011, p. 13).

Santos (1999) realça a mesma visão, apresentada anteriormente, e acrescenta que é no território que a relação dialética sujeito-ambiente acontece, que as relações sociais e de poder emergem e se confrontam, onde os sujeitos constroem suas identidades e, neste processo dinâmico de construção simbólica, cultural e afetiva, forjam subjetividades. Para este efeito, a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT, BRASIL, 2012, p. 7), define os territórios tradicionais como “os espaços necessários à reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária”

Para Benatti *et al.* (2005), as variadas formas de utilização das áreas de várzea na Amazônia se apresentam como desafiadoras, uma vez que guardam questões relativas à titularidade pública ou privada dos terrenos, conflitos de interesses para o uso destes recursos e a ação governamental relacionada aos aspectos econômicos das atividades e manejo sustentável dos recursos naturais. A várzea amazônica é considerada um bem público, podendo pertencer

ao Estado ou à Federação, dependendo de como se dá o curso do rio, ficando sob a responsabilidade da Superintendência Estadual do Patrimônio da União. A única forma de regularização destas áreas e uso dos recursos naturais (aquático ou da floresta), é pela concessão destas terras para uso coletivo ou individual, ou seja, elas não podem ser vendidas, apenas doadas através de um processo conhecido como Concessão de direito real e uso (CDRU) (CAVALHEIRO *et al.*, 2010).

A emergência dos conflitos de território deflagrados nas décadas de 70 e 80 no baixo Amazonas fazem emergir nas décadas seguintes acordos de pesca e termos de ajustes de condutas para uso e exploração do território de várzea. Nesta perspectiva, Carvalho (2019) retrata que nas comunidades ribeirinhas optou-se pela criação dos Projetos de Assentamento Agro-extrativista (PAEs), “como unidades regulatórias e de proteção dos territórios alagáveis, tanto para destinar formalmente as áreas às famílias tradicionais varzeiras, quanto para conter conflitos pela disputa de lagos e áreas de restingas” (CARVALHO, 2019, p. 38). Os PAEs, fazem parte da Política Nacional de Reforma Agrária, implementada pelo INCRA a partir de 1987, como também fazem parte da criação da modalidade das reservas extrativistas, pelo IBAMA, a partir de 1989.

Os PAEs, são uma tentativa de políticas públicas de proteção e forma de uso da terra, e se apresenta como um dos grupos de assentamentos ambientalmente diferenciados, modalidade esta que surge em 2003, a partir das medidas apresentadas no II Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA e a Secretaria de Patrimônio da União (SPU), ligada ao Ministério do Planejamento. Esta nova proposta de assentamento torna-se possível a partir da mobilização dos pescadores em defesa de suas áreas e lagos, do Programa Nacional de Reforma Agrária e do crescimento do movimento ambientalista no Brasil e no mundo. Este grupamento teria o objetivo de:

Compatibilizar a proteção dos recursos naturais e a utilização racional do seu potencial econômico, e neste sentido garantiria a posse dos territórios, a preservação do modo de vida e a dinamização das oportunidades econômicas das populações tradicionalmente ocupantes (CARDOSO, 2019, p. 48).

Os projetos de assentamento agroextrativista (PAE) são um exemplo de concessão a nível coletivo, e servem para regularizar a terra para as populações tradicionais, ribeirinhas e extrativistas, que residam nestas áreas e que façam uso dos recursos naturais para a sua sobrevivência. O PAE é uma modalidade especial de assentamento, previsto na Portaria do

INCRA de número 268, de 23 de outubro de 1996. Nessa modalidade, as atividades sociais e econômicas das famílias residentes são baseadas na extração de recursos naturais, sustentabilidade e participação da coletividade nas decisões sobre os regramentos de uso.

Os PAEs são concebidos a partir dos Planos de Utilização (PU), os quais regulamentam o uso dos recursos naturais e dos demais direitos e compromissos dos residentes do PAE, os PUs necessitam da participação e inserção comunitária, dos desejos e deveres a serem executados e planejados pelos componentes do PAE, uma espécie de pactuação formal interna, elaborada pelos moradores e aprovado, pelo INCRA, mediante publicação de portaria.

Em 2005, o Governo Federal, por meio da Secretária de Patrimônio da União (SPU) e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), criou em nove municípios do Baixo Amazonas, 45 Projetos de Assentamentos Agroextrativistas (PAEs) e em 2006 o INCRA iniciou um novo processo de regularização das ocupações em áreas de várzea no Baixo Amazonas, mediante criação de PAEs, conforme Termo de Cooperação Técnica, celebrado entre INCRA e SPU em 2005. É válido ressaltar que os PAEs de várzea possuem uma função bastante diferente do que os PAES de terra firme, pois os ocupantes das áreas de várzea se utilizam deste recurso para reconhecer seus direitos enquanto populações que já pertenciam a este território são reconhecidamente populações tradicionais ribeirinhas, e possuem formas de uso dos recursos e convivência em comunidades já bem delimitadas.

Segundo Cardoso (2019, p. 52), “A regularização fundiária é vista pelos moradores dessas áreas como forma de frear a degradação dos recursos naturais, em especial dos campos naturais e dos lagos que sofrem com a pesca predatória”. Neste sentido, modelos de assentamento que permitam o protagonismo das populações na gestão dos recursos e de seu modo de vida, permitem além da consolidação dos PAEs, a autonomia das comunidades e a promoção do desenvolvimento sustentável no âmbito regional.

De acordo com IPAM e INCRA (2010), o PAE Urucurituba, ao qual a comunidade de Fátima ainda pertence, foi planejado com base no Plano de Utilização (PU), elaborado em conjunto com seis comunidades integrantes da região de Urucurituba, à saber: Picacauera de cima, Piracauera de baixo, Campos, São Ciríaco do Urucurituba, Fátima de Urucurituba e Igarapé do Costa. O PAE Urucurituba foi construído por aproximadamente três anos, pois foram necessários outros momentos, além da inserção de profissionais e instituições que produziram um olhar sistêmico sobre o território, seus recursos, seu aporte físico (recursos naturais, fauna, flora etc.) e perfil populacional dos já residentes nas respectivas comunidades.

O PAE Urucurituba foi elaborado a partir do convênio entre o Instituto Nacional de

Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM), através de um regime de colaboração, que produziu o documento chamado de Projeto Básico de Desenvolvimento Sustentável do PAE Urucurituba, o qual apresenta o diagnóstico das condições sociais, econômicas, ecológicas e processos institucionais, que irão consubstanciar as ações das comunidades, seus limites e atividades.

O plano apresenta medidas que permitem o desenvolvimento e a melhoria da qualidade de vida das populações envolvidas, de maneira socialmente responsável, inclusiva e ecologicamente sustentável. O PAE Urucurituba foi criado através do processo INCRA/SR-30/N.54501.006934/2006-37, e foi publicado pela portaria n. 30 de 20 de outubro de 2006, no Diário Oficial da União, localizam-se à margem esquerda do rio Amazonas e tem área total de 19.500 (dezenove mil e quinhentos) hectares. O projeto possui uma área territorial organizada e demarcada, porém, as áreas específicas de cada comunidade variam em tamanho, ainda que todas elas tenham acesso igualitário às áreas consideradas coletivas, como campos, floresta e lagos. As áreas internas, ou seja, a separação de cada propriedade dentro das comunidades, em grande parte se dá a partir de “limites de respeito” (IPAM; INCRA, 2006).

Nesta perspectiva, a distribuição do território deve ser pensada a partir das implicações sobre a economia das famílias, e o componente de uso coletivo torna-se imprescindível para a viabilidade econômica e o desenvolvimento sustentável destas comunidades, assim a organização territorial possui outro significado, além do fundiário.

4.4 No banzeiro: entre a várzea e a terra firme

No banzeiro entre a várzea e a terra firme, é a tentativa de contextualização dos distintos territórios que atravessam a existência dos comunitários de Fátima de Urucurituba no Eixo Forte, no intento de circunscrever seu contexto espacial e sócio físico, além do resgate do processo de transição entre os mesmos e seus respectivos impactos.

A comunidade de Fátima do Urucurituba, está⁴¹ oficialmente localizada à margem esquerda do rio Amazonas, aproximadamente a cerca de 8 km, via fluvial, uma hora de “bajara” da cidade de Santarém, Oeste do PA, e sua área territorial situa-se sobre uma estreita faixa de várzea de terrenos inconsistentes, entre o rio Amazonas e o Lago do Pacoval, segundo Carneiro

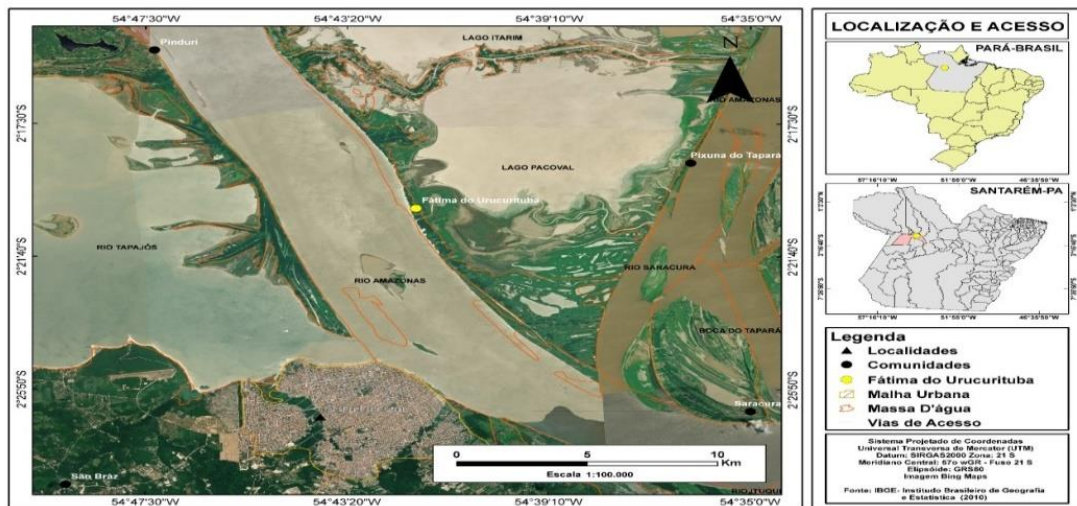
⁴¹ E ainda está, de acordo com os registros da Secretaria Municipal de Saúde. Na visita realizada na várzea, esta informação também foi confirmada identificando algumas famílias ainda residentes

(2012) “áreas muito planas e sujeitas à alagamentos periódicos, onde se processa a deposição sedimentar onde os efeitos da dinâmica fluvial do rio Amazonas atuam de forma intensa” (p. 6). Neste sentido, a comunidade de Fátima de Urucurituba vivenciou um processo gradativo de exposição ao fenômeno das “terras caídas”, iniciado aproximadamente no ano de 2009.

Segundo IPAM e INCRA (2010), a comunidade de Fátima possuía antes do evento das “terras caídas” cinco lagos e dois furos, além de ser banhada pelo rio Amazonas, o qual permite a pesca de subsistência e comercial para os comunitários.

A seguir mostraremos o mapa retratando a condição atual (2020) da região de Urucurituba, enfocando a comunidade de Fátima de Urucurituba. Na imagem é possível observar a estreita faixa em hoje ela está localiza, destacando-se sua localização central entre as comunidades do PAE/Urucurituba.

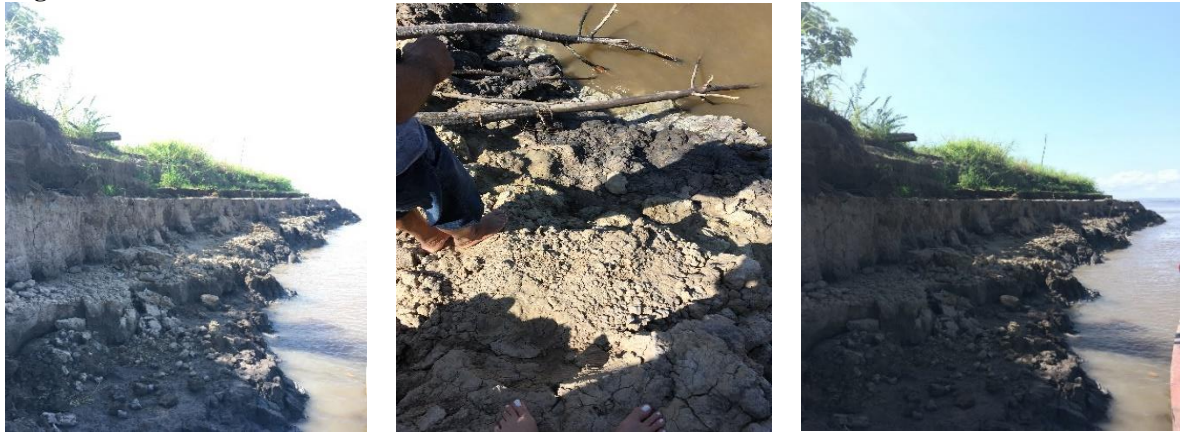
Mapa 1 - Fátima do Urucurituba – região de várzea.



Fonte: IBGE (2010).

A exposição ao fenômeno das “terras caídas” por um período aproximado de 10 anos, trouxe consecutivas perdas aos comunitários, e acarretou no seu nível mais crítico, em 2015, a retirada por parte da Defesa Civil (em parceria com vários outros órgãos do governo municipal, estadual e federal) de 38 famílias, as quais foram reassentadas na terra firme, devido ao risco de morte a que estavam expostas. As imagens abaixo buscam ilustrar o que os comunitários chamam de barrancos, e como a força da água altera toda a paisagem e destrói as margens, impossibilitando ainda o acesso.

Imagem 5 - Fátima de Urucurituba.



Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2019).

Imagem 6 - Igreja de Fátima na enchente de 2001.



Fonte: Arquivos dos comunitários (2001)

Imagem 7 - Igreja de Fátima reconstruída em 2002



Neste sentido, observa-se que estes comunitários vivenciaram conflitos ambientais, sociais, econômicos e emocionais muito impactantes ao longo destes eventos como: perda de plantações, dificuldade de acesso ao rio devido ao barranco produzido pelas terras caídas, implicações nas atividades pesqueiras, destruição do centro comunitário, do campo de futebol, destruição de elementos simbólicos e de identidade dos comunitários, como a igreja de Fátima, suas moradias e a escola, perda de canoas, perda do espaço vivencial de trocas sociais e culturais, perda da identidade da comunidade como referência nas assembleias na região de Urucurituba e, finalmente, perda de referência territorial dos elementos socioambientais e culturais constituintes da várzea, com a migração para comunidades vizinhas, para Santarém (área urbana) e finalmente para o reassentamento da terra firme/Eixo Forte em 2015.

Fátima de Urucurituba está inserida na região de várzea de Urucurituba, fazendo parte do Projeto Básico de Desenvolvimento sustentável/PAE-Urucurituba, juntamente com

mais outras seis comunidades. Por sua localização central, foi inclusive escolhida a comunidade sede do projeto, na região, tornando-se ponto de apoio das reuniões tanto do PAE, quanto do Conselho de Pesca, através da Colônia de Pescadores Z-20. Apesar dos comunitários de Fátima não residirem formalmente nesta área desde 2015, eles ainda pertencem ao projeto, uma vez que parte do sustento destas famílias, hoje localizadas na terra firme, ainda está vinculado aos recursos naturais (especialmente a pesca) encontrados em Fátima, através do projeto.

A comunidade vive um contexto de duplicidade, uma vez que algumas famílias ainda buscam realizar suas atividades de trabalho e subsistência na várzea (como a pesca e agricultura), porém residem e promovem suas demais relações sociais e nova organização comunitária no eixo-forte. Um “estar lá e um estar aqui”, muito presente nas narrativas ilustradas nas memórias.

A comunidade de Fátima de Urucurituba passou por um período de transição atravessado por muitas incertezas até ser reassentada no Eixo forte (terra firme). Este processo perdurou por quase seis anos (segundo documento de domínio público no site do INCRA⁴² e foi marcado pela progressiva impossibilidade de permanência na várzea em função dos grandes riscos comprovados pelos órgãos ambientais (nos âmbitos municipal, estadual e federal) e Defesa Civil até o reassentamento em 2015, na região de Santa Maria no Eixo Forte.

O procedimento de solicitação de reassentamento foi precedido por um Parecer Técnico da Defesa Civil, realizado em março de 2011⁴³ na comunidade, identificando toda a situação de risco e vulnerabilidade a que os comunitários estavam expostos. Após a comprovação pelos demais órgãos competentes através da tramitação deste parecer, é realizado o procedimento de solicitação de reassentamento, pelos comunitários, através do PAE a que fazem parte, com data de protocolo de agosto de 2013. Até este momento a solicitação previa o reassentamento de 45 famílias, porém ao longo do processo é possível perceber a diminuição deste número, devido a possível dispersão dos comunitários pelos riscos iminentes em função do fenômeno das “terras caídas”.

A partir deste momento, são realizadas várias reuniões com os comunitários, tanto em Fátima no Urucurituba, quanto nos órgãos públicos envolvidos, além elaboração de novos pareceres técnicos da Defesa Civil, foram realizados anualmente e reafirmavam a necessidade e urgência do reassentamento. Em uma das reuniões, ainda em 2013, foram dispostos aos

⁴² Proc. 54501,002281_2013_46_PAE_DO_URUCURITUBA/INCRA2013.

⁴³ Proc. 54501,002281_2013_46_PAE_DO_URUCURITUBA/INCRA2013.

comunitários os locais possíveis de reassentamento, todos na terra firme, e dentre eles, o escolhido foi a região de Santa Maria no Eixo-Forte, pois alguns dos comunitários já haviam saído de Fátima e habitavam de maneira informal este lugar.

Em 2014, no protocolo do processo é possível observar que esta área estava impossibilitada de ser habitada, pois havia sido invadida por “posseiros”⁴⁴ e alguns lotes vendidos à algumas famílias. A partir deste cenário, o INCRA e MPF iniciam averiguações nas documentações fornecidas pelos posseiros e famílias e constata que eles não possuíam o perfil⁴⁵ para integrar este reassentamento. Após várias articulações entre a IMCRA, MPF, Prefeitura Municipal de Santarém, Exército Brasileiro (8 Batalhão de Engenharia e Construção- BEC) e Defesa Civil, com a tramitação de documentação para levantamento de orçamento para a construção das novas casas, em maio de 2015 o processo é finalizado.

Não me reclamo do poder público quando a terra caiu pra lá...era o Corpo de Bombeiros, Exército, IBAMA, Defesa Civil e a TV Tapajós que sempre nos apoiou...até hoje... recebemos alimento e madeira pra refazer nossas casas...chegavam barcos e lanchas cheios de alimento e era muita mulher pra cozinhar tudo aquilo para o povo que estava sem casa (LIA, 48 anos).

Foram muitas idas e vindas neste INCRA, era reunião e relatório atrás de relatório até eles acharem uma terra pra nós. Tinha um povo nosso aqui e disse que a terra era da União, então nós batemo o pé. Quando chegamo aqui já tinha gente, foi uma confusão, deu polícia e tudo. Uns pessoal se apossaram daqui, mas aqui é terra da União e daí a Polícia Federal teve que intervi né, nós corria risco, o rapaz já tinha vendido os lote para o povo que tava. Tudo ilegal, mas tinha, os pessoal foram enganado e nós deixamo eles ficarem, já fazem parte agora da nossa comunidade (CRISTIANO, 55 anos).

A morosidade do processo de reassentamento promove, pelo que se percebe na fala dos comunitários e nos registros de atas de reuniões, contidos no procedimento de reassentamento pelo INCRA, atrelado ao progressivo avanço do fenômeno das terras caídas, a dispersão e migração dos comunitários para outras comunidades da região de Urucurituba, área urbana de Santarém e até mesmo para outro estado como Amazonas/Manaus. Finalmente no dia 13 de maio de 2015, os comunitários foram formalmente assentados na região de Santa Maria, no Eixo Forte, visualizada através da figura a seguir. No mapa 2 é possível perceber que

⁴⁴ Definição de posseiro “aquele que está de posse legal de imóvel indiviso. O que está de posse de uma terra devoluta” (CARDOSO, 2019).

⁴⁵ Todos os processos de assentamentos e reassentamentos possuem um perfil socioeconômico e étnico de famílias que podem permanecer nos territórios da UNIÃO, neste sentido assentamentos localizados na terra firme geralmente são áreas destinadas as famílias de produtores rurais vindas de outros locais ou removidas de áreas de risco, garimpos desativados, entre outras situações.

Fátima de Urucurituba no eixo-forte, tem sua localização próxima (em torno de 5 km) do Rio Tapajós.

Mapa 2 - Fátima do Urucurituba no Eixo Forte – região de terra firme.



Fonte: IBGE (2010).

Ao conhecermos parte da realidade dos dois territórios e do processo de reassentamento, a seção seguinte irá discorrer sobre a reconstrução e organização de Fátima de Urucurituba no Eixo Forte e todo seu aporte social e afetivo.

5 FÁTIMA DO URUCURITUBA NO EIXO FORTE: UMA COMUNIDADE REINVENTADA/ RESIGNIFICADA A PARTIR DO AFETO AO LUGAR

Esta seção intenta permitir a visibilidade dos eventos das terras caídas em Fátima de Urucurituba e suas implicações individuais e coletivas, bem como o contexto vivencial no novo território na terra firme, através inicialmente de narrativas que resgatem memórias destas ocorrências e suas conexões com o passado e o presente vivido. Permite também um recorte socioambiental do novo local de moradia e o perfil das famílias reassentadas, realizando um diálogo com as falas e percepções sobre todo este processo, as questões socioeconômicas e relacionais identificadas nas entrevistas estruturadas e confrontadas na observação participante, buscando a análise dos aspectos afetivos que permearam todo este complexo processo.

5.1 Memórias de Fátima do Urucurituba na várzea santarena

Nesta subseção busca-se o revelar das memórias dos comunitários assentados formalmente em Fátima no Eixo-Forte desde 2015, as quais só podem acessadas mediante esta circunscrição espacial. As memórias trazem o resgate de eventos relacionados a sua história de vida na comunidade de origem e dos processos relacionados ao fenômeno das “terras caídas”. Nos relatos, ficam explícitas as memórias dos eventos religiosos, dos festivais que atraíam outras comunidades do entorno da região de Urucurituba, das situações de risco e desabamentos devido às “terras caídas” e dos aspectos afetivos que os vinculavam ao espaço/território vivencial anterior, sendo comum a demonstração de imagens/fotos antigas que, na percepção deles, permitiam legitimidade às narrativas.

Para Bosi (2003), a análise de histórias recentes amparas em testemunhos vivos, através de histórias orais são capazes de reconstruir comportamentos e sensibilidades de uma época, resgatar a crônica do cotidiano, bem como fazem emergir pontos de vista contraditórios que revelam a riqueza dos relatos. Os relatos sobre as memórias trazem um ir e vir no tempo e no espaço, característico do que Bosi (2003, p. 421) nos chama a refletir: “A memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais”, não havendo como falar do passado sem uma relação com o presente

Os trechos das falas foram obtidos através da observação participante, das entrevistas estruturadas e da aplicação dos instrumento gerador dos mapas afetivos e de

encontros espontâneos⁴⁶, os quais foram percebidos como relevantes no momento do estudo e na percepção pela pesquisadora da necessidade dos comunitários falarem sobre suas histórias, suas raízes, “sua”⁴⁷ comunidade e dos eventos transformadores de suas vidas pelas terras caídas. Estes foram didaticamente separados em três momentos de recordações: origem, tradições e reconhecimento social; vivências com o fenômeno das “terras caídas” e lembranças de Fátima de Urucurituba.

Para Moser (1996) o tempo é um importante elo de vinculação afetiva com os lugares, o que Tuan (1983) realça que sentir os lugares leva um tempo, e que este tempo se vincula às experiências diárias, do repetir dos dias no cotidiano das relações. Para Bosi (2004), a dimensão do tempo na compreensão da memória, é fundamental, pois a memória é também expressão cultural e histórica das sociedades. Para Frochtengarten (2005, p. 8), “Contar o passado envolve alguma organização das ideias, a nomeação das vivências e sua integração a outras representações. A memória integra o trabalho de elaboração psíquica”.

As narrativas que se seguem intentam fornecer um registro físico destas memórias, e dar voz aos remanescentes de Fátima reassentados no Eixo Forte, pois revelam uma aparente ruptura biográfica nas histórias de vida dos entrevistados. Segundo Bosi (1994) os registros de memórias pessoais são considerados uma memória social, familiar e grupal. Frochtengarten (2005), complementa que “uma recordação chama outra, compondo uma teia de lembranças mais ou menos singular, cuja textura se alinhava pela maneira como cada memorialista recolhe e amarra as imagens pregressas e busca sua significação” (p. 8).

Neste sentido, buscou-se construir uma teia mais ou menos cronológica, respeitando o tempo histórico dos acontecimentos, mas entendendo que as lembranças nem sempre são descritas desta forma.

5.1.1 Origem, Tradições e reconhecimento social

A origem e fundação da comunidade de Fátima de Urucurituba, é contada pelos comunitários a partir da presença da família “Silva”, reconhecida como de pessoas descendentes de portugueses, que também tinham uma relação com a família Marques Pinto, as quais faziam uso da terra de várzea como área de pasto para a pecuária, e com o aumento da

⁴⁶ Realizados ao longo da observação participante e registrados no diário de campo

⁴⁷ Mantem-se o referencial fornecido por eles nas falas

quantidade de trabalhadores desta fazenda; esta localidade acabou virando uma comunidade, pelos aglomerados de trabalhadores e de suas famílias.

A comunidade de Fátima de Urucurituba se destacou como comunidade no passado pela pecuária, atividades agroextrativistas de Juta, pescado abundante e os plantios de cacau e laranja, logo em sua constituição. O lago do Pacoval, foi um importante catalizador destas plantações e da facilidade da pesca (IPAM, 2006).

A chegada da “Santa” (Nossa Senhora de Fátima), vinda de Portugal, é visivelmente um marco importante e elemento simbólico de conexão afetiva e histórica da comunidade, muito presente na memória coletiva dos comunitários. Segundo as narrativas, a irmã de um dos donos da fazenda residente em Portugal veio visitar o local; ela era muito católica e quando se deparou com a quantidade de pessoas disse: “Um povo precisa de uma igreja, eu vou mandar uma santa para este povo” (Lia, 48 anos). Após cinco anos desta visita, a Santa chegou.

Ela veio passear aqui, esta senhora, na época que estava em Portugal um grande movimento em relação á Nossa Senhora de Fátima... a notícia era que ela tinha encomendado a Santa. A Santa veio de navio, mas chegaram duas Santas, uma quebrada e outra boa. Ela disse ‘dá esta para a comunidade, te mando outra’. Ela trouxe em mãos a Santa...ela não queria mandar por ninguém... Ela queria, ela mesma trazer, e por isso também que demorou...e naquela época não é que nem agora né? Tudo era mais difícil, mais demorado (LIA, 48 anos).

Esta santa veio de Navio junto com o sino da igreja, que também veio junto e temos até hoje. A história que se conta é que esta santa foi benzida pela Lúcia – uma das 3 pastorinhas da história das aparições de Fátima, pois esta irmã dos Silva, financiava o convento dela. Ela ficou 3 anos esperando para vir para cá. A missão desta santa era fundar uma igreja...e foi assim que Fátima foi fundada (CRISTIANO, 55 anos).

Pelo relato anterior é visível a fundação, ainda que não do ponto de vista formal/territorial/regulamentar, de Fátima pela chegada da Santa – Nossa Senhora de Fátima – dando o próprio nome da Santa à comunidade - Fátima. Entretanto, percebe-se nos relatos um distanciamento territorial e diferença de *status* social entre o grupo que estava atrelado aos fazendeiros e o grupo dos comunitários (trabalhadores e suas famílias), estes definidos como “grupo de cima e grupo de baixo” (de cima eram fazendeiros, os de baixo os trabalhadores das fazendas), percepção reforçada pelo estremecimento entre estes dois grupos, os quais também disputavam a posse da única Santa vinda de Portugal, pois a outra chegou “quebrada⁴⁸”.

⁴⁸ Mantivemos o termo usado no relato.

Era briga pra tomar conta da santa, eram os de baixo e os de cima...uns eram fazendeiros e outros eram barreiras...daí tinha pé de porrada, mas era só de muxinga...risos (LIA, 48 anos).

Quando essa santa veio prai eu era pequena. Saía as esmolos, saiam de casa em casa, os vários santos vinham pedir, toda a parte do Urucurituba, normal entre as comunidades os santos peregrinando e pedindo dinheiro para as festas dos santos...elas faziam o teatro lá...faziam um telhado de Urucuri... elas faziam teatro para ter dinheiro pra fazer a primeira igreja. Mas dava muita gente dona menina...ichii...não podia nem andar lá. (CARMITA, 76 anos).

Existiu briga pela Santa no passado. Esta briga foi tanta que colocaram uma maldição quando construíram a igreja no sítio “Do esteio não há de passar” No sítio já foram construídas 4 igrejas...e as terras levaram...muitos casaram nesta igreja, se batizaram...tem muita história nela ichii (CRISTIANO, 55 anos).

A Santa é peregrina, já andou muiiito...a Santa não se quieta, veio de Portugal, foi pro sítio, depois nas terras caída foi pra Santarém, e agora tá aqui. Quem sabe agora com a igreja ela se quieta. A santa já quer se aquietar, eu já conversei com ela para ela quietar, e quando a igreja estiver pronta ela vai se aquietar (LIA, 48 anos).

A gente tem até hoje o Sino da nossa igreja lá do sítio...a gente empresta demais ele pra outras comunidade...tem gente que vem de longe pegar este sino... O sino é peregrino também ...Sino bonito, Grandão assim... (gesto com as mãos)...tem que ter três homens para carregar, de tão pesado que é...ele vai ficar lá na igreja quando terminar a construção (sorriso largo) (ANA, 76 anos).

As festividades eram lotadas, o Círio era lindo...vinha gente de muitos cantos... as festividades eram muito animadas... A Santa que faz a festa acontecer...ela que traz muita gente...a festa é muito bonita...Vem gente de longe vê ela. Dá até saudade de lembrar (olhos marejados) (DOMINGAS, 73 anos).

Nosso dízimo era o maior dízimo, não esqueço quando os padre ia lá rezar missa...o maior dízimo nós tinha olha, só perdía pro Pacoval...nossa comunidade era respeitada. Nós tinha o terço lá, era sábado...aqui nós tem também...manteve né a tradição...missa que é poucas vez...Missa só o padre que celebra né? (SANTOS, 61 anos).

Imagem 8 - Nossa senhora de Fátima, Santa pertencente à comunidade.



Fonte: Elaborado pelo própria Autora (2019)

Imagem 9 - Sino da Igreja.



Fonte: Elaborado pelo própria Autora (2019)

As tradições, símbolos, atividades e encontros presentes nos relatos permitem perceber que a comunidade de Fátima é historicamente marcada por dogmas cristãos-católicos, com a chegada da Santa, do Sino, as festividades alusivas ao dia de Nossa Senhora de Fátima (ocorridas anualmente no mês de maio), o dízimo nas celebrações das missas, os encontros para “rezar o terço”, simbologias importantes e que falam muito da memória coletiva e da simbologia atrelada à própria origem de Fátima como lugar de pertencimento, de origem e de referência, inclusive religiosa. Para Fraxe, Witkoski, Lima, Castro (2006, p. 28) “A denominação religiosa está intrinsecamente ligada ao sentimento de pertença”, nesta

perspectiva a narrativa dos comunitários de Fátima do Urucurituba só consegue ser compreendida se observados os preceitos religiosos explícitos nas suas relações sociais e culturais e entrelaçados a origem e nome vinculados à Santa vinda de Portugal, que deu origem ao próprio nome da comunidade. A história de Fátima está entrelaçada histórica e culturalmente por estes elementos e acontecimentos, desde sua origem até os dias atuais.

O festival do Peixe, por exemplo, é narrado como importante encontro anual entre os habitantes do PAE Urucurituba, bem como visitantes de outras localidades e da zona urbana, e fonte de arrecadação/renda para os comunitários de Fátima, especialmente no passado quando o pescado era diversificado e mais abundante na visão dos comunitários. A pesca e a agricultura familiar eram fontes decisivas de renda, de identidade e de trânsito no território, pois envolviam diversos processos em diferentes momentos do ano (pela sazonalidade do rio), incluindo homens, mulheres e jovens, repercutindo do ponto socioeconômico no modo de vida destes ribeirinhos em transição para terra firme.

Lá nos tinha o Festival do Peixe e aqui truxemo também né? E deu muito certo...foi lotado...lá era as rabeta que atracava perto assim da hora do almoço, elas tinha horário pra atracar...aqui não tem dessa não...toda hora chega gente de moto, de pé, de carro, que a gente nem sabe de onde vem. Lucramos bem olha no festival (CRISTIANO, 55 anos).

Muito difícil nós pescar morando aqui. Lá nos tinha muito pescado, tinha nosso próprio lago. Se quisesse pescar longe pescava, se não, tinha o lago (NILSON, 48 anos).

Eram 270 pés de banana, era a coisa mais linda, no mês de março que veio a enchente e levou tudo...tinha uma plantação de pimenta também, tinha irrigação aqui também de hortaliças (mostra vários canos) (CRISTIANO, 55 anos).

Eu plantava maxixe, quiabo, couve, muitas fruta, ixii. E aqui? No meio desta terra toda, como vamo fazê? (PINTO, 55 anos).

Imagem 10 - Festival do Peixe ocorrido em Fátima no eixo Forte.



Fonte: Elaborado pela própria Autora (2019)

As questões socioeconômicas, identificadas nas falas anteriores, também tem repercussão nas discussões de gênero, no que tange a mudança nas atividades de trabalho e no cotidiano de homens e mulheres após o reassentamento, especificadas nas falas abaixo.

Minha vida era diferente lá. Eu chegava do trabalho e ia tarrafar. Agora só lembrança (DOMINGAS, 73 anos).

Lá as mulheres teciam redes de pesca, isso mudou também (MEIRE, 60 anos).

Pra mim não mudou muita coisa lá e aqui, lá no sítio eu plantava e aqui continuo plantando, porque eu sempre fui agricultora. Para os homens mudou muito a pescaria, agora tudo é longe (LIA, 48 anos).

Os comunitários de Fátima de Urucurituba relatam sobre a presença de políticas públicas e atividades de lazer na várzea, bem como o campo de futebol, centro comunitário, urna e local oficial de votação, recursos de comunicação (telefone público), escola e posto de saúde. Após o reassentamento, estas políticas não se apresentam inseridas na comunidade e sim nas comunidades vizinhas, respectivamente Alter do Chão e região de Santa Maria no eixo forte. O acesso ao posto de saúde de Alter do chão é considerado oneroso e complicado para eles, pois para o deslocamento é necessário utilizar dois ônibus para ir e dois para voltar, tornando-se mais acessível a ida a Santarém, quando necessitam de serviços de saúde.

Lá nós tinha tudo que uma comunidade poderia ter. Nós tinha a nossa urna (de votação), que ia para a comunidade, nós tinha telefone público”. Agora eles querem que a gente vá pra lá votar? Onde já se viu minha senhora, pagar rabeta pra votar? (FILETO, 66 anos).

Nós tinha nosso campo de futebol, salão comunitário, escola, posto de saúde, urna de votação (SANTOS, 61 anos).

Aqui pra nós, falta só um posto de saúde e uma escola, porque tem muita criança (ANE, 60 anos).

Eu não vou esquecer a minha comunidade. Lá não tem como tirar da lembrança, nossa terra natal. Se pudesse voltar pra lá voltava. Oh felicidade que seria (FILETO, 66 anos).

Os recursos que Fátima do Urucurituba apresentava antes das terras caídas, pode ser compreendida como um fator revelador de afetos, pois demarcam um tempo histórico de um lugar que apresentava vários recursos para os comunitários. Na visão de Bosi (1994, p. 418), o enraizamento em solo comum, transcende o sentimento individual, “cada geração tem de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como ponte e demarcação de sua história”.

5.1.2 As vivências com o fenômeno das Terras caídas

A vivência das terras caídas e as inúmeras perdas materiais e de território que suscitavam mudanças na dinâmica de vida dos comunitários, bem como tudo que motivou a saída emergencial dos mesmos, está presente em muitos relatos, tornando-se ponto de partida e de chegada em vários diálogos, na observação participante, nas entrevistas (ainda que estruturadas) e na aplicação dos IGMA. Os comunitários de Fátima sentiam necessidade de falar detalhadamente sobre este tema, relatando as várias lembranças dos acontecimentos para si e para a comunidade. A narrativa sobre a reconstrução de casas, igrejas, escola, barracão comunitário são memórias que traduzem este processo e as várias tentativas de permanecer na comunidade e de mantê-la, mesmo com os riscos que já tinham conhecimento que estavam expostos. Os relatos são carregados de afetos e reforçam o esforço de manter seus símbolos de identidade com o lugar vivos.

As memórias das experiências dos comunitários de Fátima do Urucurituba com as terras caídas são muito ricas e fornecem uma reconstrução de um mundo socioambiental e afetivo através da narrativa dos acontecimentos e por isso serão didaticamente separados em subtópicos, à saber: a) explicações sobre o fenômeno das terras caídas; e b) experiências

individuais e coletivas de perdas materiais e estratégias de enfrentamento.

a) Explicações sobre o fenômeno das terras caídas

As explicações sobre o fenômeno das terras caídas também se fazem presentes nos relatos, e vão desde a sabedoria popular às de ordem espiritual e cultural, como a lenda da “cobra grande” e posteriormente o conhecimento sobre os processos socioambientais que podem ter produzido tal ocorrência. Para fins didáticos e com intuito de ilustrar estas questões em um tempo histórico de ocorrência dos processos e das lembranças, foram elencando trechos das narrativas dos comunitários sobre estas questões.

Bosi (1994, p. 408) enfatiza que “uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais”, além disso a autora reforça que “Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos, que são para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum.

Com base nos registros dos órgãos ambientais, como INCRA e IPAM, além dos relatos dos comunitários, o fenômeno das terras caídas teve sua primeira ocorrência em 2005 na área de Urucurituba envolvendo inicialmente a região do Arapemã; em Fátima seu início se deu 2009, porém estas ocorrências não foram compreendidas de imediato pelos comunitários, levando à busca de explicações da sabedoria popular intrínsecas à historicidade da Amazônia, como a lenda da “cobra grande”, explicações com a concepção da natureza dos processos e o resgate de falas de familiares mais antigos que faziam parte da comunidade. Segundo Carvalho (2006, p. 32), as terras caídas são por vezes explicadas através do imaginário local, “evidenciando um saber pautado na relação que possuem com o rio, suas crenças e valores”. A seguir encontram-se os relatos, ilustrados em fragmentos dessas memórias que corroboram o exposto anteriormente.

Dizem que é da natureza, as terras caídas (MANOEL, 76 anos).

O avô do meu pai dizia “Eu vi esta terra crescer, e quem viver verá esta terra cair. Esta terra não vai existir muito tempo” (FILETO, 66 anos).

A primeira vez que caiu nós não entendia o que tava acontecendo, as pessoas lá diziam que era cobra grande e que tinha até botado fogo. Mas daí eu pensei, cobra grande não existe, não bota fogo, não tem olho. “Mas eu vi”, as pessoas diziam. Pessoas que eu

sabia que não contavam mentira. Eu disse, não. Mas vamos ver o final da história, o fim da novela. Aí no outro dia o homem disse: “olha, caiu muita terra em frente de casa”. Aí nós começamos a entender. Nesse dia que eu descobri, aí eu fiquei nervosa. Nesse dia, eu vi o fogo azul. O dito fogo azul da cobra grande que eles diziam. Eu disse: olha o fogo que eles viram. Misericórdia, tá caindo terra, tá caindo muito, vai morrer, eu dizia. Sai de lá, eu gritava. Sai que tá caindo aí, e o fogo botava assim. Sai daí, eu gritei, gritei, gritei...eu olhava, eles lá tentando socorrer as coisas deles e aquelas maresia enorme, foram tirando que dava. No outro dia eu conversei com a minha filha, ela disse que era o gás, o gás que não vê de dia, vê de noite, é o gás que tá na terra, é por isso que fede de gás insuportável. Na hora que quebrava sai o gás que tava no fundo da terra, ele entrava em contato com o ar, aí ele acendia. E só se via de noite, de dia ele tava lá, mas como? Aí, eu disse, ah, descobri gente, não é balsa, não era ninguém com a lanterna, não era cobra grande, era o gás (LIA, 48 anos).

Em relação ao saber local a compreensão do fenômeno das terras caídas, de acordo com Carvalho (2006, p. 38) “O surgimento de barras arenosas é comumente associado à lenda da cobra grande, em que uma cobra grande vinda de montante ao se acomodar num ponto do canal, se configura num obstáculo para o fluxo”. Este fluxo perde a velocidade e deposita sedimentos, formando uma barra arenosa, e neste sentido as memórias que resgatam estas vivências com o fenômeno das terras caídas, possuem sua relevância e seguem as explicações científicas e geomorfológicas, pois independente do obstáculo; quando o fluxo da água perde a velocidade, ele conseqüentemente diminui sua capacidade de transportar sedimentos, promovendo a sedimentação e a formação de barras e de ilhas. Em alguns relatos era comum os comunitários se referirem a ilhas e/ou praias que se formaram ao longo do tempo nas proximidades de Fátima. Nesta perspectiva Carvalho (2006, p. 40) realça que “O conhecimento empírico e tradicional das populações locais acerca da dinâmica fluvial do rio Amazonas é pertinente e por milhares de anos possibilitou a subsistência de uma densa população nas margens dos rios”.

Tomando como referência de análise da entrevista com a coordenadora do IPAM/Santarém, a terra começou a cair no Arapemã, comunidade reconhecida de população quilombola, que fica ao lado de Fátima, na região de Urucurituba (também pertencente ao PAE/Urucurituba). Segundo esta mesma fonte o Ministério Público Federal, que fiscaliza terras da União, existia uma extração ilegal de argila desde a década de 90, uma olaria que também é apontada pelo IPAM como elemento importante no início deste processo. Diante disso, em 2014 foi um feito Termo de Ajuste de Conduta para a retirada desta olaria e preservação e garantia de direitos socioambientais e de terra já firmados no PAE, para os moradores desta localidade. O fato é citado como colaborador ou acelerador do processo de terras caídas pelo IPAM, porém esta informação não foi identificada nas pesquisas científicas

realizadas na área de Urucurituba por Carneiro (2014)⁴⁹.

b) Experiências individuais e coletivas de perdas de bens e estratégias de enfretamento

As experiências com o fenômeno das terras caídas, as perdas de bens materiais e imateriais bem como o enfretamento ao fenômeno em diversos momentos da vida dos comunitários são relatados a seguir. Elas são narrativas permeadas de emoções e da percepção de recursos emocionais e sociais individuais e coletivos que foram sendo desenvolvidos através da historicidade dos eventos, instaurando uma nova dinâmica socioemocional e territorial, traduzindo-se em uma forma de (re)existência por anos realizada em Fátima de Urucurituba até a retirada da várzea e posterior reassentamento em terra firme. As falas a seguir trazem situações de experiências pessoais, as quais são ilustrativas dos perigos e riscos a que estes comunitários estavam expostos e suas formas de compreensão e enfrentamento.

Um dia antes nós ficamos sabendo que caiu terra, mas não fomos lá vê não. Meu irmão chegou lá em casa era a boca da noite, a noitinha. Aí quando ele ouviu aquele barulho ele disse: “escuta, escuta, desliga a tua televisão, ei cunhada isso é terra caindo e é ali no porto e os homem tão lá. E a terra tava caindo...uns 70 metros. E como que os homem tão pra lá? Vão morrer, porque, como que a terra caiu, levou a canoa, não tem como... ali de noite no escuro né? Quando cheguei lá não vi mais os homem, só vi terra arriando mesmo. Um irmão meu viu e soltou as bajaranas que tavam mais próximas e levou elas. Ele disse que ele remava e ia remando e puxava ele pra dentro da terra caindo e era aquela coisa. Oh meu Deus!! E ele não sabia mais o que fazer (CRISTIANO, 55 anos).

Quando eu cheguei pra desmanchar a malhadeira, a terra arriou embaixo de mim, ele tava em pé na canoa, então nessa hora, a canoa foi embora, ela leva mas ela empurra. Ela que fazia isso aqui, ela leva, a correnteza, a água leva muito pra cima e puxa. Ela fazia isso com ele na praia. Inda não tinha caído a parte de a praia (SANTOS, 61 anos). O homem que perdeu mais casa fui eu...eu perdi tudo (MANOEL, 76 anos).

Com relação a permanência em áreas de risco, Saarinen (1966) indicou em suas pesquisas, que embora as pessoas vivenciassem situações de perigo em seus territórios, especialmente aqueles advindos por desastres naturais, revelam que o residir em áreas de risco e a incerteza em seu modo de vida, faziam parte de sua identidade, traduzindo-se orgulho pela capacidade de ficar e lutar pela sua moradia.

⁴⁹ Detalhadamente contidas na sub-seção sobre “estudos sobre as terras caídas”

Imagem 11 - Fátima de Urucurituba, várzea



Fonte: Elaborado pela própria Autora (2019)

Neste sentido, as experiências de permanecer em Fátima de Urucurituba bem como as estratégias individuais e coletivas estão apresentadas no quadro ilustrativo e serão separadas em duas colunas “experiências” e “estratégias de enfrentamento”. Nele encontra-se uma visão geral de ocorrências do fenômeno das terras caídas e da forma em que os comunitários se organizavam individual e coletivamente para resgatar seus recursos materiais, símbolos e plantações (fontes de recursos), assim como as estratégias de ajustes e colaboração dentro e fora da comunidade.

Bosi (2003, p. 16) destaca que “quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época”. Discorre ainda que os possíveis esquecimentos, omissões ou trechos contraditórios são indicadores significativos de como se processou o fato histórico no cotidiano das pessoas, dos registros nas biografias individuais e na sensibilidade popular do tempo histórico.

Quadro 2 - Experiências e estratégias de enfrentamento com as terras caídas.

Experiência	Enfretamento
Era igual uma dor quando começava a cair assim, 5 horas da noite, na mediação assim, já pra vim pra segunda casa que a gente já tinha feito, aí, já pareceu uma dor, a gente ficava assim, oh, meu Deus, tomara que ela passe! Aí, ficava num minuto, aí chegava dois minutos, meus Deus ela deu outra queda, ela deu outra arriada, aí, 2 minutos, aí, se ela espaçasse pra 3 minutos, talvez ela vá parar. E quando ela acelerava não dava mais nem 2 minutos, a gente ouvia “zum, zum” a terra caindo, podia ouvir barulho “zum”, igual um avião (LIA, 48 anos)	Num demora o telefone tocava ou a gente ligava pra alguém, onde é que essa terra tá caindo? A gente se mantinha por telefone, Aí, uns diziam, e agora? Eu digo: e agora, que nós só vamos de manhã. Não tem como varar pra aí. Fiquem acordados, tirem tudo, se for preciso abandonem tudo... porque o lago, ele fechava, entendeu? E quando começava a cair, tu não podia ir porque tu não podia entrar porque ficava o barrancão de pau podre, de capim, tu não entrava ali e se tu entrasse, se tu ficasse um pouco, o risco era pior! (LIA, 48 anos)
Quando arriava, eles ligavam pra nós (meia noite), os pessoal fretavam barco e iam, os de lá da comunidade mesmo. Dava muita gente pra ajudar. (CRISTIANO, 55 anos)	Aí a gente varava por barrancos sabe, eu pegava esse pessoal “vambora” ajudar esse fulano que tá lá, a gente era muito solidário. O povo quando eu ligava daqui, eu olha pessoal, tá acabando aqui, eles iam, daqui de Santarém, eles fretavam barco e iam ajuda nós. Dava muita gente. (CRISTIANO, 55 anos)
Veio uma terra caída e levou o colega do meu irmão, ele com a canoa. Daí eu corri...caiu muito pertinho assim a terra, não pegou onde eu tava e, ele, olha (barulho de mão batendo uma na outra), só viu a aguaceira. O Seu Lampião morreu, o parceiro do meu irmão... foi embora com a canoa, com os peixes indo. (CRISTIANO, 55 anos)	Cheguei correndo, corri muito...naquele escuro, eu gritava, gritava e procurava ele assim numa praia que tem meio perto, que eu olhei seu Lampião veio igual um bicho assim, saindo d'água todo atolado, ele andava numa lama assim, engatinhando....levou pro fundo...ele não conseguia se segurar de tão cansado...Eu peguei ele, ele não tinha mais força pra vim, mas eu disse, ou morre ou morre! Eu segurei ele e nós saimo correndo pela beira. Perdemos tudo que tinha lá, canoa...tudo (CRISTIANO, 55 anos)
Construímos umas três casas lá...(SANTOS, 62 anos)	depois da última fomos embora...eu não voltei lá até hoje... ...(SANTOS, 62 anos)
Eles faziam umas casas nuns lugares perigoso, o temporal arrancou a casa do rapaz, além de perder a casa dele nas terras caídas, tirar de lá na marra, a maresia do lago levou a casinha dele (LIA, 48 anos)	Aí ele se mudou, ele mora em Pinduri, pra ali. Não mora mais na nossa comunidade nem veio pra cá também. Sofreram muito. (LIA, 48 anos)
Quando a água bateu, a Santa caiu na água mas com a caixa e não estava nem um pouco molhada, estava boiando, como é possível com tanta água batendo!!!! (LIA, 48 anos)	Aí eu peguei ela, limpei, enxuguei assim a caixa e fiquei lá ainda pegando o que eu via...a bacia da igreja...o livro dos cânticos, tentei salvar... mas já não deu mais... (LIA, 48 anos)
Eram 270 pés de banana, era a coisa mais linda, no mês de março que veio a enchente e levou tudo...tinha uma plantação de pimenta também, tinha irrigação também de hortaliças	Perdemos tudo, plantamos tudo de novo, mas a gente cansava

Fonte: Elaborado pelo próprio Autor⁵⁰ (2019).

Os recortes de momentos importantes, e até mesmo determinantes para os comunitários pesquisados também fornecem pistas de como eles iam se reinventando a cada ocorrência. Segundo Bosi (2003, p. 421) “existe, dentro da história cronológica, outra história

⁵⁰ A partir da observação participante

mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo”. Neste sentido ao narrar suas experiências e recursos de enfiamento, também narram suas memórias afetivas, cultura, histórias, apoio mútuo, frustrações e vontade superação. A seguir, fragmentos de falas que ilustram estas pistas.

Os bichos sabe, os gato, os cachorro eles olhavam procurando o lugar deles, eles choravam, não tinha mais nada, era uma coisa impressionante, parece que eles queriam entender o que tava acontecendo, eles procuravam aquele lugar que não tinha mais lá, eles choravam procurando o lugar...mas não tinha mais (LIA, 48 anos).

Nossa comunidade se acabou do nada, cada um foi para um canto, estranho isso (NILSON, 48 anos).

A narrativa sobre a “sobrevivência” da Santa e a relação dos comunitários com a sua guarda e resgate, nos faz recuperar e confrontar o pensamento de Bosi (2003), sobre objetos biográficos mais vistos e observados na velhice, o que na leitura da autora servem para imobilizar as memórias, ou materializar afetos, que nos permitem um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade, objetos que envelhecem com o possuidor e se incorporam a sua vida. Constata-se que mesmo a Santa não sendo um objeto de composição dentro das casas dos comunitários, ela sem dúvida é um elo de identidade comunitária e depositária da memória social, um recurso imagético que tem representatividade existencial, permitindo a proposta de qualificá-lo como insubstituível (BOSI, 2003, p. 26), pois “as coisas que envelhecem conosco nos dão a pacífica sensação de continuidade”, como demonstram as falas a seguir.

Quando a gente saiu de lá. Não tinha onde deixar a Santa...daí disseram ‘deixa no Museu de Arte Sacra de Santarém...depois ia pegar de novo. Mas ficamos com medo de não devolverem. As primas da Dona Edna ficaram com ela, ela é uma senhora antiga da comunidade, ela é da igreja...ficou lá com elas para ser cuidada. Mas sabe quando nós mudamos elas não queriam mais devolver, teve briga de novo e devolveram a bichinha pelada, sem roupa, sem nada. Quando ela voltou ela ficou na casa da Dona Edna e vai ficar lá até a igreja ficar pronta (LIA, 48 anos).

Muitas coisa da igreja foram vendidas com as terras caídas, quando viemos embora, muitas coisas da comunidade também como motor de luz, e tudo que foi vendido ficou para a reconstrução da igreja. Assim como nós temos agora a nossa casinha, ela vai ter a dela. Já chega, ela tem que se quietar (CRISTIANO, 55 anos).

Os relatos nos fazem perceber que, assim como a Santa vai “quietar”, ou “ter o seu lugar”, talvez manifeste o desejo dos comunitários de também encontrarem o seu lugar. Segundo Bosi (2003, p. 20) “a fonte oral mais sugere que afirma, caminha em curvas e desvios

obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa”.

c) Memórias e afetos

Segundo Fraxe, Witkoski, Lima, Castro (2006, p. 14), estamos ligados ao espaço por meio de vários sentidos, e quando olhamos para ele, nos conectamos por meio de aromas, pelo que vemos, sentimos e nos movemos, e por isso não estamos apenas nele, “estamos enraizados nele por conta do trabalho, pelo meio natural, ajudando a prover as transformações que os grupos sociais fazem nesse meio no decorrer do tempo histórico”.

Eu vim pra cá porque tenho amor pela comunidade, pra trabalhar na igreja, mas eles não queriam que eu morasse só, porque já não tenho saúde boa (ELZA, 76 anos).

Sou filho da minha terra que caiu (MUNDICO, 79 anos).

Eu não vi Fátima começar, mas eu vi Fátima terminar. Então, foi uma coisa que a gente viu que sei lá...se a gente tem alguma sequela, sei lá, não sei. Mas a gente ficou já meio, porque a gente sofreu muito. Foi um sofrimento muito grande. Que até um dia eu fiquei tão triste, que todo mundo sabia (CRISTIANO, 55 anos).

Passei maus bocados lá. Minha esposa tem trauma, não quis mais voltar lá...aliás ela nunca mais voltou lá. Tem gente que morreu lá, devido as terras caídas (SANTOS, 61 anos).

Os relatos demonstram os sentimentos experimentados pelos comunitários reassentados, os quais também se mesclam com um lugar/ambiente físico e seu componente socioambiental, como um catalizador de memórias das relações sociais ocorridas no passado, o que Bosi (2004, p. 34) realça afirmando que “do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidade”.

Imagem 12 - Imagens da reconstrução da igreja de Fátima no Eixo Forte.



Fonte: Elaborado pela própria Autora (2019)

O estudo das lembranças consiste em uma verdadeira forma de compreensão psicossocial da memória, sendo possível ter acesso a um tipo de história social constituída ao longo do tempo, refletindo quadros de referências familiares, culturais e características da forma de funcionamento da sociedade bem demarcadas e conhecidas (BOSI, 1994). Conseqüentemente, por meio da lembrança, conhecemos também as histórias dos lugares. A análise dos afetos na comunidade de Fátima de Urucurituba no Eixo Forte está presente na rememoração, visto ser a própria memória um afeto.

Nesta perspectiva, os afetos não estão dissociados do contexto sociocultural onde os sujeitos constroem suas emocionalidades e sociabilidades, e as narrativas demonstram uma volta ao passado, uma busca de pontos comuns entre o estar lá e o estar aqui, um resgate de uma intimidade relacional ainda em (re)construção. Importa ressaltar que a religiosidade vivenciada pelos comunitários de Fátima, amalgamada no próprio nome da comunidade a partir da chegada da Santa vinda de Portugal e confirmada na construção e reconstrução da igreja (por aproximadamente cinco vezes) para abrigá-la, é percebida neste estudo como eixo estruturante das relações comunitárias, permitindo um enredamento simbólico entre a Santa (elemento feminino) e a (re)existência dos comunitários de Fátima de Urucurituba no Eixo Forte.

5.2 Contexto socioambiental de Fátima de Urucurituba no Eixo forte

Na descrição e discussão dos dados gerados pelas entrevistas estruturadas a seguir, não há intenção de uma demonstração estatística, mas de ressaltar que apesar de trazerem dados pessoais do informante, traduzem (pelo próprio formato e função do questionário) informações pertinentes às famílias⁵¹. Nesse sentido, realiza um recorte sociodemográfico das famílias que estão reassentadas em Fátima de Urucurituba no Eixo Forte, permitindo uma visão global do seu perfil e das condições de vida nesta comunidade favorecendo maior aproximação com o contexto socioambiental na terra firme.

Conforme a pertinência dos objetivos do estudo e indicadores necessários à compreensão do contexto socioambiental, serão apresentadas 5 (cinco) categorias que buscam elucidar os seguintes aspectos: a) dados pessoais; b) dados da família; c) domicílio; d) infraestrutura e serviços; e) qualidade de vida; e e) capital social.

⁵¹ Vale ressaltar que os questionários foram aplicados nas residências das famílias, e as respostas se traduzem de forma coletiva.

Através da observação participante, no período de março de 2019 a janeiro de 2020, foi possível identificar a presença de quatro grupos distintos de moradores na comunidade, três advindos e originários de Fátima do Urucurituba⁵² (em datas/ordens distintas de chegada àquele espaço) e um grupo remanescente da situação de posse ilegal de terra pela União, anterior ao reassentamento oficial realizado em 2015⁵³.

As famílias originárias de Fátima de Urucurituba migraram para o Eixo Forte buscando novo espaço de moradia pela destruição de suas casas pelo fenômeno das “terras caídas”, e também foi indicado como grupo responsável pelas informações que levaram os comunitários formalmente reassentados a tomar conhecimento sobre a disponibilidade da desta área para reassentamento; e o grupo que perfaz a maioria dos residentes atuais e que participou oficialmente do reassentamento realizado pelo INCRA. O único grupo⁵⁴ que não é originário de Fátima na várzea está hoje integrado à comunidade enquanto organização social.

Estas divisões de grupos foram identificadas através das várias interações com os comunitários, na percepção⁵⁵ deles, todos agora pertencem à Fátima de Urucurituba no Eixo Forte, inclusive são formalmente cadastrados como membros da comunidade.

Almeida (2010) aponta que a dinâmica política organizativa das comunidades tradicionais, incluindo aqui os povos da floresta, se sobressai na constituição de identidades coletivas, pois desta forma se estabelecem em um grupo mais fortalecido frente aos antagonismos e burocracias estatais. Estas ações englobam um conjunto de grupos sociais que atuam na defesa de seus territórios tanto no enfrentamento com o Estado, quanto por outros grupos sociais. A ação coletiva destes grupos, permite maior peso em reivindicações e reconhecimento para os espaços e demandas em instituições públicas, se organizando, assim como em Fátima, em coletivos legítimos através de associações articuladas a organizações e federações, formando redes de ação coletiva no intento de firmar sua identidade sociopolítica.

Neste sentido, para melhor visualização da distribuição dos grupos remanescentes de Fátima na várzea, apresentamos no quadro 3 estes grupos, indicando tempo de moradia e quantidade total de famílias e quantidade de famílias participantes das entrevistas estruturadas.

⁵² Grupo 1 – reassentados Fátima/INCRA; Grupo 2 - chegaram à Fátima há aproximadamente 6 anos; Grupo 3- chegaram à Fátima há aproximadamente 10 anos.

⁵³ Grupo que comprou dos posseiros terras pertencentes à União e que foram visivelmente incorporados à Fátima no Eixo Forte – total de 10 famílias.

⁵⁴ Aproximadamente 9 famílias (constituídas basicamente de casais)

⁵⁵ Durante a observação participante este não parecia um assunto a ser abordado com os comunitários, sempre que eram feitas perguntas sobre o número de famílias totais e remanescentes de Fátima, eles não aprofundavam o assunto

Ressalta-se que este quadro corresponde ao tempo histórico de março a dezembro de 2019.

Quadro 3 - Grupos dos residentes e originários de Fátima do Urucurituba.

Grupos	Denominação	Total de famílias	Tempo de Moradia⁵⁶	Famílias participantes no estudo
Grupo 1	Grupo M	3 famílias	10 anos	2 famílias
Grupo 2	Grupo A	3 famílias	6 anos	2 famílias
Grupo 3	Grupo reassentados INCRA	22 famílias	3 anos	13 famílias

Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2019).

A divisão dos grupos foi extremamente importante para os objetivos deste estudo e para os critérios de inclusão e exclusão dos sujeitos da pesquisa. Neste sentido, as informações a seguir correspondem aos achados da realização de 17 entrevistas estruturadas com famílias e contemplam os grupos originários de Fátima de Urucurituba. As informações foram apresentadas em gráficos, outras em quadros para facilitar o entendimento e outras comentadas em forma de texto.

a) Dados pessoais dos respondentes

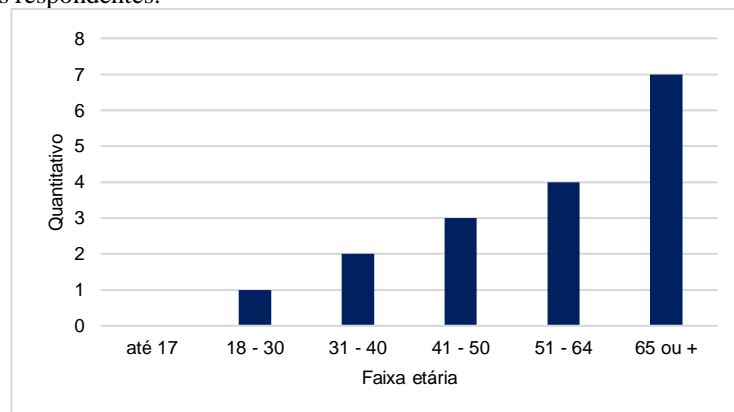
Os dados pessoais descritos dizem respeito aos respondentes que estavam presentes nas residências no momento da realização das entrevistas. Do total de 17 respondentes, 11 foram mulheres e 6 deles foram homens. Sobre o local de nascimento todos os respondentes nasceram em Fátima do Urucurituba/Santarém-PA, e diziam isto com muito orgulho e ênfase, como se quisessem reafirmar tal informação. Além disso, na ocasião desta pesquisa mencionavam histórias sobre suas famílias, seus pais e filhos que em sua maioria também haviam nascido lá.

O gráfico 1 indica que a idade dos mesmos prevalece na faixa etária de 41 a 66 anos ou mais de idade. Cardoso (2019), em seu estudo na várzea santarena destaca a presença significativa de homens e mulheres com mais de 60 anos e aposentados, os quais contribuem com significativamente para o sustento familiar, mas que também visibilizam o envelhecimento do contingente populacional destas áreas. Este fato pode ser compreendido pela saída dos

⁵⁶ Ressalta-se que o tempo de moradia, é um tempo estimado com base na informação dos comunitários, porém ao longo das entrevistas e observação participantes, perceberam-se várias contradições nestas datas, fazendo com que este tempo de moradia seja estimado, e não decisivo

jovens para continuidade dos estudos em áreas urbanas, esvaziando de força produtiva estas famílias.

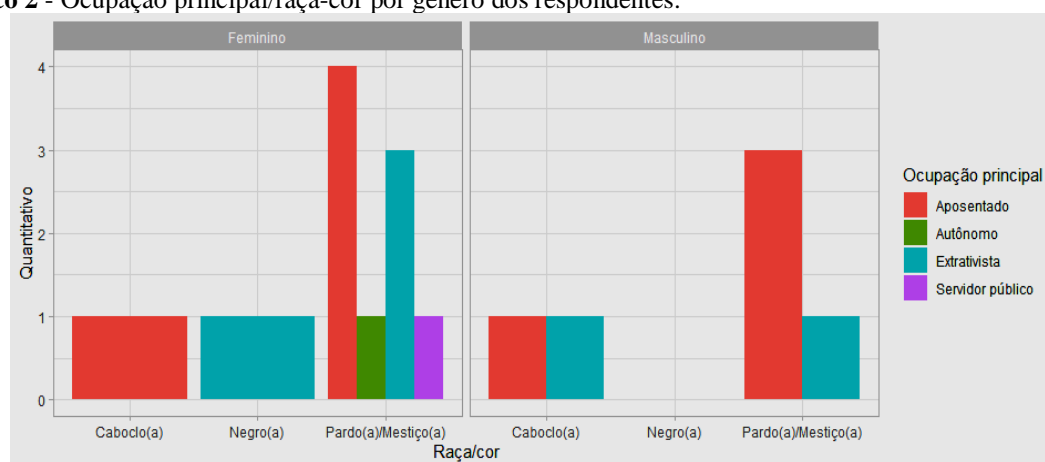
Gráfico 1 - Idade dos respondentes.



Fonte: Entrevista de pesquisa (2019).

No gráfico 2 traduz-se a presença significativa de homens e mulheres aposentadas na comunidade de Fátima, reforçando com as distinções de gênero, onde 8 (oito) das respondentes são aposentadas. Ainda neste gráfico, nas informações trazidas sobre as questões étnico raciais, descritas como raça/cor, constatou-se que entre homens e mulheres prevaleceu a autodescrição de parda e mestiça⁵⁷. Alguns se faziam questionamentos, do tipo “Branco que não sou né?”.

Gráfico 2 - Ocupação principal/raça-cor por gênero dos respondentes.



Fonte: Entrevista de pesquisa (2019).

⁵⁷ Como a maioria dos entrevistados foram do gênero feminino, as informações que se referiram aos dois gêneros, prevalecerá o gênero feminino.

Com relação à ocupação dos respondentes, corrobora-se a informação de significativo quantitativo de aposentados, seguido de quem se considera extrativista, o que está diretamente relacionado à idade deles. Com relação à renda familiar, foi indicado pelos entrevistados que a maioria (11) possui renda média de 1 à 2 salários mínimos, os comunitários indicam que foram afetados pela mudança territorial e perderam parte sua renda mensal (antes focada na agricultura e na pesca), se organizando hoje através de programas sociais ou dos recursos do seguro defeso.

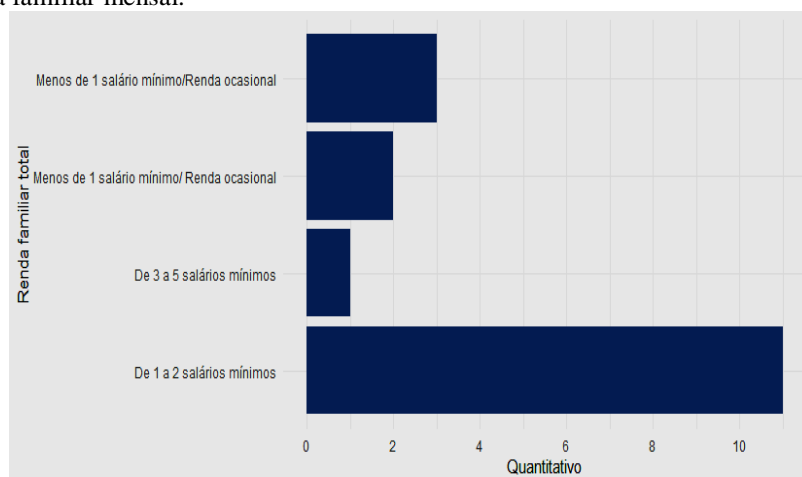
b) Dados da Família

Neste item, foi realizada a primeira adaptação no questionário, tendo em vista que a pesquisa desejava saber não apenas o tempo de residência em Fátima no Eixo-Forte, mas também o tempo de residência em Fátima em Urucurituba. Neste sentido a pergunta foi duplicada e obteve-se que em Fátima do Urucurituba as 17 famílias residiam há mais de 10 anos, vingo geralmente acompanhadas de falas da seguinte forma “morei a minha vida lá”. Como já anunciado anteriormente, em Fátima no Eixo Forte, temos a presença de 3 grupos com momentos diferentes de chegada à comunidade moradia, podendo ser este tempo histórico identificado no quadro anteriormente apresentado⁵⁸:

Importante ressaltar, que mesmo os que se declararam aposentados, realizam atividades de plantio, organização e participação comunitária, e além da gestão ainda tem papel de destaque na comunidade, como a guarda da Santa padroeira de Fátima⁵⁹, gestão da construção da igreja, dividem-se em tarefas ao redor de suas residências e do entorno da comunidade, sendo bastante participativos nas decisões comunitárias e muito respeitados dentro fora da comunidade.

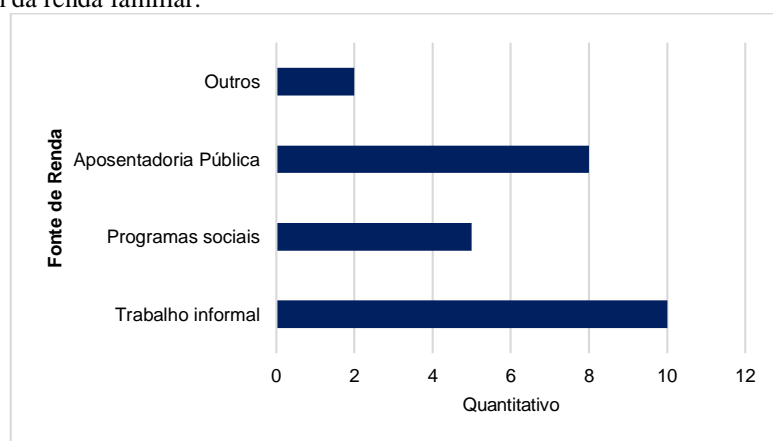
⁵⁸ Verificar tabela 10 na página 89.

⁵⁹ Nossa senhora de Fátima, na casa de uma das comunitárias que possui de 74 anos de idade

Gráfico 3 - Renda familiar mensal.

Fonte: Entrevista de pesquisa (2019).

Sobre a renda total das famílias, visualizada no gráfico 3, tem-se que 10 famílias possuem renda de até 2 salários mínimos, seguida de 5 (cinco) famílias que informaram renda de até 1(um) salário mínimo (alternando em renda fixa e renda ocasional). Neste quesito, os respondentes sempre faziam uma referência à situação financeira anterior, ou seja, de quando residiam em Fátima de Urucurituba, pois justificavam a facilidade para a pesca, diversidade do plantio e venda dos produtos. A origem da renda atual das famílias pesquisadas, está demonstrada no gráfico 4, o qual explicita fonte de renda atual mesclada distribuída entre aposentadoria pública (5), programas sociais⁶⁰ (3) e trabalho informal (10).

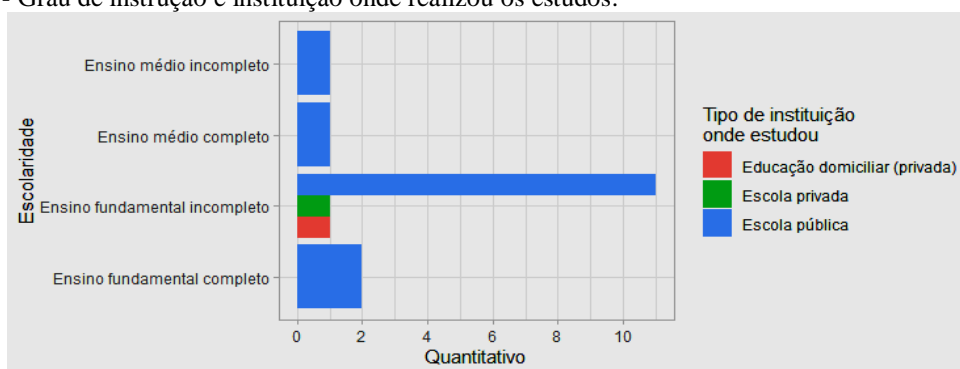
Gráfico 4 - Origem da renda familiar.

Fonte: Entrevista de pesquisa (2019).

⁶⁰ Bolsa família.

Sobre o grau de instrução, a maioria dos respondentes (11) possui ensino fundamental incompleto, e realizaram estes estudos em escolas públicas. No que tange à escolaridade dos respondentes, pode estar diretamente relacionado à idade dos mesmos e ao fato de terem pertencido à contextos históricos de educação restritos de acesso, já que nasceram e permaneceram quase toda a vida em Fátima na várzea, além de iniciarem na “roça” muito cedo, segundo identificado na entrevista. Questionados sobre o tipo de instituição escolar, informam em sua maioria 13, que foi realizado na escola pública, e apenas 2 informaram que suas famílias chegaram a pagar para um professor ensinar a ler e a escrever em casa mesmo.

Gráfico 5 - Grau de instrução e instituição onde realizou os estudos.



Fonte: Entrevista de pesquisa (2019).

O número médio de pessoas que moram nas residências é de duas a três pessoas, contrariando o número indicado para perfil de habitantes da várzea. As famílias mais numerosas pertencem ao grupo familiar do senhor Manoel e da senhora Ana, pois são as famílias que possuem crianças, contrapondo-se a maioria de residentes idosos⁶¹ e adultos trabalhadores. As famílias a partir destas características anteriormente apresentadas, são constituídas por casais (8 famílias), seguidos de pai, mãe e filhos (4).

c) Domicílio

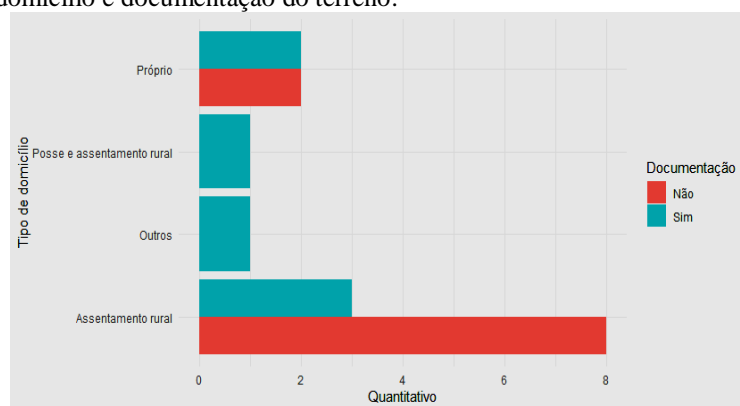
O gráfico 6 mostra algumas contradições, no que tange à compreensão dos comunitários sobre o tipo de domicílio que rege a sua moradia e o documento que comprova

⁶¹ Na observação participante, foi notado que as famílias em sua maioria são constituídas por casais que tem filhos já adolescentes ou jovens e que residem em Santarém ou por homens idosos (alguns viúvos) que vivem sozinhos ao longo da semana e que por vezes, recebem visitas de familiares nos fins de semana.

tal aquisição. Dos 17 entrevistados, 10 entendem que vivem em um assentamento rural, 4 (quatro) identificam que a terra pertence à eles e apesar de possuírem documentos de inscrição da terra fornecidos pelo INCRA, porém o que chama a atenção é a dificuldade de entendimento sobre estes procedimentos e processos no que tange à questões fundiárias. Os respondentes e seus familiares, quando afirmavam possuir documento de propriedade do terreno onde residem, se referiam ao documento recebido e que comprova a entrega das casas, fornecido pelo INCRA. Algumas explicações foram:

O INCRA disse que a casa que a gente está construindo é nossa, mas o terreno é assentamento. Acho que a terra é nossa sim, deram documento dizendo, então é nossa (MANOEL, 76 anos).

Gráfico 6 - Tipo de domicílio e documentação do terreno.



Fonte: Entrevista de pesquisa (2019).

Sobre a estrutura de fundação das casas, em Fátima no eixo - forte elas se organizam ainda de forma mesclada entre casas exclusivamente de alvenaria, poucas exclusivamente de madeira e a outra parte nas duas categorias. Importante ressaltar que os comunitários formalmente reassentados, trouxeram suas madeiras para a reconstrução das casas até que o INCRA providenciasse as novas de alvenaria. As casas construídas pelo INCRA seguem uma padronização com relação aos cômodos⁶². A maioria das casas possui sanitários internos (13) e as demais possuem banheiros externos, pois aguardam a finalização da construção das casas pelo INCRA. Porém um aspecto cultural ficou explícito, quanto a presença do Jirau⁶³, mesmo as casas sendo em sua maioria de alvenaria e com pia dentro para a lavagem das louças.

Outro aspecto de mudança radical é possuir banheiro e com chuveiro dentro das

⁶² 02 quartos, 1 banheiro, 1 sala e 1 cozinha.

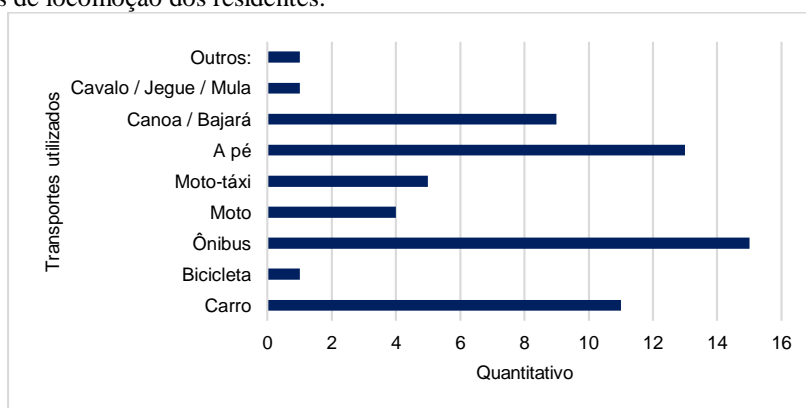
⁶³ Uma espécie de pia externa presente nas casas na várzea e nos contextos rurais, quando as casas são de madeira.

casas. A maioria das casas na várzea são construídas com “buracos” na área externa da casa e o ato de tomar banho se dá, geralmente à céu aberto e sem chuveiros. A seguir ilustra-se com fragmentos das falas: “Eu gosto de manter meu jirau, lavo tudo aqui fora para não sujar aí dentro (LIA, 48 anos). “Tem que ter nosso Jirau né”...risos (DOMINGAS, 73 anos). “Agora tem banheiro dentro né” (FILETO, 66 anos).

d) Infraestrutura e Serviços

O gráfico 7 demonstra a mudança nos meios de transporte atualmente utilizados pelos comunitários de Fátima no eixo Forte, pois se, no convívio na várzea os meios se davam através dos rios; residindo nas proximidades da cidade, utilizam prioritariamente ônibus, moto-táxi e carro para saírem da comunidade, além de percorrerem também uma boa parte a pé para terem acesso aos meios de transporte.

Gráfico 7 - Meios de locomoção dos residentes.



Fonte: Entrevista da pesquisa (2019).

Segundo o gráfico, 15 famílias utilizam o transporte coletivo público – ônibus, como meio mais frequente, algo bastante diferente do contexto da várzea, onde geralmente o transporte se dava de forma prevalente por meio do rio. Vale ressaltar que algumas famílias, apesar da permanência em terra firme, ainda possuem meios de transporte aquático, na várzea para transporte e atividade de pesca. Foi identificado também uso de carro particular (11 famílias) ou táxi para transporte.

A comunidade de Fátima no Eixo Forte, conta hoje com fornecimento de energia elétrica em todas as casas, abastecida por uma companhia distribuidora regional/CELPA, até a finalização desta pesquisa (janeiro de 2020), sem custos, por pertencerem à um assentamento

rural. Os assentamentos rurais são também caracterizados como áreas agrícolas, e devem preferencialmente acessar o programa do governo federal conhecido como “Luz para Todos”, uma política pública federal desenvolvida para minimizar os custos de energia elétrica para residentes de áreas rurais com baixa densidade populacional e com perfil de vulnerabilidade social. Vale ressaltar que as famílias pertencentes ao Grupo 1 pagam pelo fornecimento de energia, pois ainda não se encontram legalmente pertencentes ao assentamento, apesar de pertencerem como organização social.

O fornecimento de água é realizado a partir de um microssistema de abastecimento financiado e construído em regime de mutirão pelos comunitários, onde cada residência possui uma caixa de água própria, e sem custos para as famílias. O grupo familiar do senhor Manoel é o único que possui poço artesiano doméstico. Sobre a qualidade da água consumida, as falas dos respondentes são quase que unânimes em ressaltar a qualidade da água em contrapartida a consumida na várzea, conforme ilustram as falas a seguir:

Nossa água é bem alvinha (LIA, 48 anos).

Essa água daqui é limpa, sem cheiro, sem nada, a gente bebe direto da torneira (VAL, 65 anos).

Não precisa colocar nada nela, ela é limpinha (DOMINGAS, 73 anos).

Neste sentido, quatorze (14) famílias não realizam nenhum tipo de tratamento na água consumida, e as demais (3) usam cloro, por acreditarem que esta água tem excelente qualidade e provavelmente por fazerem a comparação com a água que faziam uso, direto do rio Amazonas. A comunidade está localizada próxima do que hoje se reconhece internacionalmente um dos maiores aquíferos de água doce do mundo, a vila de Alter do Chão, rio Tapajós, Santarém/PA.

A comunidade de Fátima não possui rede de esgoto e nem coleta de lixo, os comunitários se organizam por residência e construíram fossas sépticas e sumidouros, separados pelos fins que cada dejetos deve ter. Apenas 2 (duas) casas possuem despejo à céu aberto, por ainda estarem em processo de construção.

O lixo é inicialmente acondicionado em recipiente fechado, e depois vários comunitários relatam que realizam a separação. O lixo orgânico é enterrado para a produção de adubo ou dados aos animais de estimação, uma outra parte é queimada e outros como garrafas

de vidro, latas de alumínio (cerveja e conservas), papelão são guardados para serem levados posteriormente para a cidade. Existe também o senhor Manoel que recebe latas de cerveja, papelão e vidro para reciclagem. Neste sentido, os próprios comunitários realizam a limpeza de suas residências, e mantem mutirões de limpeza e organização dos espaços coletivos da comunidade.

Sobre as condições citadas anteriormente, vale ressaltar que quando os comunitários foram reassentados no Eixo Forte, não havia disponível água e fornecimento de energia elétrica, e eles com os recursos da própria comunidade passaram a construir as condições mínimas de sobrevivência para residirem neste local, como se confirmam nas falas a seguir:

Entregaram pra gente um monte de areia sem nada pra viver aqui (FILETO, 66 anos).

Não tinha nada aqui quando chegamos, só um monte de areia (CRISTIANO, 55 anos).

Nós tivemos que usar do nosso recurso pra pode fica aqui e espera o INCRA construir as casas...até hoje eles constroem...dai como a pessoa vinha morar aqui assim? Não tem como minha senhora! Mas mesmo assim demo um jeito, os outro que já tavo aqui ajudaram...reconstruimos as barracas de madeira, com a madeira que truxemo de lá, e fomo construindo até ter o que tem hoje. E vamo fazê mais (SANTOS, 61 anos).

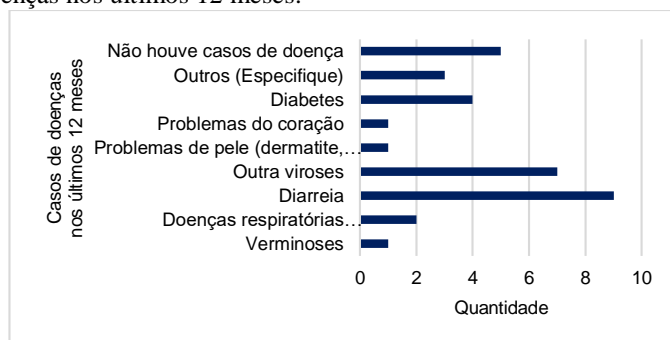
Até a finalização da pesquisa a comunidade de Fátima não recebe ajuda de nenhuma instituição filantrópica e nem recebe apoio de projetos de Organizações não governamentais – ONGs ou outras instituições de forma sistemática e formal. Recebe apenas o auxílio do movimento “cursilhista” da Igreja católica de Santarém em datas específicas, a qual realiza celebrações na região do Eixo-Forte com padres, ou mesmo com seus ministros.

e) Qualidade de Vida

As questões relativas à qualidade de vida, explicitam demandas de saúde e doença apresentadas pelos comunitários, bem como políticas, serviços e ações presentes ou não na comunidade que permitam o cuidado com a saúde ao cidadão que reside nesta comunidade. O gráfico 8 enumera doenças que afetaram os comunitários (a partir de cada núcleo familiar) nos últimos 12 meses. A diarreia (9) se apresenta em destaque, assim como as viroses (7), bastante presentes na Amazônia. Destaca-se que em 4 (quatro) famílias nenhum dos membros apresentou qualquer demanda com relação às questões de saúde, contudo há presença de

diabetes na população mais idosa (9).

Gráfico 8 - Casos de doenças nos últimos 12 meses.



Fonte: Entrevista da pesquisa (2019).

Quando acometidos por demandas de saúde, dependendo da gravidade a busca é realizada preferencialmente por postos de saúde e farmácias em Santarém. Além disso indicam fortemente a opção de uso de ervas, chás e remédios caseiros produzidos pelos próprios comunitários como recurso de saúde. Ressalta-se que Fátima no eixo forte encontra-se descoberta de visitas dos agentes comunitários de saúde (desde sua constituição), não possui posto de saúde próximo, nem hospitais, nem atendimento de urgência e nem mesmo farmácias, sendo necessário a busca ou na zona urbana de Santarém (7 km) ou na vila balneária de Alter do Chão (23 km)

É inviável ir pra lá, muito caro (MEIRE, 60 anos).

Às vezes vamos nos resolvendo por aqui mesmo, se for coisa grave aí sim vamos lá pra Santarém (SANTOS, 61 anos).

Meus pais são idosos, como vão pra lá?...difícil, deveria ter um posto de saúde mais perto, aqui temos muitos idosos (CRISTIANO, 55 anos).

No item que avaliava a segurança pública, áreas de lazer/esporte, programação cultural e limpeza de ruas e terrenos, temos a segurança pública, encontra-se por (15) dos respondentes estas são inexistentes, pois se sentem desprovidos destes serviços. Esta preocupação com a segurança e entrada de pessoas desconhecidas na comunidade, também foi apontada nos mapas afetivos. A título de ilustração encontram-se algumas falas:

Olha aqui já foi muito calmo, mas agora você vê gente que você nunca viu andando por aqui (MANOEL, 76 anos).

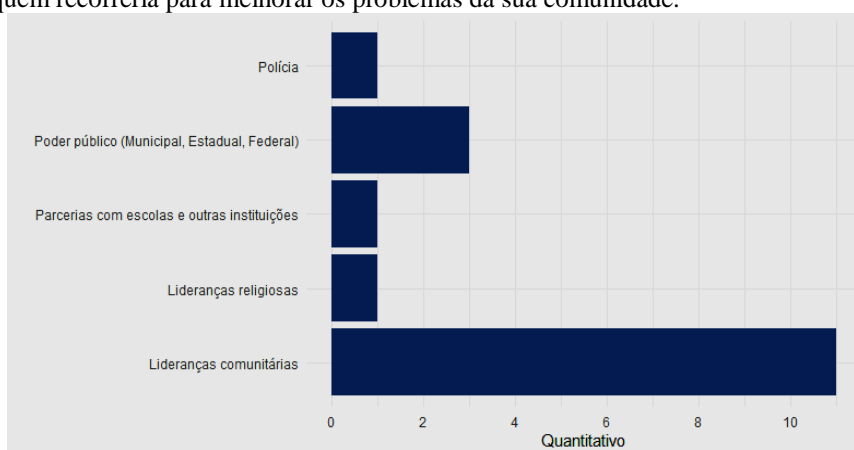
Entraram na minha casa e levaram meu celular, são uns moleques que andam por aqui (MUNDICO, 79 anos).

Agora a gente vive em delegacia, devido aos roubo e problemas com gente de fora aqui da comunidade que entra e as vezes acham que é daqui (CRISTIANO, 55 anos).

Nas questões relativas ao local de moradia, atrelado aos recursos como áreas verdes, arborização das ruas, prais/balneários, rios e lagos e qualidade do ar, os respondentes e suas famílias sentem-se satisfeitos com as áreas verdes encontradas na comunidade e a qualidade do ar que respiram, porém ao avaliarem os itens relativos a praias e balneários, bem como a presença de rios e lagos, os mesmos identificaram como não existentes, ainda que o rio Tapajós (que na região santarena também é reconhecido como praia) passe próximo da comunidade (aproximadamente 3 km). Este fato pode nos remeter à morada anterior, onde o rio atravessava a comunidade, e era também utilizado para transporte, navegação e lazer.

O gráfico 9 demonstra a quem os comunitários recorreriam para melhorar os problemas de sua comunidade: a maioria (10) respondeu que recorreria à liderança comunitária, seguidos de (3) que recorreriam ao poder público, o que demonstra a forte relação deles com as lideranças, as quais aparentemente se mostram eficazes na resolução dos problemas comunitários e apresenta-se como primeiro recurso de busca.

Gráfico 9 - A quem recorreria para melhorar os problemas da sua comunidade.



Fonte: Entrevista da pesquisa (2019).

f) Capital Social

As questões que se seguem são de grande importância para o entendimento das

relações comunitárias em Fátima no Eixo Forte. Assim como no grau de satisfação dos comunitários em suas relações interpessoais e os sentimentos que possuem pela comunidade e participação nas ações comunitárias. No item que avalia se os comunitários gostam da comunidade em que vivem atualmente, foi necessária uma adaptação nas respostas sendo acrescentada a opção “muito”, descrita a seguir em uma tabela com as falas dos entrevistados reforçando os motivos apontados.

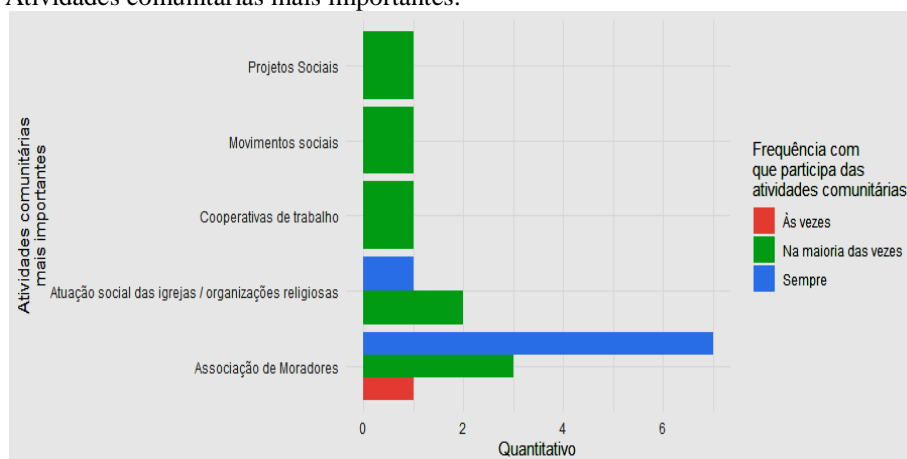
Quadro 4 - Sentimentos que possuem pela comunidade.

Você gosta da sua comunidade?	Sim	2	“Ah eu já gosto daqui sim” “Gosto sim, agora é o que temos para viver”
	Parcialmente	2	“É tá bom né...não é como era lá, mas tá bom” “Falta muita coisa ainda”
	Não	0	
	Muito	13	“Gosto muito”

Fonte: Entrevista da pesquisa (2019).

Em todas as falas a relação entre o local de moradia e o sentimento eram em sua maioria demonstradas de forma positiva, com (17) respostas que indicam estes sentimentos positivos (indicados no quadro). Estas respostas podem ser articuladas ao modo como classificam as relações comunitárias (outro item de avaliação dos questionários), as quais classificam como “sim” (2), “parcialmente” (2) e como “muito” (13) e nenhuma resposta aponta o item “não”. O gráfico 10 demonstra a maciça participação dos comunitários em atividades que colaboram para o desenvolvimento e manutenção da comunidade, indicando o grande compromisso deles com a causa comunitária.

Gráfico 10 - Atividades comunitárias mais importantes.



Fonte: Roteiro de entrevista da pesquisa (2019).

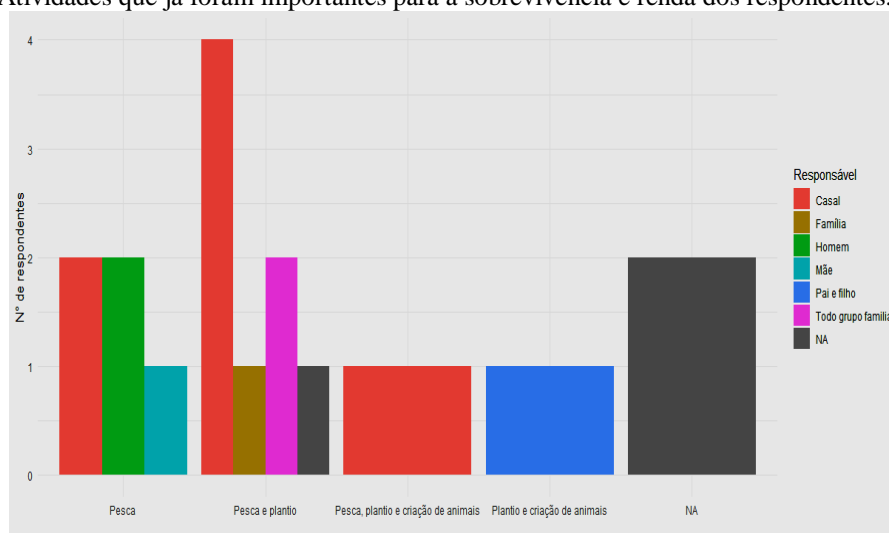
A comunidade conta com a associação dos moradores, bastante forte e presente com indicador de (15) famílias com uma avaliação de “bom”; indicada como a mais relevante por (10) famílias, quando comparada aos demais fatores de avaliação deste item do questionário. A presença dos comunitários nas ações e atividades da comunidade é muito expressiva, onde oito (8) famílias indicavam a sua participação na maioria das vezes, seguida de (8) famílias as quais responderam “sempre”. O item sempre não existia, porém foi incluso para melhor atender às respostas dos comunitários. As respostas sobre participação em projetos que beneficiariam a comunidade foram expressivas sobre a disposição dos comunitários em viabilizar recursos e projetos para mesma, com (13) indicando que sim e (3) indicando que talvez, porém, não existiram respostas negativas sobre este item.

Os dados a seguir são relativos às perguntas abertas e dizem respeito às condições socioeconômicas relacionadas à subsistência no passado, presente e futuro, a partir das mudanças impostas pelo atual território. O desenvolvimento das atividades também separadas por gênero, identificando o grupo responsável por cada atividade e percebendo se as atividades têm presença colaborativa de homens e mulheres.

a) PASSADO

Atividades agrícolas, extrativistas e de comercialização que já foram importantes para a família no passado (agricultura e extrativismo vegetal e/ou animal).

O levantamento mostrou que os 17 respondes desenvolveram atividades econômicas diversificadas no passado, quando viviam na várzea, sendo elencadas pelo menos seis (6) grupos de atividades (fonte de renda) e seus respectivos provedores. O gráfico 11 apresenta atividades econômicas informadas pelos participantes da pesquisa, bem como a identificação dos membros familiares responsáveis pelas mesmas, anunciando que as principais atividades realizadas no passado concentradas na pesca e no plantio; estes produtos eram utilizados para a comercialização e consumo próprio, característica intrínseca a agricultura familiar e os responsáveis por estas atividades assumem uma mescla de figuras parentais e de gênero, demonstrando a presença do casal de forma participativa na maioria das atividades.

Gráfico 11 - Atividades que já foram importantes para a sobrevivência e renda dos respondentes.

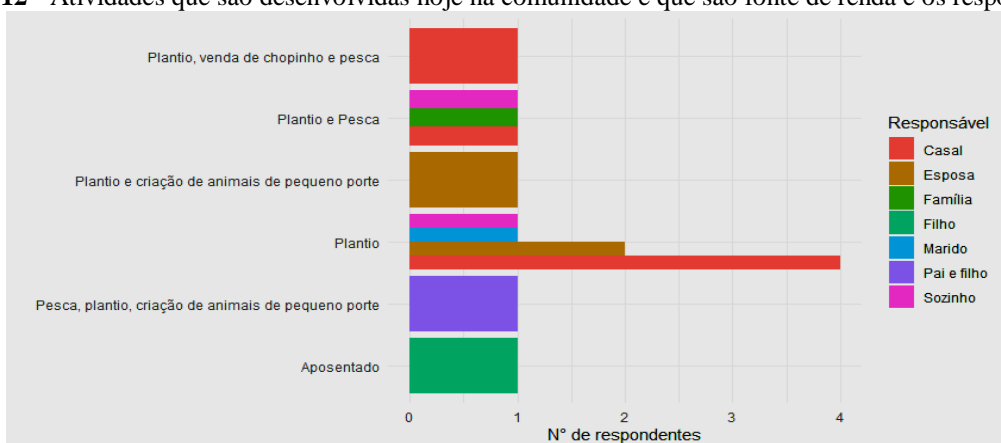
Fonte: Entrevista da pesquisa (2019).

b) PRESENTE

As atividades econômicas presentes no momento do estudo empírico, se mostraram mais restritas e divididas entre a várzea e a terra firme, demonstrando a mudança, e ao mesmo tempo uma tentativa de manutenção da pesca e da agricultura familiar. O gráfico 12 permite visualizar o perfil dos produtos, dentre eles frutas, verduras, animais de pequeno porte e a pesca, neste sentido foi levantada uma variedade de mais de 40 produtos extraídos ou produzidos por esse grupo de pessoas, tanto na várzea quanto na região de terra firme. Mais uma vez é visível a forma colaborativa entre homens e mulheres, nas atividades de comercialização e subsistência, porém há um indicativo de aumento na comercialização em relação ao passado.

Os relatos dos comunitários são de que de agosto até janeiro eles realizavam plantio na várzea, porém em visita à localidade foi percebido que em maio de 2019, houve uma grande enchente que inundou a área que ainda servia para o plantio. Atualmente, o que se percebe é que os comunitários não possuem mais terras na várzea para esta atividade. Além disso, a atividade pesqueira está cada vez mais limitada, por conta da quantidade de pessoas que estão realizando tal atividade, algo que no passado já foi bastante abundante, tanto para eles quanto para seus antecessores.

Gráfico 12 - Atividades que são desenvolvidas hoje na comunidade e que são fonte de renda e os responsáveis.



Fonte: Roteiro de entrevista da pesquisa (2019).

Os comunitários nas diversas visitas realizadas nas residências na ocasião da observação participante e na realização das entrevistas, relatavam de forma frequente a ausência de políticas públicas para a manutenção das atividades de plantio, pois o solo no novo território necessitava de outros recursos e mesmo investimentos. Neste sentido, as atividades de plantio, a escolha do que plantar e como/quando plantar foi visivelmente sendo alterada e adaptada ao novo contexto do solo e ainda a ausência da proximidade com o rio para a irrigação das pequenas plantações, permite um processo reaprendizado construído de forma lenta e pelos esforços individuais das famílias, como verificado na fala de dina Lia, lavradora “todo dia eu planto uma coisa, vou lá vê se pegou, todo dia olho, tô aprendendo de novo”.

Imagem 13 - Imagens de plantio realizadas em Fátima no Eixo Forte.

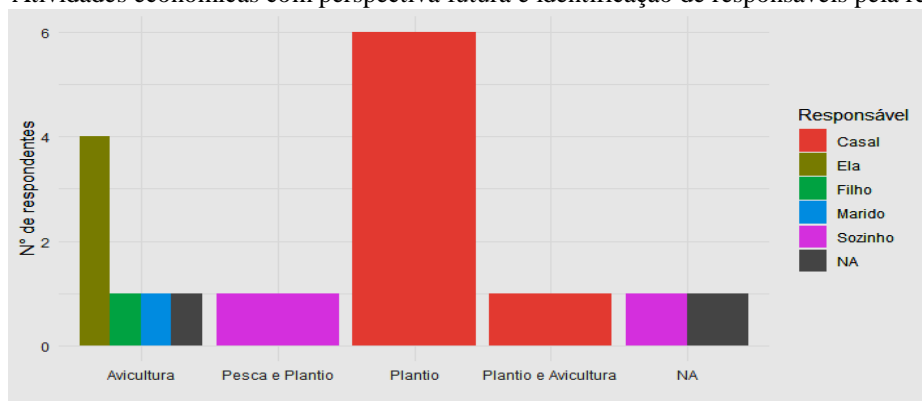


Fonte: Elaborado pela própria Autora (2019)

c) FUTURO

O gráfico 13 a seguir, centra-se nas perspectivas futuras de atividades a serem desenvolvidas na comunidade de Fátima na terra firma, destacando-se na maioria dos relatos a criação de uma cooperativa para criação de galinhas (avicultura), na qual é aguardada a colaboração do IPAM nesta atividade, através de busca de recursos e organização social da cooperativa.

Gráfico 13 - Atividades econômicas com perspectiva futura e identificação de responsáveis pela renda.



Fonte: Entrevista de pesquisa (2019).

Na última visita realizada à comunidade em janeiro de 2020, foi verificado a permanente ausência de órgãos e políticas públicas que permitissem a melhoria das condições de vida dos comunitários, e mesmo o apoio ofertado para a organização de uma cooperativa, não ocorreu, porém os comunitários por iniciativa própria já haviam organizado em seus quintais a criação de galinhas para posterior comercialização, mais uma datação realizada pelos mesmos ao território atual, demonstrando também sua resiliência e necessidade de crescimento, mesmo com a lacuna deixada pelas políticas públicas.

Imagem 14 - Criação de galinhas em Fátima de Urucurituba no Eixo Forte.



Fonte: Elaborado pela própria Autora (2020)

5.3 Tríade pessoa-ambiente-gênero: análise da afetividade em Fátima de Urucurituba no Eixo Forte

O afeto ao lugar na relação pessoa-ambiente-gênero foi analisado mediante os achados da observação participante, das entrevistas estruturadas e dos mapas afetivos, além dos resultados e considerações já descritos sobre as “memórias de Fátima do Urucurituba”. Neste sentido, a presente subseção trata das categorias da Psicologia Ambiental que traduzem as relações de afetividade com o entorno e as observações que geraram a compreensão sobre as relações de gênero na comunidade, complementadas com os relatos dos comunitários.

Além disso, ressalta-se que o estudo da afetividade emerge como categoria de análise e compreensão tanto de aspectos relacionados às vinculações dos sujeitos com sua comunidade, como também de questões sociais e políticas, as quais refletem o contexto de mudança sócioespacial vivido pelos comunitários na transição várzea-terra-firme.

Serão tratadas inicialmente, as categorias teóricas de análise sobre a identidade de lugar e apropriação do espaço, tendo em vista serem primordiais para a compreensão da afetividade relacionadas aos lugares. Posteriormente serão apresentadas as categorias relacionadas ao afeto ao lugar como: pertencimento, agradabilidade e contrastes através dos achados quantitativos e qualitativos dos Mapas Afetivos e Escalas de estima ao lugar, incluindo a análise transversal de gênero.

5.3.1 Categorias Teóricas de Análise na Psicologia Ambiental

a) Apropriação do espaço

Cavalcante e Elali (2011, p. 63) salientam que “apropriar-se significa também exercer domínio sobre o espaço e objetos, embora não seja necessário ter uma posse legal”. Desde o primeiro momento, que os comunitários de Fátima receberam oficialmente o novo território pelo INCRA em 2015, passaram a realizar ações de apropriação do mesmo, ainda que sem as condições mínimas necessárias, sem moradia e sem acesso água e energia elétrica. Os comunitários de Fátima, trouxeram a madeira originária de suas casas na várzea, como eles costumavam dizer, que “arrancaram⁶⁴ suas casas da várzea” e trouxeram pra cá. E desta forma, passaram a reconstruir suas moradias, até o início da construção das casas de alvenaria pelo INCRA⁶⁵.

As ações de apropriação do espaço comunitário, revela o individual e o coletivo através da seguinte fala:

Os pessoal foram embora deixando tudo pra trás, eu não, peguei minha raiz de lá e quando eu cheguei aqui, eu plantei ela na frente de onde vai ser a igreja, trouxe o urucurizeiro⁶⁶, e quando ela crescer vou colocar meu nome” (LIA, 48 anos).

A apropriação do espaço comunitário permite compreender um elo temporal entre o passado e o presente, um sentimento de continuidade entre Fátima de Urucurituba e Fátima Urucurituba no Eixo forte, através dos símbolos trazidos da comunidade na várzea. Para Higuchi e Higuchi (2012), o ambiente natural figura como uma importante referência em relação ao espaço social, os quais em constante dialogicidade, retratam os aspectos socioculturais próprios das pessoas naquele ambiente. Segundo Jerônimo (2012, p. 88), “reconhecer-se em um lugar traz a soma das lembranças de sentimentos, de vivências e significados dos sujeitos que habitam o espaço”.

Aos poucos os comunitários realizaram mutirões de limpeza nos terrenos e passaram a organizar com recursos da comunidade e pessoais, o microssistema de abastecimento de água que serve hoje toda a comunidade. Consequentemente necessitaram definir os locais que cada família fixaria sua residência dentro do local fornecido para o

⁶⁴ Expressão utilizada pelos comunitários e mantida nesta tese.

⁶⁵ Processo este que perdura até janeiro/2020 (ocasião da última visita feita a comunidade) e que possibilita a dispersão deles.

⁶⁶ Planta originária da região do Urucurituba.

reassentamento. O INCRA realiza a entrega oficial dos lotes das casas, (sub divididos em pequeno, médio e grande), porém a localização das casas ficou sob a responsabilidade dos reassentados (Grupo 3⁶⁷); e para resolver esta situação, em reunião formal, um dos moradores da comunidade sugeriu que fosse mantida a localização por vizinhança, ou seja, a localização das casas seguiria a mesma da várzea: “Cada vizinho fica com seu vizinho, pronto, todo mundo concordou” (LIA, 48 anos). Little (2002) aponta que povos e comunidades tradicionais constituem grupos que, em geral, se organizam por um regime de propriedade comum, com um sentido de pertencimento a um lugar específico, com profundidade histórica de ocupação guardada na memória coletiva

Cabe ressaltar, que os limites de território entre cada família na várzea têm uma linha imaginária como demarcação. Já na terra firme, os limites ficam mais visíveis, e isto tem se revertido em conflitos na comunidade: “Antes a gente nem sabia onde acabava e onde terminava o terreno, agora se tu passar um pouco já tem briga” (CRISTIANO, 55 anos). Segundo Fischer (1994, p. 24), “a ideia de território implica habitualmente a personalização do lugar com a ajuda de marcações e de elementos de apropriação que indicam que se é de algum modo seu ocupante”.

A ambientação das casas, o cultivo de ervas, plantas medicinais, frutas, verduras e flores, ao longo das visitas na comunidade, foram identificadas como atividades predominantemente das mulheres, confirmando o que Hernandez (2010) afirma em seu estudo, sobre o reconhecimento do papel da mulher na conservação da biodiversidade e o fato histórico de que as mesmas são grandes responsáveis pelo repasse da cultura local, a qual valoriza o conhecimento popular sobre uso e manejo dos recursos naturais, estimulando assim o resgate e manutenção da biodiversidade.

As posturas realizadas no ambiente interno e externo das casas o tornam gradativamente agradável e mais adaptado a moradia, construindo uma identidade coletiva e pessoal nas mesmas, como na fala a seguir: “Aqui era só um mato, plantei minhas plantinhas, como era lá no sítio. Meu jardim lindo” (ANA, 76 anos). As estratégias adaptativas ao meio natural das sociedades amazônicas constituem uma riqueza a ser valorizada, podendo, inclusive, oferecer exemplos de como balancear uso e conservação dos recursos naturais (MORÁN, 1993).

Outro aspecto identificado, é com relação a cor das casas novas construídas pelo

⁶⁷ De acordo com o informado no percurso metodológico.

INCRA, pois elas são entregues na cor branca, e quem recebeu já realizou nova pintura de acordo com critérios pessoais, reforçando os achados do estudo de Bressan e Lajus (2017) que investigaram um reassentamento na área urbana, com moradias recebendo cores nestes mesmos moldes identificados em Fátima no eixo forte. Algumas casas também apresentam elementos pessoais e culturais, como a bandeira do time preferido, promovendo uma identidade pessoal à moradia e se configurando como elementos de personificação destes ambientes e como evidências concretas do processo de apropriação do espaço. Para Fischer (1994, p. 192) “um espaço ganha sentido em razão da maneira como é habitado, ou seja, assumido como lar, como sua casa, onde se podem exprimir as experiências significantes de nossa existência”.

Para Pinheiro (2019) a apropriação do espaço passa a ter um papel de referência fundamental nos processos cognitivos e afetivos na vida das pessoas. Com relação aos espaços coletivos, tendo em vista que os mesmos são criados, cotidianamente, com base em interações espontâneas e intencionais, os comunitários de Fátima no eixo-forte têm construído um simbolismo de espaço transformando os ambientes coletivos em lugares carregados de significados, bem como têm realizado um movimento de transformação e criação de espaços já dotados de significados, valores e memória coletiva, como a construção da igreja de Nossa Senhora de Fátima. Nesse sentido, quanto mais o espaço é apropriado pelo sujeito, mais ele se apropria de si mesmo. E o espaço apropriado permite a manifestação da identidade de lugar, a qual será a seguir discutida.

b) Identidade de Lugar

A identidade de lugar se constrói paralelamente ao ritmo das experiências dos habitantes de um determinado local e é caracterizada “pelas lembranças de imagens, sentimentos, valores e atitudes que fazem parte de suas vivências com os lugares e com o seu próprio eu. É o reconhecer-se no espaço” (GONÇALVES, 2014, p. 65).

Um dos primeiros indícios, que chama atenção na comunidade estudada, é a escolha do nome da comunidade e destacam-se alguns relatos sobre esta questão.

Na primeira reunião comunitária de apresentação da pesquisadora, antes de iniciar a fala do presidente, uma ficha de inscrição foi apresentada aos comunitários, e uma das comunitárias identificou algo:

Ei, o nome da comunidade tá errado, tem que colocar Urucurituba. Olha gente Urucurituba é nossa raiz, não podemos tirar da ficha. Cuidado gente isso tá errado, nosso nome não é esse. Tem que ser assim Fátima de Urucurituba no Eixo forte (LIA, 48 anos).

O nome escolhido para a comunidade denota a identidade com o lugar de pertencimento na várzea, entretanto os localiza no novo espaço, permitindo uma reflexão: somos de lá, mas estamos aqui? Esta reflexão permeou os 10 meses do processo de observação participante e pôde ser “respondido” nos Mapas Afetivos.

A identidade de lugar se refere às práticas culturais, referenciais de afeto e simbolismos para os sujeitos. Percebe-se em Fátima no eixo forte a tentativa permanente de (re)construção e de releitura destes elementos simbólicos e atividades antes vividos na várzea.

Um elemento central é a relação simbólica e existencial com a Santa Nossa senhora de Fátima, que deu origem ao próprio nome da comunidade, e ficou separada dos comunitários pela ocorrência do fenômeno das “terras caídas”. A Santa volta imediatamente ao convívio dos comunitários quando eles têm a possibilidade de guardá-la⁶⁸ em uma residência em Fátima no eixo forte. Isto também pode justificar a organização mais recente (novembro de 2018) para a construção da igreja de Fátima (iniciada em abril de 2020), uma forma de resgatar a própria identidade que guarda um simbolismo e exerce toda uma relação existencial entre os mesmos. A coordenadora do IPAM relata que ao ser procurada para fornecer apoio⁶⁹ na construção da igreja, as mulheres relataram que assim como eles (os comunitários) conseguiram suas casas, a Santa também tinha que ter a dela.

O processo de construção da igreja inicia, com uma celebração religiosa no barracão comunitário e o lançamento do que eles denominaram de “pedra fundamental”, marcando o início da construção da igreja (maio de 2019). Nesta ocasião, foram convidadas várias autoridades, como lideranças de outras comunidades, representantes do IPAM, do sindicato dos pescadores e do poder público municipal.

Fátima de Urucurituba no eixo-forte⁷⁰, apresenta um contexto socioambiental bastante diferente da várzea como: a dificuldade inicial de plantio e acesso ao rio para a pesca (atividade central de renda para uma boa parte dos comunitários); forma de moradia (casas de

⁶⁸ Guarda realizada pela senhora Elza de 76 anos, que foi exclusivamente morar em Fátima no Eixo Forte, para dar prosseguimento às atividades da igreja.

⁶⁹ Os comunitários já tinham uma relação de longa data com a coordenadora, pelos trabalhos vinculados ao IPAM na várzea, e solicitaram a ajuda para a busca de um engenheiro para a construção da igreja.

⁷⁰ Confirmados também a seguir pelos mapas afetivos.

alvenaria e não palafitas⁷¹); o não contato permanente com rio; não existência do “tempo das águas” regulando todas as atividades; e mudança na forma de circulação no território (meios de transporte terrestre e não aquático). Apesar de todas estas mudanças, os comunitários de Fátima do Urucurituba no Eixo-forte, apresentam vários indícios de identidade com o lugar. Estudos nas áreas de identidade ambiental são desenvolvidos para explicar em que medida o ambiente natural está incorporado à imagem de si, neste sentido, Giuliani (2004) destaca que o significado de ‘lugares’ é fundamental para a identidade da pessoa, havendo então lugares que assumem um valor particular, a partir da vivência significativa de um período importante na vida pessoal, e isto não exige um tempo tão duradouro de residência.

Os comunitários de Fátima no Eixo forte esperaram por pelo menos dois anos pelo reassentamento, convivendo com situações de riscos e perdas de suas casas na várzea, fazendo com que alguns necessitassem residir com parentes e/ou migrar para locais temporários até a ocasião do reassentamento. Percebe-se que, a conquista deste novo lugar também permite segurança, proteção e ocupa um registro histórico de destaque em suas vidas, além de ser um lugar que já haviam outras pessoas remanescentes de Fátima na várzea. Segundo Fischer (1994, p. 119), “não ter uma casa sua é a própria imagem da indigência e do desenraizamento”, a decisão de escolher o lugar de nossa habitação também nos remete à uma relação construída sócio-historicamente (FISCHER, 1994).

Os sentimentos de saudade em relação ao local anterior de moradia na várzea, e todo entorno que ele representava e ainda representa do ponto de vista simbólico e socioeconômico, podem ser compreendidos pelas várias experiências transformadoras, de alegria e conquista durante o longo tempo de permanência, pelo status social que Fátima representava para as demais comunidades da região de Urucurituba, as competições de futebol, a história identitária com a Santa e as festividades, traduzindo-se em reconhecimento social e uma ligação ainda muito presente entre eles. A situação vulnerável em que viveram ao longo de, pelo menos, 10 anos, os fez buscar outro local de moradia, não ficando passivos diante dos acontecimentos, o que pode ser observado nas falas a seguir.

Quando eu olho as fotos eu me transporto pra lá...a minha mente fica pra lá tipo hipnotizada. Eu acho que o cérebro da gente demora para se acostumar né (LIA, 48 anos).

⁷¹ Casas de madeira, que ficam suspensas devido ao “tempo das águas”, já demonstradas no ensaio etnográfico

Eles iam mandar uma época um psicólogo pra nós lá, mas não mandaram não. Mas eu acho que tá passando sabe? Vendo que tá tudo bem. Hoje, a gente já tá feliz, porque todo mundo que chega vê que a gente tá lutando (CRISTIANO, 55 anos).

A nossa comunidade foi embora, mas deixou esta aqui. A comunidade caiu e veio outra para substituir. Igual a natureza faz...cai um fruto na terra e ele se transforma em outra coisa...que depois se transforma em uma árvore...tudo na natureza é assim... (FILETO, 76 anos).

Não tem mais como ficar lá não, em agosto eu fui lá, passei 8 dias. Voltei preta de tanto sol que peguei e triste...Eu não estava muito bem da cabeça não (risos)...eu não aceitava. E já tinha muita cobra surucucu lá...Deus parece que já empurrava nós pra cá. O lugar que a gente via ano passado não parece mais este ano (LIA, 48 anos).

Daqui só saio quando não tiver mais vida (SANTOS, 62 anos).

O estudo de Bertini (2014), um marco na compreensão de afetos em processos forçados de desapropriação de moradias no nordeste do país, ressalta o luto vivido pelos residentes do município de Nova Jaguaribara, ainda que muitos anos após o evento de transferência para a nova moradia. O estudo destaca a frequente lembrança realizada pelos sujeitos da pesquisa, a necessidade de falar sobre a antiga cidade, sentimentos frequentes de saudade e a comparação frequente entre os dois locais, resgatando as experiências do cotidiano a partir de suas redes dialógicas de sociabilidades e a dinâmica dos afetos no território.

No que tange aos processos de acesso à pesca, apesar de Fátima no eixo-forte hoje dificultar este acesso e o plantio (da forma como realizavam na várzea), os comunitários têm apresentado forte resiliência e tem buscado formas de superar estes entraves. Novos acordos de pesca têm sido pensados para que os mesmos possam usufruir do território aquático de forma igualitária, aos comunitários do Eixo-Forte.

Neste sentido, assim como reafirma o estudo de Bertini (2014), o rio para os comunitários de Fátima de Urucurituba se configurava como referencial econômico, social e territorial, o “tempo das águas” também era um referencial cultural, cronológico e subjetivo.

Bressan e Lajus (2017) no estudo sobre assentamentos em áreas urbanas, reflete sobre a dificuldade de se pensar nestes espaços as necessidades das pessoas em sua totalidade, incluindo políticas públicas básicas de suporte. Sobre políticas públicas de suporte, ressalta-se que Fátima no eixo-forte, até a finalização do estudo, encontrava-se sem cobertura de agentes comunitários de saúde.

Neste sentido, fazemos também a reflexão de que a transferência de assentados de várzea para áreas de terra firme, também devem pensar, além das condições mínimas, o

entendimento de que os modos de vida e relação com a terra, que possibilitam as formas de subsistência, se processam em uma lógica diferente. Nesta perspectiva, quando se criam assentamentos humanos, estes devem oferecer condições ambientais de qualidade, permitindo que os coletivos humanos reconstruam suas vidas em condições mínimas e/ou aproximadas das anteriores (BRESSAN; LAJUS, 2017).

c) Apego ao lugar

Segundo Giulianne (2004), o apego é um afeto que se relaciona com o sentido de continuidade, enraizamento e compromisso dos sujeitos com o ambiente. Em Fátima, são percebidas fortes relações comunitárias, pois todos os comunitários sujeitos deste estudo estão vinculados a associação comunitária, participando ativamente das atividades que geram renda, como os festivais anuais e bingos, bem como atividades que sejam do interesse coletivo, como a construção da igreja, mutirão de limpeza, cuidado com a dispersão do lixo e mais recentemente (setembro de 2019), o retorno do plantio para comercialização, caracterizada pela agricultura familiar.

Mediante a reflexão sobre a relação com a terra como espaço de identidade dos comunitários e os processos produtivos dela advindos foi verificada em algumas narrativas, como a seguir:

Agora que vai começar minha vida, sou fênix. Vou plantar minhas mudinhas. Eu tenho que reaprender a trabalhar aqui. Lá eu tinha com fartura, tinha o Amazonas, aqui é diferente. Não tem um dia que eu não plante uma muda, eu não me conformo. Hoje eu plantei, amanhã já vou ver o pé de goiabeira. Eu vou continuar tentando...eu vou ficar para a história...risos (LIA, 48 anos).

Um estudo realizado em uma comunidade rural reassentada indicou que o vínculo afetivo no contexto desta pesquisa (PINHEIRO, 2019, p. 132) “ultrapassa o entendimento do local unicamente como espaço de produção, mas reflete a relação com o assentamento e a terra de cultivo como um ambiente de referenciais identitários e de pertencimento”, destacando também uma polissemia no que tange a caracterização do lugar pelos entrevistados (PINHEIRO, 2019). Além disso, a relação com a terra e os conhecimentos já construídos sobre ela, o plantar, colher e quando estes dois momentos agora ocorrem no novo território, têm sido desafiadores, permitindo aproximações a partir de seus contextos socioculturais.

Apesar de Fátima no eixo forte ser constituída de boa parte de seus moradores como

idosos e aposentados, o que se percebe é que esta relação permanece, mesmo que não haja atualmente, uma relação produtiva e/ou de comercialização. Sawaia (2009) nos faz compreender que os afetos se baseiam em processos psicossociais e se constroem na dinamicidade histórica das vivências individuais e coletivas através do tempo.

O apego ao lugar deve ser pensado de forma processual, a partir de acontecimentos significativos positivo ou negativos, e está também vinculado às memórias, crenças e significado fornecido ao local que o faz ser importante. Na concepção de processualidade das relações de afetividade, temos em Fátima no eixo-forte, grupos distintos no sentido temporal de chegada a comunidade, formas distintas de apropriação do território e justamente por estes motivos, relações diferenciadas na dimensão do apego. Além disso, os comunitários viveram e ainda vivem uma condição de transição em relação suas atividades de subsistência.

Giulianne (2004) considera que os comportamentos por meio dos quais o apego ao lugar se revela, estão relacionados com as ações em busca de sobrevivência e segurança, dos objetivos de vida e a continuidade temporal e pessoal através de memórias e conexões com o passado, luta, preservação e zelo. A mesma autora reitera que o apego ao lugar, promove bem-estar e permite a transformação social das pessoas envolvidas e que dividem os mesmos sentimentos por este lugar.

5.3.2 Mapeamento Afetivo em Fátima de Urucurituba no Eixo-Forte

A afetividade com os lugares deve ser pensada como categoria sóciohistoricamente construída, e a estima de lugar como categoria social, compreendida como uma forma de pensamento social que caminha em paralelo com outros simbolismos de espaço (BOMFIM, 2010). Apresentaremos a seguir um quadro geral para análise dos escores e comparações entre os gêneros, e posteriormente a análise dos mapas afetivos.

Tabela 1 - demonstrativa das escalas de Estima ao Lugar, por categoria de Gênero.

Respondente	Idade	Sexo	Tempo de moradia	Renda em salários mínimos	Escore geral	EEL
Pedro	69	masculino	3	1 a 3	128	24
Santos	62	masculino	5	Até 1	127	31
Mundico	79	masculino	5	Até 1	139	23
Cristiano	55	masculino	4	1 a 3	143	13
Nailson	49	masculino	5	Até 1	120	36
Fileto	80	masculino	4	Até 1	119	21
Ane	60	feminino	7	Até 1	104	-12
Analu	70	feminino	4	Até 1	137	31
Lia	48	feminino	4	Até 1	122	8
Rosimar	52	feminino	5	1 a 3	130	40
Val	65	feminino	5	Até 1	114	32
Maria do Carmo	47	feminino	5	Até 1	125	41

Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2020).

A tabela apresenta os escores brutos e os achados da Escala de estima ao lugar. Ela demonstra que as estimas de lugar mais elevadas são das mulheres, apesar de uma delas ter apresentado estima despontencializadora (Ane, -12). Estimativas mais elevadas nas mulheres em detrimento aos homens também foi identificado no estudo de Pacheco (2019). Este rebaixamento nas estimas dos homens em detrimento das mulheres, pode estar relacionada às limitações em relação à pesca e a agricultura, ainda que boa parte deles tenha seu cotidiano atravessado pelos compromissos com a comunidade e com as obras religiosas.

Entre as mulheres, apenas duas são aposentadas, e realizam diariamente atividades que já eram de costume na várzea, como a organização da casa, produção de alimentos para as refeições e plantio de mudas, frutas, verduras e cultivo flores. Para Scott, Cordeiro e Menezes (2010), ao longo da história, a divisão social das tarefas foi utilizada como categoria explicativa dos papéis de gênero, porém estes são passíveis de mudanças e se ressignificam no processo histórico de construção de cada sociedade. No pensamento de Torres (2005), as explicações fornecidas às relações de gênero, não apresentam mais no patriarcado explicações suficientes, pois a forma como estas relações nas sociedades ocidentais se apresenta, se desenvolve de maneira transversal e relacional, só existindo a partir de um universo de significados, os quais decorrem de relações sociais e da interação entre homens e mulheres.

Como elemento das relações sociais, o gênero implica observar os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas e os conceitos normativos que expressam tais representações de masculino e feminino. Quanto aos significados dados às relações de poder, o gênero foi “uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação

do poder no ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas” (SCOTT, 1995, p. 88). As relações de Gênero em Fátima de Urucurituba no Eixo Forte traduzem as relações vivenciadas pelos ribeirinhos e se mostram aparentemente equilibradas, no contexto de decisões, lideranças comunitárias e atividades de produção de renda, tendo a agricultura familiar e a pesca na centralidade destas atividades de subsistência.

A senhora Lia e o senhor Cristiano apresentam as menores estimas dentre os homens e as mulheres, respectivamente. De acordo com a observação participante, eles alternaram por 10 anos a liderança comunitária em Fátima na várzea e estiveram à frente em todos os processos relativos ao reassentamento até a formalização em 2015, mostram-se bastante envolvidos em todos os eventos da comunidade, porém até setembro de 2019, ainda plantavam e pescavam na várzea.

O simbolismo do espaço, construído pelo cenário histórico-cultural dos sujeitos da Amazônia deve ser levado em consideração, pois exerce forte influência nas relações de pertencimento (POL, 1996; VALERA, 1996). Assim, o ambiente é revestido de território emocional, especialmente quando apropriado pelos sujeitos, os quais dão vida e cor a ele.

Tabela 2 - Estatística dos itens (Escore por item, média, desvio padrão) referente ao Fator I.

	Itens (Fator I - Estima Potencializadora)	Escore	Média	Sd
1	Considero como algo meu.	76	4,471	1,068
5	Não trocaria por nada.	75	4,412	1,121
6	Considero parte da minha vida.	77	4,529	1,007
16	Tenho oportunidades.	62	3,875	0,719
19	Se não estou nele, quero voltar.	68	4,533	0,743
20	Me sinto identificado com ele.	75	4,412	1,004
21	Admiro por sua beleza.	74	4,353	1,057
23	Sinto que faço parte.	76	4,471	0,717
25	As coisas acontecem nele são importantes para mim.	77	4,529	1,007
26	Tenho prazer.	71	4,438	0,727
27	É atraente para mim.	64	4,267	1,100
29	Me deixa orgulhoso.	76	4,471	0,624
32	Amo.	83	4,882	0,332
34	Me divirto.	74	4,353	0,996
35	Tem tudo a ver comigo.	81	4,765	0,437
39	Defenderia se necessário.	77	4,529	1,007
41	Me sinto apegado.	73	4,294	1,312

Fonte: Mapas Afetivos (2020).

Os escores brutos e com maior valor, denotam a grande identificação dos comunitários com Fátima no eixo Forte, traduzidos nos indicadores acima informados com maiores níveis de indicação: amo (83); tem tudo a ver comigo (81); defenderia se necessário, considero parte da minha vida (77); Me deixa orgulhoso, Sinto que faço parte, Considero como algo meu (76); Me divirto (74). Esta indicação de maior escore reforçam o que os mapas indicam, a relação de pertencimento à Fátima de Urucurituba no Eixo-Forte. Estes achados reforçam o que Pinheiro (2019) identificou e contradizem o que Bertini (2014) indica, porém é importante ressaltar a peculiaridade do processo de transição e remoção destes comunitários de Fátima na várzea e Fátima no eixo forte, em função da dos graves riscos vividos pelos comunitários e pela espera de quase dois anos para a entrega do novo local de habitação.

Alves (2014), em sua tese que versa sobre o apego ao lugar em áreas de risco, relata que os laços afetivos têm uma relação direta com as alternativas ambientais disponíveis e permitem que os sujeitos garantam a manutenção das qualidades ambientais para que assim satisfaçam suas necessidades biológicas, psicológicas, sociais e culturais, as quais estão enraizadas em sua identidade pessoal, que permitem a vivência de experiências que são ressignificadas dinamicamente nesta relação pessoa-ambiente.

Nesta perspectiva, Giuliani (2004, p. 89) afirma que: “[...] talvez não exista nenhum sentimento de afinidade mútua, comunidade, fraternidade, diversidade, aversão, hostilidade,

que não esteja relacionado de alguma forma a questões de lugar, território e apego a lugares”.

Para Ferreira (2013), as relações sociais produzidas nos espaços e nas experiências subjetivas dos sujeitos ribeirinhos da Amazônia brasileira permitiram o desenvolvimento de um estilo de vida singular que lhes garantiu ao longo da história o seu desenvolvimento econômico, técnico, cultural e a integração de saberes e práticas de manejo capazes de prover sua sobrevivência e desenvolver ações criativas, refletindo uma grande resiliência diante do abandono de políticas públicas. Cruz (2008), ao analisar a identidade ribeirinha na Amazônia, afirma que não é a simples localização que decide a construção desta identidade, mas sim os processos, as relações socioespaciais e histórico-culturais que engendram um sentido e um sentimento de pertencimento.

À seguir na tabela 3, os indicadores de estima despontencializadora, os maiores escores foram: Devo estar em alerta (63); Tudo pode acontecer (47); Me sinto desprotegido, Há riscos (45); Desconfio das pessoas (43). Estas afirmativas estão coerentes com o que os comunitários apontaram sobre a questão da segurança pública. Eles se sentem desamparados deste serviço, uma vez que na terra firme pessoas desconhecidas entram e saem da comunidade (pela proximidade com a cidade) e já sofreram furtos em suas casas. Os riscos apontados por eles foram mencionados no momento da aplicação do IGMA, sendo interessante pensar na mudança na organização territorial e mesmo nas questões de privacidade.

Tabela 3 - Estatística dos itens (Escore por item, média, desvio padrão) referente ao Fator II.

Itens (Fator II - Estima despotencializadora)		Escore	Média	Sd
2	Está poluído.	30	1,765	1,033
3	Tenho a sensação de que estou desamparado.	29	1,706	0,849
7	Parece abandonado.	25	1,563	0,727
8	Desconfio das pessoas.	43	2,529	1,328
9	Me envergonha.	30	1,765	1,147
10	Há riscos.	45	2,647	0,996
11	Sinto medo.	34	2,000	1,118
12	É ruim.	21	1,313	0,479
13	O perigo é constante.	26	1,529	0,624
14	Acho feio.	20	1,333	0,617
15	Me indigna.	26	1,529	0,800
18	Com estruturas precárias.	34	2,000	1,173
22	Me deixa com raiva.	30	1,765	0,831
24	Me sinto sufocado.	34	2,000	1,414
28	Sinto que estou desprotegido.	45	2,647	1,579
30	Me sinto inseguro.	31	1,824	0,809
31	É desprezível.	31	1,824	1,131
33	Devo estar alerta.	63	3,706	0,985
36	Está destruído.	28	1,647	1,057
37	Tenho a sensação de que algo ruim pode acontecer.	40	2,353	1,412
38	Há sujeira.	26	1,529	0,717
40	Tudo pode acontecer.	47	2,765	1,251

Fonte: Mapas Afetivos, 2020.

A seguir serão apresentadas as imagens dos mapas afetivos, dos sentimentos orientativos de afeto, sóciohistoricamente circunscritos no contexto atual de moradia no Eixo Forte. Os mapas irão indicar que tipo de estima os comunitários tem sobre Fátima de Urucurituba no Eixo Forte, a partir de duas categorias: as estimas potencializadoras e estimas despotencializadoras, as quais denotam a forma do sujeito sentir/agir em seu entorno, sua colaboração e seu engajamento no processo de ação/transformação deste ambiente/comunidade.


As imagens de Fátima do Urucurituba no Eixo Forte, serão a seguir apresentadas, são frutos de 12 mapas afetivos de 6 imagens das mulheres e 6 imagens dos homens, estas estão organizadas e sequenciadas nas 3 categorias encontradas: Agradabilidade, Contrastes e Pertencimento; indicando imagens quase que em sua totalidade de estimas potencializadoras e concentradas em sua maioria imagem de pertencimento.

a) Agradabilidade

Segundo Bomfim (2010), a imagem de agradabilidade remete a sentimentos de prazer relativos às qualidades ambientais percebidas pelos sujeitos. Em Fátima do Urucurituba no Eixo forte foi identificada apenas uma imagem de agradabilidade no mapa afetivo, a de Rosa (52 anos), pois qualifica a comunidade como calma e tranquila, além disso, um dos sentimentos citados faz alusão à “sombra” e que tem grande relação com a árvore que consta no desenho. Por outro lado, a imagem da árvore quando descrita, faz alusão a uma comunidade dando frutos, germinando. A imagem de agradabilidade também faz alusão as possibilidades e oportunidades que o ambiente oferta como lazer, cultura, segurança oportunidades de trabalho, etc. Ainda que em Fátima exista hoje apenas a igreja em construção, um barracão comunitário e um campo de futebol, a respondente identifica sentimentos de paz, amor, carinho e tranquilidade, o que nos faz perceber que estes elementos para ela são atrativos e permitem produzir a imagem de agradabilidade, ou seja, a vinculação ao entorno se dá pelos atrativos percebidos.

Cabe ressaltar que na metáfora, a respondente destaca um sentimento de familiaridade com o ambiente, trazido pela união percebida nas famílias de Fátima. Para Bomfim (2010), a análise das metáforas e dos sentimentos descritos nela refletem a experiência da vida cotidiana e o contato com a coletividade, fato este corroborado no mapa de Rosa (52 anos).

Quadro 5 - Mapa Afetivo – Rosimar.

IDENTIFICAÇÃO			
Sexo/Gênero: Feminino Idade: 52 anos Ocupação: Servente Tempo de residência: 5 anos Rosimar			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTO	METÁFORA
Vejo a minha comunidade dando frutos e sementes para germinar e crescer, assim vejo minha comunidade...crescendo e dando frutos	Calma, tranquilidade	Paz, amor, carinho, tranquilidade, sombra	Como uma família. Todas as famílias tornam a comunidade unida
		SENTIDO	
		Comunidade em crescimento e unida através das famílias que nela existem, dando frutos como amor, carinho, tranquilidade e sombra	
ESTRUTURA	Metáfora	IMAGEM – Agradabilidade	
EEL	40		


Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2020).

b) Contraste

A imagem de contraste é uma das mais complexas a serem analisadas, pois trazem à tona sentimentos de ambiguidade com relação a comunidade. Apesar de Ane comparar a comunidade a própria casa em construção, a escala de estima ao lugar mostrou-se negatizada (-12). Após análise minuciosa do mapa e a correlação da participação de Ane nas atividades comunitárias (através da observação participante e na entrevista), percebeu-se que a imagem é de Contraste (Pertencimento x Insegurança). A insegurança pode estar relacionada a dificuldade de trabalho para as filhas, mencionada por ela na aplicação do IGMA, pois apesar de ser aposentada, as filhas e as netas (5) dependem em parte de seus proventos.

Outro sentimento identificado é de tristeza, por ter deixado a comunidade na várzea. A análise sobre o pertencimento é percebida quando Ane compara a comunidade à própria casa em construção, sente-se satisfeita com a presença da família e de poder ter sua própria casa, além de estar sempre envolvida nas atividades da comunidade, a exemplo da organização da construção da Igreja. Os achados de estima despotencializadora com a imagem de contraste (pertencimento x insegurança) também pode ser identificada nos estudos de Pacheco (2019) em uma comunidade urbana com possibilidade de desapropriação.


Quadro 6 - Mapa Afetivo – Ane.

IDENTIFICAÇÃO			
Sexo/Gênero: Feminino Idade: 60 anos Ocupação: Aposentada Tempo de residência: 7 anos - Ane			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTO	METÁFORA
Meu desenho é uma casa e uma árvore, porque representa a minha comunidade	Com tristeza, porque deixei minha comunidade, mas agora tô mais alegre	Estou muito satisfeita, estou com minha família e casa, todos os meus filhos estão na comunidade	Eu comparo com minha casa que tô construindo, tem que ter material para construir, se não ela para
		SENTIDO	
		Comunidade comparada a uma casa em construção, que necessita de recursos para não parar	
ESTRUTURA	Cognitiva	IMAGEM – Contraste (Pertencimento x Insegurança)	
EEL	-12		

Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2020).

No mapa de Pedro, encontramos estima potencializadora, porém também com imagem de Contraste (pertencimento x insegurança). Pedro, apesar de aposentado, ressalta as poucas atividades de trabalho encontradas atualmente na comunidade. Destaca também os mesmos sentimentos de Ane, com relação à tristeza de deixar a comunidade, porém de alegria pela conquista da casa, chegando a comparar a comunidade a própria casa. Na metáfora, a igreja é mencionada como elemento simbólico e que assim como a comunidade, está em construção.

Quadro 7 - Mapa Afetivo – Pedro.

IDENTIFICAÇÃO			
Sexo: Masculino Idade: 69 anos Ocupação: Aposentado Tempo de residência: 3 anos - Pedro			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTO	METÁFORA
Minha casa é muito útil pra mim, tudo que eu posso conseguir é de dentro dela, daqui pra fora e de fora pra dentro	Sentimento de tristeza por não ter aqui o que tinha lá, lá tinha muito que trabalhar e aqui não tem isso. Um pouco de alegria pelo que conquistei	Tranquilidade, conquista, saudade, alegria, tristeza, choro	Como a igreja, que está em construção, a comunidade também está em construção, não tá tudo pronto
		SENTIDO	
		Comunidade comparada a própria casa, porém na fala coexistem sentimentos de tristeza e alegria pelos fatores de subsistência não encontrados na comunidade atual. Saudade da comunidade anterior e sentimento de conquista pela moradia. Uma comunidade em construção.	
ESTRUTURA	Cognitiva	IMAGEM – Contraste (Pertencimento x Insegurança)	
EEL	24		

Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2020).

c) Pertencimento

A construção da imagem de Pertencimento deve ser compreendida como multifacetada, pois converge os processos de apropriação do espaço, a construção da identidade de lugar e o sentimento de comunidade, os quais atuam de forma conjunta para a relação afetiva das pessoas com o ambiente (POL, 1996). A convergência destes fatores, colaboram na definição da identidade pessoal e comunitária (PACHECO, 2019), e as qualidades fornecidas à comunidade de Fátima no eixo Forte, são comumente: companheirismo, solidariedade, união, persistência, entre outros. O pertencimento denota a identificação do morador com o lugar/comunidade e envolvem sentimentos, crenças e expectativas às relações comunitárias satisfatórias, com destaque aos sentimentos de: amor, orgulho, alegria, amizade, felicidade e esperança. A imagem pertencimento foi a mais identificada nos mapas afetivos, em um total de 9. Para ilustração traremos os 4 identificados como mais significativos, porém os demais podem ser visualizados nos apêndices.

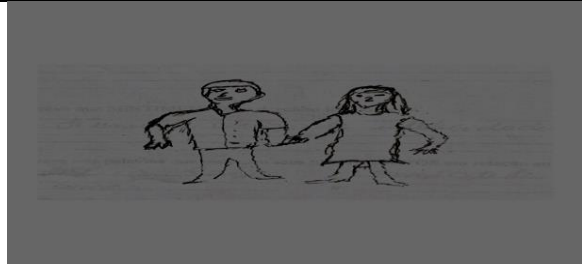
O primeiro a ser analisado é o mapa de Naelson (49 anos), que fornece indícios interessantes não só de relações comunitárias satisfatórias, mas também no desenho, um homem e uma mulher de mãos dadas, traduzindo a relação de união e ressaltando que homens e mulheres, dentro de suas famílias são importantes para o crescimento comunitário. Importante perceber a paridade aparente de importância dada na comunidade para homens e mulheres, na colaboração das atividades e no crescimento dela.

Lobato (2003), em sua tese de doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, avalia que a diversidade é a linha de discussão quando se refere à sociobiodiversidade e a sua conservação, por isso faz-se necessário entendê-la tecida ao conceito de gênero. Para a autora, a lógica patriarcal, capitalista, masculina, marcadamente homogeneizante, ao lado da lógica feminina, multidimensional, tendo a diversidade como eixo, se encontra no centro da discussão da sobrevivência da vida no planeta⁷².

Para Scott, Cordeiro e Menezes (2010) os processos que afetam as relações de gênero em contextos rurais desvelam uma vivência cada vez mais emaranhada em complexas teias de significação de poder. O protagonismo feminino nos movimentos comunitários e lideranças e nas ações diretas de uso da terra, fatos bastante percebidos em Fátima no eixo forte.

⁷²Agenda 2030, UNESCO.

Quadro 8 - Mapa Afetivo – Naelson.


IDENTIFICAÇÃO			
Sexo: Masculino Idade:49 anos Ocupação: Pescador Tempo de residência: 5 anos – Naelson			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTO	METÁFORA
Estas duas pessoas de mãos dadas (um homem e uma mulher) significam a união de nossa comunidade	União, amizade e felicidade	Alegria, paz, amor, amizade	Acho que ela está em crescimento rápido
		SENTIDO	
		Comunidade unida e em crescimento rápido, representada por homens e mulheres em união e amizade trazendo sentimentos de alegria, paz, amor.	
ESTRUTURA	Metafórica	IMAGEM – Pertencimento	
EEL	36		

Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2020).

Este mapa corrobora com o que foi identificado na observação participante, no que tange a alternância na liderança de homens e mulheres dentro da comunidade, tanto na construção da igreja, quanto nas festividades (organização, produção e distribuição de bingos). A liderança comunitária nos últimos 10 anos foi alternada (a cada 2 anos) entre um homem e uma mulher (um casal), senhora Lia e senhor Cristiano, sendo também responsáveis pela liderança dos processos relativos ao INCRA e o atual reassentamento.

O mapa elenca ainda o sentimento de amor e na metáfora “uma comunidade em crescimento”, também verificada em outros mapas como: “uma casa que tem que arrumar todos os dias”, “um barco viajante, tem que estar de olho na viagem”, “comparo à um relógio, porque nós corremos atrás do tempo”, “acho que ela está em crescimento rápido”, “comparo com um avião na pista, pronto pra decolar, porque a pista tá livre e é só decolar...e lá vamos nós”, “eu comprado como um carro, que se não fizer a manutenção, ele pára, ele quebra e custa a se erguer”. Estas metáforas nos permitem observar o sentimento de movimento/desenvolvimento da comunidade, um sentimento de (re)construção, típicos das estimas potencializadoras. Neste sentido, Bomfim (2010) destaca que o simbolismo do espaço se traduz nesta relação do indivíduo com o lugar, e este lugar como elemento ativo em interação.

Quadro 9 - Mapa Afetivo – Lia.

IDENTIFICAÇÃO			
Sexo/Gênero: Feminino Idade: 49 anos Ocupação: Lavradora Tempo de residência: 4 anos - Lia			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTO	METÁFORA
Um girassol. Um girassol representa que eu tenho que procurar o sol para meus movimentos e pra meu crescimento como pessoa, como mãe e como comunitária	Sentimento de vida nova, que é o que tô vivendo agora ultimamente	Vida nova, esperança, liberdade, alegria, crescimento, futuro	Comparo com um avião na pista, pronto pra decolar, porque a pista tá livre e é só decolar...e lá vamos nós
		SENTIDO	
		Comunidade como oportunidade de vida nova, trazendo sentimentos de esperança, alegria e liberdade para voar, seguir e crescer	
ESTRUTURA	Metáfora	IMAGEM – Pertencimento	
EEL	8		

Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2020).


A senhora Lia apresentou, entre as mulheres e entre os homens, a menor EEL. Porém, seu mapa indica um momento de renovação, de reaprendizado, incluindo o aprendizado com a terra no eixo-forte, na observação participante ela menciona:

Agora que vai começar minha vida, sou Fênix. Vou plantar minhas mudinhas...quero viver daqui, quero provar para as pessoas que dá pra viver daqui...Deus não ia criar uma coisa que não servisse (a terra). Eu tenho que reaprender a trabalhar aqui. Não tem um dia que eu não plante uma muda, eu não me conformo...eu vou continuar tentando...eu vou ficar para a história... (LIA, 48 anos).

Dona Lia até meados de 2019, ainda plantava na várzea, porém em sua última experiência, vendo Fátima mais devastada pelas terras caídas, decidiu então investir na terra no eixo-forte.

O quadro do senhor Mundico, revela mais uma vez a relação simbólica entre a comunidade e a igreja. Ele se refere a igreja como se fosse a mesma da várzea, relatando suas experiências nela, e em sua metáfora a compara à um paraíso que guarda as suas memórias, tendo tudo que ele necessita nela para viver. Sawaia (2009) ressalta a compreensão dos afetos como processos psicossociais e históricos, pois a dinâmica afetiva é histórica e contextualizada.

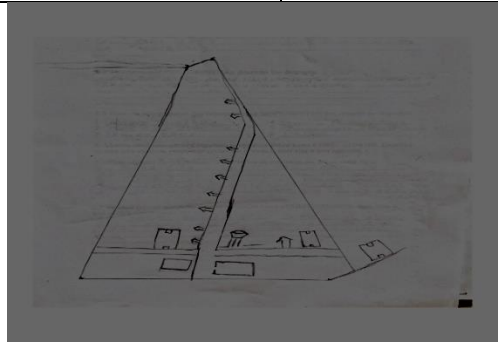
Quadro 10 - Mapa Afetivo – Mundico

IDENTIFICAÇÃO			
Sexo: Masculino Idade:80 anos Ocupação: Aposentado Tempo de residência: 4 anos – Mundico			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTO	METÁFORA
A minha Igreja	A minha casa de oração é tudo para a minha vida	Onde eu me batizei, me crismei, casei, onde vou à missa, onde encontro os amigos e isso define tudo	Comparo que nem um paraíso
		SENTIDO	
		Um paraíso que guarda muitas memórias, simbolizada pela igreja como casa de oração e lugar de encontro com os amigos	
ESTRUTURA	Metáfora	IMAGEM – Pertencimento	
EEL	21		

Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2020).

O mapa do senhor Santos, compara a comunidade a tudo que ele possui, sua casa, a sua dedicação à comunidade e às obras religiosas. O senhor Santos, é um dos que está a frente da construção da Igreja, ele também menciona sentimento de tristeza no início por deixar a várzea, porém agora sente alegria em fazer parte deste novo momento na comunidade. O apego ao lugar, para Giuliani (2004) pode promover o bem-estar e a transformação social das pessoas envolvidas e que dividem os mesmos sentimentos por este lugar, pois se reverberam em busca de proteção, luta, preservação e zelo. Nesta perspectiva, a autora afirma que: “[...] talvez não exista nenhum sentimento de afinidade mútua, comunidade, fraternidade, diversidade, aversão, hostilidade, que não esteja relacionado de alguma forma a questões de lugar, território e apego a lugares” (GIULIANI, 2004, p. 89).

Quadro 11 - Mapa Afetivo – Santos.

IDENTIFICAÇÃO			
Sexo: Masculino Idade: 62 anos - Ocupação: Aposentado - Tempo de residência: 5 anos - Santos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTO	METÁFORA
A minha comunidade representa pra mim tudo que eu tenho, minha casa onde vou viver o resto de minha vida trabalhando em prol dela nos serviços comunitários e nas obras religiosas	Minha comunidade representa pra mim motivo de muita alegria, pois é tudo pra mim	No início tristeza, agora só alegria, temos casa, temos plantações, temos a parte religiosa e lazer	Eu comparo como um carro, que se não fizer a manutenção, ele pára, ele quebra e custa a se erguer
		SENTIDO	
		Comunidade como um sentido de vida e de alegria, que necessita ser cuidada sempre	
ESTRUTURA	Cognitiva	IMAGEM – Pertencimento	
EEL	31		

Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2020).

Todos os mapas afetivos apresentados revelam de alguma forma a relação de pertencimento à comunidade, de integração e a união comunitária é mencionada em diversos mapas. O sentimento de comunidade é percebido de forma bastante significativa, o que pode ser explicitado nas palavras de Bomfim (2010, p. 51), “não só interagimos na cidade, mas formamos uma totalidade com ela”, assim também é percebido na comunidade de Fátima. Ter como referência o sentir para compreender a cidade, é estar implicado na experiência, é transformar-se e ser transformado. A estima potencializadora promove estes movimentos nos sujeitos, movimentos de afetação para a ação/transformação. Bomfim (2010) corrobora afirmando que “a afetividade não é só o vínculo do habitante com o lugar, mas todos os sentimentos e emoções que, em seu conjunto, demandam disposições afirmativas ou negativas, que configuram uma afetividade em relação ao espaço construído e vivido.

A comunidade de Fátima no eixo Forte, é marcada pelas lutas em relação à terra/território, a busca de um novo lugar, um lugar seguro para (re)viver, como nas palavras de Cristiano (55 anos) “A vontade nossa é mudar a opinião que o eixo forte não tem trabalho. Eu sinto muita vontade de trabalhar, mas assim não dá...sem incentivo, sem ninguém pra nos orientar, estamos tendo que testar tudo...e ver o que acontece”.

Os comunitários de Fátima são marcados por uma forte relação identitária com a comunidade, por laços afetivos duradouros que deixaram muitas memórias e pela resiliência com a vivência do fenômeno das “terras caídas”, até terem um “lugar pra chamar de seu” (PINHEIRO, 2019). Ainda o mesmo autor, reforça que a apropriação do espaço em assentamentos, traduz a luta por um pedaço de terra, e a expectativa de sua reprodução social e que sua relação histórica/geracional tenha continuidade.

O local de moradia extrapola uma percepção individual, sendo muito bem demonstrados nas metáforas, as quais fazem emergir sentimentos de integração comunitária e partilha e engajamento, proporcionando a construção de novas histórias e sentimentos de amparo e segurança advindos fortemente das relações comunitárias. Para Bomfim (2010, p. 138) as metáforas e os sentimentos, cultivam a “[...] intimidade, refletem a experiência da vida e permitem o insight comunitário e contato com a coletividade”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

A presente tese apresentou uma análise sobre as relações pessoa-ambiente- gênero na comunidade de Fátima de Urucurituba no Eixo Forte, a partir das vivências com fenômeno das “terras caídas”, que os fez transferir sua moradia da várzea para a terra firme, a partir de uma perspectiva teórica e metodológica interdisciplinar, sem a qual não seria possível um olhar tão amplo para questões tão complexas.

O estudo demonstrou a afetividade na comunidade de Fátima de Urucurituba no Eixo Forte, na perspectiva da Psicologia Ambiental de base psicossocial e histórico cultural, tendo como eixo transversal a discussão de gênero. Esta perspectiva foi capaz de demonstrar o ambiente a partir de uma construção sócio física, cultural, temporal e histórica, e que traz impressões nas subjetividades.

A perspectiva metodológica mostrou-se satisfatória e ao mesmo tempo desafiadora, pois exigiu da pesquisadora habilidades técnicas na observação de relações, narrativas e eventos que apresentavam um universo de emocionalidades atravessadas por um “ir e vir” entre Fátima de Urucurituba na várzea e Fátima de Urucurituba no eixo-forte. As mescla da abordagem quanti e qualitativa, na perspectiva multimétodos mostrou-se bastante eficiente na análise e leitura do contexto socioambiental. O olhar dos sujeitos permitiu a historicidade e permeado de afetividade dos processos a partir do fenômeno das “terras caídas” e sua (re)existência (de 10 anos convivendo com o fenômeno) e resiliência, aliados aos fatores socioculturais e posteriormente na reconstrução de uma nova comunidade na terra firme.

Os resultados revelaram o novo contexto socioambiental e sociovivencial dos comunitários de Fátima de Urucurituba já reassentados na terra firme, quais sejam: impactos nas sociabilidades individuais e coletivas pela nova reconfiguração do território; alterações nas atividades socioeconômicas, especialmente para as atividades de pesca e agricultura; homens e mulheres vivenciaram de forma diferenciada a mudança territorial e desenvolveram diferentes afetos pelo local de moradia.

As ações de apropriação do espaço se deu de forma diversificada, incluindo as físicas, territoriais, com a natureza e com o trabalho. A identidade de lugar está marcada pelas tradições religiosas, as quais produzem a emergência da construção da igreja em detrimento à outros na comunidade; a relação com a terra marca também estas identidades, os fazendo reaprender a plantar com as condições adversas encontradas no eixo forte, permitindo compreender a natureza dialética dos processos socioambientais. Os espaços de sociabilidade

em Fátima traduzem-se basicamente entre a Igreja, o campo de futebol e o barracão comunitário. Entretanto, deve-se compreender também os espaços domésticos e de vizinhança como de sociabilidade.

O panorama e a descrição da dinâmica socioeconômica e ambiental de Fátima de Urucurituba, possibilitam refletir sobre a relação de seus habitantes com a terra e com o rio, associados à uma identidade social, à ocupação do espaço e novas formas de permanecer morando nele. Estes elementos, atrelados aos achados nos mapas afetivos, nos fazem perceber que Fátima de Urucurituba no Eixo Forte, encontra-se em processo de (trans)formação e ressignificação na relação pessoa-ambiente-gênero, e por isso uma comunidade riquíssima de análise para pesquisas nas Ciências Ambientais em uma perspectiva interdisciplinar, colaborando para novas referências no contexto da Amazônia e a relação particular e existencial com o entorno socioambiental.

Estudos sobre a afetividade e o simbolismo do espaço, tem produzido referências na área urbana e na área rural, porém, este estudo revela a relação de sujeitos que tem uma identidade demarcada pelo tempo das águas, e que ao serem reassentados para outro contexto socioambiental de terra firme, promovem novas formas de relação com o entorno.

O processo de análise dos dados também revelou que o fenômeno das “terras caídas” na Amazônia deve ser compreendido como um acontecimento socioambiental e político, que afeta as populações mais vulneráveis e que se apresenta complexo, dando visibilidade à esta problemática no que tange às demandas de políticas públicas e à falta de garantias de direitos fundamentais, especialmente quanto ao acesso à saúde e a educação. O fenômeno das “terras caídas” produz processos migratórios, pouco conhecidos na literatura, e por se apresentar de forma gradativa, permite que os ocupantes destas áreas se organizem de forma diversificada.

Os territórios de várzea necessitam de um olhar mais profundo, por parte das autoridades, pois constituem-se em local estratégico e histórico de reprodução social dos habitantes e do desenvolvimento da agricultura familiar e da pesca artesanal. Neste sentido, pensar e gestar políticas públicas de gestão do território, com foco nas pessoas e seu aporte identitário e sociocultural, deve ser cada vez mais fonte de preocupações e de novas estratégias, especialmente em situações de reassentamento. Ofertar políticas de suporte psicossocial as pessoas que necessitam mudar do seu ambiente de origem para outras localidades, também deve ser uma garantia e não uma opção por parte do Estado.

A perspectiva transversal de análise das relações pessoa-ambiente-gênero na

Psicologia Ambiental de base psicossocial, abrem novas possibilidades de estudos e discussões, demonstrando afetos diferenciados para homens e mulheres, com estima de lugar mais fortemente encontrada nas mulheres, as quais apresentam forte atuação comunitária e na relação com a terra; apresentam afetos positivos e estima de lugar atreladas às imagens de pertencimento e agradabilidade. O envelhecimento e masculinização da população da várzea, encontrada hoje no eixo-forte, foi algo significativo identificado, porém já confirmado em outros estudos, permitindo compreender que deve haver políticas de manutenção dos jovens nestes territórios para pensar futuro da força de trabalho.

Os moradores de Fátima de Urucurituba no Eixo Forte mostram forte relação comunitária e trazem da antiga comunidade elementos símbolos de sua identidade coletiva; demonstram um processo de construção de uma nova identidade de lugar, a partir do novo contexto socioambiental e relacional, observada na relação de afeto potencializador.

A mudança na oferta de políticas de saúde e educação, constituem elementos de insatisfação hoje na comunidade, atreladas à dificuldade de acesso ao rio para atividades de pesca. A dupla identidade de Fátima do Urucurituba em alguns órgãos públicos e nas atividades de subsistência, também perfaz eixo de análise e reflexão para as políticas públicas, como o caso de pertencerem de diferentes formas ao PAE – Urucurituba na várzea, e ao PAE – Eixo Forte, bem como seu local formal de votação. Neste sentido, as políticas de educação, trabalho, emprego e renda apresentam-se insatisfatórias.

Acreditava-se que a transição no contexto sociovivencial da várzea para a terra firme, resultaria muito mais em impactos negativos do que positivos para a vida dos comunitários, dentre eles a ruptura dos vínculos comunitários, atividades de subsistência e aspectos psicossociais. No entanto, a vivência em campo apresentou um outro caminho de reflexão: a manutenção e fortalecimento dos vínculos comunitários e o resgate das tradições religiosas e comunitárias, foram fortes aliados para a reconstrução de Fátima e colaboram no resgate histórico da vida dos comunitários, trazendo a religiosidade como eixo estruturante.

A problemática apresentada e seus atravessamentos sociais e subjetivos pretendem construir referências para a elaboração de tecnologias para esta e outras populações que tenham características semelhantes, bem como possibilitar a problematização do alcance de políticas que considerem as particularidades desta população, com todo seu aporte histórico, espacial, cultural e identitário, em uma perspectiva sempre holística e pensando no desenvolvimento de práticas sustentáveis na Amazônia. Pretende-se assim produzir referências nas Ciências Ambientais dos processos dialéticos constituintes, em uma perspectiva psicossocial e afetiva,

das particularidades identitárias de populações ribeirinhas de várzea na Amazônia.

Como proposição de pesquisa futura, destaca-se um estudo com todos os residentes hoje de Fátima de Urucurituba no Eixo forte, buscando também o entendimento sobre como os moradores, não remanescentes de Fátima, se organizam e se conectam com o território e com os demais comunitários.

Destaco, e aqui falo na primeira pessoa do singular, meu olhar como parte do processo de reconstrução de Fátima de Urucurituba no Eixo Forte, minha atual percepção sobre o fenômeno das “terras caídas” na Amazônia como um acontecimento marcadamente socioambiental e político, que afeta as populações mais vulneráveis. Considero os sujeitos que participaram deste estudo como sujeitos políticos e protagonistas de suas próprias histórias e narrativas, agentes transformadores destes contextos, da pesquisadora e de todo desenrolar desta pesquisa, permitindo transformar-me e afetar-me a partir do revelar dos relatos contrastantes de dor, saudade, união, resiliência e superação.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, H.; FREIRE, F. O lugar da alteridade na psicologia ambiental. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 305-328, 2007.
- ALVES, R. B. “**Lar Doce Lar**”: apego ao lugar em área de risco diante de desastres Naturais. 2014. 111 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.
- ANGELIN, R. Gênero e meio ambiente: a atualidade do ecofeminismo. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 5, n. 51, 2006.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 2009. v. 70.
- BENCHIMOL, S. **Amazônia**: Formação social e cultural. 3. ed. São Paulo: Valer, 2009.
- BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, ago. 2011.
- BERTINI, F. M. A. Sofrimento ético-político: uma análise do estado da arte. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, p. 60-69, 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3093/309332930007.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2018.
- BOCK, A. M. B. A Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. In: Bock, A. M. B; Gonçalves, M. G. G.; Furtado, O. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 15-35.
- BOMFIM, Z. Á. C. Afetividade e ambiente urbano: uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. In: PINHEIRO, J. de Q.; GÜNTHER, H. (Orgs.). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p. 253-280.
- BOMFIM, Z. Á. **Cidade e afetividade**: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. Edições UFC: Fortaleza, 2010.
- BOSERUP, E. **Women’s role in economic development**. New York: St. Martin’s Press, 1970.
- BOSI, E. Cultura popular e cultura operária. Leituras operárias. In: OLIVEIRA, P. S. (Org.). **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec; Unesp, 1998. p. 199-219.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRESSAN, S., LAJÚS, M. L. de S. (2017). **A casa que habito**: relatos de um reassentamento urbano. **RUA**, v. 23, n. 1, p. 98-115.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALEGARE M. G. A.; HIGUCHI, M. I. G.; FORSBERG, S. Desafios metodológicos ao estudo de comunidades ribeirinhas amazônicas. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 571-580, 2013.

CALEGARE, M. G. A. **Contribuições da Psicologia Social ao estudo de uma comunidade ribeirinha no Alto Solimões: redes comunitárias e identidades coletivas**. 2010. 322 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2010. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-03052010-163111/>. Acesso em: 01 nov. 2017.

CAMPOS-DE-CARVALHO, M. I.; CAVALCANTE, S.; NÓBREGA, L. M. Ambiente. In.; CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CANTER, D.; CRAIK, K. H. Environmental Psychology. **Journal of Environmental Psychology**, v. 1, p. 1-11, 1981.

CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARNEIRO, D. S. **Morfodinâmica fluvial do rio Solimões, trecho Tabatinga a Benjamin Constant-AM e suas implicações para o ordenamento territorial**. 2009. 151 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2009.

CARVALHO, J. A. L. **Erosão nas margens do rio Amazonas: o fenômeno das terras caídas e suas implicações na vida dos moradores**. 2012. 187 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2012.

CARVALHO, J. A. L. **Terras caídas e consequências sociais: Costa do Miracauera – Paraná da Trindade, Município de Itacoatiara – AM, Brasil**. 2006. 141 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2006.

CASTELLS, M. Materials for an exploratory theory of the network society1. **The British Journal of Sociology**, v. 51, n. 1, p. 5-24, 2000.

CASTRO, R. R.; OLIVEIRA, M. C. Os termos “populações” e “comunidades” tradicionais e a apropriação dos conceitos no contexto amazônico. **Revista Mundo amazônico**, v. 7, n. 1-2, p. 47-70, 2016.

CAVALCANTE, S.; ELIAS, T. F. Apropriação. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CHAVES, M. do P. S. R.; ABREU, J. P.; BINDÁ, F. As condições de vida e de Uso dos Recursos pelos Moradores do Parque Nacional do Jaú. In.: BORGES, S. H. et al. **Janelas para biodiversidade no Parque Nacional do Jaú: uma estratégia para o estudo da biodiversidade na Amazônia**. Manaus: Fundação Vitória Amazônica, 2004. p. 63-78.

Disponível em:

<http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373339274_ARQUIVO_RelacoesSocioculturaisdeGeneroemComunidadesTradicionaisnaAmazonia.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). Documento de Área de Ciências Ambientais. **Relatório de Avaliação Trienal**. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br>>. Acesso em 22 dez. 2019.

CORRALIZA, J. A. Emoción y ambiente. In: ARAGONÉS, J. I.; AMÉRIGO, M. **Psicologia ambiental**. Madrid: Ediciones Pirâmide, 1998. p. 59-76.

CORRAL-VERDUGO, V. Psicologia Ambiental: objeto, "realidades" sócio físicas e visões culturais de interações ambiente-comportamento. **Psicol. USP**, v. 16, n. 1-2, p. 71-87, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772005000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 nov. 2017.

CRUZ, M. de J. M. **Territorialização camponesa na várzea da Amazônia**. 2007. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2007.

CRUZ, V. O rio como espaço de referência identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na Amazônia. In.: TRINDADE JÚNIOR, S.; TAVARES, M. (Org.). **Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências**. Belém: EDUFPA, 2008.

DA SILVA, R. E. Por uma reforma agrária aquática? Luta por reconhecimento social dos ribeirinhos do rio tapajós. **Revista Ciências da Sociedade**, v. 1, n. 2, p. 81-102, jul./dez. 2017. Disponível em: <<https://ufopaedu.academia.edu/RubensEliasdaSilva>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

DE BEAUVOIR, S.; MILLIET, S. **O segundo sexo: factos e mitos**. 3. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1949.

ELALI, G. A.; MEDEIROS, S. T. Apego ao lugar. In.: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). **Laboratório de Sensoriamento Remoto da Embrapa Amazônia Oriental, utilizando-se o módulo do Sistema de Processamento de Informações Georeferenciadas**. [s.l.]: Spring, 2000. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/108484/1/Solos-das-Varzeas-do-Municipio-de-Santarem.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2018.

FELIPPE, M. L.; KUHNEN, A. O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. **Estud. Psicol.**, v. 29, n. 4, p. 609-617, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2012000400015>>. Acesso em: 01 out. 2017.

FERRARI, G. G.; CAPELARI, R. S. A despatologização do transtorno de identidade de gênero: uma crítica a patologização e o enaltecimento ao direito a identidade sexual dos indivíduos trans. **Anais... Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na sociedade contemporânea**, 11. Mostra de trabalhos jurídicos científicos, 7. 2014.

FERREIRA, K. P. M. **Ficar ou partir? Afetividade e migração de jovens do sertão semi-árido cearense**. 2006. Trabalho de grado (Maestria em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2006.

FERREIRA, L. dos S. **Gênero de vida ribeirinho na Amazônia: reprodução socioespacial na região das ilhas de Abaetetuba-PA**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

FERREIRA, R. R.; DA SILVA, R. E. Acordo de Pesca Como Gestão dos Recursos: o Caso da Ilha de São Miguel, Santarém, Pará. **Amazônica - Revista de Antropologia**, v. 9, n. 1, p. 156-178, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v9i1.5487>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRAXE, T. J.; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C. **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007.

FRAXE, T. J.; WITKOSKI, A. C.; MIGUEZ, S. F. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. **Ciência e Cultura**, v. 61, n. 3, 2009.

FRAXE, T. P. **Cultura Cabocla Ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

GALINKIN, A. L.; SANTOS, C. (Orgs.). **Gênero e Psicologia Social: interfaces**. Brasília: TechnoPolitik, 2010.

GARCIA, S. M. Desfazendo os vínculos naturais entre gênero e meio ambiente. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 163-167, 1992.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GIULIANI, M. V. O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. In: _____. **Psicologia e ambiente**. São Paulo: Educ. 2004. p. 89-106. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2012000400015>>. Acesso em: 01 out. 2017.

GIULIANI, M. V. O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. In: GOTTDIENER, M. A **produção social do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1997.

GROSSI, M. P. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Florianópolis: PPGAS; UFSC, 1998. (Coleção Antropologia em Primeira Mão).

GÜNTHER, H.; PINHEIRO, O. J.; GUZZO, R. **Psicologia Ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2004. 196 p.

GÜNTHER, H.; ELALI, G. A.; PINHEIRO, J. Q. **A abordagem multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: características, definições e implicações**. Brasília, DF: UnB, Laboratório

de Psicologia Ambiental, 2008. (Textos de Psicologia Ambiental, 23). Disponível em: <www.psiambiental.net>. Acesso em: 23 abr. 2017.

GUZZO, R. S. L. **Psicologia ambiental**: entendendo as relações do homem com o seu meio. Campinas: Alínea, 2006.

HERNÁNDEZ, C. O. Gênero e Meio Ambiente: A construção do discurso para o Desenvolvimento Sustentável. **Ambiente y Desarrollo**, v. 14, n. 26, p. 3-33, 2010. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3696165.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2016.

HIGUCHI, M. I. G.; HIGUCHI, N. **A floresta amazônica e suas múltiplas dimensões**: uma proposta de educação ambiental. Manaus: INPA/CNPQ, 2012. p. 1-15.

HOMMA, A. O. Reservas Extrativistas: uma opção de desenvolvimento viável para a Amazônia? **Pará Desenvolvimento**, v. 25, p. 38-48, 1989.

ITTELSON, W. H. et al. **Homem ambiental**. Brasília, DF: UNB, 2005. p. 1-9. (Textos de Psicologia Ambiental, 14). Disponível em: <<http://www.psi-ambiental.net/pdf/14HomemAmbiente.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2010.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JERÔNIMO, R. T.; GONÇALVES, T. M. Identidade e Personificação do Lugar na Apropriação do Espaço pelos Nativos de Ibiraquera, SC. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 47, n. 1, p. 117-132, abr. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2013v47n1p117>>. Acesso em: 01 out. 2017.

KLEIN, J. T. Evaluation of interdisciplinary and transdisciplinary research: a literature review. **American journal of preventive medicine**, v. 35, n. 2, p. S116-S123, 2008.

KOLLER, S., MORAES, N. A., CERQUEIRA-SANTOS, E. Adolescentes e Jovens Brasileiros: Levantando Fatores de Risco e Proteção. In: LIBÓRIO, R., KOLLER, S. H. (Orgs.). **Adolescência e Juventude**: Risco e Proteção na Realidade Brasileira. São Paulo, 2009.

KUHNEN, A. Interações Humano-ambientais e comportamentos socioespaciais. In: KUHNEN, A. CRUZ, R. M.; TAKAZI, E. **Interações pessoa-ambiente e saúde**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

KUHNEN, A. **Lagoa da Conceição**: meio ambiente e modos de vida em transformação. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

LABADESSA, A. S. “Terras Caídas”, as causas naturais e antrópicas: uma ocorrência na comunidade de São Carlos – Médio Madeira/RO. **Revista do programa de pós-graduação em Geografia**. Maringá, v. 3, n. 1, p. 45-61, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/18015/9784>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

LAKATOS, I. **The methodology of scientific research programmes**. New York: Cambridge University Press, 1978. v. 1.

LATTUCA, L. R. **Creating interdisciplinarity**: Interdisciplinary research and teaching among college and university faculty. Nashville: Vanderbilt University Press, 2001.

LEFEBVRE, H. **Espacio y política**: el derecho a la ciudad II. Barcelona: Península, 1976.

LIMA, D. M. A; BOMFIM, Z. Á. C. Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. **Psico**, v. 40, n. 4, p. 11, 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/4711>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

LIMA, D.; POZZOBON, J. Amazônia socioambiental. Sustentabilidade ecológica e diversidade social. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 54, p. 45-76, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000200004>. Acesso em: 10 set. 2017.

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil**: por uma antropologia da territorialidade. Brasília, DF: UnB, 2002. (Antropologia, 322).

LOBATO, S. M. R. **O silêncio como metáfora**. 2003. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Universidade federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém, 2003.

LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições, v. 19, n. 2, p. 17-23, ago. 2008.

LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo. 5. ed. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. (Coleção Mundo da Arte).

MEDAETS, C. Aiguiser son regard: apprendre à apprendre sur les berges du Tapajós. **Cargo: Revue Internationale d'Anthropologie Culturelle et Sociale**, Paris, n. 3, p. 79-96, 2015.

MEDAETS, C. V. **Práticas de transmissão e aprendizagem no baixo Tapajós**: contribuições de um estudo etnográfico para educação do campo na Amazônia. França: Université Paris Descartes, 2013.

MELO, R. G. C. Psicologia Ambiental, uma nova abordagem da Psicologia. **Psicologia-USP**, v. 2, n. 1-2, p. 85-103, 1991. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1678-51771991000100008&>>. Acesso em: 20 out. 2016.

MIES, M.; SHIVA, V. "Ecofeminism": a new testament? Feminist Politics: Colonial/Postcolonial Worlds. **Feminist Review**, p. 86-107, 1995.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MINAYO, M. C. S. Conceito de avaliação por triangulação de métodos. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Orgs.). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. p. 19-51.

MORIM, J. **Ribeirinhos**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2014. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 8 dez. 2016.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MOSER, G. A Psicologia Ambiental: competência e contornos de uma disciplina. Comentários a partir das contribuições. **Psicologia Usp**, v. 16, n. 1-2, 2005.

MOSER, G. Psicologia Ambiental no novo milênio: integrando a dinâmica cultural e a dimensão temporal. In.: TASSARA, E. (Org.). **Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano**. São Paulo: EDUC, 2001.

MOSER, G. Psicologia ambiental. **Estud. psicol.**, v. 3, n. 1. jan./June 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X1998000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 21 mar. 2016.

NASCIMENTO, F. E.; SILVA, E. C. A. Patriarcado, capitalismo e opressão de gênero. **Anais... Jornada de Políticas Públicas, 7**. São Luiz: Universidade Federal do Maranhão, 2015.
NUNES, C, A. **Desvendando a sexualidade**. Campinas, SP: Papirus, 1987.

OLIVOS, P. J. et al. Dimensiones del Comportamiento Proambientaly su Relación con la Conectividad e Identidad Ambientales. **Dossiê: Psicologia Ambiental: Comportamento Pró-Ambiental e Sustentabilidade**, v. 45, n. 3, p. 369-376, jul./set. 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5633356>. Acesso em: 01 out. 2017.

PACHECO, Fábio Pinheiro. **Afetividade e implicações psicossociais vividas por moradores de uma comunidade ameaçada de desapropriação em Fortaleza**. 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidade, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2018.

PASQUALI, L. **Instrumentação Psicológica: Fundamentos e Prática**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PHILLIPI JR., A.; SILVA NETO, A. J. S. **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação**. Barueri, SP: Manole, 2011.

PINHEIRO, J. Q. El tiempo en las relaciones persona-ambiente: alfabetización para la sostenibilidad. In.: AMÉRIGO, M.; CORTÉS, B. (Orgs.). **Entre la persona y el entorno**. Intersticios para la investigación medioambiental. La Laguna, Tenerife: Resma, 2006. p. 13-41.

PINHEIRO, José Queiroz. O lugar e o papel da psicologia ambiental no estudo das questões humano-ambientais, segundo grupos de pesquisa brasileiros. **Psicologia Usp**, v. 16, n. 1-2, p. 103-113, 2005.

PINHEIRO, José Queiroz. **Psicologia Ambiental**: a busca de um ambiente melhor. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1997. (Estudos em Psicologia). Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em 23 abr. 2017.

PINHEIRO, L. V. S. **Rompendo cercas, construindo saberes**: trabalho, vivência e (re) significações nas relações. 2019. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Pós-graduação em Psicologia, Natal, RN, 2019.

PISANO, I.; HIDALGO, M. Testing the Cross-National Social Bases of Environmentalism: a current and comparative analysis of conservation behaviors. **Dossiê: Psicologia Ambiental: Comportamento Pró-Ambiental e Sustentabilidade**, v. 45, n. 3, p. 395-405, jul./set. 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/268386701_Testing_the_Cross-National_Social_Bases_of_Environmentalism_A_Current_and_Comparative_Analysis_of_Conservation_Behaviors>. Acesso em: 01 out. 2017.

POL, E. La apropiación del espacio. In L. Iñiguez; E. Pol (Orgs.). **Cognición, representación y apropiación del espacio** Barcelona, España: Universitat de Barcelona. 1996. (Monografies Psico-socio-ambientals, 9). p. 45-62. Disponível em: <<http://www.ub.es/escult/docus2/Villes.doc>>. Acesso em: 10 out. 2017.

PONTES, A. Q.; BOMFIM, Z. A. C.; PASCUAL, J. G. Considerações teóricas sobre identidade de lugar à luz da abordagem histórico-cultural. **Psicologia Argumento**, v. 27, n. 59, p. 345-354, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/download/20169/19459>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

PONTES, C.; RIBEIRO, P.; NASCIMENTO, C. Relações socioculturais e de gênero em comunidades tradicionais na Amazônia: desafios vivenciados na comunidade São Lázaro/AM. **Anais... Seminário Internacional Fazendo Gênero**, 10. Florianópolis, 2013.
PROSHANSKY, H. M. The city and the self-identity. **Environment and Behavior**, v. 10, n. 2, p. 147-169, 1978.

PROSHANSKY, H. M.; FABIAN, A. K.; KAMINOFF, R. Place-Identity: Physical world socialization of the self. **Journal of Environmental Psychology**, v. 3, p. 57-83, 1983.

ROSA, D. da C. C. B. **Teorias sobre a Floresta e Funções de apego**: um estudo sobre a relação das pessoas com a Amazônia. 2014. 221 f. Tese (Doutorado em Psicologia Cognitiva) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

SALOMONI, S. M. **Moradores do Universo**: afetos e significados da relação exclusão/inclusão social em programa de melhoramento urbano. 2009. 114 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Universidade de Fortaleza – UNIFOR, Ceará, 2009.

SÁNCHEZ, C. T. **O mundo da vida no estuário amazônico**: ecologia política da biodiversidade no arquipélago de Belém do Pará-Brasil. 2005. Tese (Doutorado) - Pós-Graduação em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://r1.ufrj.br/cpda/wp-content/uploads/2011/09/d_camilo_sanchez_2005.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2016.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Porto; Afrontamento, 1989.

SAWAIA, B. B. Espinosa: o precursor da ética e da educação ambiental com base nas paixões humanas. In: CARVALHO, I. C. M.; GRÜN, M.; TRAJBER, R. (Orgs.). **Pensar o ambiente**: bases filosóficas para a educação ambiental (pp. 76-89). Brasília, DF: Edições MEC; UNESCO, 2006. p. 76-89. (Coleção Educação para Todos).

SAWAIA, B. B. O calor do lugar: segregação urbana e identidade. **São Paulo em Perspectiva**, v. 9, n. 2, p. 20-24, 1995.

SCOOT, P; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. **Gênero e Geração em contextos rurais**. Florianópolis: Mulheres, 2010.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS; CORPO, 1991.

SILINPANDE, E. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem das políticas ambientais. **Revista agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**, v. 1, n. 1, jan./mar. 2000.

SILVA, C. N.; SIMONIAN, L. **A questão de gênero**: um breve estudo no estuário Amazônico. **Papers do NAEA (UFPA)**, v. 1, p. 1-17, 2006.

SILVA, S.; et al. Rede social e papéis de gênero de casais ribeirinhos em uma comunidade amazônica. **Psicol. Teoria e pesquisa**, v. 26, n. 4, p. 605-61, 2010.

SIMONIAN, L. T. L. Mulheres, cultura e mudanças nos castanhais do sul do Amapá. In.: COELHO, M. C. N.; SIMONIAN, L. T. L.; FENZL, N. (Org.). **Mulheres da floresta amazônica**: entre o trabalho e a cultura. Belém: NAEA, 2001. p. 107-148.

SIMONIAN, L. T. L. Saber, local, biodiversidade e populações tradicionais: perspectivas analíticas, limites e potencial. **Anais... Saber local/interesse global: propriedade intelectual, biodiversidade e conhecimento tradicional na Amazônia**. Belém: CESUPA; MPRG, 2005, p. 60-62.

SIQUEIRA, T. L. Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero. **Revista Ártemis**, v. 8, p. 110-117, jun. 2008.

SOUZA, E. M.; CARRIERI, A. de P. A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. **Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 46-70, jun. 2010.

SPINOZA, B. **Ética**: demonstrada à maneira dos geômetras. São Paulo, SP: Martin Claret, 2005.

TABACHNICK, B. G.; FIDELL, L. S. **Using Multivariate Statistics**. Boston: Allyn and Bacon, 2001.

TASSARA, E. T. de O.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M do C. **Psicologia e ambiente**. São Paulo: Educ, 2004. p. 89-106.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias: academia da ciência e da pesquisa**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TEIXEIRA, O. A. Interdisciplinaridade: problemas e desafios. **RBPG**, n. 1, jul. 2004.

TORRES, I. C. **As novas amazônidas**. Manaus: UFAM, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. 1930. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VALERA, S. Psicologia ambiental: bases teóricas y epistemológicas. In.: IÑIGUEZ, L.; POL, E. (Eds.). **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Barcelona: Universidad de Barcelona Publicacions, 1996. p. 1-14. Disponível em: <<http://www.ub.es/escult/docus2/Villes.doc>>. Acesso em: 10 out. 2017.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas**. Madrid: Visor, 1996. v. 4. (Trabalho original proferido entre 1928-1933).

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (Texto original publicado em 1930).

WEDIG, J. C.; RAMOS, J. D. D. Povos e Comunidades Tradicionais: Territórios, Práticas E Conhecimentos. In: DAL SOGLIO, F.; KUBO, R. R. **Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2016. 206 p.

WOORTMANN, E. F. O saber camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovações. In: _____. **Diversidade do campesinato: expressões e categorias**. São Paulo: UNESP, 2009. v. 2.

ZITZKE, V. A. Estudo socioeconômico e cultural das famílias ribeirinhas do Médio Rio Tocantins. **Interface**, v. 2, p. 32-39, maio 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE, NATUREZA E DESENVOLVIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “A pego ao lugar e questões de Gênero em uma comunidade ribeirinha de várzea na Amazônia santarena”, conduzida pela pesquisadora Klaudia Yared Sadala. Este estudo tem como objetivo geral analisar as relações pessoa-ambiente a partir da compreensão do afeto ao lugar construído por homens e mulheres em uma comunidade ribeirinha de várzea, que vivencia o fenômeno das “terras caídas” na Amazônia Santarena, e como objetivos específicos: investigar os significados afetivos atribuídos por homens e mulheres à comunidade anteriormente constituída na várzea; identificar a construção da identidade de lugar de homens e mulheres na comunidade atual comunidade, por meio da personificação do mesmo; compreender o processo de apropriação do espaço realizado por homens e mulheres na comunidade atual e verificar as possíveis implicações do fenômeno das “terras caídas” e as mudanças territoriais e sua com o apego ao lugar.

Você foi selecionado (a) para participar desta pesquisa, porém sua participação não é obrigatória, ela é voluntária, e para tanto não haverá nenhum custo para você e não receberá remuneração por esta participação, bem como qualquer despesa decorrente de sua participação será reembolsada pela pesquisadora, mediante a sua comprovação. A pesquisa é considerada de riscos mínimos, no entanto se a sua participação gerar qualquer tipo de desconforto, os mesmos devem ser comunicados à pesquisadora que prontamente os solucionará, fazendo os encaminhamentos necessários. Os benefícios em participar estão pautados na possibilidade de

ajudar na construção do conhecimento acerca da temática das “ terras caídas”, bem como as várias mudanças vivenciadas pela comunidade desejando a busca de estratégias para o melhor manejo da mesma evitando situações com comunidades que vivam as mesmas condições e situações, trará informações e subsídios sobre a história, construção e o protagonismo da comunidade Nossa senhora de Fátima do Urucurituba. A qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista do tipo história de vida, a qual será realizada em horário e local previamente definidos e em sua residência. A duração da entrevista será de aproximadamente 45 min, e será realizada pela própria pesquisadora responsável pela pesquisa. A entrevista consiste em um roteiro de perguntas que dizem respeito às transformações ocorridas na comunidade de Nossa Senhora de Fátima do Urucurituba, a partir do fenômeno das “terras caídas”. As entrevistas serão gravadas e armazenadas em arquivo seguro para serem transcritas e resguardar a maior fidedignidade de suas informações. Você também está sendo convidado a participar de uma metodologia conhecida como a construção de mapas afetivos, que consistirá em falar sobre a comunidade que você reside através de preenchimento de questionários e desenhos. Após a análise dos dados, e finalização do relatório da pesquisa com a defesa da tese, os áudios, questionários e desenhos serão destruídos.

A pesquisadora responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional da pesquisadora responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos da pesquisadora responsável: Klaudia Yared Sadala pesquisadora, klaudia.sadala@gmail.com, contato telefônico (93) 991229022 e 21016771 (UFOPA).

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Esperança de Ensino Superior - IESPES: Rua Coaracy Nunes, 3315- Caranazal – sala da pós-graduação, primeiro andar, Santarém/PA, CEP 68040-100, telefone (93) 35291760 E-mail: cep@iespes.edu.br.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Santarém, ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura da pesquisadora [imprescindível]:

APÊNDICE B - AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA PELA COMUNIDADE**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE, NATUREZA E
DESENVOLVIMENTO****TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA**

Após assembleia ordinária convocada pelo presidente da comunidade Fátima de Urucurituba no Eixo Forte, o presente termo autoriza Klaudia Yared Sadala a desenvolver a pesquisa nesta comunidade, que tem como finalidade a construção de uma tese para conclusão do curso em nível de doutorado do Programa de Pós-graduação em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento (PPGSND) da Universidade Federal do Oeste do Pará, cujo título da pesquisa é “Afeto ao lugar e questões de Gênero em uma comunidade ribeirinha de várzea na Amazônia santarena”, analisando os impactos socioambientais do fenômeno das terras caídas e suas implicações socioeconômicas. O estudo prevê idas diárias e frequentes para observação do cotidiano dos moradores da comunidade, aplicação de instrumentos de pesquisa e entrevistas nos núcleos familiares nas residências dos comunitários que se disponibilizarem à participar . Os resultados da pesquisa terão caráter científico e poderão tornar-se público por meio de publicações em meios físicos e eletrônicos, bem como congressos, encontros, simpósios, sob a responsabilidade da pesquisadora Klaudia Yared Sadala e sua orientadora, Dra. Tânia Suely Azevedo Brasileiro.

Santarém-PA, ____ de ____ de ____.

ASSINATURA DO PRESIDENTE DA COMUNIDADE

APÊNDICE C – MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE DADOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE, NATUREZA E DESENVOLVIMENTO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE DADOS DE ENTREVISTA

Eu, _____, portador (a) do RG n° _____ e CPF n° _____ autorizo a publicação de dados produzidos em entrevista coletadas durante o desenvolvimento da pesquisa “Afeto ao lugar e questões de Gênero em uma comunidade ribeirinha de várzea na Amazônia santarena”, analisando os impactos socioambientais do fenômeno das terras caídas e suas implicações socioeconômicas, cuja finalidade é construir uma tese para conclusão do curso em nível doutorado do Programa de Pós-graduação em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento (PPGSND) da Universidade Federal do Oeste do Pará. Estou ciente que os resultados da pesquisa poderão tornar-se públicos por meio de publicações em meios científicos sob a responsabilidade da pesquisadora Klaudia Yared Sadala e sua orientadora, Dra. Tânia Suely Azevedo Brasileiro.

Santarém-PA, ____ de ____ de ____.

ASSINATURA

**APÊNDICE D – MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE
IMAGENS DE ADULTOS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
/PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE, NATUREZA E
DESENVOLVIMENTO**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE IMAGENS

Eu, _____, portador
(a) do RG n° _____ e CPF n° _____ autorizo a publicação
de imagens coletadas durante o desenvolvimento da pesquisa “Afeto ao lugar e questões de
Gênero em uma comunidade ribeirinha de várzea na Amazônia santarena”, analisando os
impactos socioambientais do fenômeno das terras caídas e suas implicações socioeconômicas,
cuja finalidade é construir uma tese para conclusão do curso em nível doutorado do Programa
de Pós-graduação em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento (PPGSND) da Universidade
Federal do Oeste do Pará. Estou ciente que minhas imagens, registradas durante o período da
pesquisa, poderão tornar-se públicas por meio de congressos, encontros, simpósios e revistas
especializadas, sob a responsabilidade da pesquisadora Klaudia Yared Sadala e sua orientadora,
Dra. Tânia Suely Azevedo Brasileiro.

Santarém-PA, _____ de _____ de _____.

ASSINATURA

APÊNDICE E – ENSAIO ETNOGRÁFICO – COMUNIDADE DE SÃO CIRÍACO DO URUCURITUBA NA VÁRZEA SANTARENA/PA

ENSAIO ETNOGRÁFICO NA COMUNIDADE DE SÃO CIRÍACO DO URUCURITUBA NA VÁRZEA SANTARENA/PA

Os resultados a seguir, dizem respeito há duas imersões, em diferentes períodos (10 e 11 de dezembro de 2016, e 4 e 5 de julho de 2017), totalizando quatro dias na comunidade de São Ciríaco do Urucurituba localizada na região de várzea do município de Santarém/Oeste do Pará, na margem esquerda do Rio Amazonas.

Estes dois encontros traduzidos em relato etnográfico, oportunizaram os primeiros contatos diretos com esta comunidade para aproximação e construção de uma relação de confiança, interação com o espaço comunitário, identificando a realidade local e comunicação inicial com a comunidade com vistas a verificar o interesse dos residentes em participar da presente pesquisa, a partir do intermédio das lideranças comunitárias oficiais. Além disso, possibilitou redimensionar a problemática e objeto de estudo, validar as propostas de investigação, com base na leitura e observação do cotidiano da comunidade, suas percepções e suas relações socioambientais, identificando a percepção dos residentes sobre o fenômeno das “terras caídas”. No primeiro encontro, foram explicitadas as possibilidades de pesquisa na comunidade e o segundo encontro objetivou a imersão no contexto vivencial de duas famílias da comunidade, as quais foram selecionadas espontaneamente pela proximidade de outra pesquisadora⁷³ com o líder comunitário, o qual nos recebeu em sua residência, já ciente de nossos objetivos.

O ensaio etnográfico, a seguir apresentado, teve como marco teórico e modelo de desenvolvimento a Etnografia de Clifford Geertz, “Briga de Galo” e a “Interpretação das culturas”, baseada na antropologia interpretativa.

⁷³ A inserção na comunidade de São Ciríaco do Urucurituba foi facilitada, pois a mesma já foi contexto de pesquisa de uma das acadêmicas deste mesmo programa, e neste sentido sua proximidade anterior com os comunitários permitiu minha incursão atual.

PRIMEIRA VISITA

Nossa primeira visita iniciou às 9 horas da manhã com a preparação dos mantimentos, água e demais recursos que seriam necessários para a viagem. Saímos, eu e a pesquisadora Aline⁷⁴ às 11 da manhã em uma embarcação de linha de médio porte, com capacidade para 30 pessoas, saindo de Santarém e passando pela comunidade de São Ciríaco do Urucurituba.

A viagem, bastante aprazível, durou aproximadamente 1 hora e 30 minutos. Ao longo do trajeto era possível perceber as mudanças nas paisagens, bem como moradias e residências às margens do rio, algo bastante comum na Amazônia brasileira. As paisagens iam mudando de cor, aroma e topografia. Além disso, foi possível observar a comunidade que fica antes do destino final, a comunidade de Nossa Senhora de Fátima, à qual vivenciei um fenômeno fluvial conhecido popularmente como "terras caídas", que acontece quando a correnteza do rio bate com força nas margens e destrói o solo, provocando deslizamentos de terra. Naquele momento, a pesquisadora Aline me informou que esta comunidade estava em processo de extinção, perdendo suas características enquanto organização social formalizada devido a esta situação, porém alguns moradores ainda permaneciam lá, apesar do perigo iminente.

Fotografia 1 - Viagem de barco para a comunidade de São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2016)

⁷⁴ Pesquisadora que realizará seu estudo nesta comunidade.

As pessoas que iam junto à nós na viagem nos olhavam de forma diferente, como se não fossemos passageiras comuns (como na verdade não éramos, vez ou outra perguntavam para onde estávamos indo e o que iríamos fazer). Diante disso, passei a perceber o universo de significações que me circundava. Um universo, que apesar de ser tão próximo geograficamente ainda me era “distante” e me permitia assim um olhar de estranhamento. Diante de todas estas possibilidades de observação, percepção daquele novo/conhecido ambiente (físico, social, natural, simbólico, afetivo, cultural), dei-me conta de que já havia iniciado ali minha incursão enquanto pesquisadora (sem nem mesmo chegar à comunidade). Passei a lembrar das leituras científicas, publicações e escritos já visitados em relação às populações que vivem às margens dos rios, seu contexto de vida e significações. Além disso, minha experiência enquanto psicóloga em atendimento na saúde mental me conduzia a questionar minha suposta familiaridade com a Amazônia, seus sujeitos e seu universo de significados, ao ouvi-los relatar sobre suas vidas e seus sofrimentos.

Fotografia 2 - Proximidade da comunidade de N. S. de Fátima do Urucurituba



Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2016).

Ao chegar a nosso destino (a comunidade), descemos da embarcação, sendo necessário pelo desnível entre o barco e a entrada da comunidade, subir um barranco de aproximadamente 3 metros de altura, e em seguida, atravessar um caminho por entre a comunidade (ver fotografia 3), para chegar a “casa dos professores” do ensino modular da escola da comunidade. Neste primeiro momento, nosso contato inicial foi realizado com o líder

comunitário e a diretora da escola (única escola), e devido a estes motivos, nosso local para acomodação naquela viagem foi a residência dos professores do ensino modular da Escola São Ciríaco. Importante ressaltar que devido às condições climáticas, com altas temperaturas, baixos níveis de chuva e diminuição dos níveis dos rios, boa parte das comunidades de várzea na Amazônia brasileira neste período, tem este perfil de acesso.

Fotografia 3 - Entrada da comunidade para acesso à “Casa dos professores”



Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2016)

Destaca-se que as condições ambientais de sazonalidade também influenciam as relações destes sujeitos com seu espaço de construção e reprodução existencial, (re) produzindo formas particulares de vida, as quais têm sido bastante difundidas nos trabalhos acadêmicos que pesquisam moradores de comunidades de várzea amazônica (CALLEGARI, 2010; CALEGARI; HIGUSHI; FORSBERG, 2013).

Outra forma de ingresso nas comunidades ocorre por meio do embarque dos passageiros das embarcações maiores direto para outras pequenas embarcações, conhecidas também como “bajaras”, as quais podem transportar até seis pessoas dependendo de sua capacidade. Neste caso, pudemos descer da embarcação diretamente para estas bajaras, de acordo também com a distância das residências, conhecidas popularmente como “palafitas”, as quais são casas construídas com madeira e permitem a estadia dos ribeirinhos, mesmo com as mudanças nos níveis dos rios, mantendo assim, as condições necessárias para alimentação, moradia e trânsito dos moradores da comunidade.

Antes de chegarmos a “casa dos professores”, assim conhecida por lá, fomos

recebidas por um dos professores da escola, professor Saulo⁷⁵ (professor de ciências naturais), porém, para adentrar a “casa dos professores” pelo caminho que fizemos, não era possível sem passar primeiro por dentro da escola. Para nossa surpresa, os professores desta e de outra escola vizinha à esta comunidade (Comunidade de “Campos”), estavam realizando o planejamento pedagógico e fechamento das atividades do semestre, e chegamos em meio a esta atividade.

Fotografia 4 - Vista da “casa dos professores”



Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2016).

Fomos calorosamente recebidas pela diretora e apresentadas aos demais professores que lá se encontravam, os quais estavam em número aproximado de 25, entre homens e mulheres, e fomos convidadas a fazer parte daquele momento.

⁷⁵ Nome fictício.

Fotografia 5 - Vista central da Escola São Ciríaco



Fonte: Créditos de Sadala (2016).

Em seguida, quando a reunião que ocorria dentro da sala de aula finalizou, foi servida uma refeição para todos os presentes e nós fomos convidadas a mais uma vez fazer parte e assim fizemos. Após este momento houve troca de presentes e uma brincadeira, na qual as pessoas deveriam descrever as características físicas e emocionais opostas de seus colegas, para acertar quem eles haviam tirado na brincadeira conhecida como “amigo invisível”. Nos bastidores das trocas de presentes, a diretora nos questionou sobre nossa participação em atividades de capacitação para os docentes da escola nos semestres futuros, já que sabia da possibilidade da pesquisa e da nossa presença futura mais frequente na comunidade, bem como da formação de cada uma das pesquisadoras. A diretora da escola solicitou que nos apresentássemos formalmente para os professores presentes e solicitou deles temáticas que julgassem emergentes na sala de aula, para que avaliássemos nossa participação. Neste momento, cada uma de nós mencionou sobre a sua formação e solicitamos que eles pudessem escrever em folhas de papel temas que seriam interessantes para futuras capacitações junto aos professores, dentro das problemáticas vivenciadas na escola. Poucos professores repassaram os temas, recebemos em torno de sete papeis apenas, com aproximadamente cinco diferentes temas. Para o fechamento da atividade do “amigo invisível” foi lida uma mensagem. Finalizada esta atividade todos se despediram cordialmente, de certa forma foi como se já nos conhecêssemos antes, permitindo-me sentir acolhida e aceita por eles.

Em seguida, fomos conduzidas às nossas acomodações na casa dos professores. Guardamos tudo, inclusive os alimentos que levamos acondicionados em um isopor grande com

gelo, já que lá na escola apenas há eletricidade durante o dia, quando a mesma funciona,

Neste caso, peguei-me também pensando que os professores do ensino modular são oriundos de zonas urbanas, vão criando formas de adaptação criativas para melhor convivência com os desafios que enfrentam nos locais distantes de sua realidade de origem. Além disso, quando nos foram apresentadas as acomodações coletivas, foi interessante perceber a adaptação realizada nos quartos, tentando os aproximar para o contexto de vida urbana, com tentativa de luz elétrica, baterias, abajures para leitura a noite, vários aparelhos eletrônicos, pintura nas paredes, com muitas cores e compartimentos internos nos quartos muito próximas, a meu ver, do universo urbano. Ao mesmo tempo em que éramos apresentadas às acomodações, o professor S ia descrevendo como montou tudo aquilo, por quais motivos, citando o tempo nos finais de semana. Foi explicado por ele sobre a origem de tais utensílios, os quais eram oriundos de material reciclado, ou realocados em outras funções, como bancos e prateleiras adaptadas de peças de geladeiras, entre outros artefatos; mais um momento no qual me ocorreu a inclusão criativa de objetos em uma aproximação de supostas necessidades de um sujeito socializado em um ambiente urbano, que carece de alguma forma (re) construir sua identidade naquele novo espaço físico e simbólico, trazendo consigo seus hábitos e costumes. Por outro lado, a inclusão de materiais que iriam para o lixo também se converte em uma estratégia sustentável e bastante interessante e criativa.

Posteriormente, após todos os mantimentos guardados, eu permaneci na “casa dos professores”, com intuito de conhecer melhor a escola e a comunidade, na companhia do professor S. Ele me levou às dependências da escola e foi possível perceber a existência de uma horta no centro da escola e segundo relato do professor, é usada em algumas aulas e cuidada por alunos e professores, com o objetivo de aprenderem sobre preservação do meio ambiente. Ao longo da caminhada, observei que havia materiais recicláveis como garrafas pet, pneus e outros elementos que faziam parte dos artigos decorativos, os quais também figuravam juntamente com plantas e mudas.

Posteriormente a esta visita, paramos em um dos salões da escola e passamos a falar sobre a comunidade, número de habitantes e da experiência do professor Saulo, o qual aparentava no máximo 26 anos de idade. Ele relatou os momentos de satisfação e de insatisfação junto àquele espaço escolar e a sua primeira experiência como professor na comunidade, neste contexto e no ensino modular.

Fotografia 6 - Centro da Comunidade de São Ciríaco



Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2016).

As informações colhidas através do relato do docente revelaram que a comunidade tinha aproximadamente 80 famílias, porém não há um número preciso de habitantes; vivem predominantemente da pesca (realizada principalmente pelos homens), agricultura familiar para o próprio consumo (realizada mais frequentemente pelas mulheres), criação de animais de pequeno, médio e grande porte como galinhas, patos, porcos e gado (estas são realizadas de forma compartilhada). O professor também relatou que a comunidade contava com uma Unidade de saúde e uma enfermeira, a qual realizava diversos controles de vacinas, suporte e orientação às famílias, sendo que ela provavelmente tinha o número exato dos ribeirinhos residentes. Comentou também que por motivos de segurança, a comunidade Nossa Senhora de Fátima, atingida pelo fenômeno por eles conhecido como de “terras caídas”, necessitou transferir várias famílias, profissionais da saúde e da educação os quais passaram a ter como referência a comunidade de São Ciríaco, levando ao aumento do número de habitantes.

Já anoitecia quando fomos chamados pela diretora para retornarmos a casa. Organizamo-nos para fazer nosso jantar, sem luz elétrica e com o calor intenso da Amazônia. Cada uma de nós ficou com uma função na hora de preparar a alimentação, entre cortar os alimentos, fritar, temperar, servir e lavar a louça. Tudo isso com ajuda de uma lanterna, porém tudo conseguiu se organizar. Era em torno de 21 horas e já nos preparávamos para dormir, tomamos banho e “armamos as redes” na varanda da casa. Importante lembrar que o banheiro era comum a todos e todas, e no total éramos cinco na casa dos professores (outro professor

estava doente de gripe e ficava permanentemente no quarto); o banheiro era cercado apenas com madeiras nas laterais, tínhamos a possibilidade de tomar banho com a luz do luar e vendo as estrelas; o calor mesmo após o banho era intenso, e eu realmente achava que após o banho iria cessar, porém já era hora de deitar.

Destaco que todas estas vivências eram novas pra mim, me fazendo ingressar em outra rotina, em um novo ambiente. Minha apreensão era conseguir dormir aquele horário, porém tentei. Três dos meus maiores desafios naquele momento eram: dormir sem sono, em um ambiente tão quente e em uma “rede”, elemento que só figurava em minha vida para momentos de lazer. Foram as 10 horas mais longas de minha vida, não dormi a noite toda, inicialmente pela ausência de sono, depois pelo calor e, em seguida, por não saber me orientar para dormir durante a noite em uma rede.

Ao longo da madrugada a temperatura caiu, porém nem isso conseguiu me fazer dormir, e fiquei muito tranquilizada ao ver o dia amanhecer. Sentia-me cheia de sono, porém satisfeita porque já íamos finalizar aquela jornada.

Em seguida, arrumamos nossos pertences, tomamos café e fomos para a área central da comunidade assistir uma celebração católica, para então participarmos da reunião com o líder comunitário senhor Ricardo⁷⁶. Fomos andando até lá, levadas pelo professor Saulo e ao entrarmos na igreja a pesquisadora Aline foi cumprimentada por vários residentes, por conta do trabalho anterior de pesquisa já realizado no passado.

⁷⁶ Nome fictício

Fotografia 7 - Celebração católica em São Ciríaco



Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2016).

Muitos nos olhavam e eu sorria para todos, tentando ser gentil e na tentativa de um suposto acolhimento. Após a celebração foi iniciada a reunião no barracão comunitário, bem ao lado da Igreja, na área central da comunidade.

Foi lida a ata da reunião anterior, e logo em seguida o líder comunitário informou sobre nossa presença e que estaríamos no primeiro ponto de pauta desta reunião, em função de nosso retorno para Santarém. O senhor Ricardo nos apresentou e pediu que falássemos sobre nossas intenções de pesquisa, e assim o fizemos. Após nossa fala dois comunitários nos fizeram perguntas e ao final pediram que aguardássemos para que eles nos dessem uma resposta posterior. Agrademos o espaço aberto nesta reunião e saímos em busca de uma embarcação para nos levar de volta ao município. A temperatura elevada nos acompanhava até as margens do rio, ficamos lá sem saber quantas horas iríamos esperar, até que após uns 50 minutos aproximadamente, conseguimos avistar uma embarcação e fizemos gestos com as mãos, acenando com a ajuda de uma toalha para que eles pudessem nos ver. A embarcação então nos avistou, parou e nos levou de volta à Santarém.

Fotografia 8 - Pôr do sol em frente à comunidade de São Ciríaco



Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2016).

SEGUNDA VISITA

Parte 1 – Recepção

A partir do conhecimento de aprovação da pesquisa pela comunidade de São Ciríaco do Urucurituba em reunião ordinária, foi planejada uma nova incursão em campo, com objetivo de uma maior aproximação com meu contexto de pesquisa (residências, cotidiano, atividades de trabalho) e possibilidades de permanência junto aos ribeirinhos (e não mais na escola), permitindo delinear *in loco* o escopo de pesquisa. Importante ressaltar, que a visita atual se deu em um período climático diferente do anterior, agora estávamos vivenciando um período entre a cheia e a vazante, e neste sentido a paisagem se altera e as formas de acesso à comunidade também.

O início da segunda visita teve preparativos semelhantes aos da primeira, em relação aos horários e a compra de mantimentos, porém agora nosso destino era a residência do líder comunitário senhor R e sua família.

Após nossa embarcação chegar até a comunidade, o sogro do senhor Ricardo (um senhor de, aproximadamente 60 anos) nos esperava em uma “bajara”, para nos levar até a casa em que íamos nos alojar. Apresentamo-nos e ele, sempre sorridente e aparentando bom humor,

informou-nos que o senhor Ricardo estava em uma pescaria há aproximadamente três dias, e que por isso não foi nos buscar, mas que ele estava a nossa espera. Fomos então à embarcação menor (“bajara”) até a frente da casa do senhor R e logo após descobrimos que quatro famílias vinculadas ao senhor Ricardo viviam nas redondezas, uma ao lado da outra.

Ao chegarmos à casa fomos recebidos pela família do senhor Ricardo, na verdade fomos levadas até a casa do sogro dele, pois esta seria mais ventilada para aquele horário. Fomos apresentadas como “professoras” e assim ficamos reconhecidas nos diálogos. Chegamos em um dia de semana, quinta-feira por volta das 14 horas.

Fotografia 9 - “Bajara” da família do senhor Ricardo



Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2017).

Estavam na residência, a esposa, suas duas filhas e a sogra do senhor Ricardo. Fomos recebidas com alegria e espontaneamente foi iniciada uma conversa sobre nossa visita e sobre a viagem. A conversa nos levou à discutir a mudança da paisagem e todas as transformações que ocorrem na rotina deles (através da fala da sogra do senhor Ricardo), quando o período de cheia inicia, principalmente no que diz respeito ao trânsito das pessoas e dos animais. A sogra do senhor Ricardo explicou que o momento mais delicado para todos é “quando as terras crescem” que pelo que ela explicou, é o período onde o rio começa a descer e eles não podem nem transitar a pé, nem por bajara, devido à grande e extensa lama que se acumula nos locais de acesso. Neste momento, perguntei sobre a comunidade vizinha, sobre o

que havia ocorrido, e a sogra do senhor Ricardo respondeu que “as terras caíram desde que eles escutaram um estrondo vindo de lá, como se fosse uma bomba embaixo da água, e que essas pessoas eram engenheiros e que estavam tentando alargar a passagem entre o rio, devido ao trânsito permanente de navegações e desde então tudo começou a acontecer”. Todos os presentes concordaram e adicionavam mais detalhes sobre o ocorrido. Interessante perceber que esta versão dos fatos para explicar o tal fenômeno das “terras caídas” na visão da comunidade.

Em seguida, foi comentado sobre o estado de saúde da esposa do senhor Ricardo, o qual foi descrito como quadro de depressão, com dor de cabeça intensa a partir da notícia de que ela estava grávida sem ter se planejado para tal. A sogra do senhor Ricardo passou a relatar sobre seus sintomas e como tudo começou, parecia bastante preocupada com o quadro de saúde da filha, mostrando-se sensível, empática e compreensiva a todos os seus sintomas. Perguntamos sobre a assistência à saúde nestes casos, e a senhora nos respondeu que existe um posto de saúde, mas que ele estava interditado devido uma infestação de abelhas e que, por isso, estava temporariamente fechado, porém naquele mesmo dia, um grupo de pessoas iria tentar acabar com a infestação para que a enfermeira pudesse retornar às suas atividades. Ela comentou também que é a enfermeira quem realiza a atualização do número de pessoas e que o último número repassado foi de 90 famílias (contradizendo a informação inicial do professor de que teriam 80 famílias residentes).

Fotografia 10 - Horta da família do líder comunitário



Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2017).

A conversa estava extremante aprazível, o tempo parecia passar de outra forma, o vento e a brisa nos refrescavam, era como se eu houvesse sido transportada para outro universo de tempo e espaço. Passando a perceber os processos existências e de subjetivação peculiares daquela forma de relação com o tempo, com o trabalho e com a vida.

Parte 2 – Contexto, hábitos e concepções de saúde e doença

A casa na qual fomos recebidos, neste caso a casa dos sogros do senhor Ricardo, parecia organizada, limpa, com painéis brilhando e colocadas na parede. No horário noturno a energia elétrica ficava ligada “até a novela das 21 horas da globo” (assim foi a referência dada por eles), pois eles gostam de assistir esta programação. Na área externa da casa os animais transitam livremente dentro e fora da varanda da casa, galinhas, galos, patos e cachorros convivem aparentemente em harmonia. Apesar disto, a área externa parecia conservada em organização e limpeza, e uma horta, instalada ao lado da casa que contava com ao menos cinco tipos de hortaliças para uso doméstico das famílias ligadas ao senhor Ricardo.

As crianças não estavam em período letivo e as mulheres também ficavam em casa bordando, tecendo redes ou as “varandas” das redes, entre outras peças. Informaram-nos que elas demoram em torno de 15 dias para finalizar um trabalho e recebem em média 200 reais por cada rede. O sogro do senhor Rui não frequenta mais a pescaria, ele disse “já passei desta época, fico em casa fazendo as coisas por aqui... já pesquei muitos anos, agora vou deixar para os mais novos...”. O que pude perceber é que todos possuem uma atividade a realizar, inclusive as crianças com mais idade, todos ali desempenhavam uma função, uma tarefa importante para a organização da casa, dos alimentos e da vida familiar.

Perguntamos sobre a pescaria do senhor Ricardo, a sogra descreveu que os homens saíram para pescar, serviço prestado, frequentemente, entre eles para subsistência. Neste caso, os barcos vinham de Santarém e eles passavam a integrar a embarcação, prestando serviços e sendo remunerados pelo trabalho realizado. Geralmente, os homens passam de três a quatro dias nesta atividade, sem dormir em casa, pois percorrem grandes distâncias no rio não sendo possível ir e voltar no mesmo dia. Ela comentou também que “este ano” iriam começar a plantar milho. A cada momento chegavam mais pessoas na casa, e sempre que chegavam éramos apresentadas como “as professoras”, e o que pude perceber é que rapidamente viramos o centro das atrações, como se as pessoas viessem de suas casas para nos ver, no sentido de sermos naquele momento um evento diferente. Preocupe-me em conseguir manter meu olhar e também

tentar não interferir na rotina deles, mas percebi que era inócuo o esforço. As pessoas que chegavam faziam parte da família extensiva da esposa do senhor R, eram suas irmãs e sobrinhas, mulheres desta família e de várias idades.

Enquanto a conversa fluía tranquilamente para todos, ouviu-se um grito de uma das filhas do senhor R, na outra casa. A sogra dele logo explicou “ela está desde ontem com muita dor de cabeça, febre e lá na casa está muito quente... isso pra mim é desmentidura”. Aguardamos a criança ser trazida até a casa pela mãe que estava grávida do quarto filho. Quando a criança chegou, a avó já estava com um óleo pronto para colocar nela. Ela deitou na rede e a avó ficou passando o óleo em suas costas, na tentativa de aliviar a dor. Mais uma vez a avó disse “Isso é desmentidura, tem que levar para o seu João⁷⁷ puxar, lá nos Campos”. Eu perguntei onde ficava Campos e ela respondeu que era uma comunidade próxima, que iríamos conhecer no fim da tarde.

A temperatura começou a aumentar mais ainda e senti a necessidade de trocar de roupa. Solicitei à dona da casa que eu pudesse ir a um lugar para realizar a troca de roupa. Ela me indicou o lugar, entrei na casa e percebi que o quarto indicado não tinha porta e que duas crianças mais novas me acompanharam até lá. Fiquei com receio do que fazer e tentei agir com naturalidade e disse “agora vou trocar a roupa”, e sem que eu falasse nada a mais, as duas crianças viraram de costas pra mim, muito rapidamente, e colocaram as mãozinhas nos olhos, como se tivessem entendido ou como se já soubessem o que ia acontecer depois... fiquei muito surpresa com a reação delas.

A criança, filha do senhor Ricardo, começou a mudar seu quadro de saúde, vomitou várias vezes e parecia bastante abatida, todos os cuidados se voltaram para ela, no entanto sem pânico, sem correria, tudo em um ritmo muito diferente do que eu estava acostumada a experienciar. Na verdade, eu comecei a ficar bastante preocupada. A avó que, na verdade, fornecia todos os cuidados, a mãe parecia estar apática e bastante passiva diante dos acontecimentos (me peguei a pensar se isto era a forma dela de lidar ou se seu processo de adoecimento estava lhe impedindo de agir de outra forma). Por volta das 16h30min, o senhor Rui chegou da pescaria e passou a assumir os cuidados com a filha. Aparentava ser muito cuidadoso, carinhoso e atencioso tanto com a filha doente quanto com a esposa e as outras duas filhas que lá estavam. A avó novamente afirmava “Ricardo temos que levar pra puxar no João,

⁷⁷ Nome fictício

esta menina está desmentida, ela estava ontem pulando a cerca, só pode estar desmentida”.

O senhor Ricardo informou que ia preparar a embarcação para irmos conhecer ‘os Campos’ – como é conhecida a outra comunidade, e gritou chamando as filhas “vão se arrumar, vistam roupa destas que a gente passeia por aqui”, percebi uma definição do que pode ou não vestir em cada ocasião. Peguei-me a pensar o que seriam as roupas “de vestir pra andar por aqui”. Todos foram chamados para integrar a embarcação. Fomos então, eu, a pesquisadora Aline, o senhor Ricardo, sua sogra e mais cinco crianças entre as filhas dele e suas sobrinhas, todos na mesma “bajara”.

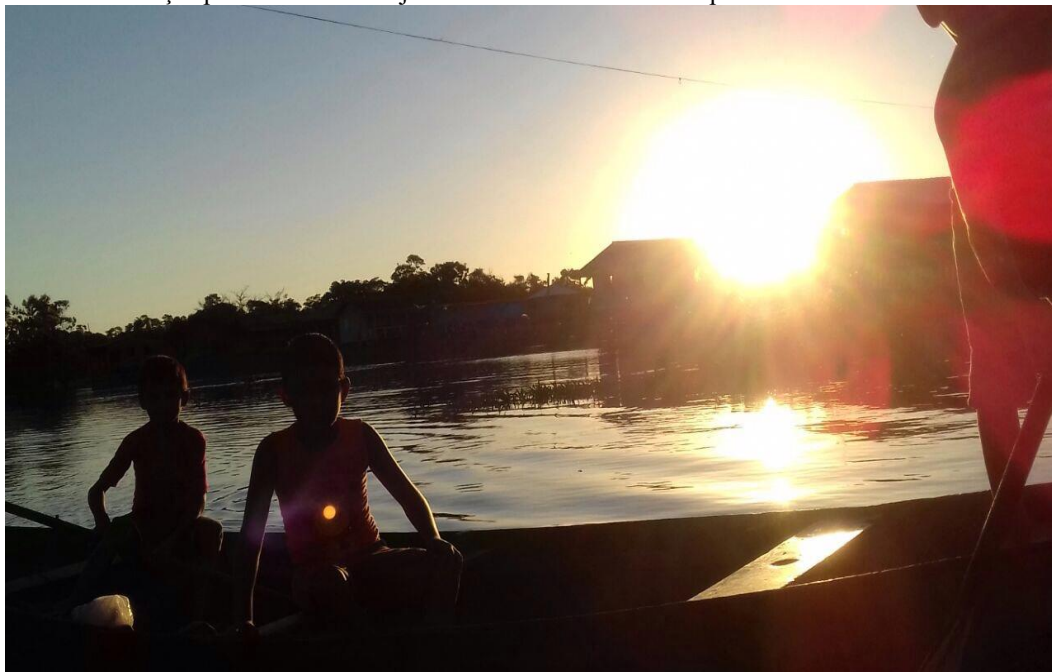
A comunidade de Campos fica por trás da comunidade de São Ciríaco, e o caminho até lá permite passar por entre Igarapés, árvores e corredores estreitos cercados de terras onde outras bajaranas também passavam. A temperatura já baixava, a paisagem se alterava, árvores diversas e com frutos e cores que para mim eram desconhecidas, me faziam refletir mais uma vez o quanto aquele local e contexto natural, que apesar de geograficamente não serem tão distantes, eram-me tão diferentes de minha realidade urbana.

Chegando à casa do senhor João, descobri que ele era sogro de uma das cunhadas do senhor Ricardo. Fomos apresentadas como professoras e em seguida o senhor João começou seu trabalho com a filha do senhor Ricardo, aplicando um óleo para melhor deslizar suas mãos. A menina tinha em torno de uns 5 anos de idade e ele à questionava: “esta menina está desmentida, esta febre vai já passar. Tu caiu? Aqui tá doendo? O que tu fez pra ficar assim?”, ela respondia negativamente à todas as perguntas e mesmo assim ele afirmava que ela estava desmentida. Enquanto ele fazia a fricção na coluna vertebral da criança, contava sobre pessoas que havia “puxado”, maneira como eles chamam para esta forma de cuidado que o senhor João estava a fazer na filha do senhor Ricardo.

Enquanto isso foi servido um lanche a todos os presentes, adultos e crianças, com biscoito da marca “maisena” e suco bem gelado. A avó pareceu-me sempre atenta aos netos, o senhor R também, porém a criança após ingerir o lanche começou a vomitar novamente, e daí a avó decidiu procurar a enfermeira que estava residindo em Campos. Saímos de “bajara”, e quem pilotou já foi uma das sobrinhas. Fomos até a casa da enfermeira, porém ela não estava e pegamos apenas a medicação que foi fornecida por outra mulher que residia na mesma casa. A casa da enfermeira tinha luz elétrica, estavam assistindo televisão, os vizinhos ao lado tinham antena parabólica e também escutavam som. Algumas bajaranas eram pilotadas também por adolescentes e crianças em torno de 10 anos de idade, tudo isso foi possível observar ao longo do trajeto para a casa da enfermeira.

Retornamos para a casa do senhor João, nos despedimos e o senhor Ricardo ficou aguardando o gelo chegar, pois ele precisava para guardar os peixes que trouxe pra casa. Quem passou a pilotar foi a sua sogra. Retornamos para casa, no pôr do sol, uma visão, para mim paradisíaca, em meio às várias cores e árvores tão diferentes, algumas pude perguntar o nome, mas a beleza deste conjunto me pareceu peculiar.

Fotografia 11 - Crianças pilotando uma “bajara” na comunidade de Campos



Fonte: Créditos de Sadala (2017)

Retornamos à casa da sogra do senhor Ricardo e o cuidado com a sua filha continuava. A avó agora já tinha outra hipótese para o caso “Acho que isso pode ser virose ou garganta inflamada, porque a febre não passa”. Organizamo-nos para preparar o jantar, e naquele momento ficou para nós uma dúvida de onde seria servida a refeição, se na casa do senhor Ricardo ou na casa de sua sogra. Eles também tinham dúvida sobre isto, tanto que o jantar foi preparado nas duas casas, e a refeição foi servida na casa da sogra do senhor Ricardo novamente. Nenhum deles deixou que ajudássemos no preparo e nem na lavagem da louça. As crianças foram as primeiras a serem servidas, depois nós, eu e Aline (pesquisadora), que apesar de pedirmos para eles se servirem, eles não permitiram. Após o jantar todos foram assistir televisão, pois até aquele momento ainda tínhamos energia elétrica.

Todos se reuniam em torno da programação da TV até que a energia se foi, fomos então chamados a nos recolher e outro impasse se deu, pois não sabíamos onde íamos dormir,

pois nada foi dito ou decidido sobre isto... Daí então a sogra do senhor Ricardo, nos perguntou onde queríamos dormir e nós respondemos que eles que iriam definir, então decidiram que o melhor lugar seria na casa do senhor Ricardo e fomos então conduzidas até lá. Organizamos nossas redes, e eles também.

A casa tinha uma mesa de suporte para as refeições, cadeiras, uma cama de casal e um fogão. Atamos nossas redes e comecei a tentar dormir, em torno de 22 horas. Percebi que a esposa do senhor Ricardo conversava o tempo todo, falando sobre o estado de saúde da filha. Em poucas horas a criança começou a passar mal novamente, o que perdurou a noite inteira, todos nós (eu, a mãe e o senhor Ricardo), não dormimos a noite toda, me senti na obrigação de prestar os cuidados necessários à criança e ao casal, que estava muito apreensivo com o agravamento do quadro, já falavam em levar para Santarém, logo ao amanhecer. O mais interessante de tudo isso, para mim, eram os cuidados fornecidos pelo casal, sempre atenciosos e afetuosos e em nenhum momento demonstravam cansaço na ajuda à criança. Passaram a noite em claro e não se percebia sinais de irritabilidade ou algo do tipo.

Parte 3 – Percepções Finais (mas não as últimas)

Ao amanhecer nos organizamos para o café da manhã na casa do senhor Ricardo, entretanto a sogra dele também preparou nosso café em sua casa e acabamos por tomar café duas vezes para não fazer “desfeita” a nenhum deles.

A criança adoentada parecia melhorar, e então saí em caminhada junto à uma das filhas do senhor Ricardo, a mais velha de aproximadamente 12 anos nos acompanhou espontaneamente. O objetivo era conhecer melhor as redondezas das casas (que eram em número de quatro). Tiramos fotos e passei a entender, através do relato da criança, onde cada família residia, quantos filhos da sogra do senhor Ricardo residiam, quantos primos e netos residiam naquele complexo familiar, que pelas nossas contas era composto de aproximadamente 15 pessoas, entre adultos e crianças. Através do relato da criança e da avó (em outra ocasião), percebi uma tensão na relação entre a sogra do senhor Ricardo e o marido de uma de suas filhas, pois ele não frequenta a sua casa, apesar de morarem um ao lado do outro.

Fotografia 12 - Vista longitudinal das residências do grupo familiar do senhor R



Fonte: Elaborado pelo próprio Autor (2017).

Fomos chamadas para almoçar e novamente não permitiram que fizéssemos nada, a não ser nos sentar para comer. Após o almoço era chegada a hora de ir embora, fomos então tomar banho e lá a situação era mais diferente do que na casa dos professores, pois não havia chuveiro, tomamos banho na forma mais típica identificada nas comunidades ribeirinhas, tomamos banho de “cuia”, ou seja, tirávamos a água de um recipiente e jogávamos em nós, dentro de um quadrado de madeira, sem cobertura em cima.

Arrumamos nossos pertences, nos despedimos agradecendo a hospitalidade, informando sobre nossa próxima visita. Eles mantiveram a mesma gentileza, serenidade e alegria como na hora que chegamos. E foram muito enfáticos ao dizer que poderíamos voltar a hora que quiséssemos.

Na bajara que iria nos levar a nossa embarcação até Santarém, as crianças fizeram questão de nos acompanhar. A criança que no dia anterior estava doente parecia não sentir mais nada, e também nos acompanhou. Fomos conduzidas pelo sogro do senhor Ricardo novamente. Avistamos nossa embarcação e acenamos um longo e afetuoso “até breve” de ambas as partes.

Ao passar o momento da despedida, me vinha ao pensamento todas as minhas ricas vivências nesta segunda incursão no campo de pesquisa, e o quanto me redescobri naquelas relações, e no encontro mais próximo do que era o desejado nas leituras, o que os autores orientavam e do que não tive condições de fazer diante de minhas limitações.

Considerações Temporárias

A partir das experiências vivenciadas nestes dias, ficou nítida a relação existencial destas famílias com seu entorno, o quanto que os fenômenos naturais se mesclam com os culturais, com as atividades de lazer e de trabalho. Suas percepções, afetos e ações sociais enraizadas em um universo de significações que se fundem ao espaço natural, social, cultural e histórico. Suas formas particulares de relação familiar, suas trocas de cuidados e de afeto permanentes foram meus mais valiosos registros. Geertz (2004, p. 15) colabora afirmando: “[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado”.


As atividades desenvolvidas por homens e mulheres se mesclam ao universo natural de possibilidades, juntamente com a necessidade de uma organização doméstica e familiar. Na ocasião da incursão em campo estas atividades se apresentavam de forma igualitária, permitindo perceber que todas as pessoas da família a partir de sua faixa etária tem uma atividade à realizar. Nesta perspectiva, a mudança do cuidado e uso da terra na Amazônia e sua ligação com as questões de gênero são de extrema relevância quando se pensa homens e mulheres com intensa relação de ação/transformação dentro de um contexto socioespacial. Vygotsky (1998) afirma que o indivíduo, na sua existência, desenvolve-se a partir das relações que estabelece com outros sujeitos e com os objetos disponíveis socialmente.

Ferreira (2013) e Cruz (2008) destacam e reforçam a pluralidade dos atores e relações que produzem e resinificam o entorno amazônico, produzindo uma multiplicidade de fenômenos e uma heterogeneidade cultural de seus habitantes. Importante lembrar que transformações políticas, econômicas e sociais têm alterado profundamente o cenário espacial da Amazônia brasileira, e segundo FERREIRA (2013) ajudado a negligenciar a existência de populações que ocupam tradicionalmente a Amazônia e que tem uma forte dependência de seus recursos naturais. Estas populações guardam uma relação muito particular com o rio e toda sua biodiversidade, traduzidas na flora, na fauna, nos solos férteis da várzea, onde todos estes elementos são convertidos prioritariamente para as atividades produtivas e permitem seu sustento e desenvolvimento sociocultural.


O fenômeno das “terras caídas” apesar de não ocupar lugar de destaque nos relatos, permite perceber uma mudança espacial (pela diminuição do espaço territorial) e socioespacial na organização da comunidade, ficando expresso nos relatos a percepção dos comunitários sobre a ação antrópica deste fenômeno.

APÊNDICE F – MAPAS AFETIVOS


QUADRO 1

IDENTIFICAÇÃO			
Sexo: Masculino Idade: 55 anos Ocupação: Agricultor Tempo de residência: 4 anos Cristiano			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTO	METÁFORA
Quando cheguei na comunidade o objetivo era moradia, e hoje vejo todos residindo, pronto, povo feliz	Sentimento de felicidade, de ver o povo feliz hoje na comunidade sendo estruturada	Amor, gratidão, felicidade, paz, solidariedade, organização	Comparo à um relógio, porque nós corremos atrás do tempo
		SENTIDO	
		Comunidade como local de moradia, trazendo felicidade pela conquista. Sente amor, gratidão, felicidade e paz por vê-la organizada com rapidez, fazendo o povo feliz	
ESTRUTURA	Metáfora	IMAGEM – Pertencimento	
EEL	13		


QUADRO 2

IDENTIFICAÇÃO			
Sexo: Masculino Idade: 79 anos Ocupação: Aposentado Tempo de residência: 5 anos Mundico			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTO	METÁFORA
Minha casa, pois estou aqui nela vivendo	Diminuição da tristeza, agora só alegria de estar neste lugar	Muita alegria e paz todos os dias	Um barco viajante, tem que estar de olho na viagem
		SENTIDO	
		Um barco viajando em paz e com alegria, porém atento ao entorno	
ESTRUTURA	Cognitiva	IMAGEM – Pertencimento	
EEL	23		


QUADRO 3

IDENTIFICAÇÃO			
Sexo/Gênero: Feminino Idade: 70 anos Ocupação: Aposentada Tempo de residência: 4 anos Ane			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTO	METÁFORA
Significa o meu jardim	Feliz de ver as minhas flores, o meu jardim, me dá vida, muita felicidade, sou muito feliz	Feliz, vida, felicidade, meu jardim me transforma	Um bosque, lindo como um lírio do vale
		SENTIDO	
		A comunidade é como um bosque, o próprio jardim que ela cuida todos os dias e que a transforma, é o que a faz feliz e dá vida todos os dias	
ESTRUTURA	Metáfora	IMAGEM – Pertencimento	
EEL	41		

QUADRO 4

IDENTIFICAÇÃO			
Sexo/Gênero: Feminino Idade: 47 anos Ocupação: Pescadora Tempo de residência: 5 anos Maria do Carmo			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTO	METÁFORA
Uma árvore. Uma árvore dá sombra, quem vai chegar precisa de uma sombra	Uma alegria, um grupo de amigos pode se reunir para conversar embaixo da árvore	alegria, paz, amor à comunidade, amor, conforto, eu amo mesmo este lugar	Ela é como um bairro, aqui não é como o sítio e nem colônia, porque fica muito próximo de Santarém e passa muito carro
		SENTIDO	
		Comparada a natureza que também cuida das pessoas pela sombra que oferece, quem está na comunidade deve cuidar para que outras pessoas tenham “sombra”, permitindo que amigos se encontrem. Sentimento de amor a comunidade, cuidado e zelo para oferecer conforto, paz e alegria	
ESTRUTURA	Metáfora	IMAGEM – Pertencimento	
EEL	41		

QUADRO 5

IDENTIFICAÇÃO			
Sexo/Gênero: Feminino Idade: 65 anos Ocupação: Aposentada Tempo de residência: 5 anos Val			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTO	METÁFORA
Um caju que representa a comunidade	Sentimento de alegria, de felicidade	Paz, felicidade	Como uma casa que tem que arrumar todos os dias
		SENTIDO	
		Comunidade representada como uma casa que necessita arrumar todos os dias, assim como as frutas que cultiva em seu quintal	
ESTRUTURA	Metáfora	IMAGEM – Pertencimento	
EEL	32		

ANEXOS

ANEXO I – INSTRUMENTO GERADOR DOS MAPAS AFETIVOS

(BOMFIM, 2010).

INSTRUMENTO GERADOR DE MAPAS AFETIVOS

Primeiramente, agradecemos pela sua colaboração. Abaixo você deverá fazer um desenho que represente sua forma de ver, sua forma de representar ou sua forma de sentir a Cidade atualmente.

1. As seguintes perguntas fazem referência ao desenho feito por você. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, mas, sim, suas opiniões e impressões.

1.1 Explique brevemente que significado o desenho tem para você:

1.2 Descreva que SENTIMENTOS o desenho lhe desperta:

1.3 Escreva seis palavras que resumam seus SENTIMENTOS em relação ao desenho:

1 _____

2 _____

3 _____

4 _____

5 _____

6 _____

2. Abaixo você encontrará algumas perguntas sobre a Cidade. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, mas sim a sua opinião.

2.1 Caso alguém lhe perguntasse o que pensa da Cidade, o que você diria?

2.2 Se você tivesse que fazer uma comparação entre Cidade e algo, com o que você a compararia? Por que?

3. Descreva dois caminhos da Cidade que você faz com frequência (utilize nomes de lugares de origem e destino e detalhes que chamem a sua atenção durante o trajeto/ou no lugar em que vai) no seu dia-a-dia.

Caminho 1

Caminho

2

4. Escala de Estima de Lugar

As frases abaixo dizem respeito a avaliações, impressões e sentimentos que você pode ter acerca de diversos lugares. Pensando na CIDADE, onde você mora, leia atentamente cada uma e indique seu nível de concordância. Para tanto, considere a escala de resposta ao lado, Por favor, procure não deixar as sentenças em branco e, não sabendo que há respostas certas ou erradas, tente responder de forma mais sincera possível.

A CIDADE é um lugar QUE/ONDE:	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. Considero como algo meu.	1	2	3	4	5
2. Está poluído.	1	2	3	4	5
3. Tenho a sensação de que estou desamparado.	1	2	3	4	5
4. Me sinto sossegado.	1	2	3	4	5
5. Não trocaria por nada.	1	2	3	4	5
6. Considero parte da minha história.	1	2	3	4	5
7. Parece abandonado.	1	2	3	4	5
8. Desconfio das pessoas.	1	2	3	4	5
9. Me envergonha.	1	2	3	4	5
10. Há riscos.	1	2	3	4	5
11. Sinto medo.	1	2	3	4	5
12. É ruim.	1	2	3	4	5
13. O perigo é constante.	1	2	3	4	5
14. Acho feio.	1	2	3	4	5
15. Me indigna.	1	2	3	4	5
16. Tenho oportunidades.	1	2	3	4	5
17. Me sinto tranquilo.	1	2	3	4	5
18. Com estruturas precárias.	1	2	3	4	5
19. Se não estou nele, quero voltar.	1	2	3	4	5

20. Me sinto identificado com ele	1	2	3	4	5
21. Admiro por sua beleza.	1	2	3	4	5
22. Me deixa com raiva.	1	2	3	4	5
23. Sinto que faço parte.	1	2	3	4	5
24. Me sinto sufocado.	1	2	3	4	5
25. As coisas que acontecem nele são importantes para mim.	1	2	3	4	5
26. Tenho prazer.	1	2	3	4	5
27. É atraente para mim.	1	2	3	4	5
28. Sinto que estou desprotegido.	1	2	3	4	5
29. Me deixa orgulhoso.	1	2	3	4	5
30. Me sinto inseguro.	1	2	3	4	5
31. É desprezível.	1	2	3	4	5
32. Amo.	1	2	3	4	5
33. Devo estar alerta.	1	2	3	4	5
34. Me divirto.	1	2	3	4	5
35. Tem tudo a ver comigo.	1	2	3	4	5
36. Está destruído.	1	2	3	4	5
37. Tenho a sensação de que algo ruim pode acontecer.	1	2	3	4	5
38. Há sujeira.	1	2	3	4	5
39. Defenderia se necessário.	1	2	3	4	5
40. Tudo pode acontecer.	1	2	3	4	5
41. Me sinto apegado.	1	2	3	4	5

5. Você faz parte a algum grupo ou movimento? Sim () Não ()

Caso sim, que tipo de grupo e onde ele se localiza? Como tem sido a sua participação no grupo ou movimento?

6. Dados Sociodemográficos

Identificação (Como gostaria de ser chamado na pesquisa):

Idade: _____

Sexo: _____

Tempo de moradia: _____

Profissão: _____

Escolaridade:

- Sem estudos
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Pós-graduação

Valor aproximado da renda familiar:

- Nenhuma renda.
- Até 1 salário mínimo
- De 1 a 3 salários mínimos
- De 3 a 6 salários mínimos
- De 6 a 9 salários mínimos
- De 9 a 12 salários mínimos
- De 12 a 15 salários mínimos
- Mais de 15 salários mínimos

ANEXO II – PARECER CEP

INSTITUTO ESPERANÇA DE
ENSINO SUPERIOR / IESPES



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: APEGO AO LUGAR E QUESTÕES DE GÊNERO EM UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA DE VÁRZEA NA AMAZÔNIA SANTARENA

Pesquisador: KLAUDIA YARED SADALA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 07907819.7.0000.8070

Instituição Proponente: Universidade Federal do Oeste do Pará

Patrocinador Principal: Universidade Federal do Oeste do Pará

DADOS DA NOTIFICAÇÃO

Tipo de Notificação: Outros

Detalhe: Alteração de Comunidade no parecer final.

Justificativa: Conforme solicitado na última versão do projeto, foi solicitado a alteração da

Data do Envio: 10/08/2020

Situação da Notificação: Parecer Consubstanciado Emitido

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.203.617

Apresentação da Notificação:

O cerne do projeto apresentado é a relação pessoa-ambiente, no qual se busca compreender o afeto dos moradores de uma comunidade ribeira ao local onde moram. “De que forma se constituem as relações pessoa-ambiente, a partir da compreensão do afeto ao lugar construído por homens e mulheres em uma comunidade ribeirinha de várzea na Amazônia Santarena, a qual vivencia o fenômeno das “terras caídas”? É a problemática apresentada na pesquisa sob apreciação ética deste comitê.

Objetivo da Notificação:

A notificação em questão solicita a modificação do nome da comunidade objeto do estudo realizado, conforme solicitado no parecer anterior.

Endereço: AV. DEPUTADO ICOARACI NUNES, 3344
Bairro: CARANAZAL **CEP:** 68.040-100
UF: PA **Município:** SANTAREM
Telefone: (93)3529-1750 **E-mail:** cep@iespes.edu.br

INSTITUTO ESPERANÇA DE
ENSINO SUPERIOR / IESPES



Continuação do Parecer: 4.203.617

Novo título do trabalho: ESTUDOS PESSOA-AMBIENTE-GÊNERO A PARTIR DA VIVÊNCIA DAS TERRAS CAÍDAS NUMA VÁRZEA AMAZÔNICA: Análise de afeto ao lugar em Fátima de Urucurituba no Eixo Forte / Santarém Pa.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e benefícios descritos de forma adequada, seguindo as recomendações emitidas pelo CEP-Iespes.

Comentários e Considerações sobre a Notificação:

É inegável a relevância do estudo proposto pela pesquisadores, em especial no que diz respeito ao perfil dos participantes. Há carência de estudo acerca do tema entre ribeirinhos da Amazônia santarena, contribuindo para compreensão da relação pessoa-ambiente.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos obrigatórios foram apresentados adequadamente.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Novo título do trabalho:

ESTUDOS PESSOA-AMBIENTE-GÊNERO A PARTIR DA VIVÊNCIA DAS TERRAS CAÍDAS NUMA VÁRZEA AMAZÔNICA: Análise de afeto ao lugar em Fátima de Urucurituba no Eixo Forte / Santarém Pa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_3308534.pdf	10/08/2020 15:12:12	KLAUDIA YARED SADALA	Postado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: AV. DEPUTADO ICOARACI NUNES, 3344
 Bairro: CARANAZAL CEP: 68.040-100
 UF: PA Município: SANTAREM
 Telefone: (93)3529-1760 E-mail: cep@iespes.edu.br

INSTITUTO ESPERANÇA DE
ENSINO SUPERIOR / IESPES



Continuação do Parecer: 4.203.617

SANTAREM, 10 de Agosto de 2020

Assinado por:
Daniel Berretta Moreira Alves
(Coordenador(a))

Endereço: AV. DEPUTADO ICOARACI NUNES, 3344
Bairro: CARANAZAL CEP: 68.040-100
UF: PA Município: SANTAREM
Telefone: (93)3529-1760 E-mail: cep@iespes.edu.br

ANEXO III - QUESTIONÁRIO AGENDA CIDADÃ

PROJETO AGENDA CIDADÃ

QUESTIONÁRIO SOCIOAMBIENTAL

DATA: _____

COMUNIDADE: _____

NÚMERO: _____ ENDEREÇO DO DOMICÍLIO DA PESQUISA: _____

NOME DO PEC: _____ NÚMERO DO PEC: _____

A - DADOS PESSOAIS		
Q 1	Sexo:	1. <input type="checkbox"/> Feminino 2. <input type="checkbox"/> Masculino
Q 2	Ocupação principal:	1. <input type="checkbox"/> Sem ocupação 2. <input type="checkbox"/> Autônomo (Especifique: _____ _____) 3. <input type="checkbox"/> Empregado não servidor público 4. <input type="checkbox"/> Servidor público 5. <input type="checkbox"/> Empregador 6. <input type="checkbox"/> Aposentado 7. <input type="checkbox"/> Mateiro 8. <input type="checkbox"/> Extrativista (pescador, madeireiro, coletor de produtos florestais não madeireiros - castanha etc.) 9. <input type="checkbox"/> Guias de atividades turísticas 10. <input type="checkbox"/> Comércio ambulante (camelô, marmiteiro, vendedores de lanches, tacacá etc.) 11. <input type="checkbox"/> Agropecuária 12. <input type="checkbox"/> Outros (Especifique: _____ _____)
Q 3	Idade: _____	1. <input type="checkbox"/> até 17 2. <input type="checkbox"/> 18 - 30 3. <input type="checkbox"/> 31 - 40 4. <input type="checkbox"/> 41 - 50 5. <input type="checkbox"/> 51 - 64 6. <input type="checkbox"/> 65 ou+
Q 4	Você se considera:	1. <input type="checkbox"/> Branco(a) 3. <input type="checkbox"/> Asiático(a)/Oriental 5. <input type="checkbox"/> Indígena 2. <input type="checkbox"/> Negro(a) 4. <input type="checkbox"/> Pardo(a)/ Mestiço(a) 6. <input type="checkbox"/> Caboclo(a)
Q 5	Local de Nascimento:	1. País: 2. Estado: 3. Município:
Q 6	Escolaridade:	1. <input type="checkbox"/> Não sabe ler/escrever 2. <input type="checkbox"/> Sabe ler/escrever, mas não frequentou a escola (Se não frequentou a escola, pule para a Q 8) 3. <input type="checkbox"/> Ensino fundamental incompleto 4. <input type="checkbox"/> Ensino fundamental completo 5. <input type="checkbox"/> Ensino médio incompleto 6. <input type="checkbox"/> Ensino médio completo 7. <input type="checkbox"/> Ensino superior incompleto 8. <input type="checkbox"/> Ensino superior completo 9. <input type="checkbox"/> Outros (Especifique: _____)
Q 7	Tipo de instituição escolar que frequentou por mais tempo:	1. <input type="checkbox"/> Escola pública 3. <input type="checkbox"/> SESI / SENAI / SENAC 5. <input type="checkbox"/> Outros 2. <input type="checkbox"/> Escola privada 4. <input type="checkbox"/> Telecurso 1º / 2º Grau (Especifique: _____)

B - DADOS DA FAMÍLIA		
Q 8	Há quanto tempo sua família reside na comunidade?	1. <input type="checkbox"/> Menos de 1 ano 2. <input type="checkbox"/> De 1 a 5 anos 3. <input type="checkbox"/> Mais de 5 a 10 anos 4. <input type="checkbox"/> Mais de 10 anos

Q 9	Quantas pessoas moram em sua residência?	1. <input type="checkbox"/> 1 (Se 1, pule para Q 12)	2. <input type="checkbox"/> 2 a 3	3. <input type="checkbox"/> 4 a 5	4. <input type="checkbox"/> 6 ou +
Q 10	Qual o grau de parentesco das pessoas que moram em sua residência?	1. <input type="checkbox"/> Casal	3. <input type="checkbox"/> Pai/filhos	5. <input type="checkbox"/> Pai/mãe/filhos/agregados	6. <input type="checkbox"/> Avós/netos
		2. <input type="checkbox"/> Pai/mãe/filhos	4. <input type="checkbox"/> Mãe/filhos	7. <input type="checkbox"/> Outros	
Q 11	Regularmente, quantas pessoas fazem alguma refeição no domicílio?	1. <input type="checkbox"/> Nenhuma	2. <input type="checkbox"/> 1	3. <input type="checkbox"/> 2 a 3	4. <input type="checkbox"/> 4 a 5
					5. <input type="checkbox"/> 6 ou +
Q 12	Das pessoas que moram na casa, quantas trabalham?	1. <input type="checkbox"/> Nenhuma	2. <input type="checkbox"/> 1	3. <input type="checkbox"/> 2 a 3	4. <input type="checkbox"/> 4 a 5
					5. <input type="checkbox"/> 6 ou +
Q 13	Das pessoas que moram na casa, quantas são menores de 18 anos?	1. <input type="checkbox"/> Nenhuma (Se NENHUMA, pule para Q 15)	2. <input type="checkbox"/> 1	3. <input type="checkbox"/> 2	4. <input type="checkbox"/> 3 ou +
Q 14	Dos moradores menores de 18 anos, quantos contribuem com o sustento familiar?	1. <input type="checkbox"/> Nenhum	2. <input type="checkbox"/> 1	3. <input type="checkbox"/> 2	4. <input type="checkbox"/> 3 ou +
Q 15	Qual é a renda total da família (incluindo benefícios sociais)?	1. <input type="checkbox"/> Sem renda (Se não possui renda, pule para Q 17)	3. <input type="checkbox"/> De 1 a 2 salários mínimos mensais	5. <input type="checkbox"/> Mais de 3 a 5 salários mínimos mensais	6. <input type="checkbox"/> Mais de 5 salários mínimos mensais
		2. <input type="checkbox"/> Menos de 1 salário mínimo mensais / Renda ocasional	4. <input type="checkbox"/> Mais de 2 a 3 salários mínimos mensais		
Q 16	Origem da renda e/ou benefício: (Marque a origem da renda de todos os moradores que contribuem com a renda total da família)	1. <input type="checkbox"/> Informal (Especifique: _____). _____).	5. <input type="checkbox"/> Empresa pública	6. <input type="checkbox"/> Aposentadoria privada	7. <input type="checkbox"/> Aposentadoria pública
		2. <input type="checkbox"/> Autônomo	8. <input type="checkbox"/> Outros (Especifique: _____). _____).		
		3. <input type="checkbox"/> Programas sociais (Especifique: _____). _____).	4. <input type="checkbox"/> Empresa privada		
Q 17	Quantos moradores menores de 18 anos não têm certidão de nascimento?	1. <input type="checkbox"/> Nenhum	4. <input type="checkbox"/> 3	5. <input type="checkbox"/> 4 ou +	6. <input type="checkbox"/> Não sabe
		2. <input type="checkbox"/> 1			
		3. <input type="checkbox"/> 2			
Q 18	Quantos moradores maiores de 18 anos não têm estes documentos?	1. <input type="checkbox"/> Certidão de nascimento: _____	3. <input type="checkbox"/> CPF: _____	4. <input type="checkbox"/> Título de eleitor: _____	
		2. <input type="checkbox"/> Carteira de identidade: _____			

C – DOMICÍLIO		
Q 19	Você tem algum documento de propriedade do terreno onde mora?	1. <input type="checkbox"/> Sim (Especifique: _____ _____). 2. <input type="checkbox"/> Não 3. <input type="checkbox"/> Não sabe
Q 20	O terreno da sua casa é:	1. <input type="checkbox"/> Terra firme 3. <input type="checkbox"/> Áreas marginais de rios sujeito a fenômenos de “terras caídas” 2. <input type="checkbox"/> Inundável (várzeas, igapó) 4. <input type="checkbox"/> Outros (Especifique: _____).
Q 21	Seu domicílio/moradia é:	1. <input type="checkbox"/> Próprio 3. <input type="checkbox"/> Alugado 5. <input type="checkbox"/> Assentamento rural 2. <input type="checkbox"/> Posse 4. <input type="checkbox"/> Cedido 6. <input type="checkbox"/> Outros (Especifique: _____ _____).
Q 22	Tipo de construção do domicílio/moradia:	1. <input type="checkbox"/> Alvenaria (tijolos) 4. <input type="checkbox"/> Papelão/plástico 6. <input type="checkbox"/> Outros 2. <input type="checkbox"/> Madeira 5. <input type="checkbox"/> Palheira (Especifique: _____ _____)
Q 23	Quantos cômodos (quarto, banheiro, cozinha, sala etc.) sua casa possui?	1. <input type="checkbox"/> Quarto(s) de dormir: ____ 2. <input type="checkbox"/> Sala(s): ____ 3. <input type="checkbox"/> Cozinha(s): ____ 4. <input type="checkbox"/> Jirau(s): ____ 5. <input type="checkbox"/> Banheiro: ____
Q 24	Utiliza sanitário ou buraco para dejeções:	1. <input type="checkbox"/> Sim, dentro da casa 2. <input type="checkbox"/> Sim, do lado de fora da casa 3. <input type="checkbox"/> Não, utilizo outro lugar (Especifique: _____ _____)

D – INFRAESTRUTURA E SERVIÇOS		
Q 25	Qual(is) o(s) meio(s) de transporte utilizado(s) por sua família? (Pode marcar mais de uma opção)	1. <input type="checkbox"/> Carro 4. <input type="checkbox"/> Ônibus 7. <input type="checkbox"/> Carroça/carro 10. <input type="checkbox"/> Canoa / Bajara 2. <input type="checkbox"/> Van / Kombi 5. <input type="checkbox"/> Barca / de boi 11. <input type="checkbox"/> Cavalo / Jegue / Mula 3. <input type="checkbox"/> Bicicleta 6. <input type="checkbox"/> Moto 8. <input type="checkbox"/> Moto-táxi 12. <input type="checkbox"/> Outros: _____ 9. <input type="checkbox"/> A pé
Q 26	Existe energia elétrica em sua casa?	1. <input type="checkbox"/> Sim (Se SIM, pule para Q 27) 2. <input type="checkbox"/> Não
Q 27	Qual é a fonte de energia usada em sua casa?	<input type="checkbox"/> Companhia distribuidora local/regional <input type="checkbox"/> Gerador a diesel <input type="checkbox"/> Solar <input type="checkbox"/> Outras: _____ <input type="checkbox"/> Eólica <input type="checkbox"/> Micro abastecimento local por pequenas hidrelétricas
Q 28	Qual é o principal tipo de abastecimento de água da sua casa?	1. <input type="checkbox"/> Rede geral de distribuição 4. <input type="checkbox"/> Bicão/Cacimba 7. <input type="checkbox"/> Água de chuva 2. <input type="checkbox"/> Micro abastecimento comunitário (poço artesiano) 5. <input type="checkbox"/> Rio açude, lago, igarapé ou nascente armazenada em cisternas 3. <input type="checkbox"/> Poço doméstico 6. <input type="checkbox"/> Carro pipa 8. <input type="checkbox"/> Outros (Especifique: _____ _____)
Q 29	A água que você bebe é:	1. <input type="checkbox"/> Filtrada 3. <input type="checkbox"/> Clorada 5. <input type="checkbox"/> Outros 2. <input type="checkbox"/> Fervida 4. <input type="checkbox"/> Sem tratamento 6. <input type="checkbox"/> Não sabe

Q 30	O esgoto do banheiro ou sanitário é lançado (jogado) em:	1. <input type="checkbox"/> Rede geral 2. <input type="checkbox"/> Fossa séptica	3. <input type="checkbox"/> Sumidouro 4. <input type="checkbox"/> Rede comunitária	5. <input type="checkbox"/> A céu aberto / Vala 6. <input type="checkbox"/> Rio / Canal / Valão	7. <input type="checkbox"/> Outros (Especifique: _____ _____).	
Q 31	Como é acondicionado o lixo em sua casa?	1. <input type="checkbox"/> Recipiente aberto	2. <input type="checkbox"/> Recipiente fechado	3. <input type="checkbox"/> Outros (Especifique: _____ _____)		
Q 32	Destino do lixo:	1. <input type="checkbox"/> Enterrado 2. <input type="checkbox"/> Queimado	3. <input type="checkbox"/> Coletado por serviço de limpeza (gari) 4. <input type="checkbox"/> Caçamba de lixo	5. <input type="checkbox"/> Rio / Canal 6. <input type="checkbox"/> Terreno baldio / Lixão	7. <input type="checkbox"/> Mata 8. <input type="checkbox"/> Outros (Especifique: _____ _____)	
Q 33	Você faz algum tipo de seleção/reaproveitamento do lixo na sua moradia?	a). <input type="checkbox"/> Sim 1. <input type="checkbox"/> do quintal, para adubo 2. <input type="checkbox"/> dejetos animais, para adubo ou energia 3. <input type="checkbox"/> do quintal 4. <input type="checkbox"/> metais e vidros 5. <input type="checkbox"/> plásticos 6. <input type="checkbox"/> papel			b). <input type="checkbox"/> Não	
Q 34	Sua comunidade possui coleta seletiva de lixo?	1. <input type="checkbox"/> Sim	2. <input type="checkbox"/> Não	3. <input type="checkbox"/> Não sabe		
Q 35	O recolhimento de lixo de sua comunidade é:	1. <input type="checkbox"/> Todo dia 2. <input type="checkbox"/> 1 vez por semana	3. <input type="checkbox"/> 2 vezes por semana 4. <input type="checkbox"/> 3 vezes por semana	5. <input type="checkbox"/> Não tem 6. <input type="checkbox"/> Outros (Especifique: _____ _____)		
Q 36	Sua comunidade é atendida por algum projeto desenvolvido por:	a) ONGs 1. <input type="checkbox"/> Sim 2. <input type="checkbox"/> Não 3. <input type="checkbox"/> Não sabe	Se sim, assinale o tipo: <input type="checkbox"/> Nacional <input type="checkbox"/> Internacional	b) instituição Filantrópica /religiosa 1. <input type="checkbox"/> Sim 2. <input type="checkbox"/> Não 3. <input type="checkbox"/> Não sabe		

E – QUALIDADE DE VIDA

Q 37	Se nos últimos 12 meses houve caso(s) de alguma(s) dessas doenças em sua família, indique qual(is): (Pode marcar mais de uma opção)	1. <input type="checkbox"/> Dengue 2. <input type="checkbox"/> Verminoses 3. <input type="checkbox"/> Doenças respiratórias (bronquite, asma etc) 4. <input type="checkbox"/> Leptospirose 5. <input type="checkbox"/> Hepatite 6. <input type="checkbox"/> Diarreia 7. <input type="checkbox"/> Outras viroses	8. <input type="checkbox"/> Hanseníase (lepra) 9. <input type="checkbox"/> Problemas de pele (dermatites etc) 10. <input type="checkbox"/> Problemas do coração 11. <input type="checkbox"/> Problemas ósseos e/ou de articulação 12. <input type="checkbox"/> Diabetes	13. <input type="checkbox"/> Câncer 14. <input type="checkbox"/> HIV 15. <input type="checkbox"/> Doenças mentais 16. <input type="checkbox"/> Malária 17. <input type="checkbox"/> Febre amarela 18. <input type="checkbox"/> Outros (Especifique: _____ _____) 19. <input type="checkbox"/> Não houve casos de doença		
Q 38	Em caso de doença, como / onde é recebido atendimento?	1. <input type="checkbox"/> Posto de saúde 2. <input type="checkbox"/> Médico do plano de saúde 3. <input type="checkbox"/> Hospital público	4. <input type="checkbox"/> Hospital privado 5. <input type="checkbox"/> Farmácia 6. <input type="checkbox"/> Agentes comunitários de saúde	7. <input type="checkbox"/> Curandeiros /Benzedeiras 8. <input type="checkbox"/> Outros (Especifique: _____)		
Q 39	Com relação ao local onde você vive, avalie os itens:	a. Atendimento de saúde: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe				

		b. Atendimento ao portador de deficiência: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe
		c. Assistência social (ou ações sociais): 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe
		d. Creche: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe
		e. Qualidade do ensino: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe
		f. Cursos de qualificação profissional: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe
Q 40	Qual destes itens você considera o mais importante? (Marque <u>apenas uma</u> opção)	1. <input type="checkbox"/> Atendimento da saúde 4. <input type="checkbox"/> Creche 2. <input type="checkbox"/> Atendimento ao portador de deficiência 5. <input type="checkbox"/> Qualidade de ensino 3. <input type="checkbox"/> Assistência social (ou ações sociais) 6. <input type="checkbox"/> Cursos de qualificação profissional
Q 41	Com relação ao local onde você vive, avalie os itens	a. Coleta de lixo: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe b. Rede de esgoto: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe c. Abastecimento de água: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe d. Transporte coletivo: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe e. Urbanização das ruas: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe
Q 42	Qual destes itens você considera o mais importante? (Marque <u>apenas uma</u> opção)	1. <input type="checkbox"/> Coleta de lixo 3. <input type="checkbox"/> Abastecimento de água 5. <input type="checkbox"/> Urbanização das ruas 2. <input type="checkbox"/> Rede de esgoto 4. <input type="checkbox"/> Transporte coletivo
Q 43	Com relação ao local onde você vive, avalie os seguintes Itens	a. Áreas de lazer / Esportes: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe b. Programação cultural: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe c. Limpeza de ruas e terrenos: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe d. Segurança pública: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe
Q 44	Qual destes itens você considera o mais importante? (Marque <u>apenas uma</u> opção)	1. <input type="checkbox"/> Áreas de lazer / Esportes 3. <input type="checkbox"/> Limpeza de ruas e terrenos 2. <input type="checkbox"/> Programação cultural 4. <input type="checkbox"/> Segurança pública
Q 45	Com relação ao local onde você vive, avalie os seguintes itens:	a. Áreas verdes: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe b. Arborização das ruas: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe c. Praias/balneários: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe

		d. Rios e lagos: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe
		e. Qualidade do ar: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe
Q 46	Qual destes itens você considera o mais importante? (Marque <u>apenas uma</u> opção)	1. <input type="checkbox"/> Áreas verdes 3. <input type="checkbox"/> Praias/balneários 5. <input type="checkbox"/> Qualidade do ar 2. <input type="checkbox"/> Arborização das ruas 4. <input type="checkbox"/> Rios e lagos
Q 47	Primeiramente, a quem você recorrerá para melhorar os problemas da sua comunidade?	1. <input type="checkbox"/> Lideranças comunitárias 4. <input type="checkbox"/> Parcerias com ONG's 2. <input type="checkbox"/> Poder público (Municipal, Estadual, Federal) 5. <input type="checkbox"/> Parcerias com escolas e outras instituições 3. <input type="checkbox"/> Parcerias com empresas 6. <input type="checkbox"/> Lideranças religiosas 7. <input type="checkbox"/> Outros (Especifique: _____)

F – CAPITAL SOCIAL		
Q 48	Você gosta da comunidade onde mora?	1. <input type="checkbox"/> Sim 2. <input type="checkbox"/> Parcialmente 3. <input type="checkbox"/> Não
Q 49	Como você classifica a convivência entre os moradores da sua comunidade?	1. <input type="checkbox"/> Muito boa 2. <input type="checkbox"/> Satisfatória 3. <input type="checkbox"/> Ruim
Q 50	Com relação ao local onde você vive, avalie os seguintes itens:	a. Associação de Moradores: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe
		b. Cooperativas de trabalho: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe
		c. Atuação social das igrejas/organizações religiosas: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe
		d. Bibliotecas: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe
		e. Clubes / Quadras de eventos: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe
		f. Projetos sociais: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe
		g. Movimentos sociais: 1. <input type="checkbox"/> Bom 2. <input type="checkbox"/> Regular 3. <input type="checkbox"/> Ruim 4. <input type="checkbox"/> Não Existe 5. <input type="checkbox"/> Não Sabe
Q 51	Qual destes itens você considera o mais importante? (Marque <u>apenas uma</u> opção)	1. <input type="checkbox"/> Associação de moradores 4. <input type="checkbox"/> Bibliotecas 2. <input type="checkbox"/> Cooperativas de trabalho 5. <input type="checkbox"/> Clubes / Quadras de eventos 3. <input type="checkbox"/> Atuação social das igrejas/ organizações Religiosas 6. <input type="checkbox"/> Projetos sociais 7. <input type="checkbox"/> Movimentos sociais
Q 52	Com que frequência sua família participa de ações da comunidade (associações de moradores, ONG's, grupos etc)	1. <input type="checkbox"/> Nunca 2. <input type="checkbox"/> Às vezes 3. <input type="checkbox"/> Na maioria das vezes

Q 53	Você participaria de projetos que beneficiariam sua comunidade?	1. <input type="checkbox"/> Sim	2. <input type="checkbox"/> Não	3. <input type="checkbox"/> Talvez / depende
Q 54	Qual (is) a(s) fonte(s) de acesso à informação utilizada(s) por sua família? (Pode marcar mais de uma opção)	1. <input type="checkbox"/> Jornal 2. <input type="checkbox"/> Televisão 3. <input type="checkbox"/> Revista 4. <input type="checkbox"/> Rádio canal aberto (AM/FM)		5. <input type="checkbox"/> Reuniões de associações de bairro / organizações locais 6. <input type="checkbox"/> Rádio comunitária 7. <input type="checkbox"/> Internet 8. <input type="checkbox"/> Outros (Especifique: _____)